

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO
URBANO E REGIONAL

KÉSSIO GUERREIRO FURQUIM

A CONSTRUÇÃO DE LUGARES NA BOEMIA

Porto Alegre, 2017

KÉSSIO GUERREIRO FURQUIM

A CONSTRUÇÃO DE LUGARES NA BOEMIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR-UFRGS), na linha de pesquisa Cidade, Cultura e Política, como requisito para a obtenção do título de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Soares de Almeida

Porto Alegre, 2017

CIP - Catalogação na Publicação

Guerreiro Furquim, Késsio
A construção de lugares na boemia / Késsio
Guerreiro Furquim. -- 2017.
157 f.
Orientadora: Maria Soares de Almeida.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura,
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e
Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Lugar. 2. Boemia. 3. Vida pública. 4.
Imaginário. 5. Subjetividades. I. Soares de Almeida,
Maria, orient. II. Título.

KÉSSIO GUERREIRO FURQUIM

A CONSTRUÇÃO DE LUGARES NA BOEMIA

Dissertação defendida e aprovada como requisito a obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela banca examinadora constituída por:

Profa. Dra. Paola Berenstein Jacques (Examinadora externa | PPGAU-UFBA)

Prof. Dr. Lineu Castello (Examinador externo | PROPAR-UFRGS)

Prof. Dr. Eber Pires Marzulo (Examinador interno | PROPUR-UFRGS)

Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes (Examinador interno | PROPUR-UFRGS)

Porto Alegre, 2017

Dedico este trabalho à minha mãe,
eterna guerreira,
não apenas no nome.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a minha mãe que tanto batalhou para que eu pudesse ter sempre os melhores estudos.

Agradeço à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao PROPUR (Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional) pelo auxílio da bolsa para realização deste mestrado.

Agradeço a todos os meus professores, sobretudo aqueles que admiro e que me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço aos professores e funcionários do PROPUR e da UFRGS.

Agradeço a minha orientadora, professora Maria Almeida, por ter sempre acreditado em mim e ter me dado essa oportunidade de aprender tantas coisas com ela ao longo desses últimos anos.

Agradeço aos amigos, de mestrado e de vida, em especial Reinaldo e Manu.

Agradeço também aqueles amigos que me acompanharam em algumas das errâncias pelos bairros estudados nessa pesquisa, em especial Anna, Giovani e Letícia.

Agradeço à minha família e ao cosmos.

RESUMO

Essa pesquisa abordou a relação da boemia com a cidade, mais especificamente com trechos dos bairros Centro Histórico e Cidade Baixa em Porto Alegre.

Valendo-se de um ferramental teórico-metodológico que defende que a experiência de pesquisa do urbanista se dê pelo cruzamento de diferentes saberes e, além disso, que defende também a importância da ida a campo, exploramos a relação da boemia com a cidade sob dois grandes eixos: (a) através do processo de construção de lugares e (b) enxergando a própria boemia tanto como uma forma de vida pública da noite relacionada à diversão das pessoas, quanto também como um imaginário construído.

A partir de fragmentos colhidos na pesquisa de campo foram construídas narrativas a partir das quais evidenciamos como: (a) o processo de construção de lugares é intimamente ligado a experiências-vivências de sujeitos e coletividades que resultam em memórias e afetos; além disso, mostramos como em paralelo existem também processos de subjetivação e de valorização, todos eles ligados a materialidade dos espaços urbanos; (b) como o termo/imaginário/ideia de boemia se renova por um conjunto de práticas contemporâneas, misturados com sobrevivências de outros tempos e lugares em que a ideia de boemia se constituiu.

Por fim, abordamos também questões ligadas ao próprio fazer dessa pesquisa, buscando compartilhar aprendizados obtidos e na defesa de um conhecimento fragmentário como um importante caminho para um urbanismo em que a sensibilidade possa entrar no jogo de análise espacial.

Palavras-chave: Lugar; Boemia; Vida pública; Subjetividades.

ABSTRACT

This research approached the relation of boemia with the city, more specifically with sections of the districts Centro Histórico and Cidade Baixa in Porto Alegre.

Using a theoretical-methodological tool that advocates that the urbanist's research experience must be based on the cross-fertilization of different knowledge and, in addition, that also defends the importance of field research, we explore the relationship between boemia and the city under two major axes: (a) through the process of building places and (b) seeing the boemia itself as both a public form of public life at night related to the amusement of people, and also as a constructed imaginary.

From the fragments collected in the field research were constructed narratives from which we show: (a) how the process of building places is intimately linked to the experiences of subjects and collectivities that result in memories and affections; In addition, we show how in parallel there are also processes of subjectivation and valorization, all linked to the materiality of urban spaces; (b) how the term / imaginary / idea of boemia is renewed by a set of contemporary practices, mixed with survivors of other times and places in which the idea of boemia was constituted.

Finally, we also address issues related to the proper conduct of this research, seeking to share acquired learning and defending a fragmentary knowledge as an important pathway to an urbanism in which sensitivity can enter the spatial analysis game.

Keywords: *Place; Bohemia; Public Life; subjectivity.*

Lista de figuras

Figura 1 – Capa do disco “A volta do Boêmio” (1967). Fonte da imagem: < https://www.vagalume.com.br/nelson-goncalves/discografia/a-volta-do-boemio.html > , acessado em 15-09-2017.....	41
Figura 2 – Porta-copos que representam o cabaré Chat Noir e as Exposições Universais que aconteceram em Paris (1885, 1867, 1878, 1889, 1900 e 1937). Fonte: Autor.....	52
Figura 3 - Trecho da Rua João Alfredo no qual estávamos na primeira parte desse relato. Fonte: Autor.....	93
Figura 4 – Tentativas de registro do ambiente do bar no patamar do Passeio Outono e os moradores de rua, na parte debaixo do viaduto. Fonte: autor.	96
Figura 5 – Parede no fundo do bar. Fonte: autor.	98
Figura 6 – Atrás de garrafas encontro a sobrevivência de Lupicínio Rodrigues por ali. Fonte: autor.	99
Figura 7 – “Foto-única” que ficou da noite. Fonte: Autor.....	106
Figura 8 – Registros de eventos noturnos no Largo Zumbi dos Palmares (foto acima) e no Parque Redenção (foto abaixo). Fonte: Autor.	107
Figura 9 – Foto da travessa no térro da CCMQ. Fonte: autor.	110
Figura 10 – Registro de uma noite na praça. Fonte: Autor.	112
Figura 11 – Flyer distribuído na noite desse registro na Praça do MM’s. Fonte: Autor.	113
Figura 12 – Fragmento daquela noite. Fonte: Autor.	118
Figura 13 – Registro de como as pessoas ocupavam o espaço em frente ao estabelecimento comercial. Fonte: Autor.	119
Figura 14 – Placa de uma das ruas do bairro Cidade Baixa. Destaque para o adesivo colado sobre ela. Fonte: Autor.	131
Figura 15 – Registro de uma das falas ali em cima do trio elétrico. Fonte: Autor.	133
Figura 16 – Registros de algumas das pichações feitas naquela noite. Fonte: Autor.	134
Figura 17 – Foto de uma das folhas de papel penduradas pelo bar, contando a história do Parque Redenção em Porto Alegre. Fonte: Autor.	135
Figura 18 – Rua Andrade Neves-Lanceiros Negros. Fonte: Autor.	137

Sumário

1.	Apresentação.....	1
2.	Introdução	1
	Primeira parte: De teorias a uma pesquisa	4
3.	ENSAIO I: Reflexões sobre a noção de urbanismo	5
3.1.	Relembrando um começo	7
3.2.	Encontrando uma saída	11
4.	ENSAIO II: A subjetivação de lugares e de uma pesquisa	13
4.1.	Subjetividades e não.....	14
4.2.	A boemia através da subjetividade	19
4.2.1.	Boemia como prática sócio-cultural	21
4.2.2.	Estratégia e tática na boemia	28
5.	ENSAIO III: Imaginário em exploração	31
5.1.	Tempos e lugares boêmios	32
5.1.1.	Pulando na água: um mergulho na Paris boêmia	33
5.1.2.	Um novo mergulho: outros tempos e lugares	37
5.1.3.	Entre tropeços e compassos.....	42
5.1.4.	Sáímos da água: a busca por sobrevivências	50
6.	Uma pesquisa: A construção de lugar na boemia.....	54
6.1.	Que lugar?	54
6.1.1.	Lugar como valorização do espaço	58
6.2.	Experiência-vivência que constroem lugares boêmios.....	65
6.2.1.	Memórias e afetos na boemia	70
6.3.	Narrativas de experiências-vivências e a construção do lugar boêmio	75
6.3.1.	Narrar como forma de abordar processos de subjetivação.....	75
6.3.2.	De uma lacuna de conhecimento ao conhecimento fragmentário	77
6.4.	Resumo do método de pesquisa empregado	82

Segunda parte: Entre diários, pesquisas e histórias	88
7. A construção de lugares na boemia.....	88
7.1. Sair à noite e não ter lugares.....	88
7.1.1. Errâncias por noites em busca de lugares.....	90
7.2. Memórias que nos cravam lugares.....	92
7.2.1. Uma noite especial no bar de jazz do Centro.....	94
7.2.2. Entre amigos.....	100
7.2.3. Lugares reais de imaginários.....	102
7.2.4. Lugares de uma noite só.....	106
7.2.5. A fama do xis vegano.....	111
7.2.6. Um lugar para nunca ir.....	113
7.2.1. Um lugar que nasce, um lugar que morre, um lugar que não deixa de existir. .	115
7.3. A experiência de estudar a noite, estando “na noite”.....	121
8. A boemia como uma vida pública da noite.....	123
8.1. Boemia e política.....	132
Conclusões	138
9. Os lugares construídos.....	138
9.1.1. A construção de um sentimento.....	139
9.1.1. A construção de subjetividades e valores.....	142
10. A importância da boemia como vida pública da noite.....	146
11. Experiência de pesquisa.....	149
Referências bibliográficas.....	153

1. Apresentação

O interesse que motiva este estudo surgiu há alguns anos atrás. Foi ao final da minha graduação em arquitetura e urbanismo, na Universidade de Brasília, que ao visitar outras cidades do país como Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, comecei a me perguntar o porquê de existirem nestas cidades espaços que eram redutos da boemia. Mais do que isso, questionava o porquê não havia algo do tipo em Brasília. Acreditava que o desenho modernista, entre outros fatores, criava uma forma de sociabilidade específica entre as pessoas que não permitia o surgimento de um espaço, tal qual a Lapa (RJ), em meio às zonas monofuncionais do Plano Piloto. O resultado do estudo me levou a confirmar tal hipótese, mas, além disso, mostrou-me também como a vida noturna da capital federal era única, tal qual a cidade em si¹.

Foi diante disso que, ao pensar no tema para desenvolver durante meu mestrado, optei por continuar investigando a boemia e a relação dela com a cidade. Mais do que apenas isso, apresentou-se para mim a oportunidade de avançar nesta investigação, agora não mais com a influência de um desenho de cidade tão particular quanto o de Brasília, mas sim a partir de uma malha quadricular (ou quase isso) de ruas, avenidas, praças e demais elementos da estrutura urbana. Eis este que pode ser considerado uma espécie de ponto de partida desta dissertação.

2. Introdução

Da minha experiência inicial com o tema até hoje muitas questões mudaram, outras continuam me atinando em busca de respostas. No entanto, permanece o desejo de estudar a boemia enquanto uma forma de expressão da vida pública das cidades. Vida pública, por sua vez, implica na relação “entre pessoas que não estão unidas por laços de família ou de associação íntima: é o vínculo de uma multidão, de um povo, de uma sociedade organizada, mais do que um vínculo de família ou de amizade” (Sennett, 2014, p. 16). Traz consigo uma postura de alteridade semelhante ao que nos diz Tenorio (2013, p. 13): “Eu preciso ver (cociência) pessoas diferentes e compartilhar o mesmo lugar (copresença) que elas, para saber como elas funcionam e, assim, entender um pouco mais de mim mesma”. Esta característica da vida pública é que nos permite vinculá-la inicialmente à boemia.

Além disso, existem espaços que se tornam especiais; são eles que, neste trabalho, chamo de lugares. Um primeiro foco aqui é enxergar como esse processo de “tornar-se” especial ocorre

¹ Cf.: FURQUIM, K. G.. Lugares boêmios de Brasília. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2016, Porto Alegre. Anais do IV ENANPARQ, Estado da Arte.. Porto Alegre: PROPAR / UFRGS, 2016.

neste universo da boemia. Para isso, acionamos todo um entendimento que não quer se centrar no sujeito em si (ou nas suas variações tais como o Indivíduo ou o Eu). Centra-se, de maneira mais clara, na investigação do processo de subjetivação que permeia e constrói relações com o espaço, tomadas como próprias, únicas e subjetivas.

Para tudo isso, utilizamos um ferramental teórico que parte da noção de experiência, conceito muito amplo, sobretudo filosoficamente, e que entendemos numa acepção também próxima da ideia de vivência. Em outras palavras, *argumentamos como o processo de tornar-se lugar (chamado doravante também de lugarização) acontece através de experiências-vivências nessas espacialidades das quais se criam memórias e afetos*, partes essenciais de um lugar percebido enquanto tal. Sem ser animado por uma vida (pública ou individual) da qual advém à construção desses atributos (memórias e afetos), o espaço perde seu valor para os sujeitos e para a coletividade.

A boemia, cujo imaginário mergulharemos mais adiante neste trabalho, é tomada, neste primeiro momento, como uma das formas de expressão da vida pública a qual pode tanto ser pensada como ocorrendo tanto durante o dia, quanto também à noite. Logo, ao se falar em boemia a intenção é focar o âmbito noturno da vida pública, apoiado na hipótese defendida por Wan-Dall Junior (2015, p. 13) “(...) de que experiência da noite vem sendo negada e excluída conscientemente pelo hermetismo do urbanismo instituído, não apenas no dizer, mas também no produzir cidades a partir de suas práticas mais tradicionais (...)”.

Ademais, boemia enquanto parte desta vida pública da noite é entendida como um modo de apropriação da cena urbana por sujeitos em busca de diversão, subvertendo, em partes, a lógica do mundo do trabalho. Engloba não apenas atividades de consumo (estabelecimentos de venda e compra de bebidas, comidas, espetáculos etc.), mas também atividades que ocorrem nas ruas, praças e outros espaços públicos, incluindo comportamentos sociais de grupos desviantes².

² A definição de desvio social usada aqui advém do estudo feito por Howard Becker (2008, p. 21): “Outsiders: estudos da sociologia do desvio”. Nele, o autor estuda dois grupos: usuários de maconha, que se desviam das normas de toda a sociedade (especificamente a lei de um Estado), e músicos de casas noturnas de jazz, que se isolam do restante da sociedade à medida que se veem numa posição de compreensão da música (enquanto uma forma de arte) acima dos demais membros da mesma. Para o presente trabalho, desvio é usado com o intuito de reforçar a característica de tolerância dos espaços boêmios com públicos distintos (ou desviantes) ao da maioria de cada um deles. Ou seja, um espaço de boemia majoritariamente da classe média (dominante), por exemplo, não costuma ser intolerante com públicos mais elitizados ou mais pobres (desviantes do padrão dominante). O termo, especificamente, também busca ampliar o olhar que se tem aqui para com a presença de minorias, sejam elas de

A construção da boemia a partir deste seu caráter público enfatiza a percepção da coletividade e do domínio público e contribui para o rompimento da noção de vida pública como obrigação³. Mais além, os espaços urbanos nos quais ela se concentra cumprem papel social como descrito por Alexander et al. (2013, p. 181):

Muitas pessoas não saem à noite por acharem que não tem algum lugar pra ir. Elas não têm vontade de ir a um estabelecimento específico, mas gostariam muito de sair. Um centro de vida noturna, particularmente quando é muito bem iluminado, funciona como foco para tais pessoas.

De tudo isso, decorre uma discussão maior nesse trabalho acerca dos modos de se conhecer a cidade. Procuramos não falar do processo de lugarização por meio de uma visão estratégica, que enxerga a cidade e tudo aquilo que a permeia através de um olhar distanciado e genérico. *Falar de lugar como um processo de subjetivação é investigar a cidade por dentro daquilo que vivemos nela cotidianamente, fugindo das médias e dos cálculos utilitaristas e econômicos, de fotos genéricas sem significado particular etc.* É também falar daquilo que se passa por dentro daquele que escreve esse texto (às vezes eu, às vezes não), é tensionar este texto que se se pretende científico.

A boemia, conforme evidenciado acima, é usada como meio de recorte para um leque de questões mais amplas que se entrelaçam no ambiente urbano. *Falo dos lugares boêmios* que permeiam a realidade urbana na qual este trabalho se debruça (no caso, partes da cidade de Porto Alegre); misturo-os com meu próprio imaginário sobre o tema, as minhas vivências de espaços assim em variados contextos urbanos. *Narro vivências da noite*, desse lado b das cidades que ainda é pouco focado nas discussões urbanísticas; *narro vivências minhas, de outros, reais ou ficcionais*.

A fim de consolidar todas essas discussões, o presente trabalho se divide em dois grandes momentos: na Primeira Parte, apresentaremos subsídios teóricos que nos auxiliam nessa pesquisa, a questão chave enfocada e o método construído para respondê-la; já na Segunda Parte apresentaremos as respostas que encontramos por meio desse processo de pesquisa a partir do enfoque principal sobre experiências-vivências em alguns lugares de boemia na cidade de Porto Alegre.

moradores de rua, mendigos, transexuais, travestis etc. que não são enfocados em alguns dos trabalhos analisados sobre atividades noturnas de Porto Alegre (Cf. Fonseca, 2006; Reckziegel, 2009).

³ Richard Sennett vai dizer que o espaço público está morto, destina-se apenas a passagem e não a permanência (Sennett, 2014, p. 28). O autor acrescenta ainda que na medida em que perdemos esse domínio público, acirramos a esfera individual e passamos a enxergar, progressivamente, a vida pública apenas como obrigação formal rumo a espaços privados, restritos.

Primeira parte: De teorias a uma pesquisa

Exploramos a seguir conceitos principais nos quais este estudo se apoia. Antes de tudo, é preciso que se diga que a maneira que encontramos para isso foi através da escrita de ensaios que são, ao mesmo tempo, discussões “paralelas”⁴ ao ponto principal desta pesquisa (a construção de lugares boêmios) e também a forma como articulamos esses saberes teóricos com a construção que resulta nessa investigação em si. Essa foi, enfim, a maneira criativa que encontramos para falar de como alguns dos textos lidos durante a jornada deste mestrado acadêmico se fazem presente nesta pesquisa, ajudando-nos a olhar a relação da boemia com a cidade, além de permitir tecer articulações com reflexões *outras* que surgem disso e que não puderam ser contempladas no restante da pesquisa em si.

A escrita deles na primeira pessoa do singular é uma clara tentativa de evidenciar o papel do pesquisador por detrás deste texto; pesquisador que se apoia nos textos de outros para construir suas reflexões, mas que não pode ser ocultado neste processo. Além disso, é também uma tentativa de evidenciar o conjunto de ações existentes entre a leitura de diferentes textos ao longo do curso de mestrado (ponto de partida dessa montagem de fragmentos teóricos), a articulação deles com o tema (a relação da boemia com as cidades) e com a experiência de elaboração de uma pesquisa científica.

Por meio de tudo isso, o primeiro ensaio tenta refletir o que se entende por Urbanismo e o que se acredita, ao sair dessa pesquisa, que seja o papel do arquiteto enquanto um investigador das cidades (Ensaio I); logo depois, discute-se uma forma de olhar a boemia como uma subjetividade que é construída (ou fabricada) juntamente com a materialidade das cidades em si, mesclando tanto elementos individuais, quanto coletivos (Ensaio II); e, por fim, o terceiro texto é um mergulho entre diferentes referências que integram o imaginário sobre a boemia, as quais se teve acesso nesta pesquisa, ajudando a desconstruir estereótipos sobre o que seja ou não boêmio e fortalecendo a nossa definição dela enquanto uma forma de vida pública da noite relacionada à diversão (Ensaio III).

Após esse conjunto de textos, estaremos abastecidos de reflexões necessárias para que enunciemos, com maior precisão, a questão de pesquisa enfocada aqui (a construção de lugares boêmios) e apresentemos, logo em seguida, o meio de investigação escolhido. Por fim, a intenção é a de alimentar o leitor com diferentes subsídios nas páginas a seguir e costurá-los

⁴ Justificando, portanto, o nome “ensaios”.

com o método resultante para que se possa, na segunda parte do trabalho, tecer discussões sobre a realidade de Porto Alegre estudada.

3. ENSAIO I: Reflexões sobre a noção de urbanismo

Neste tópico procuro explorar o meu entendimento acerca do que seja esse grande campo de saber no qual me incluo: o urbanismo. Reflito sobre minha concepção acerca dele, bem como questiono sobre qual visão esse trabalho quer dar voz.

Quais as maneiras pelas quais podemos apreender uma cidade? Gosto de pensar que uma das atividades fundamentais disso que chamamos urbanismo é justamente apreender, pelas mais diversas subjetividades⁵ e formas, partes desse objeto de infinitos lados que é a cidade. Entretanto, essa é a visão com a qual saio desta pesquisa; não é a mesma com a qual a comecei. No início, reproduzia uma valorização de aspectos funcionais-econômicos, tal como muitos dos discursos urbanísticos atuais. Toda a minha imersão na busca por explorar, sob os mais variados pontos de vista, a relação da boemia com a cidade permitiu-me construir *outro* olhar.

Saio desta pesquisa acreditando que a tarefa do urbanista é muito mais ampla do que falar de função ou economicidade. Uma visão que dá voz a outros *aspectos*, valendo-me desse termo usado por Holanda (2010) na expressão “aspectos da arquitetura” para falar sobre como a arquitetura e urbanismo lida com diferentes interfaces, sobretudo quando percebida como variável que afeta a nós e ao meio em que ela se insere⁶. Em decorrência de tudo isso, ele (juntamente com outros pesquisadores do seu grupo de pesquisa) elencou oito aspectos⁷ que caracterizam a arquitetura, criando uma abordagem metodológica na qual se amplia o olhar para outros fatores além daqueles que podem ser úteis ou mais vantajosos economicamente. Apesar de bastante didática a abordagem do autor, principalmente durante o processo de graduação em arquitetura e urbanismo, o que faço aqui busca ser um tanto quanto menos

⁵ O conceito de subjetividades será apresentado no tópico a seguir.

⁶ Segundo o autor: “Em arquitetura há dois meios de teorizar. Numa ela é resultado de determinações do ambiente socionatural onde se realiza: clima, relevo, geologia, hidrografia, disponibilidade de materiais (ambiente natural); conhecimento científico-tecnológico, interesses econômico-político-ideológico (ambiente social). Resulta disto. No jargão científico, arquitetura é variável dependente – decorre de fatores que a originam. Na outra maneira, estudam-se seus efeitos. A arquitetura impacta nossas vidas e o meio ambiente natural: p ex., ela determina se 1) atividades têm suporte adequado para seu funcionamento, 2) condições higrotérmicas são confortáveis, 3) custos energéticos para manutenção são elevados, 4) há sensação de beleza etc. Ela resulta nisto. No jargão científico, arquitetura é variável independente – ela afeta-nos e ao meio ambiente natural”. (Holanda, 2010, p. 25)

⁷ Juntamente com seu grupo de pesquisa, o autor elencou os seguintes aspectos com quais ele busca resumir as implicações dos lugares enquanto arquitetura; são eles: aspectos funcionais, aspectos bioclimáticos, aspectos econômicos, aspectos sociológicos, aspectos topoceptivos, aspectos afetivos, aspectos simbólicos e aspectos estéticos. (Holanda, 2010, Grifo nosso).

disciplinar, acreditando que todos esses aspectos não podem ser estudados isoladamente, mas sempre de maneira entrelaçada na constituição de subjetividades.

Quero descrever neste tópico o *movimento* que me levou até uma concepção sobre o que é urbanismo. Quero deixar envolver-me por conceitos que se movem dentro do processo vivido e constituidor de uma subjetividade individual e coletiva, principalmente esta de um mestrado acadêmico. Falar de conceitos que são lidos não como objetos estáticos no tempo, mas sim como algo que se move ao longo dele e dentro de diferentes subjetividades, conceitos que se moveram bastante durante a *viagem* desta pesquisa.

Quero falar do não dito, daquilo que ficou mudo, silenciado, escoriado nesse movimento. Quero encontrar-me com outros eus: aquele de quando comecei esta pesquisa, aquele de quando não sabia para onde ir, aquele que agora senta nesta cadeira e se põe a digitar. Quantas palavras usamos sem refletir, calmamente, sobre o sentido delas? No texto escrito, no qual o distanciamento e a reflexão são possíveis, é fundamental analisar o que entendemos por conceitos-chaves, sobretudo no âmbito de uma pesquisa. Tal tarefa é como uma mola propulsora que nos permite avançar criticamente e identificar posições epistemológicas condizentes com aquilo que, no mais fundo de nós, desejamos falar por meio de uma pesquisa científica (a qual, claramente, não é vista aqui como um artefato de uma objetividade sem sujeito). É fazer o exercício com o qual Bourdieu et al. nos desafia:

(...) devemos nos abster de deixar crer que o sujeito da invenção científica é um automaton spirituale, obedecendo aos mecanismos bem ajustados de uma programação metodológica constituída uma vez por todas, e confinar dessa forma, o pesquisador na submissão cega ao programa que exclui o retorno reflexivo ao mesmo, condição da invenção de novos programas. 'Da mesma forma que o conhecimento da anatomia não é a condição suficiente de um procedimento correto', assim também a metodologia, dizia Weber, 'não é a condição de um trabalho fecundo'. (...) ocorre que, como observa Stuart Mill, 'a invenção pode ser cultivada'. O mesmo é dizer que uma explicitação da lógica da invenção, por mais parcial que seja, pode contribuir para a racionalização da aprendizagem da aptidão para inventar. (Bourdieu et al., 2007, p. 15 e 16).

Esmiuçar, deter-se em, refletir sobre as mudanças do conceito de urbanismo ao longo dessa viagem (o mestrado) é fundamental, sem dúvida alguma, para tudo aquilo que este trabalho procura dizer. No entanto, pergunto-me: seria possível levar o leitor nessa viagem? Encontro a resposta num pequeno capítulo (chamado "Naval e Carcerário") do livro de Michel de Certeau, no qual ele se vale desse mesmo mote da viagem para contar-nos uma história que também é importante aqui. É a partir de uma breve viagem de trem que diversos elementos do disciplinamento moderno aparecem: "(...) o viajante está alojado no compartimento, numerado e controlado no tabuleiro do vagão (...)" (Certeau, 2014, p. 178); o que o autor expõe em seu texto são extremos de um pensamento racionalista.

No entanto, a viagem dele não é a mesma da qual falo: lá, o passageiro entrava em um trem, sentava-se, ia ao banheiro, comia seu sanduíche, desembarcava. Aqui, falo de uma viagem que se desenrola estando eu quase imóvel, apenas com os dedos a correr pelas teclas. O que viaja não é meu corpo em si, mas minha cabeça e minha memória; não atravesso paisagens e lugares, mas sim textos escritos, anteriormente e agora, que alicerçam meu raciocínio, por menos lógico que ele busque ser. Vejo-me, de certo modo, colocando em prática aquilo que Deleuze e Guattari (1997, p. 190) nos dizem ao descrever o processo de alternância de espaços lisos e estriados:

Pensar é viajar (...) o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, de estar no espaço, de ser no espaço. Viajar de modo liso ou estriado, assim como pensar... (...) Viajar de modo liso é todo um devir difícil, incerto.

Tudo isso que vou falar aqui é como prosa entupida, daquela que precisamos forçar para que saia, tome vida e letras nesse momento em que tenho que explicitar as grandes transformações que se passaram ao longo desta pesquisa. Por isso, sem mais objetivos, vamos logo à ação!

3.1. Relembrando um começo

Vejo cada dia mais a vida como uma história. Cada um conta uma história sobre si para si, criamos o personagem de nós mesmos. Cheguei neste programa de pesquisa após ser aprovado através de uma seleção, na qual se enviava projeto para avaliação de uma banca. Nada muito extenso; eram apenas poucas laudas em que eu dizia, sucintamente, o tema, a justificativa e os objetivos da pesquisa. Escrevi nele, em meio à vaguidão com a qual iniciamos, as seguintes palavras:

Diante dessa complexidade e da necessidade de entendê-la melhor (a relação boemia e cidade, complemento) a fim de adquirirmos ciência e controle sobre os processos que lhe são inerentes, este trabalho propõe a seguinte questão-problema: Como se formam os espaços boêmios em cidades brasileiras?

Uma série de comentários pode ser feita sobre esse trecho, principalmente acerca do objetivo sobre-humano que me propus a alcançar no pouco tempo de um mestrado (em cidades brasileiras?). Muitos leitores reconhecem(-se), aí ,(n)a grandeza daquilo que nos propomos ao começarmos nossas primeiras pesquisas, na inocência de desconhecer como muitas vezes elas são passos bem menores do que imaginávamos no começo. No entanto, ao retornar a estas palavras indago qual era a minha visão de urbanismo (e junto com ela de cidade em si) naquele momento? Quais seriam os conceitos para tais termos que eu acreditava quando ingressei nesta pesquisa? Com quais outros eu saio dela?

[Espanto-me]

O que espanta não é o processo em si. Choca-me, na verdade, perceber que são conceitos tão diferentes. É o devir que não se interrompe, logo não podemos acreditar que nossos conceitos se mantenham os mesmos depois de todo o processo de um mestrado. Encontro, em meio às palavras acima, duas que me denunciam: “ciência e controle”. Movia-me, naquele momento, por um paradigma que acreditava no disciplinamento dos espaços boêmios; que acreditava em uma racionalidade semelhante àquela que organiza o trem da viagem narrada por Certeau. Adquirir ciência sobre os espaços urbanos nos quais a relação com a boemia se estabelece para que eles pudessem ser controlados pelas políticas de planejamento urbano. Reproduzia, assim, todo o paradigma disciplinador que Foucault (2014), de maneira mais profunda, examina em seus estudos acerca do pensamento moderno.

Ao escrever sobre tudo isso, poderia explorar a fundo outras posturas que são correntemente mais aceitas, tais como aquelas que se valem de modelos científicos para “medir” os mais variados fenômenos urbanos, assim como outras nas quais prevalece um discurso de caráter econômico ou legislativo para sustentar investigações sobre as cidades. Contudo, opto por falar de tudo isso descrevendo o movimento de uma subjetividade. Não falo apenas de mim, mas também dos textos que me ajudaram a construir *outros olhares acerca da relação entre boemia e cidade*.

Mas vamos por partes: detenhamo-nos, primeiramente, na palavra RE-LA-ÇÃO. Se formos pensar [aliás, somente depois de muito pensar é que entendi...] essa palavra relação é um pouco ingênua, afinal tudo pode estar em relação a algo; logo falar de relação é o meu claro desejo de não limitar este trabalho a apenas um campo de conhecimento ou de pesquisa, de poder falar das diferentes reflexões que me atravessam quando vivencio espaços boêmios. Por exemplo, recusei a limitar-me numa abordagem que se diga fenomenológica a priori, sem saber se essa abordagem permitir-me-ia falar desse amplo leque de reflexões. Ao invés de adotar esse título e falar apenas aquilo que suas análises me permitem, valho-me dele juntamente com outros e construo uma abordagem teórica e um método nos quais o principal não é seguir uma receita, mas sim testar e ampliar as reflexões que me atravessam.

Como incorporar reflexões que não surgem quando me coloco para escrever, sentado dentro de uma sala, mas sim quando ando pela cidade e a vivencio? Um urbanismo que parta da vivência dos corpos na cidade e não do isolamento entre eles. Muitas dessas questões invadiram-me após a leitura do texto Elogio aos errantes (Jacques, 2014).

A experiência de errar pela cidade pode ser pensada como ferramenta de apreensão da cidade, mas também como ação urbana, ao possibilitar a criação de microresistências que podem atuar na desestabilização de partilhas hegemônicas e homogêneas do sensível. (...) O errar, ou seja, a prática da errância, pode ser pensado como instrumento da experiência de alteridade na cidade, ferramenta subjetiva e singular – o contrário de um método cartesiano. (...) O errante não vê a cidade somente de cima, a partir de um mapa, mas a experimenta de dentro (...). Essa postura crítica e propositiva com relação à apreensão e compreensão da cidade, por si só, já constitui uma forma de resistência tanto aos métodos mais difundidos da disciplina urbanística – como o tradicional ‘diagnóstico’, baseado majoritariamente em bases de dados estatísticos, objetivos e genéricos – quanto ao próprio processo de esterilização da experiência, espetacularização das cidades contemporâneas e de pacificação de seus espaços públicos. (Jacques, 2014, p. 30 a 32).

Inquieto, não pude não pensar sobre tudo aquilo que esse texto me dizia e relacioná-lo a esta pesquisa: afinal, qual a minha visão de cidade? Uma cidade vista por cima, do alto de um prédio, de um avião, através de mapas, por meio de médias estatísticas, notícias de jornais e tv ou, ainda, através do rolar da tela do computador e celular, nas muitas redes sociais que nos entretêm nos últimos tempos?

[corte]

De certa forma, vejo como foi ao ler o texto de Jacques que compreendi até mesmo o percurso desta pesquisa.

[corte]

O texto acima ficou a martelar, como fica o amante na cabeça daquele que se vê apaixonado e não consegue pensar em outra coisa. Uma cidade que não pode ser lida por uma visão funcionalista-econômica *somente*, mas por infinitos outros olhares. Compreendi o meu desejo de explorar esse “infinito” e senti-me de certa forma acolhido por saber que existia alguém-outro que também acreditava nesse caminho.

Tudo isso são as primeiras escórias com que me deparo. “Escórias”, pois, tratam-se de reflexões que não pude fazer no início dessa pesquisa a fim de me perguntar qual o discurso eu queria enunciar para o conceito de urbanismo. Acredito que, além disso, uma cidade não é dita somente através de leis, notícias, políticos, cientistas ou qualquer outra voz que se queira única. Ela é algo muito mais complexo do que uma máquina termodinâmica, com a qual ela foi tantas vezes comparada.

O problema, de fato, não está em enxergá-la de tal forma, mas sim em enxergá-la *apenas* assim. Existe uma valoração que faz prevalecer visões top-down das cidades, tal como nos descreve Certeau:

(...) pergunto-me onde se origina o prazer de ‘ver o conjunto’, de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos humanos. Subir até o alto do World Trade Center é o mesmo que ser arrebatado até ao domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. (...) Sua elevação o transfigura em voyeur. Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitava e pelo qual se estava ‘possuído’. Ela permite lê-lo, ser um Olho solar, um olhar divino. (...) Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber. (...). Mas ‘embaixo’ (down), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, Wandesmann, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; tem dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso. (Certeau, 2014, p. 157 - 159).

É já embaixo que se entende que toda a diversidade urbana não pode ser vista por um olhar totalizante, indiferente as suas mais diversas particularidades. De uma reflexão focada inicialmente em olhar apenas a relação boemia-cidade, essa pesquisa encaminhou-se por abordar questões mais amplas: como apreender a cidade? Como narrar e refletir essa apreensão? Como falar de outras formas de cidade que não aquela objetificada por um discurso racional-econômico-funcionalista?

É na defesa de um perfil para o urbanista que seja aberto aos diferentes campos disciplinares que Jacques resgata os trabalhos de Patrick Geddes, importante precursor desse campo de conhecimento e que tinha uma visão dele não como um campo disciplinar de limites estritos, mas sim aberto a reflexões de diferentes áreas conforme comenta a autora:

Ao menos desde a introdução do urban survey – baseado na observação das cidades existentes que passavam pelos primeiros processos de modernização mais violentos – criado por Patrick Geddes logo no início do século XX, o Urbanismo também opera por montagens para realizar suas análises urbanas ou, como se diz ainda hoje, usando um termo médico, ‘sintomático’: os diagnósticos. Geddes, biólogo (botânico) escocês (próximo de Darwin), também era sociólogo, geógrafo e pioneiro do urban planning (traduzido por planejamento urbano), ou seja, um típico generalista, que amava viajar para conhecer cidades, fazendo levantamentos urbanos (surveys) que também se aproximavam das pesquisas etnográficas, em particular na sua longa passagem pela Índia. (...) Geddes propunha um ‘conceito sinóptico de estudo’ das cidades ao ‘procurar reconhecer e utilizar todos os pontos de vista – científico, artístico, histórico – e a partir deles interpretar o curso do desenvolvimento futuro das cidades e suas possibilidades’. (Jacques, 2015, p. 75 e 76).

Um urbanismo que consiga formar um conhecimento mais generalista e menos especialista, incorporando os muitos olhares possíveis de se ver a cidade, sem estabelecer uma valorização entre eles. Nessa direção, a autora complementa:

O tipo de apreensão e compreensão das cidades que, para Geddes, era (...) uma mistura sempre heterogênea de diferentes campos disciplinares e também de tempos e tipos de narrativas distintas, se tornou, sobretudo na prática mais especializada e funcionalista do Urbanismo, um tipo de montagem por semelhanças que busca uma unidade ou totalidade qualquer, ou ainda, uma forma de legitimar narrativas dominantes já dadas”. (Jacques, 2015, p. 76 e 77).

Por certo tempo ao longo desta pesquisa, forcei-me a ver quais elementos da relação boemia-idade poderiam ser explicados por um *olhar de urbanista*, um olhar que eu acreditava, naquele momento, que deveria ser treinado para ler a forma de um espaço. Agora, o que defendo é uma ampliação para além desse olhar sobre a forma (a fim diagnóstica-la e intervir nela), enfocando também as mais diversas idiosincrasias que compõem o “estarno-espaço”. Falar de tudo isso através de variados campos de saber: Arquitetura, Antropologia, História, Psicologia, entre outros.

3.2. Encontrando uma saída

Pergunto-me, diante de tudo que falei acima, se seria possível pensar em uma chegada neste trabalho. Não falo, de fato, de uma chegada final após uma longa viagem. O avião dessa viagem pousa apenas para que possamos pegar outros voôs; uma viagem que nunca chega ao fim, se não quisermos incorrer num pensamento que se esgota, que se limita. O que faço, por questões práticas que envolvem esta pesquisa, é registrar apenas um instante a fim de que se possa avançar para as outras discussões e etapas que a envolvem.

Hoje sou tomado por diferentes notícias, filmes e relatos sobre os avanços na construção de uma inteligência artificial. Estamos falando de inteligência artificial ao mesmo tempo em que ainda é tão corrente uma visão de cidade na qual se pensa a partir de um *input* em busca de determinado *output*; em outras palavras, pensa-a como um sistema de causa-efeito, no qual se reduz toda a complexidade que a vida urbana apresenta.

Abordagens tradicionais urbanísticas querem tratar todos como iguais forçando para que todos sejam iguais, ao invés de entender que o que temos de mais igual entre nós é justamente o fato de sermos diferentes. Quando vamos parar de acreditar que podemos ser tratados como sujeitos anônimos que entram para análises e cálculos estéreis de uma subjetividade, tomados tal como uma bola de bilhar em meio aos cálculos probabilísticos? Quando vamos parar de acreditar que o urbanismo necessita apenas dessas visões? Quando vamos por em prática, em nossos estudos, uma visão de urbanismo que considere o alerta feito pela jornalista norte-americana Jane Jacobs, nos idos da década de 1960, reproduzido no trecho abaixo:

(...) enquanto o planejamento urbano se atola nos profundos equívocos sobre a verdadeira natureza do problema com que lida, as ciências biológicas, livres desse erro e avançando à frente com muita rapidez, têm produzido alguns conceitos de que o planejamento urbano necessita: além de apresentar a estratégia básica para o reconhecimento de problemas de complexidade organizada, elas deram dicas de como analisar e abordar esse tipo de problema. (...) O fato de as ciências biológicas e as cidades enunciarem os mesmos tipos de problemas não significa que sejam os mesmos problemas. (...) as táticas para compreendê-los são similares, no sentido de que ambos dependem de uma visão microscópica ou detalhada, por assim dizer, e

não da visão a olho nu, menos detalhada, própria para os problemas de simplicidade elementar, ou da visão telescópica, distante, própria para os problemas de complexidade desorganizada (Jacobs, 2011, p. 488 e 489).

Apreender o espaço: é essa a reformulação que faço desse *olhar de urbanista*, pensando como explorar diferentes formas de apreensão é “(...) a linha de fuga que permite explodir os estratos, romper as raízes e operar novas conexões”. (Deleuze e Guattari, 2011, p. 33). Quais as formas possíveis de se conhecer uma cidade? Diria que infinitas, mas daí incorreria numa idealização não do único, mas do que não tem limitações. O que sei, e acho que este é o ponto fundamental do que estou dizendo, é que não podemos nos cansar, enquanto urbanistas, de explorar as mais diversas formas pelas quais podemos dizer “*eu conheço essa cidade*”.

De tudo isso, a cidade é vista como um grande agenciamento rizomático, expressão máxima de uma multiplicidade que não pode ser reduzida apenas numa única estrutura, sob o risco de operar tal como nos falam os autores abaixo:

A maior parte dos métodos modernos para fazer proliferar séries ou para fazer crescer uma multiplicidade valem perfeitamente numa direção, por exemplo, linear, enquanto que uma unidade de totalização se afirma tanto mais numa outra dimensão, a de um círculo ou de um ciclo. Toda vez que uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação. Os abortadores da unidade são aqui fazedores de anjos, doctores angelici, posto que eles afirmam uma unidade propriamente angélica e superior. (...) Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior (...). (Deleuze e Guattari, 2011, p. 21).

Este trabalho busca ser outra forma de pensar a cidade, explora-la por meios narrativo-descritivos. A narrativa é usada como forma de abordagem do processo de subjetivação que torna um espaço como lugar. Explorar pontos de vista que partam da experiência-vivência, das memórias e afetos que nos ligam aos espaços urbanos.

No caso da boemia isso é bastante interessante: toda vez que falava para as pessoas sobre meu tema, escutava delas histórias sobre os seus lugares boêmios. Percebi, em certo ponto dessa pesquisa, o quão muitas dessas falas eram sensíveis e traziam reflexões maduras que se entremeavam com as memórias de vivências desses sujeitos nestes lugares de diversão noturna. A construção que fiz ao longo deste tópico ilustra também uma desconstrução do medo que senti, em alguns momentos, diante de universo tão rico formado por aquilo que escutava dessas pessoas. Percebi que todos tem algo a dizer sobre a cidade, seus espaços e lugares e que isso não pode ser excluído de nossos estudos urbanos. Quem melhor para nos falar da cidade do que aqueles que a vivenciam cotidianamente?

O urbanismo que defendo aqui é a resposta que encontrei para um conhecimento que não pode se fechar num único campo de saber; que não pode ser apenas um conhecimento que achata a multiplicidade, mas sim que aprende a conviver com ela, a explorá-la, sobretudo, como forma de fazer o pensamento viajar, se movimentar e não se fechar em perigosas totalizações de um urbanismo ortodoxo.

Por que ao invés de centrarmos nossas análises num “diagnóstico” não contamos uma história? Por que não construímos essa história como ponto de partida de um projeto, no qual criatividade, análise, descoberta, pesquisa, vida, tudo isso, possa aparecer junto? Acho que é esse o caminho que busco para a profissão de arquiteto, um caminho que nos permita expandir a nossa sensibilidade com o espaço no qual vivemos-experenciamos e que, além disso, projetamos. O que esta pesquisa faz, por fim, é contar apenas uma história (em meio a tantas outras possíveis) sobre alguns lugares boêmios de Porto Alegre.

4. ENSAIO II: A subjetivação de lugares e de uma pesquisa

Apesar de já usada anteriormente, é necessário esclarecer o que se entende por subjetividade neste estudo. Ao longo deste tópico falarei de dois tipos de subjetivação: (a) a subjetivação relacionada com a construção de um espaço enquanto lugar boêmio; e outra (b), que envolve esta pesquisa em si, sobre os diferentes aspectos, pontos de vista, narrativas etc. que se entrecruzam com as vivências de um devir-pesquisador, devir-boêmio, devir-escritor.

Quanto ao primeiro (a), interessa nesta pesquisa abordar a subjetividade que percorre nossa vivência dos espaços urbanos, espaços que são partes-constituintes-fundantes de processos de subjetivação. Diferentes sujeitos transformam para si distintos espaços em lugares, num ponto de vista que parte do sujeito; bem como, distintos espaços são apropriados como lugares por coletividades de diferentes sujeitos, do ponto de vista do lugar. Este primeiro objetivo, portanto, descreve uma espécie de núcleo daquilo que podemos chamar de problema de pesquisa, numa linguagem acadêmica, e que pode ser expresso melhor da seguinte forma: através de um “olhar microscópico”, como o espaço (a materialidade-imaterialidade das nossas cidades) aparece nas subjetividades que resultam em lugares boêmios?

Quanto ao segundo objetivo (b), ele busca ser uma espécie de ferramenta validadora desta pesquisa, elemento de uma coerência interna dela enquanto não apenas um trabalho artístico-filosófico (conhecimento “não testado”), mas também científico. É a descrição daquilo que penso(ei) que esta pesquisa é, era, seria, não seria, tornou-se, nem chegou a ser. É como contar aquilo que se passa atrás do palco de um teatro, nas coxias e nos camarins, antes, durante e

depois de uma apresentação. Falar da confecção desta pesquisa como meio validador dela enquanto ciência é, por fim, admitir a influência de abordagens etnográficas aqui; influência, esta, presente também no uso de diários e cadernos de nota como meio para os mais diferentes tipos de registros, operando próximo daquilo que o antropólogo Fontanari (2010) descreve mais precisamente:

A maioria de nós, antropólogos, está acostumada a usar o diário de campo (...). Ele é o começo de tudo. É anterior, na genética etnográfica, mesmo às entrevistas. Nele, a etnografia começa a tomar forma. Nele, digitamos uma série de estímulos embrionários: sensíveis, sonoros, visuais, emocionais e intelectuais, que conseguimos traduzir em palavras, resultado de nossas incursões em campo: descrição de lugares, de personagens, de eventos, primeiros esboços interpretativos e analíticos – não raro amalgamados com juízos de valor, preconceitos internos que todos temos como sujeitos socializados em contextos étnicos, de classe, de gênero e geração específicos. (Fontanari, 2010, p. 145).

Vamos explorar a subjetividade que opera entre ações mecânicas, intelectuais e criativas das quais resultam esse texto. No entanto, o autor anterior fala-nos sobre sujeito ao invés de subjetividades. É importante, diante disso, explicitar as razões da preferência de usar, ao longo desse texto, o termo subjetividade em detrimento a outras formas como o sujeito, o indivíduo ou o eu.

4.1. Subjetividades e não...

Mais propriamente, acerca dessa questão, é estratégico para nós acompanhar partes do pensamento que Stuart Hall (2006) elabora para falar de como a questão da Identidade alterou-se em paralelo aos processos que levaram ao “descentramento do sujeito”. No capítulo “Nascimento e morte do sujeito moderno” o autor descreve três “(...) concepções mutantes do sujeito humano, visto como uma figura discursiva, cuja forma unificada e identidade racional eram pressupostas tanto pelos discursos do pensamento moderno quanto pelos processos que moldaram a modernidade (...)” (Hall, 2006, p. 23). Remonta, a partir disso, uma genealogia que parte “(...) do nascimento do ‘indivíduo soberano’, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII” (Hall, 2006, p. 25). Neste ponto, aparece a influência, entre outras, do filósofo francês René Descartes e o seu “sujeito cartesiano”, “(...) racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento (...)” (Hall, 2006, p. 27). A partir disso, Hall prossegue:

(...) à medida em que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriram uma forma mais coletiva e social. (...) O cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno. Emergiu, então, uma concepção mais social do sujeito. O indivíduo passou a ser visto como mais localizado e ‘definido’ no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna. (...) Este modelo sociológico interativo, com sua reciprocidade estável entre ‘interior’ e ‘exterior’ é, em grande parte, um produto

da primeira metade do século XX, quando as ciências sociais assumem sua forma disciplinar atual. (Hall, 2006, p. 29-32).

Na sequência, o autor realiza uma descrição das principais influências que culminaram na descentração do sujeito cartesiano no período que ele chamou de “modernidade tardia”. Dentre estas influências, destaco a descoberta do inconsciente por Freud para quem “(...) a subjetividade é o produto de processos psíquicos inconscientes” (Hall, 2006, p. 37). Acerca disso, Hall incorpora o olhar do psicanalista Jacques Lacan e nos diz:

A formação do eu no ‘olhar’ do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. Os sentimentos contraditórios e não resolvidos que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso para rejeitar a mãe, a divisão do eu entre suas partes ‘boa’ e ‘má’, a negação de sua parte masculina ou feminina, e assim por diante), que são aspectos-chave da ‘formação do inconsciente do sujeito’ e que deixam o sujeito ‘dividido’, permanecem com a pessoa por toda a vida. Entretanto, embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e ‘resolvida’, ou unificada, como resultado do fantasia de si mesmo como uma ‘pessoa’ unificada que ele formou na fase do espelho. (Hall, 2006, p. 37 e 38).

O processo de subjetivação advindo dessa visão psicanalítica avança ao romper com o sujeito consciente cartesiano, ampliando o olhar para aquilo que escondemos, até, de nós mesmos. No entanto, como apontado no trecho anterior, há um retorno dessa abordagem para uma instância unificada, mesmo que incompleta, do eu.

Nesse retorno ao eu, enxergamos tanto o sujeito, quanto o objeto como entidades em si; como instâncias discerníveis e totalizadas. Contrário a esta direção, Deleuze reforça a importância de se falar do processo em si de subjetivação e não das suas formas resultantes; olhar este que não busca recair na atitude despotencializadora que advém da constatação dessas entidades como incompletas. Em semelhante linha ele defende:

Pode-se, com efeito, falar de processo de subjetivação quando se considera as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos poderes constituídos como aos poderes dominantes. (...) Não há nenhuma retorno ao ‘sujeito’, isto é, a uma instância dotada de deveres, de poder e de saber. Mais do que processos de subjetivação, se poderia falar de novos tipos de acontecimentos: acontecimentos que não se explicam pelos estados de coisas que os suscitam, ou nos quais eles tornam a cair. Eles se elevam por um instante, e é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar. Ou se poderia falar simplesmente do cérebro: o cérebro é precisamente este limite de entre os dois. Novas trilhas cerebrais novas maneiras de pensar não se explicam pela microcirurgia; ao contrário, é a ciência que deve se esforçar em descobrir o que pode ter havido no cérebro para que se chegue a pensar de tal ou qual maneira. Subjetivação, acontecimento, cérebro, parece-me um pouco a mesma coisa (Deleuze, 2000, p. 217-218).

Os processos de subjetivação atrelam-se ao conceito de dobra de Deleuze e que, aqui, é explicado por meio daquilo que Magnavita (2015, p. 22) nos fala:

Trata-se de dobrar saberes, enquanto estratificações históricas na dupla articulação: expressão e conteúdo, e isso em contínuo devir, através de agenciamentos coletivos de enunciação (individação sem sujeito) e agenciamentos maquínicos, ou seja, o que se enuncia e o que se faz (ações e paixões), e isso como produção no mundo da representação, do real e do possível, elementos esses que constituem o que Foucault denominou de o 'fora'. Este, por sua vez, se dobra no 'dentro', ou seja, no interior de um indivíduo ou de uma coletividade de diferentes indivíduos, ou mesmo, de uma multidão de indivíduos descentrados, periféricos, nômades, anônimos e excluídos. Justamente esses dobramentos de diferentes saberes-poderes constituem os processos de subjetivação, e isso, enquanto construção da subjetividade individual e coletiva.

Com tudo isso, a subjetivação é um processo que cruza elementos de uma macro e micro vivências, individuais e coletivos, interiores ou exteriores ao sujeito. No caso desta pesquisa, falar de subjetividade e o seu processo é enxergar que a relação entre um sujeito e o espaço é permeada pelo cruzamento (ou dobra) desses elementos. Rompe, com isso, em ser apenas uma descrição e avaliação do lugar em si (como por exemplo, da sua morfologia), como também não fala somente da percepção(ões) do(s) sujeito(s) que o vivencia(m).

Podemos ser ainda mais específicos. Quando descrevo o processo de subjetivação pontuando os pontos de partida e chegada (sujeito-lugar), não falo neles enquanto entidades em si, mas sim enquanto polos de um processo de contínua movimentação do conhecimento. Esta movimentação *entre* polos constrói o foco deste olhar tanto sobre as subjetivações que nos permeiam na vivência de lugares boêmios, assim como daquelas que envolvem a escrita deste trabalho, da construção desse discurso científico. A importância de se olhar esses processos de subjetivação aparece quando pensamos que eles estão, a todo o momento, numa disputa com o poder, num movimento de alisamento e estriamento constante (Deleuze e Guattari, 1997); algo que Pelbart (2012) elucida no trecho a seguir:

Seria preciso começar pela nova relação entre *poder* e *vida* tal como ela se apresenta hoje. Por um lado, uma tendência que poderia ser formulada como segue: o poder "tomou de assalto" a vida. Isto é, o poder penetrou todas as esferas da existência, e as mobilizou inteiramente, pondo-as para trabalhar. Desde os gens, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes, quer se evoque as ciências, o capital, o Estado, a mídia. Os mecanismos diversos pelos quais tais poderes se exercem são anônimos, esparramados, flexíveis, rizomáticos. O próprio poder se tornou "pós-moderno", ondulante, acentrado, reticular, molecular. Com isso, ele incide mais diretamente sobre nossas maneiras de perceber, de sentir, de amar, de pensar, até mesmo de criar. Se antes ainda imaginávamos ter espaços preservados da ingerência direta dos poderes (o corpo, o inconsciente, a subjetividade), e tínhamos a ilusão de preservar em relação a eles alguma autonomia, hoje nossa vida parece integralmente subsumida a tais mecanismos de modulação da existência. Até mesmo o sexo, a linguagem, a comunicação, a vida onírica, mesmo a fé, nada disso preserva já qualquer exterioridade em relação aos mecanismos de controle e monitoramento. Para resumí-lo numa frase: o poder já não se exerce

desde fora, nem de cima, mas como que por dentro, pilotando nossa vitalidade social de cabo a rabo. Não estamos mais às voltas com um poder transcendente, ou mesmo repressivo, trata-se de um poder imanente, produtivo. Um tal *biopoder* não visa barrar a vida, mas se encarrega dela, intensifica-a, otimiza-a.

Todo conhecimento pode ser apropriado de diferentes formas-métodos-modelos, diferentes narrativas podem traçar diferentes histórias. Podemos falar de algum espaço da cidade, valorizá-lo num determinado momento no tempo; em outro, esse espaço é esquecido, tornado resquício anacrônico no meio de uma realidade urbana que não o reconhece mais, a não ser enquanto espaço morto que, no ritmo do *crescimento* urbano que não pode parar, será demolido-reconstruído ou, em linguagem corrente, “revitalizado”. Como nos disse Peter Pál Pelbart, no trecho acima, essas operações não acontecem mais por um sujeito definido, o grande inimigo em comum contra o qual devemos lutar em busca da cidade que acreditamos. Esse poder que se dilui, especializa-se num controle que molda, até mesmo, nossas subjetividades; *molda, até mesmo, nosso desejo de cidade futura*. Nesta mesma direção, Magalhães fala de como nossas subjetividades são influenciadas pela lógica neoliberal. Ele diz:

(...) a subjetivação exercida no espaço social do neoliberalismo se constrói como uma prática cotidiana real, impregnada e orientada por uma sintonização a sinalizações que partem do Estado, com vistas a criar uma autoconduta individual coerente com a primazia do mercado (‘não há proteção social, prepare-se para se inserir como empreendedor individual’, ‘não há serviços públicos ou estruturas de uso coletivo confiáveis, resolva seus problemas através do mercado’ etc.), fazendo com que os indivíduos incorporem e generalizem os cálculos utilitaristas de custo e benefício ou de risco e retorno, de forma a naturalizá-los em seu comportamento cotidiano. Ou seja, cria-se uma cultura. E esta não se limita ao imagético, imaginado, simbolizado; mas traduz-se em práticas concretas, em um amplo leque de esferas da sociabilidade, abrangendo, como apontado anteriormente, desde o casamento e a criação dos filhos até o lazer e as relações de amizade. (Magalhães, 2015, p. 19).

Diante disso, a importância de se falar sobre subjetividades é romper com discursos dominantes. Neste sentido, Pelbart torna-se, uma vez mais, bastante preciso ao comentar sobre tal importância:

(...) se a violência do capitalismo na sua ânsia de moldar de cabo a rabo a subjetividade se revelou ultimamente de modo tão obscuro e escancarado, ao menos tem isso a vantagem de nos desfazer do mito de uma subjetividade dada. Podemos então, por fim, compreendê-la como plenamente fabricada, produzida, moldada, modulada – e também, por que não, a partir daí, automodulável. Talvez venham daí esses discursos contemporâneos mais preocupados em reinventar a subjetividade do que em decifrá-la. O que Foucault exprimiu da seguinte maneira: Cabe-nos ‘promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto durante séculos’. (Pelbart, 2000, p. 12).

O autor evidencia acima como a subjetividade é construída constantemente, ampliando a importância de tudo aquilo que se fala aqui. De maneira mais precisa, como podemos nos abster de discutir as subjetividades que permeiam os espaços urbanos? Operar por tal caminho significa acreditar numa *realidade dos fatos* que não pode ser mudada. Pensemos, novamente,

naqueles espaços urbanos tomados como “mortos”: diante deles e da negação de se pensar toda a subjetividade que o construiu enquanto tal, bem como daquelas que ainda lá existem, o único caminho que se descortina é o apelo por uma revitalização a qual, muitas das vezes, só se acredita ser possível pela ação do poder público ou de grandes entes privados. Nega-se um enorme campo de ação; nega-se tantas outras subjetividades que se atrelam a estes espaços. É interessante ver como, na maioria de casos assim, a morte é decretada não por uma completa ausência de pessoas habitando e vivenciando tal espaço, mas sim por um olhar que não quer ver aqueles que estão ali: em sua maioria, *anônimos marginais* de um mundo que se acredita estar sempre em *progresso*. Entender essas subjetividades que se atrelam com os espaços urbanos é pensar o trabalho do urbanista a partir do que Magnavita (2015, p. 18) comenta:

Cabe ressaltar que na formação da grande maioria das profissões, inclusive a de arquitetos e urbanistas, pouco se tem investido no entendimento dos processos de subjetivação relacionados com questões teóricas e práticas no desenvolvimento de suas competências profissionais(...). Tem prevalecido apenas a objetividade do mundo da representação do real e do possível.

Quando digo no título deste tópico “Subjetividades e não...” estou querendo evidenciar a maneira como estou olhando o conceito de lugar em si. Falarei dele melhor adiante, mas cabe esclarecer neste ponto do texto, que não acredito que possamos estudar lugares a partir de uma visão essencialista. Através dessa postura, caberia apenas a tarefa de “mapear” lugares, identifica-los, reconhece-los.

Por via oposta, entendo o lugar como uma subjetividade que é fabricada e que está em constante disputa, inclusive com o poder e suas narrativas de captura. Falar de lugar por meio desse viés da subjetividade é olhar o processo que torna um espaço como próprio, único e subjetivo tanto para uma coletividade, quanto para um indivíduo. Este lugar, portanto, não é dado a priori de uma experiência (real-virtual) e, nem mesmo, é algo generalizável. Posso apenas *transcrever* partes dessa *singularidade* e não torná-la num modelo. O *lugares boêmios*, de que falarei adiante, são criados a partir do processo de subjetivação-lugarização que se fabrica individual ou coletivamente.

Falo de meus lugares (misturado com lugares que são de outros) a partir do entrelaçamento de minhas vivências com tudo aquilo que, diversas vezes, ouvi de meus interlocutores: histórias sobre seus lugares boêmios de ontem e hoje. Algumas vezes, caminhávamos pelas “mesmas” ruas enquanto eu os ouvia. Isso descortinava em minha imaginação cenários de outros tempos, de outros lugares, de outros sujeitos que subvertiam, em muitas das vezes, aquilo que eu vivia ali mesmo, no instante de escuta dessas histórias.

Tudo isto é, para esta pesquisa, a *resistência* que crio para um mundo dominado por subjetividades e histórias capturadas pelo poder de um capitalismo neoliberal. Resistência que luta por enxergar a boemia como uma forma de vida pública, marcada essencialmente por alteridades; que se mescla ao consumo, mas não se reduz a ele. Fabrico uma subjetividade sobre os lugares boêmios ressaltando essa visão como resistência a um mundo no qual a diversão noturna é marcada, cada vez mais, pela separação de consumidores em espaços privados, segregados da diferença.

4.2. A boemia através da subjetividade

É com a análise e manifesto de Félix Guattari que inicio essa parte do texto; as palavras do autor dão melhor precisão para as reflexões que se se seguem:

O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Com isso quero dizer que seus territórios etológicos originários – corpo, clã, aldeia, culto, corporação... – não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. (...) Não têm mais ancestrais; surgiram sem saber por que e desaparecerão do mesmo modo! Possuem alguns números informatizados que a eles se fixam e que os mantêm em ‘prisão domiciliar’ numa trajetória socioprofissional predeterminada, quer seja em uma posição de explorado, de assistido pelo Estado ou de privilegiado. Mas enfatizemos o paradoxo. Tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, os chips da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecendo no lugar, tanto as diferenças se esbatem entre as coisas, entre os homens e os estados de coisas. No seio de espaços padronizados tudo se tornou intercambiável, equivalente. (...) Poderiam os homens reestabelecer relações com suas terras natais? Evidentemente isso é impossível! As terras natais estão definitivamente perdidas. Mas o que podem esperar é reconstituir uma relação particular com o cosmos e com a vida, é se ‘recompôr’ em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o desejo, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos, inesperados, miraculosos. Essa subjetividade em estado nascente (...). Não se trata mais aqui de uma ‘Jerusalém celeste’, como a do Apocalipse, mas da restauração de uma ‘Cidade subjetiva’ que engaja tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos. (Guattari, 2012, p. 149 e 150, Grifo nosso).

Fabrico uma subjetividade quando falo de boemia neste texto. Na história que conto aqui sobre a boemia de Porto Alegre outros se identificam e o que antes era algo apenas individual, torna-se coletivo por meio desse reconhecimento. Alcanço com minhas palavras, basicamente, um público acadêmico. Nessa narrativa misturo reflexões sobre a cidade, a ciência, a vida; estas que são coisas inseparáveis: objeto *mirado* – meio *possível* – fim *alcançado*. Valho-me de uma escrita que tenta engajar “os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos”, conforme dito por Guattari; que enxerga o urbanismo como todo o universo de reflexões que são entremeadas com este grande artefato que é uma cidade; cidades nas quais passamos grande parte de nossas vidas, que entram para nossas memórias e que temos sempre muito a dizer, sejamos nós urbanistas ou não.

A partir disso, rompe-se com a noção de uma pesquisa científica que acredita no isolamento de uma questão de pesquisa, bem como rompe também com a crença na separação do sujeito pesquisador do sujeito cotidiano, de um objeto de pesquisa no universo de coisas que se entrelaçam; esses e tantos outros artifícios que um modelo cientificista, advindo principalmente das ditas ciências exatas, copia/impõe às ciências humanas e sociais. Prefiro pensar sempre em como ser menos dogmático e mais aberto ao que vem de *outros* (lugares? sujeitos?). É um movimento constante entre questões, entre falar de coisas particulares e tentar trazer isso para um texto que possa ser lido e construir sentidos em outros, num movimento que se aproxima daquilo que Tuan descreve:

"Eu" pode ser um termo de conveniência para qualquer indivíduo humano - o orgulhosamente universal "I" e Todo Mundo. "Eu" também pode ser o representante individual de um grupo: "Eu" como em eu sou chinês-americano. Isso também pode ser uma fonte de orgulho no grupo e seus valores. Depois, há o "eu" muito específico - por exemplo, o autor do presente livro. Eu sou diferente de qualquer outro indivíduo. É bom ser diferente. Tenho orgulho de ser único. No entanto, em um nível mais profundo, ser diferente, único, é intolerável. Isso traz sensações de desconexão, falta de sentido, solidão, vulnerabilidade. Imergir em uma entidade maior - um grupo - é uma necessidade humana fundamental⁸.

Guattari nomeia o capítulo do seu livro no qual se insere o trecho que inicia esse tópico como "Restauração da cidade subjetiva" manifestando, aí, não somente aquilo que ele acredita que deva ser o caminho para as cidades em si, mas para "(...) todo o porvir do planeta e da biosfera". (Guattari, 2012, p. 150). Suas palavras, num quase tom apocalíptico, sinalizam aquilo que o autor, em outro ponto do texto, aproxima da discussão tratada aqui:

As cidades são imensas máquinas – megamáquinas para retomar uma expressão de Lewis Mumford – produtora de subjetividade individual e coletiva. O que conta, com as cidades de hoje, é menos os seus aspectos de infraestrutura, de comunicação e de serviço do que o fato de engendrarem, por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os aspectos em que se queira considera-las. Daí a imensa importância de uma colaboração, de uma transdisciplinaridade entre os urbanistas, os arquitetos e todas as outras disciplinas das ciências sociais, das ciências humanas, das ciências ecológicas etc... (Guattari, 2012, p. 152).

A intenção por detrás de todo esse ensaio tem sido mostrar como a como a boemia é uma subjetividade construída (o que engloba seus lugares) e que, por isso, ela não deixa de estar sempre em disputa com estratégias de dominação (marketing urbano? consumo? Etc.). A fim de consolidar essa discussão, realizo, no tópico a seguir, uma imersão em diferentes estudos

⁸ Versão traduzida a partir de: "'I' may be a term of convenience for any human individual – the proudly universal 'I' and Everyman. 'I' may also stand for the individual representative of a group: 'I' as in I am a Chinese-American. This can be a source of pride too, pride in one's group and its values. Then there is the very specific 'I' – for example, the author of the present book. I am different from any other individual. It is good to be different. I am proud to be unique. Yet at a deeper level, being different, unique, is intolerable. It makes for disconnectedness, meaninglessness, loneliness, vulnerability. Immersing oneself in a larger entity – a group – is a compelling human need" (Tuan, 2009, p. XIV).

urbanos mostrando tanto como o consumo se torna a principal estratégia de captura das práticas de diversão noturna contemporâneas, bem como também como muito dos estudos feitos acerca delas enfatizam apenas o aspecto econômico envolvido nessas subjetividades. Logo depois, complexifico o debate mostrando como existem elementos presentes nessas subjetividades boêmias que não se reduzem a apenas essas estratégia em si; para isso, valho-me de uma narrativa construída com dados de campo coletados numa rua boêmia de Porto Alegre.

4.2.1. Boemia como prática sócio-cultural⁹

A diversão noturna hoje se apresenta invadida por atividades de consumo: bares, restaurantes, food-truck, pubs, boates, etc. configuram formas distintas de estabelecimentos nos quais o consumo de produtos e signos é a atividade principal. Além disso, este consumo mescla-se, de maneira clara, com outras atividades de entretenimento tais como teatros, cinemas, casas de show e espetáculos, feiras e eventos de rua, entre outras. Evidencia-se, portanto, que o consumo desempenha um importante papel nessas práticas de diversão noturna nas cidades contemporâneas.

Em decorrência disso, muitos estudos na área de planejamento urbano enfocam o potencial econômico dessas atividades. Nesta direção, Hadfield (2014) identifica três grandes fases que englobam os estudos acerca dessa “Economia da Noite” enfocando, principalmente, experiências de países desenvolvidos. Segundo o autor, uma primeira fase dos estudos corresponde na busca por estratégias de vitalidade para áreas centrais durante o período noturno, marcado por um grande esvaziamento em comparação com âmbito diurno. Incorpora-se, a partir disso, o conceito de “Cidade 24h” e debruça-se, sobretudo a partir da realidade do Reino Unido, em políticas de desregulamentação e na criação de centros de concentração de consumo de álcool, favorecendo uma aglomeração espaço-temporal e expulsando usos alternativos.

Justamente tais consequências é que serão abordadas, ainda segundo o autor, na segunda fase dos estudos. Neste momento, eles buscarão evidenciar também certa ingenuidade dessas políticas de desregulamentação, bem como o lobby da indústria de álcool neste processo. Por fim, o autor fala de uma terceira fase na qual:

⁹ Este tópico e o seguinte são edições feitas sobre o texto publicado: FURQUIM, K. G., A boemia além do consumo. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017, São Paulo. Anais do XVII ENANPUR, Desenvolvimento, crise e resistência: Quais os caminhos do Planejamento Urbano e Regional?. São Paulo: FAU / USP, 2017.

(...) a pesquisa está agora enfatizando as exclusões que podem resultar da securitização e gentrificação da Economia da Noite; processos que operam de cima para baixo e no nível da rua. Por outro lado, alguns dos otimismo da primeira onda estão sendo revisados em estudos de caso de locais que conseguiram evitar, adaptar ou transformar o modelo não-funcional de álcool como resultado da imunidade cultural ou da diversificação populacional¹⁰.

Todo esse percurso deixa claro como esses aspectos econômicos tem aparecido de maneira dominante nos estudos acerca da dinâmica de diversão noturna. Como forma de se pensar criticamente este cenário, problematizamos como alguns estudos em nossa área se valem de nomenclaturas distintas para se referirem a essas atividades de diversão noturna. No caso da realidade Porto Alegre, por exemplo, alguns trabalhos optam por falar em lazer noturno ao invés de boemia. Como um primeiro exemplo disso, Fonseca (2006) realizou um estudo comparativo de dois pontos de concentração da atividade noturna na cidade: os bairros Moinhos de Vento e Cidade Baixa. Apesar de a autora realizar uma contextualização histórica na qual o termo boemia é usado como sinônimo de lazer noturno, toda sua investigação concentra-se em estabelecimentos de consumo (bares, mais precisamente) e o trechos urbanos nos quais eles se concentram. A leitura foca-se, em grande parte, em sujeitos classe-média ou com poder aquisitivo superior capaz de consumir tais atividades. Na mesma linha, Reckziegel (2009) realizou démarche semelhante, citando a boemia como um elemento presente no imaginário e na história local, mas focando seu estudo em locais de consumo destinados a usuários de padrão econômico elevado. Além disso, o foco pretendido por esta autora foi sobre as características configuracionais e formais destes espaços de consumo, tornando, novamente, necessária a referência a lazer noturno e não a boemia em si.

De maneira distinta ao usado pelas autoras, o que buscamos aqui é ampliar o uso e significado da palavra boemia para além do seu significado como sinônimo de “lazer/entretenimento noturno”. Acreditamos que tais expressões contribuam para que todo o universo de prática e convívio que permeia a diversão noturna seja lido apenas como mais uma forma de mercadoria ou signo, cuidadosamente vendido dentro da lógica de consumo contemporânea, e que não incorpora todo o imaginário mais amplo evocado pelo termo boemia, sobre o qual falaremos adiante neste trabalho.

Defendemos, mais claramente, a definição do termo boemia como uma forma de vida pública da noite, relacionada com a diversão das pessoas. É a partir disso que lemos este conceito como

¹⁰ Versão traduzida aqui a partir de: “(...) research is now emphasising the exclusionary outcomes that can result from securitisation and gentrification of the NTE (Night-time economy); processes that operate both top-down and at street level. Conversely, some of the optimism of the first wave is being revisited in case studies of locations that have been able to avoid, adapt or transform the nonfunctional alco-centric model as a result of cultural immunity or population diversification” (Hadfield, 2014, p. 607).

uma prática sócio-cultural que incorpora as mais variadas vivências de sujeitos e atividades neste ambiente noturno, bem como agrega também todo um imaginário mais amplo evocado no ato de se falar/pensar em boemia e não em lazer/entretenimento noturno. Além disso, por meio dessa palavra buscamos incorporar práticas e sujeitos excluídos da lógica de consumo, pressuposto este fundamental numa perspectiva de se pensar a noite como um ambiente para a construção e prática de alteridades na sociedade atual.

Com vistas a consolidar essa defesa do termo, é tarefa essencial observarmos como ele aparece em variados estudos urbanos. Isso nos permite reconfigurar o campo de debates na área e, mais precisamente, avaliar quais os significados são mais pertinentes ao nosso objetivo de pensar um termo que não se limite a uma lógica de produção e consumo.

Nesta direção, um dos primeiros trabalhos que exploramos é o do norte-americano Richard Florida, mais especificamente seu livro “A ascensão da classe criativa” (2011). Nele, o autor defende que as “(...) profundas e duradouras transformações da nossa era não são tecnológicas, mas sociais e culturais” (Florida, 2011), desenvolvendo o argumento de que vivemos uma valorização da criatividade e expansão de uma classe criativa. Não desejando entrar propriamente em toda a discussão feita pelo autor, o que nos interessa no seu trabalho é a referência que ele faz à boemia, através daquilo que ele denominou “Índice Boêmio”, o qual:

(...) se baseia no número de escritores, designers, músicos, atores, diretores, pintores, escultores, fotógrafos e dançarinos. (...) o Índice Boêmio é um forte previsor de diversos fatores como a concentração de empresas de alta tecnologia, o crescimento populacional e a elevação das taxas de emprego (...) esse índice também é ótimo previsor do crescimento regional tanto em termos populacionais quanto empregatícios. (...) Isso corrobora a ideia de que lugares com um ambiente cultural e artístico próspero são mais propensos a gerar frutos econômicos criativos e crescimento econômico generalizado (Florida, 2011, p. 260 e 261).

O autor opta por falar em boemia, pois acredita que nesta sociedade criativa esteja ocorrendo uma mudança na relação que estabelecemos com o trabalho: de uma ética protestante, para outra boêmia. A primeira, estudada no clássico do sociólogo alemão Max Weber, se pautaria em servir aos outros, enquanto a segunda seria mais hedonista, na qual o valor se concentra no prazer e felicidade individual. Fala, ainda, de diferentes momentos dessa boemia, tanto da subcultura de Paris no início do século XX, quanto da Geração Beat ou dos sobreviventes de Woodstock. Ressalta como muitas dessas expressões ligavam-se a formas contestadoras do sistema, conforme trecho a seguir:

Muitos dos chamados radicais dos anos 1960, bem como os boêmios que os antecederam, consideravam o sistema capitalista vigente opressivo e embrutecedor, não importava para que lado pendesse a balança do poder. Eles acreditavam que a felicidade e o bem-estar do indivíduo deveriam ser a meta principal tanto do trabalho

quanto dos produtos do trabalho – e não o efeito de uma Mão Invisível em ação (Florida, 2011, p. 204).

Por fim, o autor acredita que nesse ambiente boêmio existe abertura e apoio aos “criativos, diferentes e esquisitões”, tornando-se por isso uma forma condizente para prever onde se concentram os setores de maior tecnologia na sociedade criativa.

No entanto, apesar das correlações entre o índice criado pelo autor e as regiões estudadas por ele mostrarem que aquelas com maior concentração de alta tecnologia e desenvolvimento econômico são também as que apresentam maiores valores do índice, acreditamos que a leitura da boemia por meio desse número é bastante limitada. Ressalta, uma vez mais, o seu viés econômico, mas não nos satisfaz falar de boemia apenas através da concentração dos indivíduos que compõem este índice boêmio. Do trabalho de Florida nos interessa, de maneira mais precisa, a discussão que ele faz acerca desse ambiente e ética boêmios. Justamente nesta parte do seu estudo a boemia aparece como uma forma de prática sócio-cultural, que nos interessa aqui, mas que se perde quando o foco passa a ser o chamado índice boêmio. Além disso, Brabazon (2014, p. 140) acrescenta a seguinte crítica:

A Boemia como uma ideologia é maior, mais ampla e mais complexa do que o "Índice Boêmio" de Richard Florida. Existem atributos particulares que permitem as indústrias criativas, mas a política radical, a dissidência e o ativismo contra modelos particulares de modernidade e capitalismo não são tão relevantes para sua modelagem de desenvolvimento econômico¹¹.

Apesar de tudo isso, o estudo de Florida nos mostra também que a boemia é um importante elemento de valorização de espaços urbanos, dentro da ordem econômica atual. Neste mesmo sentido, Lloyd (2002) fala em seu trabalho sobre Chicago:

Neo-boemia sugere que as tradições de inovação cultural nos bairros das cidades mais antigas persistem, mas que essas tradições boêmias se cruzam com o desenvolvimento econômico de novas formas na cidade pós-fordista. Neo-boemia apoia a gentrificação residencial e a concentração das empresas de entretenimento e novas mídias, criando o contexto para a reconstrução de espaços industriais antigos em Chicago¹².

Ao falar em gentrificação, Lloyd nos permite entrar numa discussão maior em nosso campo. Acerca dela, Bidou-Zachariasen (2006 p. 22) nos diz:

¹¹ Versão traduzida aqui a partir de: “Bohemia as an ideology is larger, wider and more complex than Richard Florida’s ‘Bohemian Index’. There are particular attributes that enable the creative industries, but radical politics, dissent and activism against particular models of modernity and capitalism are not as relevant to his modeling of economic development” (Brabazon, 2014, p. 140).

¹² Versão traduzida aqui a partir de: “Neo-bohemia suggests that traditions of cultural innovation in older city neighborhoods persist, but that these bohemian traditions intersect with economic development in new ways in the post-Fordist city. Neo-bohemia supports both residential gentrification and the concentration of the entertainment and new media enterprises, creating the context for the redevelopment of former industrial spaces in Chicago” (Lloyd, 2002, p. 517).

O termo *gentrification* foi utilizado pela primeira vez por Ruth Glass, no início dos anos sessenta para descrever o processo mediante o qual famílias de classe média haviam povoado antigos bairros desvalorizados do centro de Londres, ao invés de se instalarem em subúrbios residenciais (...). Por essa noção a autora compreendia, ao mesmo tempo, a transformação da composição social dos residentes de certos bairros centrais, por meio da substituição de camadas populares por camadas médias assalariadas; e um processo diferente: o de investimento, reabilitação e apropriação, por estas camadas sociais, de um estoque de moradias e de bairros operários ou populares.

A vinculação desse processo com a boemia aparece melhor expressa nos estudos de Jean-Yves Authier acerca da gentrificação que ocorre no bairro Saint-Georges em Lyon, França. De acordo Bidou-Zachariassen (2006, p. 38), o autor descreve:

Nos anos setenta, um começo de renovação da população se inicia com a chegada de novas camadas sociais, estudantes, casais jovens de diferentes meios, classes médias instruídas, todos atraídos pela centralidade do bairro e seu caráter de convívio um tanto 'boêmio'.

O que é interessante observar é como o papel da boemia enquanto um signo associado a um bairro de Lyon foi elemento-chave para sua transformação, resultando no processo de gentrificação abordado pela autora. Mas, além disso, a boemia nestas regiões e neste processo de gentrificação não é apenas signo, mas compreende também um conjunto de práticas desses boêmios, tal como observa Lloyd (2002, p.526):

Os boêmios podem escolher morar em bairros pobres e da classe trabalhadora; no entanto, suas disposições são decididamente cosmopolitas. Além disso, eles são bastante criativos para reinventar os espaços que eles ocupam, muitas vezes adicionando valor significativo por sua presença. Apesar dos meios econômicos limitados, os artistas são habitantes urbanos engenhosos. No passado, os boêmios da cidade podem ter ocupado um espaço marginal em relação às principais operações de aquisição de capital; entretanto, sempre foi uma espécie de marginalidade privilegiada. Na Chicago contemporânea, esta condição, apoiada pela ideologia do auto-sacrifício boêmio, torna a população artística disponível como mão-de-obra flexível para as empresas locais que vão desde a provisão de entretenimento até a subcontratação¹³.

Nesta direção, a boemia emerge como um fenômeno social que não foge de uma tradução espacial hierarquizada. De maneira mais clara, nossa percepção avança no entendimento da gentrificação associada à boemia através daquilo que Bidou-Zachariassen (2006, p. 36) descreve sobre os estudos realizados por Mathieu van Crielinger sobre o processo de gentrificação em Bruxelas, Bélgica:

¹³ Versão traduzida aqui a partir de: "Bohemians may self-select into poor and working class neighborhoods; however, their dispositions are decidedly cosmopolitan. Moreover, they are quite creative in re-imagining the spaces they occupy, often adding significant value by their presence. Despite limited economic means, artists are resourceful urban dwellers. In the past, bohemians in the city may have occupied a marginal space with relation to the mainstream operations of capital acquisition; however, it has always been a kind of privileged marginality. In contemporary Chicago, this condition, supported by the ideology of bohemian self-sacrifice, makes the artistic population available as flexible labor for local enterprises that range from entertainment provision to design subcontracting" (Lloyd, 2002, p.526).

Ele notou que, paralelamente ao processo em curso de gentrificação residencial (que ele qualifica de marginal, porque ainda limitado), se implementava uma espécie de gentrificação em termos de consumo e convívio, por meio da multiplicação de butiques, restaurantes, cafés 'da moda', espaços frequentados tanto pelos residentes como pela população de outros bairros e turistas, mas pertencentes às mesmas classes sociais, isto é, às classes médias altas.

De modo claro, percebemos que muitos dos espaços boêmios se configuram como espaços de consumo. E isto não ocorre apenas hoje, mas desde os famosos cafés e cabarés franceses do século XIX (Seigel, 1992). Essa forma de gentrificação de consumo, identificado pelo autor no trecho acima e dentro do nosso entendimento aqui, valoriza a boemia mais como signo/marca do que como prática sócio-cultural, tal como observa Brabazon (2014): "Bohemian creates an attractive city of coffee and conversation. It is marketable and manageable". Em outras palavras, a boemia vista desse modo serve para fins de "vender" determinados espaços urbanos, ao invés de ser lida como uma prática sociocultural, como uma vida pública da noite. Por fim, Brabazon (2014, p. 150) comenta aspectos semelhantes de todo esse processo em um dos principais redutos boêmios de São Francisco, North Beach. Ela diz:

Uma cidade de marca através da Boêmia situa as ruas, edifícios e cidadãos em um sistema semiótico que comercializa dissidência, jogo, resistência e capitalismo peculiar. É muito menos atado ao ativismo e à ação política. Em vez disso, é auto-referencial, criando marcas e sinais em trens, abrigos de ônibus e edifícios públicos. As superfícies da paisagem se transformam, criando uma relação antiga entre a experiência vivida de uma cidade e a aspiração da marca para os turistas¹⁴.

Aquilo que é descrito pela autora remete-nos, uma vez mais, para a boemia enquanto um signo que se assemelha, de forma muito clara, com o trecho a seguir:

A fetichização da relação formal 'significante-significado' comporta inconvenientes mais graves. Ela aceita passivamente a ideologia do consumo dirigido. Ou, antes, ela contribui para tanto. Na ideologia do consumo e no consumo 'real' (entre aspas), o consumo de signos desempenha um papel cada vez maior. Este consumo não suprime o consumo de espetáculos 'puros', sem atividade, sem participação, sem obra nem produto. Acrescenta-se e se sobrepõe a este como uma sobredeterminação. E assim que a publicidade para os bens de consumo se torna no principal bem de consumo ela tende a incorporar a arte, a literatura, a poesia e a suplantá-las ao utilizá-las como retóricas. (Lefebvre, 2001, p. 69).

A partir disso que Lefebvre nos diz é possível avançarmos na discussão e, uma vez mais, enxergar a boemia no processo descrito pelo autor, o qual se acirra na lógica de consumo da cidade neoliberal contemporânea. Por meio da discussão apresentada sobre gentrificação de consumo é possível, por exemplo, explorar algo que atualmente é mais conhecido como o

¹⁴ Versão aqui traduzida a partir de: "A branded city through bohemia situates the streets, buildings and citizens into a semiotic system that market dissent, play, resistance and quirky capitalism. It is much less tethered to activism and political action. Instead, it is self-referential, creating markings and signs on trains, bus shelters and public buildings. The surfaces of the landscape transform, creating an old relationship between the lived experience of a city and the branded aspiration for tourists" (Brabazon, 2014, p. 150).

fenômeno da “gourmetização”, que, por sua vez, consiste em uma forma clara de gentrificar o consumo por vias semelhantes a essa fetichização significante-significado apontada no trecho acima.

Apesar de tudo isso, a relação entre boemia e cidade se dá por muitos outros aspectos, sendo limitante pensá-la apenas por esse viés. Diante disso, sentimos a necessidade de abordá-la como prática social que é bastante diversa, mesmo dentro dessa lógica de consumo. Vemo-nos em posição semelhante a Shaw (2014) ao observar que muitos dos estudos acerca da noite urbana se limitam numa abordagem de caráter econômico, ligadas ao consumo de álcool e à indústria do lazer. A fim de superar tal questão ele desenvolve o conceito de atmosfera afetiva da noite, buscando evidenciar os seus elementos não econômicos.

O quadro posto até este ponto evidencia a ordem econômica dominante, a estratégia como nos diz Certeau (2014, p. 93):

Chamo de ‘estratégia’ o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). (...) Gesto da modernidade científica, política ou militar.

De maneira mais precisa, o que Certeau constrói é um modelo de análise que não busca excluir a ordem dominante por meio de algum ideal revolucionário. Seu pressuposto acredita que existe em meio a essa ordem (econômica, política, científica) práticas que a furam, algo que ele denomina de táticas, conforme o trecho a seguir:

(...) chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o outro. (...) Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’ (...). Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. (...) Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. (...) Em suma, a tática é a arte do fraco. (Certeau, 2014, p. 94 e 95).

A tarefa feita até este ponto foi a de reconhecer, em meio ao debate acadêmico, a maneira como a diversão noturna aparece nos estudos urbanos. A partir disso, conseguimos observar diferentes abordagens do tema e precisar melhor aquelas nas quais aspectos de uma prática sócio-cultural emergem. *Pensar o contexto da diversão noturna hoje por meio deste conceito de boemia é a forma que defendemos para descortinar um campo mais amplo para os estudos do que apenas aqueles centrados em leituras econômicas.* Permite que se fale não apenas disso,

mas também da vivência de espaços e sujeitos que permeiam essa vida pública da noite e de todo um imaginário cultural envolvido.

Como uma etapa seguinte, a fim de concluir um raciocínio usando “as lentes” emprestadas por Certeau (estratégia-tática), nos propomos a narrar aquilo que diferentes boêmios realizam para “furar” uma estratégia que estimula o consumo cada vez maior. Trata-se da maneira encontrada para complexificar a visão que defendemos sobre a subjetividade construída em torno da relação da boemia com as cidades e com seus praticantes. O texto é escrito a partir de dados da vivência em um trecho do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, conhecido como um dos principais pontos boêmios da capital gaúcha.

4.2.2. Estratégia e tática na boemia

R. JOÃO ALFREDO, PORTO ALEGRE, 2016.

Dentro. Rua. Entre eles uma clara fronteira. Assim começa essa história. Nem um, nem outra, existe sozinho: a rua depende do dentro, o dentro da rua. Começaremos falando sobre isso, sobre posições, sobre corpos.

Uns de carro, outros de ônibus, alguns moram perto, outros chegam de bike. No começo da noite éramos cinco; até então sabíamos dizer quantos éramos. Havíamos combinado de chegar cedo naquele dia, já que para alguns amigos era possível entrar apenas se pagássemos mais barato. O preço da entrada torna-se a primeira manifestação dessa estratégia que é o consumo. No entanto, temos a opção de nos armar de algumas táticas-estratégicas a fim de pagar um valor menor na entrada, a qual chega a custar, a depender da noite, da hora, da atração, da disputa na fila..., até uns 30-40 reais. Público jovem, muitos universitários... nem todos conseguem pagar isso! O jeito é chegar mais cedo, é confirmar presença na página do evento no Facebook, é falar com algum amigo ou conhecido que trabalha ali, é ir com amigos que estão fazendo aniversário e que tem direito a lista de convidados. A estes existem algumas opções: estratégias do lugar que captam (ou criam?) nossas táticas: táticas-estratégicas com fins de atrair um público maior.

Mas existem também aqueles que não, que não tem opção alguma para entrar. Para eles essa fronteira é mais cruel, pesada, real: separa-lhes dos potenciais consumidores. Moradores de rua, catadores de lixo, entre outros, não possuem a possibilidade da tática. Só podem conviver com o fato de que lá dentro eles não podem entrar. Dividem a rua, espaço tático por excelência, com flanelinhas, carroceiros, trabalhadores, carros padrão, carros de luxo, ciclistas,

museu, restaurante, moradores, boêmios. O estar fora é um exercício mais amplo de alteridade comparado à experiência do estar dentro.

Em frente às fachadas de janelas bloqueadas é que toda uma aglomeração se forma. Corpos se espremem em diferentes densidades ao longo da noite: em alguns momentos, quase sempre antes da hora que se paga um valor mais barato para entrar, sensação de pequeno espaço, densamente preenchido. Em outros, dias de começo de semana em sua maioria, amplidão e pouca gente. Nas fachadas outra estratégia: elas são as sobrevivências de outro tempo, tempo no qual porta e janela era esquema de fachada para modestas casas coloniais, de brasil-colônia (com b minúsculo); tempo de escravos, tempo de Ilhota e tantas outras colônias de negros, fugitivos, cativos, excluídos... De uma fachada na qual o abrir-se para rua era o ponto forte, essas casas agora tem que ser vedadas para que não lhes escape sons.

Éramos cinco... e agora, quantos somos? Somos a soma daquilo com que chegamos ali mais aqueles (des)conhecidos que se tornam nossos sinceros amigos durante os breves (às vezes, intermináveis) instantes em que ficamos em pé na fila, na rua. A fila já um evento em si e os corpos ali não apenas esperam. Muitos se divertem, seja conversando com os amigos, seja tomando os últimos goles da bebida comprada antes. Portanto, somos um número aí, pouco definido, que vai se alterando ao longo da noite.

E como poderia esquecer-me dos outros? Há aqueles que vieram ali para entrar em nenhum bar, pub ou qualquer outro estabelecimento a não ser para comprar uma cerveja, cigarro ou ir ao banheiro. No mais, querem ficar na rua, curtir o clima de verão que se aproxima; curtir as noites nas quais o ficar na rua torna-se agradável, desejável ou, até mesmo, necessário. Caso o leitor não compreenda, experimente o verão de Porto Alegre e saberá o que são essas noites urgentes.

Urgência, urgência. Para muitos a urgência de estar ali é outra. Querem ver, ser visto, trocar olhares e muito mais. Há, até mesmo, aqueles para os quais a urgência é da ordem de simplesmente querer estar em um lugar com mais gente, de matar um pouco essa solidão tão companheira nesses nossos tempos.

Estamos na frente do bar, estamos na fila do pub, estamos numa roda de amigos, estamos por entre a multidão a desviar com o passo apertado rumo ao banheiro. Podemos estar nesses lugares todos, não temos que entrar ou sair. Temos que vagar, apenas vagar. Somos boêmios... será que somos mais legítimos do que aqueles que optam por ficar na fila e entrar num desses

estabelecimentos? Mas o que importa ser legítimo? Não vamos confundir as coisas. Boêmios são todos, apenas uns são mais duros de grana, outros não.

Urgência, urgência. Chegou a hora! Vamos ou não vamos entrar - pergunta um entre nós. Do lado de lá, outro grita: Vou comprar a última antes da gente entrar - e corre para um vendedor ambulante próximo. Neste tempo, os fumantes aproveitam também, enquanto alguns outros se intranquilizam com a hora e gritam: vamos gente, vamos entrar logo, porque se não eu não vou! Não quero pagar mais caro, se apressem! E todos vão se movimentando. Naquela noite queríamos conhecer o novo pub, o pub de que todos falam e que tem sua decoração e cardápio inspirados nos filmes de um famoso diretor de Hollywood. Estratégia disneyficante para tornar o estabelecimento “único”.

A galera não se resolve e o tempo segue.

Entrar?

Cada vez mais vamos ficando distante da entrada, da hostess, do segurança da porta. Uns nem se preocupam com isso enquanto fumam um cigarro e bebem outra cerveja... Já outros querem entrar e não abrem mão disso. Neste cenário, forma-se uma tensão: dois grupos de quererem diversos, unidos pelo querer único de não dividir a galera, de se manter juntos naquela noite. E é por causa desse querer estar juntos que se inicia uma deliberação geral

Vamos ficar por aqui pessoal, já vimos todo mundo que entrou. Ao que outro emenda: e daí, podemos gastar o dinheiro da entrada com mais bebida e até conversar melhor entre a gente, sem todo aquele som...

Os argumentos para entrar também são ditos: viemos aqui com a promessa de que entraríamos! E outro diz: e tô a fim de entrar pra encontrar uma pessoa que estava na fila...

E seguimos assim por alguns minutos. Mas os argumentos se esgotam, os corpos se esgotam.

Silêncio.

Alguém grita: vou ali comprar a próxima cerveja!

5. ENSAIO III: Imaginário em exploração¹⁵

Neste terceiro ensaio, quero explorar um imaginário construído em torno do termo boemia. Foi interessante ouvir, ao longo dessa pesquisa, diversos questionamentos sobre a validade de se falar de boemia nos dias atuais. Falas que eram mais ou menos assim: “Será que ainda hoje existe (e podemos falar de) boemia?”.

Pus-me a pensar bastante através desse questionamento. Pouco a pouco fui entendendo que na verdade não é que a boemia não exista mais, sobretudo na definição que damos a ela aqui enquanto parte da vida pública das pessoas na cidade e ligada as práticas de diversão noturna. O que “não existe mais”¹⁶, na verdade, são aqueles exemplares que se tornaram referências e que povoam nosso imaginário sobre o que é boemia ou um sujeito boêmio em si.

Diante disso, o presente ensaio busca cumprir a seguinte tarefa: mostrar como o termo boemia já se ligou aos mais diferentes tipos de práticas, sujeitos e lugares, de significados opostos até em alguns casos, e que, portanto, não é a boemia em si que deixou de existir, mas o imaginário construído em torno dela que variou ao longo do tempo; mostrar como o significado do termo boemia se constrói e reconstrói ao longo de uma perspectiva histórica.

Exploro *um* imaginário fabricado ao redor do termo boemia desejando enxergar detalhes minúsculos de *outros tempos e lugares*. Não tenho a pretensão de (re)contar toda uma história, mas apenas evidenciar os significados com que me deparei para *boemia* ao longo dessa pesquisa e mostrar que a medida em que transito por essas reflexões, ampliam-se os limites e borram-se as fronteiras de tudo aquilo que creio ser possível associar com, pensar e dizer sobre boemia.

A ideia não é, portanto, construir abordagem factual do tema, mas sim criar uma espécie de mosaico de diferentes tempos e lugares que demonstrem algumas especificidades e amplitudes do fenômeno. Para isso, valho-me da metáfora do nadador que mergulha – na água? em imaginários? – e, ao final, tento falar da sobrevivência desses outros tempos e lugares no aqui e no agora – sobrevivência semelhante ao peixe que se transforma em anfíbio e conquista novos meios.

¹⁵ A maior parte do presente tópico advém de: FURQUIM, K. G.. Tempos e lugares boêmios. In: VI Simposio Imagen, Identidad y Territorio, 2016, Buenos Aires. **Actas del VI Simposio de la Red Latinoamericana de estudios sobre Imagen, Identidad y Territorio: escenarios de inquietud: ciudades, poéticas, políticas.** Buenos Aires: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires, 2016.

¹⁶ Digo isso entre aspas porque, conforme vamos falar adiante, muita coisa sobrevive nesse imaginário acerca da boemia.

5.1. Tempos e lugares boêmios

Eu lhe digo: vamos para a boemia!

Você, *leitor*, estranha. Quem no ano de 2017 usa a palavra *boemia*? Vamos para *balada*, *night*, *curtir*, *sair*, *beber*, *dançar*... Muitas outras formas hoje são ditas ao invés de boemia; palavra estranha que parece um pouco *anacrônica*.

Boemia, eu repito. Refiro-me a uma forma de *vida pública da noite* relacionada com a *diversão* das pessoas. Mas isto é muito amplo, um tanto quanto acadêmico. Suponho que ao ler esta palavra, o leitor pense em referências mais precisas. Dos cabarés franceses, aos malandros do samba; da Montmartre parisiense, do Greenwich Village nova iorquina, até a Lapa carioca, a Rua Augusta paulistana ou a Cidade Baixa porto alegre. Inúmeras outras referências surgem diante desta *palavra-miríade*. Não se trata, portanto, de apenas uma palavra: é mais do que isso, é um *imaginário que se descortina* por meio dela.

A intenção deste trabalho é tal qual uma pessoa que *mergulha* numa piscina. Mergulhamos; chegando quase ao fundo, temos que voltar a superfície para buscar um novo ar. Respiramos. Voltamos a imergir. E seguimos assim, cabeça dentro d'água, cabeça fora. Vamos indo, sem nenhuma pretensão de que toda a água da piscina toque nosso corpo; é até um pouco *absurdo* pensar em alguém que espere isso. Logo, não espere também que este ensaio vá passar por todo o imaginário evocado pela palavra boemia. Podemos apenas, tal *como o nadador*, fazer mergulhos em *outros tempos e lugares*. Depois, temos que voltar ao *aqui e agora* para que uma *reflexão* seja feita, *paralelos* sejam traçados, *alteridades* sejam *construídas*. Buscando seguir um conjunto de referências acerca do que a boemia significa(ou), traçarei um *percurso* dentro deste imaginário a fim de *evidenciar* significados, *desconstruir* visões muito rígidas sobre o fenômeno e fazer jus ao alerta feito pelo historiador Jerrold Seigel (1992, p. 20):

Não há ação ou gesto capaz de ser identificado como boêmio que não possa também ter sido – ou não ter sido – realizado fora da Boêmia. Roupas extravagantes, cabelos longos, viver o momento, não ter residência fixa, liberdade sexual, entusiasmos políticos radicais, bebida, ingestão de drogas, padrões irregulares de trabalho, hábito de vida noturna – todos eram boêmios ou não, segundo a forma como eram encarados ou assumidos. Boêmios em alguns momentos e não boêmios em outros. Os sinais externos da Boêmia eram importantes, mas nunca foram suficientes para a delimitação de suas fronteiras. Essa incerteza era essencial, adaptando a Boêmia à sua tarefa de testar e provar os limites da vida burguesa, não os aceitando como algo já conferido nem procurando aboli-los.

Por meio de um paradigma que não prima por dizer nenhuma *verdade absoluta*, nenhuma ressignificação de um *anestésico* idealista, enxerga-se a *narrativa* como forma de se *explorar* o universo de um fenômeno cujas fronteiras são *borradas*, tal como a boemia. Além disso, a

narrativa se constitui numa forma única de se tecer a *memória*. Quando contamos uma memória, transformamo-la em uma *hi-e-stória*. Aquela velha diferença que existia quando dizíamos estória, algo ficcional, e história, algo que teria acontecido de fato, não faz mais sentido hoje. Mesmo que se tenha vivido uma situação da qual se narra é preciso lembrar que justamente esta vivência é *atravessada por diferentes tempos e lugares*.

Acerca da boêmia isto não é diferente. Explorá-la é uma tarefa que busca reconstruir uma memória. Uma memória que *opera* muito próxima daquilo que Didi-Huberman resgata em seu trabalho dos conceitos usados pelo também historiador de arte Aby Warburg, no início do século XX. Através disso, ele nos mostra como a constituição da história se dá não somente por meio de grandes feitos glorificados nas mais variadas formas de valoração, mas também através de *sobrevivências*, “esse termo do ‘pós-viver’: um ser do passado que não para de sobreviver. Num dado momento, seu retorno em nossa memória torna-se a própria urgência, a urgência anacrônica do que Nietzsche chamou de inatual e intempestivo”. (Didi-Huberman, 2013, p. 29). Como a boêmia pode ser pensada por meio dessa ideia de sobrevivência?

Com tudo isso, seguiremos *mergulhando e respirando*. A ordem entre esses momentos não é necessariamente a que escrevo a seguir: ela é a apenas *possível*. Se o pensamento do meu leitor vagar por outro caminho, não se reprima. O principal desejo que motiva este trabalho é o liberar o pensamento e ao mesmo tempo alimentá-lo com referências diversas acerca do tema.

5.1.1. Pulando na água: um mergulho na Paris boêmia

O corpo se posiciona: pés juntos sob a plataforma, óculos ajustados. Olhamos a água, abaixamos a cabeça, preparamos e respiramos. Lançamo-nos na água. Neste primeiro mergulho estamos na Paris de meados do século XIX, na qual o historiador Jerrold Seigel (1992) resgata os primeiros usos da palavra boêmia, em seu livro “Paris boêmia: Cultura, política e os limites da vida burguesa 1830-1930”. A construção historiográfica feita pelo autor permite evidenciar diferentes contextos nos quais o termo adquiriu um significado próprio neste tempo e lugar. Para isso, ele destaca figuras e fatos importantes nesse processo, ora através de pintores, escritores e jornalistas, ora mostrando a relação da boêmia com a publicidade, com estabelecimentos comerciais (como jornais e os famosos cabarés franceses) e/ou com acontecimentos sociais mais amplos (como a avant-garde artística do final do século XIX). Sobre tudo isso, ele comenta:

A Boêmia não pode ser mapeada, grafada e numerada, porque ela nunca foi inteiramente uma condição objetiva. Uma vez que nenhum de seus elementos pertencia exclusivamente a ela, devemos às vezes nos deixar conduzir por aqueles que a experimentaram – participantes ou observadores, amigos ou inimigos. (...)

definir o significado da Boêmia era uma maneira decisiva de participar dela. A Boêmia surgiu na intersecção da ação e do significado, do gesto e do conhecimento. Era ao mesmo tempo uma forma de vida e uma interpretação dramatizada, tanto de si mesma quanto da sociedade para qual era uma resposta (Seigel, 1992, p. 20).

Na fase inicial de uso do termo, Seigel observa como ele se consolida dentro de um quadro de profundas mudanças sociais, especialmente na França que vivia um período de revoluções e mudanças políticas. O autor elenca também o fim do patronato aos artistas e a inserção deles no mercado, o reconhecimento da juventude como um estágio isolado da vida, o crescimento alarmante da cidade de Paris, entre outros, como fatores intrinsecamente ligados ao surgimento do sujeito boêmio. Um dos primeiros discursos veiculados sobre o que ele seria parte da própria etimologia da palavra:

(...) as referências a Boêmia como um tipo de vida especial, identificável, só surgiram no século dezenove. Foi nas décadas de 1830 e 1840, começando na França, que os termos 'Boêmia', 'la Bohème' e boêmio apareceram pela primeira vez com esse sentido. O novo vocábulo teve origem na palavra francesa comum para ciganos – bohémien – que erroneamente identificava a província da Boêmia, atualmente parte da moderna Tchecoslováquia, como local de origem dos ciganos. Há elementos universais e eternos na boemia, mas como fenômeno social definido e reconhecido ele pertence à era moderna: o mundo moldado pela Revolução Francesa e pelo crescimento da indústria moderna (Seigel, 1992, p. 13).

É a partir dessa denominação que evocava o aspecto nômade de muito desses “boêmios-iniciais” antes da década de 1840 (a “pré-história” da boemia como Seigel irá chamar) que o significado do termo se consolida no contexto parisiense, sob influência do poeta e dramaturgo Henry Murger. Influenciado pelas ideias do Romantismo, Murger desenvolve uma concepção da boemia como uma fase transitória na vida daqueles “(...) que estavam na casa dos vinte e ainda não haviam feito seus nomes (...)” (Seigel, 1992, p. 12). Incorporava, com isso, um universo de sujeitos não apenas de artistas (ou daqueles que desejavam ser), mas também “(...) existia toda uma classe de boêmios ‘amadores’; jovens burgueses que voltavam as costas à sociedade respeitável em busca das emoções provocadas por viver do risco. A maioria deles retornaria à vida burguesa (...)” (Seigel, 1992, p. 59).

A visão idealista de Murger sobre a boemia se expressa também pelo seu próprio modo de vida que, segundo Seigel, é tomado como inspiração para muitas de suas obras: amores intensos e turbulentos, hábito de trabalho noturno regado a café, necessidade de uma vida com fortes emoções (uma espécie de embriaguez eterna, como afirma Seigel), entre outros elementos. Com isso, a boemia que ele constrói evoca, por exemplo, a dificuldade de ganhar dinheiro para sobreviver, tal qual como ele mesmo vivia em seu dia-a-dia. Dilemas pessoais de Murger refletem-se, portanto, na sua visão da boemia: “(...) riqueza versus pobreza, trabalho versus diversão, dever versus indulgência, auto envolvimento individual versus exigências da

sociedade.” (Seigel, 1992, p. 65). O aspecto discursivo de toda essa concepção – elemento o qual venho tentando chamar a atenção aqui – aparece claramente no que afirma Seigel:

Muitos aspectos das histórias e crônicas de Murger eram repetidos e ampliados por seus leitores, tanto os solidários quanto os críticos: sua associação da Boêmia com uma vida de fantasia liberada; sua revelação dos contrastes sociais e dilemas morais subjacentes à existência burguesa; sua representação da Boêmia como uma passagem para a sociedade burguesa e também uma forma permanente de separação dessa sociedade. O que reuniu esses elementos e tornou a obra de Murger o relato clássico da vida boêmia foi que nela a arte misturava-se à vida vivida em seu nome. Boêmios eram aqueles para quem a arte significava viver a vida, não realizar a obra. Este era o significado da fórmula de Murger, ‘Sua existência cotidiana é uma obra de gênio’ (Seigel, 1992, p. 66).

Diante do exposto acima, torna-se clara a fixação do discurso criado por Murger sobre a boemia. Entretanto, ele foi apenas o primeiro a fazer isso. Outros personagens, com visões diversas acerca dela, aparecem ao longo do estudo de Seigel, tal como o pintor Gustave Coubert. Importante nome do Realismo, ele rompe com a visão romântica da pintura ao despojar “(...) os objetos de qualquer elo com um mundo além do presente e do visível”. (Seigel, 1992, p. 87). Esta visão contestadora dos ideais românticos da época confere a Coubert também uma notoriedade à medida que seus trabalhos ao serem expostos geram inúmeros comentários na sociedade da época. Não há uma rejeição, por parte dele, da ambição profissional tal como defendido por Murger, mas sim a construção de uma relação com a boemia distinta, como aponta Seigel (1992, p. 92): “Ele descobriu a fama que poderia alcançar um artista do século dezenove através da sua identificação completa com a oposição às normas e práticas sociais e culturais estabelecidas”. Neste momento, portanto, se estabelecem novos elos da boemia com a publicidade da vida moderna, além de ser claramente uma busca pelo desenvolvimento individual, aliando sucesso e rebeldia.

Outro personagem de grande destaque neste cenário boêmio da Paris do século XIX é o poeta Baudelaire. A sua relação com a boemia é descrita por Seigel como uma espécie de autoflagelação, uma vez que ele odiava o desleixo, sujeira e desordem da boemia, mas, ao mesmo tempo, viveu inserido nela num processo ora de aproximação, ora de afastamento, ao longo de toda sua vida. A imagem que cultivava para si era do personagem que no contexto da época era conhecido como dândi: espécie de ditadores da moda que se vestiam elegantemente, que cultivavam a beleza e se opunham aos valores burgueses de utilidade e igualdade, advindos da Revolução. Esta imagem, portanto, era expressão oposta àquela do boêmio pobre e desalinhado defendida por Murger. Seigel (1992, p. 109) observa esta questão mais profundamente: “Para Baudelaire, o dandismo significava algo além da elegância, além mesmo do autocultivo: o triunfo do artífice pessoal sobre a natureza, princípio central de sua estética”. Este mesmo elemento nos permite avançar no entendimento de como era a boemia

baudelaireana. O poeta cultivava o trabalho e acreditava que toda arte surgiria não pelo simples viver do artista, como defendia Murger, mas somente através do esforço e análise na sua composição. A disciplina que ele acreditava ser essencial para o artista já estava presente em Coubert, mas não pertencia à visão de Murger, segundo a qual o próprio viver desordenado do artista-boêmio seria a sua arte em si.

A vida de Baudelaire refletiu relações entre opostos, tal como o boêmio e o dândi. Viveu um período da sua vida no Quartier Latin, bairro de Paris famoso justamente por concentrar os boêmios da época e no qual conviveu “(...) com um grupo tipicamente desordeiro e perigoso, formado por estudantes e outros rapazes com pretensões intelectuais (...)” (Seigel, 1992, p. 113). Poucos anos depois, gozou de todos os luxos possíveis advindos de uma herança que recebeu, até ser interdito por sua família de administrar seus próprios negócios. Do luxo de antes, passou a viver fugindo de credores, sem dinheiro, em hotéis ou quartos mobiliados e implorando dinheiro a sua mãe. Ao longo de todas essas mudanças, sua aproximação com a boemia se dava principalmente pelo seu “culto da sensação multiplicada” (Seigel, 1992, p. 120), a qual se apoiava no uso de drogas. Estas seriam responsáveis por abastecer a memória de experiências, mas não seriam suficientes a um artista, como afirma o poeta:

‘Admitamos por um momento que o haxixe promova, ou pelo menos aumente, o talento; aqueles que dizem isso se esquecem que está na natureza do haxixe debilitar a vontade, e que ele assim oferece de um lado o que tira do outro, ou seja, a imaginação sem a capacidade de se beneficiar dela. (...) Os grandes poetas, filósofos e profetas são aqueles seres que atingem pelo puro exercício de sua vontade um estado em que são ao mesmo tempo causa e efeito, sujeito e objeto, hipnotizador e sonâmbulo’ (Seigel, 1992, p. 121).

Torna-se clara em Baudelaire a tensão entre trabalho e diversão. Pouco a pouco, essa tensão incorpora-se no imaginário da boemia na figura de sujeitos que conciliam a diversão noturna com trabalhos diurnos. Além disso, muitas das reflexões do poeta sobre o uso de drogas são consequências da relação dele com este universo boêmio, evidenciando, assim, uma afinidade da boemia com essa prática.

Mais adiante, já numa perspectiva que não se foca mais em sujeitos, é que Seigel descreve um pouco sobre aspectos do ambiente dessa boemia. Ao falar do período no qual o “fin de siècle se esvaneceu para a Belle Époque” (Seigel, 1992, p. 221), ele nos conta um pouco da história dos cafés e cabarés de Montmartre, numa época de intensas mudanças sociais, como o crescimento das cidades, da burocracia, dos ânimos entre os países antes da Primeira Guerra Mundial, das disputas internas entre partidos de esquerda e conservadores e:

(...) das especulações apaixonadas e, por vezes, ousadas de Nietzsche, da tentativa de Freud de persuadir as profundezas da irracionalidade pessoal e social, das análises

de Max Weber de como o racionalismo moderno e o progresso haviam construído uma gaiola de ferro em torno dos indivíduos que haviam anteriormente prometido libertar. A Boêmia também foi modificada (Seigel, 1992, p. 222).

Neste período de tantos acontecimentos, os cafés e cabarés deste bairro de Paris eram vistos como uma imagem da boemia e haviam se tornado:

(...) locais públicos de diversão e os boêmios lá encontrados estavam reunidos não para se isolarem do mundo exterior cotidiano, mas para atrair e entreter uma clientela que era bastante respeitável e burguesa. Os novos estabelecimentos testemunharam uma nova espécie de simbiose entre a Bohème e a burguesia, a existência de um público amplo buscando um sabor de Boêmia (Seigel, 1992, p. 222).

A partir disso, torna-se evidente que estes grandes cabarés reinventavam o fenômeno da boemia na medida em que a afastavam de uma representação do submundo e a tornavam uma nova forma de entretenimento neste período de explosão de uma sociedade de consumo e publicidade. Ademais, o “modelo de negócio” deles não se centrava na prostituição, mas contavam também com shows e apresentações, além de muitos desses estabelecimentos serem criados juntamente com um jornal de mesmo nome. Desta forma, uma atividade sustentava a outra: os artistas que eram contratados para se apresentarem no cabaré eram, também, notícias nos jornais, criando um público tanto de frequentadores destes locais, quanto de leitores dos jornais. Os cabarés eram, por fim, a oportunidade para artistas se lançarem numa carreira própria. Alguns se tornaram famosos, como o Chat Noir e o já “hollywoodiano” Moulin Rouge. Seigel (1992, p. 227) nos conta mais sobre o clima desses lugares:

No Chat Noir, a blague tradicional dos estudantes e dos artistas assumiu novas formas: os funcionários do cabaré vestiam-se com os trajes verdes da Academia Francesa; quando os patronos chegavam, eram agraciados com polidez exagerada, recebiam títulos de nobreza e eram tratados com respeito extremo, caricaturado. A Boêmia era literalmente transformada em teatro, representando seu afastamento da vida comum, mas também mascarando-a canalizando sua energia para atrair a burguesia como patronos e consumidores da obra literária e artística.

O corpo cansa.

Estamos tempo demais embaixo d'água. Falta ar e precisamos respirar.

Vamos à superfície!

5.1.2. Um novo mergulho: outros tempos e lugares

Fôlego reestabelecido, estamos pronto para uma nova imersão. Respiramos e nos afundamos novamente. Este mergulho é agora por terras brasileiras. O trabalho da historiadora Nascimento (2015, p. 12) nos aponta uma interpretação do que era ser boêmio no início do

século XX na cidade do Rio de Janeiro. Por meio da investigação de um conjunto de músicas nas quais pela primeira vez se fez referência ao modo de ser e viver boêmio, ela conclui:

Levar uma vida boêmia, nas letras que vimos das primeiras décadas do século XX, era levar uma vida incerta e inconstante, sem amarras e sem convenções sociais. Ser boêmio, desta forma, era a mesma coisa que ser vagabundo e os afeitos a vagabundagem iriam experimentar um momento de intensas perseguições que iriam ser instituídas pelo governo Vargas, no período do Estado Novo (1939-1945).

Elementos do contexto parisiense se relacionam com o que a pesquisadora aponta: “uma vida incerta e inconstante” aproxima-se do modo de vida boêmio defendido por Henry Murger. Além disso, é relevante evidenciar um cruzamento de elementos de “além-mar” com fatos e questões próprias do contexto brasileiro, como a interpretação negativa que muitos desses boêmios recebiam e que levou à instituição de uma moralização durante o Estado Novo. A importância de sujeitos e espaços na definição do que corresponde ser boêmio dentro de um contexto local evidencia-se, também, através do trecho a seguir de Lustosa (2001, p. 12):

O lugar da perdição no Rio foi, ao longo de boa parte do século XX, a Lapa: o bairro boêmio, reduto da malandragem cuja expressão mais célebre foi Madame Satã. E isto já devia dizer tudo sobre o caráter desse bairro tão especial, pois o homem mais valente do lugar, o mais perigoso, era um homossexual assumido, que se apresentava em espetáculo de travestis, que brigava feio pelo amor de outros homens, e que, ao par disso tudo, sempre se notabilizou pela coragem com que enfrentava – e muitas vezes levava a melhor – a polícia.

O trabalho da autora, por sua vez, é de uma riqueza que nos permite falar mais desse “lugar da perdição” do Rio. Seu livro, “Lapa do desterro ao desvario – Uma antologia” (2001), reúne textos de diversos autores, em diferentes momentos do século entre 1882 (data do primeiro texto selecionado) até 1984 (data do último). A relação da boemia carioca com o bairro da Lapa é um elemento de muitas facetas que salta no conjunto de textos selecionados.

A fim de entender melhor essa relação, o trabalho de Vilas Boas (2012) é também uma interessante fonte. Segundo ela nos conta, a Lapa nasceu com a vinda da família real portuguesa para o Brasil que gerou a necessidade da construção de residências abastadas para a Corte, próximas ao centro da cidade. No entanto, pouco tempo depois, a criação de linhas de bondes permitiu que essa população pudesse morar em bairros como o Catete, Flamengo ou Botafogo, deixando a área para os pobres e marginais. As casas passaram a ter seus cômodos alugados e atividades como bares e bordéis foram se instalando pouco a pouco na região, culminando num ponto boêmio da cidade que atraía diversos artistas no início do século passado. Esse período, muito lembrado em sambas e poemas antigos, perdurou até meados do século XX. Vários fatores como a repressão da Ditadura, a transferência da capital do país, as políticas de intervenção no centro, entre outras, são apontados pela autora como causas que levaram a quebra da relação da boemia com a região. Somente na década de 1980 artistas e

boêmios em geral voltaram para o bairro: em 1982 foi organizado o Circo Voador no largo em frente aos arcos, atraindo a população da Zona Sul da cidade e dando destaque novamente para área. A partir dos anos 1990, o governo municipal passou a investir na região por meio de diversas medidas, tal como o incentivo para instalação de atividades culturais como música e teatro. Tudo isso contribuiu para recolocar a área no imaginário da população local e a sua consequente valorização, principalmente com foco na atração turística.

Entendendo melhor o processo histórico dessa ocupação da boemia no bairro, torna-se possível estabelecer relações mais precisas com textos sobre ele. Um deles, por exemplo, foi escrito por Antônio Maria (Lustosa, 2001, p. 94) intitulado “A última Lapa” e no qual ele diz:

Foram os dois últimos anos da Lapa que marcaram época. Vieram logo depois o fechamento dos prostíbulos e a decretação da ilegalidade do jogo. Os malandros iriam ficar ali, esperando o quê? Dispersaram-se, empobreceram, arribaram nos subúrbios, em casas de parentes humildes que os esperavam, cheios de fé, com uma cama por forrar e um prato a mais a pôr na mesa.

A crônica do autor fala de como a boemia que existia no bairro no começo do século XX já não existia mais em seu tempo. É interessante contrastar esta espécie de lamento com uma reportagem recente do Jornal O Globo, com o seguinte título: “Lapa: 100 anos de chope e muita farra¹⁷”. Nela, elementos dessa vida noturna de ontem e hoje são destacados, conforme trechos a seguir:

RIO – Em 1915, um pai de família da sossegada Rua Joaquim Silva (que hoje de pacata não tem nada) reclamava ao chefe da polícia do Rio de Janeiro uma mudança incômoda na rua.

‘Acontece, Excelência, que de uns dias a esta parte vieram para a minha vizinhança umas ‘moças’ que não são bem parecidas com as minhas filhas nem com as primas delas’. O pai de família é, na verdade, Lima Barreto, num texto ficcional do qual a boemia se apropriou para marcar o início de uma nova fase na história do bairro: a crônica registrava os primeiros sinais da vida noturna na Lapa, que veio a reboque das tais ‘meninas’.

(...)

No último fim de semana deste mês, a Praça dos Arcos e outros espaços culturais da região serão ocupados pelo festival Lapalê, organizado pelo empresário Leo Feijó (Teatro Odisseia e Choperia Brazooka), que terá feira literária, o fórum Falalapa, a mostra de cinema Lapavê, atrações musicais e passeios guiados.

Duas atividades distintas aparecem como importantes para o clima boêmio do bairro: no início do século XX a prostituição que se instalava era elemento-chave para a fama boêmia do lugar, sendo que contemporaneamente este papel se dá, em grande parte, por atividades e espaços

¹⁷ LIMA, L. Lapa: 100 anos de chope e muita farra. **O Globo** (versão online). Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/lapa-100-anos-de-chope-muita-farra-15850016>>. Acessado em: 17-09-2017.

de cunho cultural. Isto nos permite ver como um mesmo bairro renova seu caráter boêmio (a sua boemia, em si) a partir de distintas atividades.

Além disso, a reportagem também evidencia outros aspectos que conferem ao bairro este título. À concentração de diversos bares na região é dada sua parcela de contribuição, algo que podemos pensar neste estudo não como elemento de distinção destas “duas boemias”, mas como semelhança entre estes dois tempos. Outros trechos da reportagem falam do papel de diferentes elementos históricos na boemia contemporânea, ora por meio do “conjunto arquitetônico da virada do século XIX e XX”, ora pela Igreja de Nossa Senhora da Lapa ou por um dos bares da região que funciona desde 1907.

Entretanto, nosso mergulho não é apenas para falar deste exemplar carioca. O mosaico que estamos construindo é feito também de fragmentos sobre o universo da boemia de outros lugares do país e, até mesmo, de alguns que não são tão precisamente localizáveis, como no caso da música “Boêmio”, interpretada por Orlando Silva e composta por Ataulfo Alves e J. Pereira (1937), da qual selecionamos os trechos a seguir:

Boêmio
Nos cabarés da cidade
Buscas a felicidade
Na tua própria ilusão
Boêmio
A boemia resume
No vinho, o amor e o ciúme
Perfume, desilusão
(...)
Boêmio
Que ficas na rua
Em noite de lua
Tristonho a cantar
Na ilusão dos beijos viciosos
E dos carinhos pecaminosos
(...)¹⁸

Um primeiro elemento que conseguimos destacar da passagem anterior é que o espaço frequentado pelos sujeitos boêmios é tanto um espaço urbano, a rua, quanto outro de caráter privado/semi-público, o cabaré. Além disso, o boêmio que dá título à música é um sujeito melancólico, que se dicotomiza numa busca de diversão e felicidade, por um lado, mas que

¹⁸ Trecho extraído de: NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. “Deus me deu essa vida por prêmio, serei o boêmio enquanto ele quiser”: música e boemia nas primeiras décadas do século XX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2015.

encontra tristezas e desilusões, por outro. Tanto o cabaré em si, quanto esta visão do ambiente da boemia por meio de opositos lembram o que vimos anteriormente no caso parisiense: há que se recordar o dilema entre trabalho e diversão expresso na relação de Baudelaire com o universo da boemia.

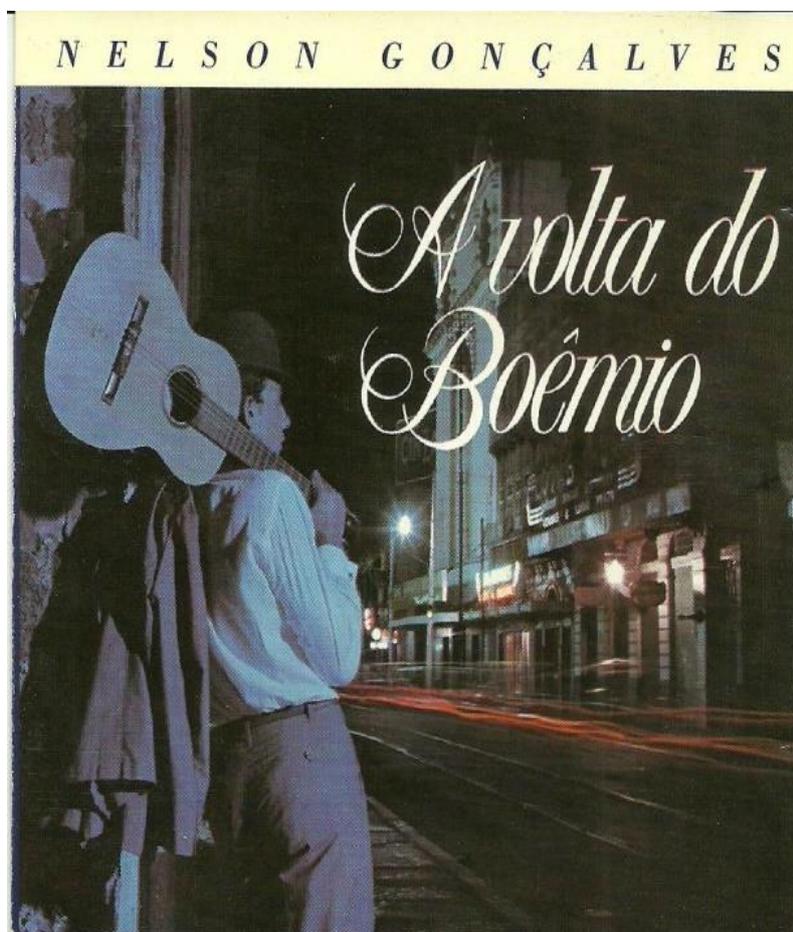


Figura 1 – Capa do disco “A volta do Boêmio” (1967). Fonte da imagem: <<https://www.vagalume.com.br/nelson-goncalves/discografia/a-volta-do-boemio.html>> , acessado em 15-09-2017.

Avançando um pouco mais no tempo, mas ainda permeando o campo da música, nos deparamos com a capa do disco “A volta do boêmio” (Figura 1), lançado em 1967 por Nelson Gonçalves. O título do disco, que é também o nome de uma de suas músicas, parece-nos ser reinterpretado na imagem da capa a partir dos dois planos nos quais ela se constitui: no primeiro, aparece um músico encostado numa parede ou poste; já no plano de fundo, trecho de uma rua é retratado, com fracas impressões do movimento de carros e pessoas, representando o local ao qual o músico regressa, ou em outras palavras, a boemia para qual ele volta. Essa espécie de história contada em imagem é confirmada pela letra da música em si: ela nos fala de um sujeito que volta para a boemia que havia frequentado outrora, após ter sido liberado pela mulher que ele ama e pela qual ele havia abandonado. O interessante desta análise é perceber

que o retorno à boemia é comparado com um retorno à rua, a uma vida pública. Reforça, também, uma leitura da boemia como um fenômeno urbano.

Por fim, falemos um pouco sobre o documentário “São Paulo em HI-FI” (2013)¹⁹, dirigido por Lufe Steffen. O filme resgata as origens da noite gay paulistana, entre as décadas de 1960 e 1980, por meio do depoimento de diferentes personagens, frequentadores e empresários da época. É realmente interessante pensar que a cidade que hoje é palco de uma das maiores paradas do orgulho gay do mundo não tinha, há até bem pouco tempo atrás, espaços voltados à diversão noturna de um público LGBT. O papel de pioneiros nesse sentido é realçado pelo filme na medida em que se fala de como tais locais eram encarados pela Ditadura Militar ou, ainda, como a Aids influenciou a vida de muitos personagens que passavam por ela. O filme destaca lugares pioneiros nessa vida noturna gay paulistana, tornando-se uma rica ilustração do processo de lugarização na boemia, do qual falaremos melhor adiante.

5.1.3. Entre tropeços e compassos

Antes de sairmos da água queremos tentar chegar ao fundo da piscina, mesmo sabendo que fundo mesmo ela não tem. Vamos falar nesse pedacinho do nosso mosaico sobre referências que povoam o imaginário boêmio da cidade de Porto Alegre querendo mostrar como nesse locus mais amplo que se concentra nosso estudo, a boemia se associou a lugares e adquiriu conotações particulares.

Entretanto, nossa intenção não é trazer toda a história da boemia na cidade. O que faremos, apenas, é seguir as referências que surgem através de uma das principais figuras boêmias que povoam o imaginário porto-alegrense: o músico Lupicínio Rodrigues. Conforme diz Frydberg (2007 p. 27), o famoso sambista:

(...) construiu a sua identidade vinculada à boemia, ele se dizia um boêmio e negava qualquer outro tipo de classificação que pudesse ser vinculada a sua pessoa e ao seu personagem. (...) Ele negava ser músico; a música era oriunda do ambiente em que vivia – a boemia – e era influenciada por uma experiência em um tipo de vida específico – a vida boêmia. Como boêmio que era, Lupi ajudou a construir este tipo ideal boêmio em várias de suas crônicas.

As crônicas que a autora se refere foram escritas pelo próprio Lupicínio numa coluna que se chamava “Roteiro de um boêmio”, entre os anos de 1963 e 1964, no jornal Última Hora. Fomos

¹⁹ SÃO PAULO EM HI-FI. Direção: Lufe Steffen, Produção: Edu Lima, Lufe Steffen. Brasil: Distribuição Própria, 2016.

atrás dessas crônicas²⁰ e é por entre os tropeços e compassos escritos nelas que seguiremos a traçar a trajetória desse nosso nado. Começamos, portanto, a partir do seguinte trecho:

(...) resolvi dormir em casa da minha família, que era na Ilhota, que naquela época era o lugar mais singelo do mundo. A moça, aquele dia, parece que não estava disposta a me procurar e não foi mesmo. E, eu fiquei na chuva, porque a minha casa na Ilhota encheu d'água e não pude nem entrar por causa da enchente (Trechos da crônica **Serenata**, publicada em 16/03/1963 e consultada no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa).

A Ilhota de que fala Lupicínio fazia parte do que hoje é o atual bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, conforme nos conta Silva (2014, p. 33): “a circunscrição do território conhecido como Cidade Baixa possuiu diversas denominações anteriores: Arraial da Baronesa, Emboscadas, Areal da Baronesa e Ilhota”. Além disso, Zamboni (2009, p. 74) nos diz que “a Ilhota foi uma das primeiras vilas populares de Porto Alegre e sua denominação origina-se de uma intervenção realizada em 1905 no fluxo do ‘Riachinho’ que cortava a região”. Essa relação com a água (o riacho circundante e suas inundações) e o arrolamento da região com o imaginário da cidade é descrito de maneira mais detalhada por Pesavento (1999, p. 14):

(...) na área das terras baixas e alagadiças ao sul da cidade, outra área pobre, hoje desaparecida com a canalização do riacho, foi a “Ilhota”. O nome designa justamente a conformação da zona: um terreno cercado pelos meandros e voltas do riacho de uma tal maneira que praticamente configurava uma ilha no seu interior, o que efetivamente se concretizou, quando, em 1905, o intendente municipal mandou ligar os dois braços do riacho por um canal, para facilitar a vazão das águas. A ‘Ilhota’ esteve sempre sujeita às freqüentes enchentes do riacho no meio do qual se encontrava. Como este fazia jus ao nome que veio a receber - Arroio Dilúvio -, a região estava frequentemente alagada e, desde o início, sempre foi ocupada pelas camadas mais pobres da população, na sua quase totalidade, negros e mulatos. Na verdade, a situação de ‘ilha’ se configurava pela estigmatização do espaço. A zona era de fato segregada, ‘ilhada’ do resto da cidade, num deslocamento do sentido da palavra original: além de pedaço de terra isolado pelas águas, era também um espaço de isolamento social e exclusão. Fotos antigas nos mostram ‘casebres’ amontoados, sem alinhamento, num labirinto de pequenas ruas e ‘becos’, dos quais o mais temido, onde a polícia não se aventurava a entrar, era o ‘Buraco Quente’”, no coração da ‘Ilhota’, cujo nome explicitava a periculosidade do local. A Ilhota era também sede e antro de desordens, com ‘botecos, bordéis e espeluncas’, e tornou-se célebre pelos batuques, palavra sulina para designar os candomblés ou candombes dos pretos. Sempre associada com as práticas e socialidades religiosas e festivas dos negros que a habitavam, a ‘Ilhota’ também era sede de um animado e popularíssimo carnaval. Compôs, ao longo dos anos 20 e 30, um reduto de boemia das camadas baixas da população, sempre sujeito às investidas da polícia e palco de desordens e de crimes.

O próprio Lupicínio, em outra de suas outras crônicas, fala sobre o imaginário associado à antiga Ilhota: “Quase todos os leitores devem conhecer a Ilhota. Por isso sabem, que ali, durante muitos anos foi o ponto de reunião de bons músicos e das melhores cabrochas da cidade”. (Trechos da crônica **Mulata Izabel**, publicada em 21/09/1963 e consultada no acervo do Museu

²⁰ Realizamos uma busca no arquivo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, especificamente nos jornais Última Hora dos anos de 1963 e 1964. Encontramos nesse acervo a maioria das crônicas: um total de 36 ainda se encontra disponível. As demais foram consultadas no livro: Rodrigues, Lupicínio. **Foi assim**: o cronista Lupicínio conta as histórias das suas músicas. Porto Alegre: L&PM, 1995.

da Comunicação Hipólito José da Costa). Ao final dessa mesma crônica, reaparece a sua forte memória de como a região era um lugar de grandes enchentes, numa data em que já tinham sido feitas algumas intervenções por ali; no entanto, a Ilhota ainda não havia sido completamente extinta, conforme nos conta Souza (2008, p. 43-54):

A primeira grande transformação realizada pela Prefeitura nesse espaço ocorreu na década de 1940, com a canalização do Arroio Dilúvio e o saneamento da região. O projeto foi realizado com recursos do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) durante a administração do Prefeito Loureiro da Silva (1937-1943). (...) O interesse da Prefeitura na remoção da Ilhota já estava presente nessa ocasião. Porém, somente algumas poucas famílias localizadas no núcleo da vila foram removidas inicialmente. A favela resistiu às primeiras empreitadas públicas de seu reordenamento. (...) Quase vinte anos após essa tentativa frustrada de remoção, a Ilhota foi incluída entre as prioridades do Plano Diretor de 1959. (...) Os motivos que levaram a seleção desta área para a implantação do Projeto Renascença foram o estado de deterioração em que ela encontrava-se, a subocupação de seu território e seu potencial de valorização. Com a implantação do Projeto, esperava-se recuperar a infraestrutura onde esta era existente e implantar os recursos necessários onde não havia uma estrutura urbana formal (área ocupada pela Ilhota). Com isto esperava-se tornar a área mais valorizada, densificando este território até padrões considerados compatíveis com sua localização (área próxima ao Centro). (...) Já no segundo semestre de 1976 a Ilhota já não mais existia na Cidade Baixa. A maioria de seus moradores encontrava-se relocada na Vila Restinga Velha. A região antes ocupada pela favela era agora uma área vazia que começava a ser reestruturada.

O sambista nos fala também de outros lugares da cidade misturando, num certo tom saudosista, tanto lugares, quanto práticas e comportamentos boêmios de antes.

Noutro dia fui com outros artistas ao Black White Club, uma das casas de diversões mais bonitas da Cidade, a qual aconselho os porto-alegrenses a conhecer. Ocorre que os nossos acompanhantes não compareceram. Foi aí que eu vi o que está acontecendo com os músicos no Rio Grande do Sul. Parece mentiram, mas hoje depois de uma certa hora não se sabe onde se pode encontrar nem sequer um violinista para participar de um 'show'. (...) Antigamente, aprendia-se a tocar e só se era músico aquele que se sujeitava a ir para os bares e aceitar desafios dos mais antigos para acompanhar de primeira vista músicas feitas exclusivamente para estes 'testes'. (...) Hoje em dia, tendo dedos para bater nas cordas está tocando 'Bossa Nova'. (...) Atribuo isto ao seguinte: antigamente, era muito raro um músico viver exclusivamente da música. Tocava-se por prazer, aproveitando-se ao máximo o tempo que se podia para acariciar os instrumentos, em todo o bar, em toda a festa de aniversário, etc. Hoje os músicos são profissionais e como qualquer trabalhador, tem hora certa para guardar suas ferramentas, que são os instrumentos (Trechos da crônica **Violão**, publicada em 04/05/1963 e consultada no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa).

O que se torna evidente a partir do trecho anterior é como a boemia de Porto Alegre esteve sempre num processo de transformação. Aquela que o sambista encontrava no momento de escrita de suas crônicas já não era a mesma que ele narrava; essa mudança mescla, de maneira muito clara, tanto uma mudança dele em si, quanto também da cidade, evidenciando como a boemia faz parte de um processo de construção de subjetividades de que falaremos mais adiante nesse estudo. Em outra de suas crônicas (não atoa chamada "Saudade") é ainda mais evidente essa transformação da boemia:

(...) saudade é vontade de ver de novo. Foi esta a saudade que eu senti um dia destes: vontade de rever o 'bas-fond' da minha cidade. Andei muito. Fui à antiga rua do Cabo Rocha e nem mesmo o velho 'Galo' encontrei, que era o lugar preferido pelos marinheiros que visitavam a nossa cidade. Na Pantaleão Teles, não existe mais nem mesmo um barzinho para se 'bebericar'. Fui ao Beco do Oitavo e este – para ficar mais society – até mudou de nome, nada mais tem do passado. Só o velho Caminho Novo continua conservando a tradição, apesar de muito desfalcado, pois já não tem mais o bar 'Pipi', 'Oriente', 'Royal' e outras casas de diversões que, outrora, eram pontos de frequência obrigatória pelos boêmios.

O material humano também está desfalcado. Falta muita gente. Se eu fosse citar todos os boêmios desaparecidos, esta coluna seria insuficiente. Mas há um que continua firme em seu posto, como a velar pelos boêmios mortos e a zelar pelos vivos. Falo do 'Turquinho' que na porta do 'American Boite', fica o ano todo observando 'os novos' e aguardando o carnaval para, com seus bailes, fazer vibrar os foliões.

Mas voltando à peregrinação que comecei naquela noite, vale lembrar que mais duas casas antigas eu encontrei. O Maipu, que tantas recordações me trouxe do velho amigo Thomaz, das bebedeiras do Carioca e de uma cantora que já fazia partes dos móveis e utensílios da casa; e o Marabá. Esta jamais eu poderia esquecer, pois foi lá que, no tempo do velho Piva eu tive inspiração para compor o samba 'Quem há de dizer' (...) (Trechos da crônica **Saudades**, publicada em 11/05/1963 e consultada no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa).

É bastante interessante para nós aqui sairmos em busca de algumas das referências narradas pelo sambista nessa crônica, pois elas nos permitem mostrar um pouco mais desse imaginário boêmio construído com algumas partes da cidade de Porto Alegre. Nessa direção, sobre a rua Cabo Rocha, Germano (1999, p. 202 e 203) comenta:

A Rua Cabo Rocha (...) estava situada no miolo do Areal da Baronesa, Ilhota, Santana e Azenha. Todos esses locais tinham como uma de suas características, nos anos 30 e 40, serem habitados por muitos descendentes de africanos e terem os mais animados carnaval de coretos da cidade, ao lado da Colônia Africana, Av. Eduardo, Osvaldo Aranha, Benjamin Constant e Centro. (...) A Rua Cabo Rocha, além de estar localizada entre os referidos territórios, esteve associada no imaginário local, como o Areal e a Ilhota, a uma zona de pobres, marginais, criminosos e prostitutas. Nos anos 30 e 40, ainda era esta a representação dominante da Cabo Rocha no imaginário porto-alegrense, ao lado de imagens da cultura negra e popular, produzidas neste espaço de boemia, repleto de botecos e boates.

Como expresso acima, essa rua nos remete, uma vez mais, para aquilo que compreendia a Ilhota e seus arredores. As políticas higienistas na região não se deram apenas pela remoção da população da Ilhota em si, mas também por outras práticas feitas pela municipalidade, conforme complementa Germano (1999, p. 209) a seguir:

(...) a Rua Cabo Rocha (...) sofreu inúmeras desterritorializações, sendo inclusive rebatizada nos anos 50 com o nome de Rua Prof. Freitas e Castro, em homenagem ao médico, higienista, diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e membro do Conselho Municipal de legislatura de 1921/1924. O novo nome, simbolicamente, resignificava no imaginário a rua habitada por marginais e prostitutas, em uma rua associada à higienização e ordenação do espaço urbano, acompanhando as modificações materiais pelas quais estava passando objetivamente. Este tipo de manipulação simbólica foi muito comum em todo Brasil após a proclamação da República, quando inúmeras ruas dos tempos imperiais foram rebatizadas com nomes ligados a datas, eventos, simpatizantes e líderes abolicionistas e republicanos. (...) a mudança do nome da rua, em 1955, de Cabo Rocha para Freitas e Castro foi parte de

um processo de urbanização e re-significação daquele espaço, cujo resultado foi sua reterritorialização física e simbólica. Anos mais tarde, essa rua passou a abrigar o Palácio da Polícia Civil, através do qual pode-se medir o êxito alcançado pelas mudanças levadas à Cabo, principalmente, a partir dos anos 50.

Já quando Lupicínio fala sobre a Rua Pantaleão Teles ele nos remete não mais para o atual bairro Cidade Baixa, mas sim para o que hoje corresponde ao Centro Histórico, mais especificamente a atual Rua Washington Luís. Franco (1992) nos conta que outrora a rua que “(...) demarcava o litoral sul da península central, bem como a embocadura e o curso inferior do Riacho, foi por muito tempo conhecida como a Praia do Riacho” (Franco, 1992, p. 441). Quando foi tornada rua oficialmente pela municipalidade, teve seu nome estabelecido como Rua Pantaleão Teles, em homenagem ao major Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz (1836-1868) (Idem, p. 407).

Mais adiante no tempo, a rua ficaria socialmente degradada, tornando-se nas décadas de quarenta e cinquenta um dos maiores focos de meretrício. Quando as casas de lenocínio foram dali retiradas, a própria rua teve de mudar de nome, a pedido dos novos moradores (...) (Idem, p. 442).

Já o Beco do Oitavo corresponde hoje a atual Av. Desembargador André da Rocha – nos limites atuais dos bairros Cidade Baixa e Centro Histórico – e sobre a qual nos conta Franco (1992, p. 35-36):

Resultou do alargamento e reforma do primitivo Beco do Oitavo, que ali existiu desde a construção do quartel do 8º Batalhão de Infantaria, em torno de 1828, no local da hodierna Praça Raul Pilla. (...) se multiplicam, de então em diante, as referências à mencionada travessa ou beco do 8º batalhão, sempre por causa de reclamações de moradores pelos dejetos que aquela unidade militar lançava na via pública. (...) A vizinhança do quartel e as más condições sanitárias não favoreceram uma valorização social da rua. (...) Nos primeiros decênios do século XX, toda a rua se transformou num grande foco de meretrício e cabarés de terceira ordem. E só perdeu essa característica em 1938, quando o Prefeito José Loureiro da Silva, em sua primeira administração, desapropriou as casinhas que marginavam a rua, alargando-a, e ali implantando uma avenida de duas pistas, que passou a ser oficialmente denominada Avenida 3 de Novembro. Finalmente, por lei municipal de 10/11/1952, a avenida teve seu nome mudado para o atual, em homenagem ao ilustre magistrado e professor de Direito, Manoel André da Rocha (...).

Além disso, em sua investigação Koehler (2015, p. 192) nos ajuda a perceber como a região torna-se importante no imaginário da cidade ao concluir:

Tem-se, portanto, no Beco do Oitavo, as características marcantes dos antigos becos da cidade, com o acento nos relatos de ocorrências criminais citados por inúmeras fontes. Ainda que não se situasse na região mais importante da cidade durante os seus primeiros séculos, e nesse sentido as tardias obras de seu alargamento e melhoramento apontam, o Beco do Oitavo era alvo de menções frequentes na literatura e na imprensa.

Em relação ao Caminho Novo, citado por Lupicínio como um remanescente que ainda mantinha naquela época sua tradição boêmia, descobrimos que se trata da Rua Voluntários da Pátria, no atual Centro Histórico. Sobre essa Koehler (2015, p. 84 e 85) nos conta:

(...) a cidade expandia-se também em direção aos arraiais, ao longo dos caminhos que conduziam a estas áreas mais distantes do espaço intra-muros. Um destes caminhos era o Caminho Novo, atual Rua Voluntários da Pátria, que com a imigração alemã iniciada em 1824, fundando as colônias de produção familiar policultora ao longo do Rio Jacuí, tornou-se um eixo importante de escoamento de produção para o porto de Porto Alegre.

No entanto, Franco (1992, p. 437) resgata origens mais antigas para o Caminho Novo nos dizendo que:

(...) em 1806 começou a abertura de uma nova via de acesso à vila de Porto Alegre, fora do esquema viário primitivo. Preocupações de paisagismo e prazer o determinaram. (...) 'Abriu uma estrada e caminho público que ao mesmo tempo que servia para facilitar a comunicação da Vila para as quintas situadas na margem do rio, era um passeio cômodo e agradável para os moradores, pela sua situação, largura e sombra que lhe faziam as árvores plantadas de um e outro lado'.

O autor explicita como desde o início a rua fora marcada por uma forte relação funcional e de sociabilidade que, ainda segundo ele: "A presença da ferrovia e mais a conquista da margem do rio para o estabelecimento de trapiches, depósitos, estaleiros e oficinas, iriam traçar definitivamente o destino do Caminho Novo, transformando-o de um passeio bucólico numa suja rua de armazéns de atacado e indústrias" (Franco, 1992, p. 440).

Além disso, a posição da rua próxima ao rio assinala um trecho da cidade que foi, marcadamente, uma das principais referências boêmias no imaginário de Porto Alegre (não apenas do sambista Lupicínio) do final do século XIX e início do XX, conforme resgata Pesavento (2008, p. 27):

(...) havia uma faceta maldita, de vício e violência, abrigada pela urbe, que tinha seus atores, seus espaços e seu tempo. Eram eles os boêmios, protagonistas essenciais dos cenários urbanos condenados, que se decompunham numa variedade de "tipos suspeitos" que o verniz lombrosiano do fim de século acentuava: assassinos, ladrões, escroques, vadios, prostitutas, bêbados, aos quais se mesclavam embarcações, soldados e – supremo perigo para a família burguesa e suas virtudes – os desgarrados da ordem social estável, que faziam esporádicas - ou mesmo frequentes - incursões neste meio povoado pela escória citadina, de baixa extração. Os espaços malditos da urbe eram os bares, tavernas e tascas da beira do cais e dos becos que infestavam a cidade e que, junto com as jogatinas e os bordéis, configuravam a zona perigosa aos bons costumes, onde evitavam passar as pessoas de respeito, principalmente as do sexo feminino.

Valendo-nos desse apontamento feito por Pesavento no final do trecho acima, temos que ressaltar que em diversas das crônicas escritas pelo sambista, a boemia narrada era para homens, no máximo para mulheres "presas fáceis" a que o bom boêmio até poderia se envolver, mas não comprometer seu lar:

Não sei porque, toda vez que falo em boêmio ou em boemia, muita gente faz confusão. Noutro dia, uma senhora veio me perguntar se eu achava bonito um homem casado ser boêmio, ter uma porção de mulheres. Minha senhora, ser boêmio não é ser conquistador nem Don Juan. O homem que realmente é boêmio não tem mais que um lar. Os boêmios, geralmente, são bons maridos. Conhecem o perigo que

representam as mulheres livres, quando se dispõem a conquistar o homem que amam, não importa se casados. E quem se arrisca, está sempre com uma metade do corpo no mel e a outra na lama, prestes a se atolar. (...) A maioria delas que destruiu aquilo que, por seus defeitos, não conseguiram construir, que é um lar decente. (Trechos da crônica **Boêmio é sincero** publicada em 08/06/1963 e consultada no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa)

Fonseca (2006, p. 63), nessa mesma linha, acrescenta que “para as ‘moças de família’, os cafés não eram permitidos, elas freqüentavam as confeitarias durante a tarde”. Em muitas outras das crônicas escritas por Lupicínio, quando lidas hoje, fica expresso esse tom machista-patriarcal associado ao perfil do boêmio traçado pelo músico. É importante destacarmos essa presença para enxergarmos diferenças da boemia de ontem e hoje sem, contudo, esquecermos daquilo que pontua Frydberg (2007, p. 53):

A figura da mulher pode aparecer descrita de forma machista na obra de Lupicínio Rodrigues e na música popular brasileira como um todo, se olharmos com olhos de hoje as músicas de outro tempo, mas essas músicas refletem um contexto social no qual o compositor estava inserido e são frutos da época em que se estava compondo.

Ademais, é nítida em diferentes trechos desse nosso mergulho a relação que há desse imaginário portalegrense com outros que exploramos nos itens anteriores, seja através da ligação do samba e da música popular com esse universo, seja pela dominância da figura masculina nessa vida pública. Essa mistura não é mero fruto do acaso, é fruto também de uma espécie de intercâmbio cultural como evidencia o próprio músico através do trecho a seguir:

(...) Freqüento todos os ambientes, do mais modesto ao mais alto, porque isso faz parte do meu trabalho. Nestas andanças, tenho observado o progresso de Porto Alegre. Já notei que esta cidade, que era a mais pobre que eu conhecia em matéria de vida noturna, sem dispor de uma uisqueria ou de um ‘infernhinho’ que prestasse, já tem muita coisa para se ver. Há, é verdade, muita coisa para ser corrigida.

Há pouco, turistas uruguaios que nos visitavam me perguntaram por quê num bar grande se paga a bebida mais barata do que nos barzinhos pequenos, de portas fechadas. Fiz uma ginástica e expliquei que nos bares que funcionam mais durante a noite, há moças pagas pelos proprietários para fazerem companhia aos fregueses, cobrando, portanto, mais caro pela bebida. Aí veio nova pergunta: ‘Mas aqui pode haver esses barzinhos sem uma orquestra ou qualquer atração?’ Expliquei que não. No Brasil – disse – há uma lei que obriga as casas de diversões que cobram bebida ao preço de boate a manterem qualquer tipo de atração musical, podendo mesmo ser apenas um violinista. Mas, não sei por que, a Censura não faz cumprir esta Lei. E como os proprietários se sentem protegidos, quando alguém reclama ‘show’, mandam beber no Mercado que é mais barato. A ação da Censura evitaria, inclusive, as constantes reclamações de pessoas que, sendo mais embaladas pelas babas não gostam de música, - como dizia meu amigo Rivadávia de Souza – pedindo à Polícia o fechamento dos bares com música. Mas vamos deixar de lado os ‘infernhinhos’ – lugar onde os artistas poderiam ter mais uma frente de trabalho – e aproveitar para divulgar mais um samba de minha autoria (...).(Trechos da crônica **O bem e o mal**, publicada em 18/05/1963 e consultada no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa).

Os trechos da crônica ilustram aquilo que observa Maroneze (1994, p. 75-81):

Na Porto Alegre portuária dos anos 20 e 30, muitos estrangeiros apareciam nos cafés e bares em busca de lazer e companhia para conversar, ressaltando o conteúdo

cosmopolita dos mesmos. O aspecto comunitário e íntimo das 'rodas' tinha de conviver, nos cafés e bares, com o individualismo moderno (...). Seja através da literatura ou do intercâmbio variado com a 'vida pública' internacional, o certo é que a imagem da boemia já existia entre os frequentadores dos primeiros cafés porto-alegrenses em fins do século XIX. (...) referências a 'vida boêmia', 'boemia literária' ou 'grupo de boêmios' são comuns.

Além desse cruzamento de imaginários, é preciso explorarmos um pouco mais a importância que o centro da cidade exercia nos primeiros momentos dessa boemia na cidade, conforme aponta Maroneze (1994, p. 67):

As sociabilidades noturnas não eram exclusividades do centro. Bares maiores ou menores, pequenas tascas e 'casa de tolerância' sempre existiram em diversas regiões da cidade. Contudo, a noite dos anos 20 e 30 que permanece na memória escrita dos cronistas, circunscreveu-se principalmente ao perímetro central da cidade. Na medida em que a área central era a melhor suprida de transportes coletivos e iluminação elétrica, possuía um porto a ela associado e um grande movimento de mercadorias e pessoas, um conjunto arquitetônico mais denso e vertical etc., enquanto que, por outro lado, os bairros careciam de maior infraestrutura, era óbvio que a vida noturna também tivesse nela maior dimensão.

Existiam no centro inúmeros estabelecimentos, impossíveis de serem todos descritos no âmbito desse estudo. Apenas para que se tenha uma ideia, Ruschel (1971, p. 257 e 258) aponta alguns:

Portos de atração certa: o chalé da Praça Quinze, o Gambrinus do Mercado, o Zither Franz, o Eduardo na Dr. Flores, o Zeppelin, esquina da rua Hoffman com a São Carlos. (...) Mas havia muito mais (...). Lá no alto, perto do quartel do Sétimo, a Confeitaria Rocco, de imperecíveis tradições ligadas à mocidade acadêmica. Na praça Otávio Rocha o bar Hubertus, a confeitaria Jahn, na Marechal Floriano. Todas essas casas e mais as da rua da Praia. Esta por si só se bastava, mas não à tendência ambulatória dos frequentadores. Era preciso mais, para que a peregrinação noturna tivesse curso livre.

O autor anterior nos fala da Rua da Praia que corresponderia a atual Rua dos Andradas no Centro Histórico, conforme narra Franco (1992, p. 29-34):

Trata-se da rua mais antiga da cidade, justamente aquela que defrontava o 'porto de Viamão' e onde se estabeleceu a primeira capela da povoação (...) Um acontecimento marcante: em 17 de agosto de 1865 (...) a Câmara Municipal resolveu que para comemorar o aniversário da Independência, do dia 7 de setembro em diante, a Rua da Praia passasse a chamar-se Rua dos Andradas (...). Depois de ter sido um centro do comércio de atacado nos tempos da Vila e da cidade adolescente, a Rua dos Andradas fez-se o ponto de eleição para os lojistas e o comércio elegante, e, mais do que nunca, o centro cívico, o ponto de reunião de políticos, de estudantes, o núcleo principal dos cafés, confeitarias e cinemas. (...) Da Rua da Praia – que assim continua a ser conhecida apesar de 120 anos de placas consagradas aos Andradas – , nasceu todo um folclore de fatos pitorescos e anedotas, afora a inspiração para sucessivas gerações de cronistas e ficcionistas.

Todo esse conjunto de ruas e estabelecimentos boêmios no Centro Histórico da cidade permitiam que se realizasse espécies de errâncias por ali, evidenciando uma prática boêmia que aparece no próprio nome que Lupicínio Rodrigues deu a sua coluna ("Roteiro de um boêmio") e que é explicada também por Maroneze (1994, p.69) quando ele nos diz:

O 'roteiro', a caminhada pela noite, era uma exigência do ritual boêmio. (...) No caminho destes andantes (...) existiam locais para descanso. Bares para todos os gostos mantinham a Rua da Praia acordada bem como uma série de outras vias do centro da cidade, formando uma espécie de círculo boêmio na capital.

Por fim, cabe dizer que não eram apenas esses espaços e práticas que marcavam o universo boêmio que narra Lupicínio. Existe também em algumas de suas crônicas referências a sujeitos especiais que habitavam essas noites, como no caso a seguir:

Se há uma profissão que é cruel e injustamente condenada esta é a do dono de boate. Toda vez que se diz que fulano ou fulana tem uma boate, estes começam a ser olhados 'por baixo' como se fossem criminosos. É que os "do contra" não sabem os benefícios que os donos dessas casas de diversões prestam não aos que trabalham durante o dia e que, à noite, precisam de um pouco de distração; de um local onde possam ouvir boa música ou assistir um bom 'show' para esquecer as labutas cotidianas e refazer o espírito, como aos que tem nas boates o seu local de trabalho.

(...)

Em Porto Alegre conheço muito bons patrões neste gênero, com o Ramão, o Joãozinho, o Júlio, o Ítalo, o Olimar, a Suzana, a Alfa e outros. Mas o que parece mais legal, o ídolo da turma, é o Carioca.

A estes donos da noite nós muito devemos, pois são eles que nos proporcionam horas alegres. Com o seu trabalho dão, durante a noite, a sua contribuição para que os turistas possam assistir bons 'shows', deixando seu dinheiro entre nós. (Trechos da crônica **Donos da Noite**, publicada em 22/06/1963 e consultada no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa).

Já em outra das suas crônicas as referências a espaços e sujeitos aparecem mais misturadas entre si:

Quando eu falo da vida noturna de nossa cidade procuro ser o mais sincero possível, mesmo sabendo que por isso serei censurado por alguém. Mas não importa. Quer o é estar tranquilo com a minha consciência.

Voltando um pouco ao passado, começo a lembrar pessoas das noites de nossa cidade e, entre elas, destaca-se o 'velho' Abílio, que ainda pertence ao presente. Muitos o conhecem simplesmente como o 'Abílio da 7 de Setembro', um dos mais antigos donos de casas de diversões de Porto Alegre. Alguns de sua época, comerciantes como ele, arranjaram o dinheiro e se aposentaram. Mas o Abílio não: continua com seu barzinho na rua 7. (Trechos da crônica **Coisas do passado**, publicada em 13/07/1963 e consultada no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa).

Mas chega a hora de voltarmos à superfície. Depois de um mergulho tão fundo, o corpo cansa de ficar dentro d'água. Os nossos mergulhos precisam acabar. Vamos sair da água, andar por outros meios.

5.1.4. Saímos da água: a busca por sobrevivências

Saímos da água: a busca por sobrevivências. Uso este título querendo apenas lembrar um caráter evolucionista-darwinista. Algo que aparece como uma das influências para o conceito de Warburg, segundo nos fala Didi-Huberman (2013, p.49):

Entre fantasma e sintoma, a ideia de sobrevivência seria, no campo das ciências históricas e antropológicas, uma expressão específica do rastro. Warburg, como sabemos, interessava-se pelos vestígios da Antiguidade clássica (...). Podemos compreender facilmente seu interesse pelas survivals de Tylor. Em primeiro lugar, elas designavam uma realidade negativa – justamente aquela que aparece numa cultura como um refugio, algo fora da época ou fora de uso (...). Em segundo lugar, as sobrevivências, segundo Tylor, designavam uma realidade mascarada: algo persistia e atestava um estado desaparecido da sociedade, porém sua própria persistência era acompanhada de uma modificação essencial – mudança de estatuto, mudança de significação (dizer que o arco e a flecha das guerras antigas sobreviveram como brinquedos infantis é dizer, evidentemente, que seu status e sua significação se modificaram completamente).

O imaginário construído acerca da boemia, conforme vimos enquanto mergulhávamos, apresenta aspectos de mitificação, sobretudo do período da Belle Époque, das vanguardas artísticas, de toda uma efervescência política baseada na ideia de Revolução, do samba e de tantas outras coisas. Ler trechos de Baudelaire é adentrar a proximidade que ele possuía com este universo boêmio e, a partir disso, vê-lo de uma forma diferente, compará-lo. “Há quem diga que o conhecimento hoje é todo comparativo”, disse-me um amigo há pouco tempo. Ao lembrar-me dessa sua fala, uma forma de memória em si, percebo que o conhecimento sobre a boemia de que falo neste texto se constrói por meio de comparações. Tempos e lugares outros que sobrevivem no aqui e no agora. É disso que falo neste ensaio, dos textos que li ultimamente. Não falo de todos eles, é claro, mas sim daqueles que consigo resgatar neste momento, no processo de escrita desse texto.

Texto que se constrói, destrói, reconstrói, fragmenta-se. É formado por partes, por lapsos, por memórias. Recuso-me a conferir exatamente como escrevi anteriormente. Prefiro, agora, neste exato momento não voltar e conferir palavra por palavra. Tento lembrá-las, uso listas de quando escrevi. Meu mergulho é de fato um mergulho, um mergulho num universo de outros tempos, que mexem com aquilo que enxergo do mundo de hoje. Isso é daquele tipo de coisa que muda a gente, é isso, é disso que estou falando. Corro com meus dedos para seguir o pensamento e não deixá-lo escapar.

Li hoje algo que apareceu no meu Facebook: um link para um texto numa página de notícias no qual Bob Dylan é descrito como um maconheiro de esquerda, que ganhou vários dos principais prêmios do mundo, do Nobel ao Oscar. Muito além do artigo em si, enxergo nisso uma forma de sobrevivência, uma valorização de um dos astros da Geração Beat. Estaria meu olhar mergulhado nestas leituras a ponto de enxergar em todas as coisas aquilo que pesquiso? Não excluo essa possibilidade, mas sei que falo tudo isso pensando naquilo que Brabazon (2014) descreve sobre o caso de São Francisco. Lá, a autora identifica como astros dessa Geração Beat que viveram por pouco tempo na cidade são ainda hoje lembrados como elementos da marca boêmia que vende algumas partes da cidade.

Acredito que se evidencie, por meio desse “simples” artigo citado acima, um processo de construção de imaginários dos dias de hoje, que atravessa e é atravessado por redes sociais que enchem a nossa vida e que, muitas vezes, nem nos damos conta mais. Se pensarmos no caso da Paris boêmia, conseguimos perceber essa forma de construção de imaginários *em massa* surgir por meio da imprensa que se expandia na época. Os jornais dos cabarés cumpriam a função de tornar artistas que se apresentavam nestes locais interessantes a ponto de atraírem públicos. Esse imaginário, longe de ser construído apenas com este fim, ultrapassa mares e chega aqui, em terras brasileiras, como uma forte influência. [Aperto o ponto final no teclado e lanço a mão para a garrafa que repousa ao lado do computador. O porta-copo embaixo tem um gato preto e, ao lado dele, escrito “Tournée du Chat Noir”. Uma sobrevivência? (Figura 2)].



Figura 2 – Porta-copos que representam o cabaré Chat Noir e as Exposições Universais que aconteceram em Paris (1885, 1867, 1878, 1889, 1900 e 1937).
Fonte: Autor.

Um imaginário que se apoia em gerações anteriores: a boemia é uma sobrevivência. Dizer isso vem acompanhado de outra memória: lembro do filme “Meia-noite em Paris”²¹, no qual as personagens vivem um fluxo constante de desvalorização do presente por conta de um ideal acerca daquilo que foi vivido por gerações anteriores, num movimento mais ou menos assim: a Belle Époque lamentava o fim da Geração Submundo e das Revoltas; a Geração Beat o fim da Belle Époque; a contracultura o fim da Geração Beat; os Anos 80 o fim da Tropicália; os Anos 90 o fim dos 80; o hoje sobre o fim de alguma geração anterior? Rompi uma descrição circunscrita ao filme em si, mas acredito que o leitor tenha me acompanhado.

²¹ MEIA-NOITE EM PARIS. Direção: Woody Allen, Produção: Jaume Roures, Letty Aronson, Stephen Tenenbaum. Espanha: Paris Filmes, 2011.

A ficção nos permite violar limites com a verossimilhança, a qual é muito valorizada numa escrita científica tradicional. Penso em trazer o delírio para esta ciência, mas opto por ser, uma vez mais, explicativo. Vou lhes dar um exemplo do que disse acima. Vivo agora: ou seja, falo desta minha vivência neste tempo-lugar em que me encontro neste momento. Ou de minutos atrás, já que não consigo escrever no mesmo ritmo do fluxo das coisas que me afetam aqui e agora. Coloco uma música para tocar do Criolo, chamada “Dilúvio de solidão” e me deparo com os seguintes versos:

Chove dentro de mim, dilúvio de solidão
Angústia que faz sofrer pois boemia é pra poucos
Cachaça é água que acaba com o caboclo, mas chove²²

Encontro nos versos acima a sobrevivência da ideia de boemia. Obviamente não é a mesma boemia de Lupicínio, de Madame Satã, de Baudelaire e tantos outros. Vou ao Google e descubro que ela faz parte do mais recente álbum do artista, lançado esse ano e que se chama Espiral de Ilusão. Descubro também que se trata de um álbum de samba (outra sobrevivência?), o que chama atenção pelo fato do cantor ser mais conhecido como rapper. Seria essa uma nova cara para o “sambista-boêmio” de hoje?

Consumo-escuto um imaginário (entendendo a música como uma das formas de expressão-comunicação desse imaginário), consumo-escuto uma música que mistura tempos-lugares. Somos influenciados por todo esse material cultural que nos precede. Acho que isso acontece tanto no filme de Woody Allen, quanto para as coisas que falei aqui sobre a boemia. O fato é que, em 2017, a ideia de boemia sobrevive, sai da água e conquista “novos meios. Espero que vocês consigam, depois de ler esse texto, encontrar outras sobrevivências dessa boemia em algum dos lugares que vocês forem, em alguns dos sujeitos que vocês conhecerem nessa vida pública da noite. Não é a boemia parisiense ou da Lapa que se encontra por aí. São fragmentos do que ela já foi com aquilo que ela é hoje, tudo misturado, borrado.

I’ll just keep playing back
These fragments of time
Everywhere I go
These moments will shine²³

²² Trechos da música **Dilúvio de solidão**, composta e interpretada por Criolo em seu álbum Espiral de Ilusão, lançado em 2017 pela gravadora Oloko Records.

²³ Trechos da música **Fragments of time**, composta por Thomas Bangalter, Guy Manuel e Todd Edwards e interpretada pela banda Daft Punk em seu álbum chamado Randon Access Memories, lançado em 2013 pela gravadora Daft Life – Columbia.

6. Uma pesquisa: A construção de lugar na boemia

Até este ponto do texto, operamos no sentido de explorar alguns conceitos-chaves para este estudo. A intenção do presente tópico é articular toda a discussão feita previamente, ao mesmo tempo em que falaremos do ponto principal investigado neste estudo.

Conforme dito na introdução, este trabalho busca falar de como um espaço torna-se lugar (fenômeno que também chamado como lugarização) através da boemia (suas práticas contemporâneas, seu imaginário de outros tempos e lugares) e sua relação com a cidade. Foi nesta direção que começamos identificando qual abordagem urbanística é mais condizente para falar desse processo (não uma visão top-down, mas sim outra que parte da experiência – real-virtual – dos espaços urbanos). Em seguida, defendemos o processo de subjetivação como meio de entendimento/abordagem dessa transformação de um espaço em lugar (a lugarização é vista como um processo de subjetivação individual e/ou coletiva). Por fim, mergulhamos no imaginário evocado pelo termo boemia a fim de evidenciá-lo como uma sobrevivência que chega e se transforma também nos dias atuais. Resta-nos, agora, apresentar como esses ensaios são partes fundantes daquilo que se investiga nessa pesquisa em si: um olhar sobre o processo de construção de lugares boêmios, a partir de experiências-vivências em trechos da cidade de Porto Alegre.

6.1. Que lugar?

Quando saímos à noite para nos divertir, temos os nossos lugares. Muitas das vezes, dizemos-ouvimos coisas semelhantes a: “vamos naquele lugar onde gosto de comer sushi”; “vou te levar no bar onde nos conhecemos”; “na minha época, nesse lugar só ia uma galera meio esquisita”; “o garçom daqui já me conhece e sempre me trata muito bem”; “aquele bar antigo que fica numa ruela do centro”; “a Lapa é o reduto da boemia carioca”... Essas e tantas outras referências a espaços de diversão noturna *tornados* próprios e especiais, para sujeitos e coletividades. *Evidências* de como um espaço torna-se lugar.

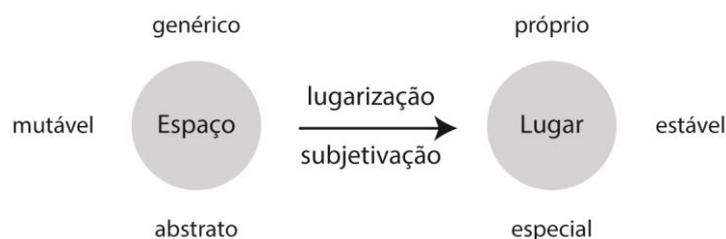
Ao longo deste tópico queremos operar com alguns conceitos dados por diferentes autores no sentido de encontrar entre eles *sustentação/andaimos/apoios* daquilo que hoje pensamos sobre os conceitos de *espaço* e *lugar*: eles que não podem ser dissociados em qualquer tentativa de compreensão sobre o que eles significam.

Nesse processo de reflexão-criação (de maneira conotativa, *o forjamento*) do entendimento sobre esses conceitos, buscamos ampliar a reflexão não desejando criar nada de verdadeiro em

substituição; somos apenas um mosaicista que se encanta pelo encadeamento de algum monte de palavras. Outros podem ver algum sentido ao longo de todo este texto até aqui. O mosaico torna-se uma ferramenta exploratória que vai construindo uma narrativa sem se limitar em ser somente uma crítica.

Aquilo que uma pesquisa se dedica é também um discurso que damos voz e, como já dito antes, é uma subjetividade que se fabrica. O foco principal deste estudo é também a fabricação de outra subjetividade: aquela que torna um espaço em lugar (Ver Quadro 1), especificamente um lugar boêmio. Trata-se de acreditar que apenas a existência de um estabelecimento comercial (um bar, por exemplo), localizado num ponto estratégico da movimentação noturna de pessoas, não seja suficiente para torna-lo um lugar boêmio. Na verdade, há que se enxergar também como se dão as experiências das pessoas nestes espaços. Espaços, que por sua vez, não se limitam a estabelecimentos comerciais em si, mas incluem também ruas, praças, bairros etc. que se tornam, em dado momento, lugares boêmios de subjetividades.

Para que entendamos melhor esse processo em si, estabeleceremos inicialmente uma distinção entre os termos em questão (espaço-lugar) acompanhando, a seguir, a maneira pela qual dois autores os conceituaram em seus estudos; referências que *sob uma perspectiva antropológica* definem tais termos. A intenção desta tarefa é evidenciar como *lugar* é tomado, em meio a diferentes linhas argumentativas, como *próprio/especial/estável* em oposição ao *genérico/abstrato/mutável* com que se entende o conceito de *espaço* (Quadro 1). Acrescenta-se ainda o objetivo de mostrar como os conceitos de espaço e lugar são elásticos e, por causa disso, devem ser explicitados dentro de uma problemática de pesquisa.



Quadro 1 – Ao redor do conceito de espaço e lugar, orbitam diferentes ideias. Entre um conceito e outro ocorre uma lugarização/subjetivação, conforme o fluxo de investigação abordado aqui. Elaborado pelo autor.

Dito isto, partimos das definições apresentadas por Michel de Certeau. Sua argumentação distingue espaço e lugar a fim de evidenciar o pressuposto de sua pesquisa, segundo o qual ele defende que em processos de dominação ou de imposição de uma ordem (estratégia) existem

elementos que a furam o tempo todo (táticas)²⁴. Tal pressuposto é visto em diferentes exemplos ao longo do volume um do seu trabalho, tal como no uso que as pessoas fazem da língua, nas maneiras de crer e, por fim aquilo nos interessa propriamente, nas práticas de espaço. É nestas últimas que o autor distingue os dois termos que nos preocupam aqui, dizendo que:

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (Certeau, 2014, p. 184).

Já para o termo espaço, ele dirá:

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. Espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido por operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (...) Diversamente do lugar não tem nem a univocidade nem a estabilidade de um 'próprio'. (Certeau, 2014, p. 184).

Diante disso, lugar para o autor é aquilo que é tornado próprio através de uma estratégia; algo que pode ser pensando como uma espécie de artefato estático, oposto ao espaço que é movimento. O urbanismo, por exemplo, é que define se uma rua terá tais e tais medidas, com tais e tais tipologias e assim por diante. Esta rua é desenhada e pensada pelo estrategista (o urbanista) a partir de um isolamento que o torna apto a refletir sobre sua construção e sobre o processo de disputa social que resulta numa fixação (científica? política? econômica?); a rua assim definida é, portanto, o lugar da ordem resultante de tudo isso.

No entanto, é peça fundamental do trabalho do autor identificar o fato de que quando as pessoas andam (movimentam-se) por essas mesmas ruas desenhadas pelos urbanistas, elas não se valem dessa mesma compreensão estratégica. Pelo contrário, ao caminharem possuem apenas a visão parcial desse lugar; elas se locomovem pensando somente em "direção, velocidade e tempo"; em outras palavras elas *praticam* o lugar. Acerca de tudo isso é que ele nos diz:

O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. (...) Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. (Certeau, 2014, p. 184).

²⁴ Ver item 4.2.1 no qual são apresentadas as definições do autor para estratégia e tática.

O que nos interessa do trabalho do autor é evidenciar a distinção pela qual lugar é tido como próprio (no caso dele, por uma estratégia), enquanto espaço é tido como algo constantemente mutável, e, por isso, sem essa mesma conotação. Basta-nos explicitar tal distinção e ressaltar como o olhar do autor opera no sentido contrário do movimento que enfocamos neste estudo: ao invés de falar sobre como um espaço torna-se lugar, o autor foca-se em mostrar como um lugar torna-se espaço. Evidencia, por fim, que este movimento subjetivação ocorre em ambos os sentidos e contribui para ponderar que aquilo que descrevemos nesta pesquisa foca apenas num desses vetores.

Já o trabalho de Marc Augé parte de uma problemática bastante distinta da que é apresentada por Certeau. A intenção de Augé é falar de como a supermodernidade é marcada por não-lugares. No momento em que ele tenta definir o que seriam esses não-lugares, ele conceitua o que seria lugar e espaço e nos diz:

O termo 'espaço', em si mesmo, é mais abstrato do que o de 'lugar', por cujo emprego referimo-nos, pelo menos, a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar-dito) ou a uma história (lugar histórico). Ele se aplica indiferentemente a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos (deixa-se um 'espaço' de dois metros entre cada moirão de uma cerca), ou uma grandeza temporal ('no espaço de uma semana'). Ele é, portanto, eminentemente abstrato, e é significativo que seja feito dele, hoje, um uso sistemático, ainda que pouco diferenciado, na língua corrente e nas linguagens particulares de certas instituições. (Augé, 1994, p. 77).

O lugar para o autor é o lugar antropológico definido como "identitário, relacional e histórico" (Augé, 1994, p. 73). Com estas palavras, aparece em sua argumentação a distinção que estamos tentando focar aqui: o espaço, para ele, é algo genérico e abstrato que se lugariza na medida em que adquire elementos antropológicos. Logo, trata-se de um movimento que opera no mesmo sentido que o que desta pesquisa, apesar da problemática do autor ser distinta da nossa.

As definições desses autores ajudaram-nos a distinguir os termos espaços e lugar ao mesmo tempo em que foi possível compreender a estreita relação que tais conceitos possuem, sob o ponto de vista antropológico, com as problemáticas de cada uma das pesquisas.

Além disso, a amplitude do conceito de lugar evidencia-se no livro de Castello (2007), "A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo", no qual o autor perpassa diferentes áreas além da arquitetura-urbanismo e ilustra a diversidade de conexões que a ideia de lugar apresenta com todas elas. O que tanto esse trabalho de Castello, como a perspectiva antropológica vista anteriormente nos mostram é de como ao falarmos de lugar temos que escolher algumas definições, não sendo possível falar de todas, e que essa escolha deve ser feita de acordo com cada pesquisa.

Neste sentido, resta-nos a tarefa de descortinar melhor como entendemos o conceito de lugar e, para isso, construiremos, a seguir, um mosaico a partir dos pensamentos de alguns autores que se entremeiam com nossas próprias reflexões; seguiremos a vaguear por entre eles, ao mesmo tempo em que *sustentaremos como os termos espaço e lugar são, também, distinguidos por meio de processos de valoração e valorização*.

6.1.1. Lugar como valorização²⁵ do espaço

Antes de tudo, é preciso que entendamos como este trabalho chegou à noção de lugar e conferiu-lhe o papel de peça chave para falar da relação da boemia com a cidade. Paralelo a isso seguiremos explorando melhor esse conceito.

Até meados desta pesquisa, os termos pelos quais a configurávamos resumiam, quase sempre, apenas a constatação de que existiam, em diferentes realidades urbanas, espaços (bares, ruas, bairros etc.) que se associavam com a boemia até o ponto de se tornarem referências para as pessoas quando elas desejavam sair à noite em busca de diversão²⁶. Esta foi, portanto, a primeira evidência empírica que nos engajou a querer entender melhor como essas referências se construíam. Algo que pode ser pensado por meio do que nos diz Oliveira (2014, p. 12):

A valorização do lugar provém de sua concretude; embora seja passível de ser engendrado ou conduzido de um lado para o outro, é um objeto no qual se pode habitar e desenvolver sentimentos e emoções. Tal realidade concreta é atingida por meio de todos os nossos sentidos, com todas nossas experiências, tanto mediante a imaginação quanto simbolicamente. (Grifo nosso).

Resgatamos o envolvimento com o tema desta pesquisa e percebemos que, deste então, a palavra relação (a relação da boemia com a cidade) é também peça-chave para o conceito de lugar: espécie de artefato que surge a partir das *relações* (conscientes ou não) das pessoas com o espaço. Em semelhante linha, Castello (2007, p. 12), acrescenta:

As pessoas se sentem melhor em certos espaços. Ou, em outras palavras, certos espaços se distinguem dentro do Espaço maior onde se situam as pessoas e, ao se

²⁵ Ao consultar o Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (versão 5.11³), encontra-se para o verbete *valorar* o significado de “emitir juízo de valor acerca de; aquilatar, ponderar”, enquanto *valorizar* aparece ligado a “aumentar de valor”. *Valorar*, portanto, aparece como uma experiência primeira de dotar de valor algo que antes não tinha valor para um sujeito ou para uma coletividade; esse significado é muito próximo ao processo de construção de lugares. Já *valorizar* é um fenômeno de aumentar o valor de algo que já possui um valor prévio, o que pode ser pensado como próximo a discussão sobre gentrificação (ver item 4.2.1 sobre essa questão em relação a boemia). Diante disso, torna-se claro como em relação ao lugar, existe tanto uma valoração, quanto uma valorização, levando ao fato que será visto a seguir de autores ora falarem em valoração, ora falarem em valorização, sem tanta distinção entre tais termos. Nesta pesquisa, opto por falar em valorização por se tratar de um termo mais usado correntemente, aceitando para ele os dois significados apresentados acima.

²⁶ “Vamos para a Lapa e lá a gente decide o que fazer”, disse-me certa vez um amigo que me guiava pela cidade maravilhosa.

distinguirem, se tornam percebidos de maneira diferente. Em geral, são espaços percebidos como detentores de qualidades. Diz-se, então, que esses espaços são percebidos como lugares por seus usuários. Suas qualificações habilitam-nos a serem percebidos como um lugar, delimitado dentro do espaço maior que constitui o todo da cidade. Isto é, permitem distinguir um lugar de um espaço. (Grifo nosso).

A valorização do espaço ocorre, portanto, por meio das relações que as pessoas estabelecem com ele; por meio das *experiências* que ligam-conectam um sujeito a um espaço. Logo, neste ponto operamos também sob influência do raciocínio de Tuan (1983, p. 6): “Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

De maneira precisa, falamos como *em meio a todo o conjunto de espaços urbanos relacionados (real-virtualmente) com a boemia (estabelecimentos comerciais, ruas, praças, bairros etc.) existem alguns que se tornam lugares; que se tornam próprios-especiais para sujeitos e coletividades.* O processo de subjetivação tal como enxergamos a lugarização aqui, se dá também por meio da construção de uma identificação dos sujeitos com esses espaços resultando na valorização observada até este ponto. Tudo isso aparece presente no que nos diz a seguir Castello (2007, p. 12 e 13), a partir do ponto de vista de percepção:

É possível aceitar-se, então, que por trás da identificação de um lugar encontre-se presente todo um processo de valoração do espaço, que pode muito bem ser atribuído à percepção que as pessoas têm (ou que virão adquirir) a respeito desse espaço. Mas, e o quê fornece as bases para que essa percepção se desenvolva? É a presença de estímulos ambientais. Estímulos das mais diversas naturezas, emitidos a partir de fatos ambientais que guardam relação não com a natureza objetiva e material dos elementos do ambiente, como igualmente com sua natureza subjetiva – imaterial e imponderável. E – substancialmente – expressos como produto das interações entre as pessoas e o ambiente. (Grifo nosso).

Enxergamos que toda a valorização de que estamos falando resulta na construção de um lugar que é subjetivo. Além disso, a indústria cultural, por exemplo, produz imagens sobre a boemia²⁷, construindo uma relação com determinados espaços que rompem com experiências “reais”; dessas relações surgem (ou não)²⁸ o *desejo* em sujeitos e coletividades de se relacionarem com tais espaços; fabrica-se uma subjetividade na qual o espaço tem papel de destaque. A valorização, portanto, em um primeiro momento, liga-se à materialidade espacial, mas avança para além dela. É todo um processo que Guattari (2012, p. 140) esmiúça:

O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, (...),

²⁷ Conforme visto no tópico “5. Ensaio III: Imaginário em exploração”.

²⁸ “Conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico. Não importa se é um local natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo”. (Oliveira, 2014, p. 12)

máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, Universais, mas que podem trabalhar no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma ressingularização liberadora da subjetividade individual e coletiva.

Tanta insistência em vincular a discussão sobre o processo de construção de lugares (como também o processo de construção desta pesquisa) com a subjetividade se explica diante do nosso *desejo de criar*, por meio dessa tarefa, *outra subjetividade* que contribua para ressingularizar a relação de diferentes espaços urbanos com a boemia: uma subjetividade que vá contra um “esmagamento uniformizador” que enclausura as práticas boêmias em espaços cujo acesso é mediado pelo consumo; que vá contra a corrente dominante nos dias de hoje na qual a experiência dessa vida pública ocorre, cada vez mais, em lugares nos quais o acesso não é totalmente público. Em outras palavras, que se valorizem como lugares da boemia aqueles espaços nos quais experiências de alteridade mais amplas sejam possíveis, sobretudo, contra o “esmagamento uniformizador” que o consumo opera nos dias atuais²⁹. Acreditar que tudo isso seja possível é, uma vez mais, ecoar fragmentos do pensamento de Guattari, reforçado no trecho a seguir:

O grande historiador e sociólogo Lewis Mumford (...) qualificou as cidades de megamáquinas. De fato, mas com a condição de ampliar o conceito de máquina para além de seus aspectos técnicos e de levar em conta suas dimensões econômicas, ecológicas, abstratas e até as ‘máquinas desejanças’ que povoam nossas pulsões inconscientes. São as peças das engrenagens urbanísticas e arquitetônicas, até em seus menores subconjuntos, que devem ser tratados como componentes maquímicos. Porém, se é verdade que esses componentes maquímicos são antes de tudo produtores de subjetividade, é porque eles são mais do que uma estrutura ou mesmo um sistema em sua acepção comum. (...) Não seria demais enfatizar que a consistência de um edifício não é unicamente de ordem material, ela envolve dimensões maquímicas e universos incorporais que lhe conferem sua autoconsistência subjetiva. (Guattari, 2012, p. 142 e 143).

O estrangeiro chegou. Veio para essa cidade-nova após ser aprovado no exame. De pronto, precisava se estabelecer, descobrir qual seria sua morada, onde seria sua casa. *Gesto de procura por este nosso lugar-primeiro em terras desconhecidas*. Após ter casa-cama garantidas, trabalho efetivado e matrícula na academia, encontrou sua vida normal e pacata. Mas e a vida em si, encontrou?

Era em busca dela que ele saía naquelas noites quentes (e em algumas não tão frias) a caminhar com passos lentos por ruas ora movimentadas, ora desertas. Ao passar por estas últimas, cruzava, vez ou outra, por alguns moradores de rua, carroceiros-catadores de papel ou outro tipo de *anônimo* social. Ele saía em busca de lugares para ir. Como achá-los? Havia somente espaços genéricos ou que se diferenciavam pelo julgamento que ele fazia de suas fachadas. “Ah

²⁹Bartoly (2011) fala de como o caso de Lapa transformou-se num simulacro da boemia, defendendo que o bairro hoje é um lugar de espetáculo da noite, oposto ao: “dia, sem o glamour das “empresas” da noite, o bairro é pobre, sujo e inseguro”.

esse lugar é muito gourmet” e batia a mão no bolso da calça para lembrar que o limite do cartão do crédito já tinha sido estourado...

Eventualmente o que foi uma cidade estranha e desconhecida se torna um lugar familiar. O espaço abstrato, carente de significado exceto pela estranheza, torna-se um lugar concreto, cheio de significado. Muita coisa é aprendida, mas não através da instrução formal. Quase tudo se aprende ao nível do subconsciente. (...) Coisas que antes não chamavam nossa atenção, passam agora a chamar e percebemos que são singulares e únicas. Este poder de ver as pessoas e os lugares em sua complexa particularidade é bem desenvolvido nos seres humanos. É um sinal de nossa inteligência superior, porém dificilmente sentimos a necessidade de usar este poder em qualquer forma sistemática. (Tuan, 1983, p. 220 e 221).

Quando o arquiteto projeta, muitas vezes, ele quer construir um lugar que transmita uma sensação, que crie sentimentos e desejos, que crie um afeto. No entanto, isto não decorre apenas da resolução de questões “objetivas”; não é possível delimitar num mapa, numa planta de uma cidade, qual a área de fato será a área boêmia dela. Tais áreas surgem através de uma intrincada teia de apropriações que os sujeitos fazem dos espaços urbanos, tornando-os próprios para eles em si, quanto para uma coletividade que enxerga valores, afetos e memórias em comuns com algum desses espaços. Ao fazerem isso, torna-os lugares.

Tudo isso pode ser uma discussão já bastante feita no nosso campo da arquitetura e urbanismo, mas que não se esgota, sobretudo quando vemos, ainda hoje, a prevalência de abordagens sobre a cidade que excluem a sensibilidade do jogo de análise³⁰. Falamos de uma construção de lugares que nos obriga que desenvolvamos uma compreensão sobre nossos próprios lugares, uma sensibilidade sobre nós para que consigamos chegar aos outros.

Em outro trecho do seu livro, Tuan complementa:

O lugar é um tipo de objeto. Lugares e objetos definem o espaço, dando-lhe uma personalidade geométrica. (...) Para o novo morador, o bairro é a princípio uma confusão de imagens; ‘lá fora’ é um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. (...) Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensarmos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos

³⁰ Tuan (1983, p. 5), em semelhante linha, diz: “Se há seriedade em nossa preocupação com a natureza e qualidade do meio ambiente humano, estas são, certamente, perguntas básicas. Entretanto, poucas vezes elas têm sido levantadas. Ao contrário, estudamos animais, como, por exemplo, ratos e lobos, e dizemos que o comportamento humano e os seus valores são bem parecidos com os deles. Ou medimos e mapeamos o espaço e lugar, e adquirimos leis espaciais e inventários de recursos através de nossos esforços. Estas são abordagens importantes, porém precisam ser complementadas por dados experienciais que possamos coletar e interpretar com fidedignidade, porque nós mesmos somos humanos. Temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamentos e sentimentos”.

olhos de turistas e da leitura de um guia turístico. (Tuan, 1983, p. 20 e 21. Grifo nosso).

O que essas palavras de Tuan nos ajudam a entender é tanto sobre a importância da reflexão que devemos fazer sobre nossos lugares em si, conforme dito anteriormente, mas também de que essa reflexão seja ponderada com o olhar sobre outros lugares, de outros sujeitos e coletividades, a fim de que possamos enxergar o processo de construção e subjetivação em si e não apenas identificar (ou mapear) lugares. Fazer esse tipo de paralelo (lá x aqui) fica melhor expresso como uma tarefa essencial no estudo da construção de lugares no trecho a seguir : “O sentido de lugar é uma qualidade do equilíbrio do conhecimento entre sentir-se enraizado no lugar, que é inconsciente, e sentir-se estranho, que está associado a uma consciência exagerada (...)” (Tuan, 1983, p. 224).

Além disso, de *experiências espaciais decorrem memórias e afetos* nos sujeitos e coletividades, como *optamos* por enxergar a construção dos lugares boêmios, movendo-nos entre uma consciência e outras formas de apreensão, conforme acrescenta o autor :

É impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir os objetos e lugares que definem o espaço. (...) O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Já observamos como o espaço desconhecido transforma-se em bairro (...). Movemo-nos das experiências diretas e íntimas para aquelas que envolvem cada vez mais apreensão simbólica e conceitual. (Tuan, 1983, p. 151).

Ao conversar com diferentes interlocutores sobre o que seria um lugar boêmio de Porto Alegre (lócus mais amplo pelo qual comecei essa pesquisa), surgiram apontamentos muito diversos e que variavam, na maior parte das vezes, de acordo com experiências que cada um desses sujeitos tem/tinham tido com os espaços dessa vida pública de diversão noturna. Em outros momentos, as referências se davam a partir de experiências narradas ou transmitidas por coletividades: mesmo aqueles que não viveram Bairro Bom Fim por volta das décadas de 1970 e 1980 o citavam como um antigo reduto da boemia na cidade³¹.

Foram através desses diálogos que começamos a questionar a maneira de abordar a relação da boemia com os espaços urbanos e, até mesmo, as fronteiras disciplinares deste campo de conhecimento que é o urbanismo. Nas muitas tentativas de explicar esse fenômeno deparamo-nos com respostas que eram insuficientes: há todo um processo de subjetivação que rompe com limites claros entre diferentes ações, constituindo lugares que variam enormemente de acordo com o sujeito ou coletividade, bem como de acordo, até mesmo, com aquilo que sobrevive no imaginário acerca do que é boemia. O conceito de lugar, portanto, foi o caminho

³¹ Cf. Fonseca, 2006, p. 58-61.

encontrado para articular tudo isso. Sob tal ponto de vista, lugar é compreendido também como:

Lugar é uma pausa no movimento. Os animais, incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor. (...) A afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes. (Tuan, 1983, p. 153. Grifo nosso).

Tentemos pensar, por um momento, no exemplo seguinte. Preste atenção na palavra *Beirute*: ao lê-la, quais referências e significados passam pela sua cabeça, leitor?

Capital libanesa(?), cultura mulçumana(?), conflitos(?)... por aí segue todo um pensamento que é particular, que cruza referências e significados que surgem tanto a partir de você, quanto também das coletividades em que você se insere.

No entanto, quando escrevo a palavra *Beirute* sou tomado, em pouco instantes, por um significado próprio; trata-se do nome de um bar que frequentei³² diversas vezes ao longo dos anos em que morei em Brasília; é um lugar boêmio que resiste no meio do Plano Piloto³³. Tudo isso se associa ao que Tuan (1983, p. 22) diz: “No homem adulto são extremamente complexos os sentimentos e ideias relacionados com espaço e lugar. Originam-se das experiências singulares e comuns” (Grifo nosso).

Quando pesquisei sobre o Bar *Beirute*, ainda na graduação, foquei em muitos aspectos relacionados à morfologia do espaço urbano, num olhar que se queria, naquele momento, mais arquitetônico. Não desconsidero tal olhar, apenas busco pensar como ele deve ser integrado, o tempo todo, com os diferentes saberes que nós, urbanistas, carregamos ao falar, escrever, pesquisar, elaborar, planejar, desenhar, entender, sentir, viver, experienciar, relacionar sobre/com espaço, por fim.

Tudo se reduz sempre a essa questão dos focos de enunciação parcial, da heterogêne dos componentes e dos processos de ressingularização. É para essa direção que deveriam se voltar os arquitetos de hoje. Eles devem assumir uma posição, se engajar (...) quanto ao gênero de subjetividade que ajudam a engendrar. Irão no sentido de uma produção reforçada de uma subjetividade do ‘equivaler generalizado’, de uma subjetividade padronizada que tira o seu valor de sua cotação no mercado dos mass media, ou colocar-se-ão na contracorrente, contribuindo para uma reapropriação da subjetividade pelos grupos-sujeitos, preocupados com a ressingularização e a heterogêne? Irão no sentido do consenso infantilizador ou de um dissenso criador?(...) A singularidade que se busca através de sua ‘projetação’ deve não apenas ser reconhecida mas afirmar sua autenticidade. Em nenhum caso seu papel deve ser reduzido ao do engenheiro civil. O fato de que as máquinas desejanter do criador se encontrem em um tipo de continuum com as máquinas de opinião,

³² Eu e tantos outros sujeitos... uma coletividade, portanto.

³³ Em pesquisa anterior, tive a oportunidade de explorar este bar como um lugar boêmio de Brasília. (Cf. Furquim, 2017).

máquinas materiais, não implica absolutamente que elas aí se deixem submergir. (...) O essencial do trabalho do arquiteto reside nas escolhas que ele é levado a fazer. Por que escutar os imperativos de tal componente mais do que os de tal outro? Determinadas margens de manobra lhe pertencem; mas ele encontra também determinados limiares que não deve transpor, sob pena de fazer com que sua obra perca sua consistência existencial, sua força potencial de enunciação. Compromisso com os incorporadores, com os engenheiros, com a funcionalidade, até mesmo com o gosto da época. Mas também necessidade de uma autoafirmação de sua própria escolha, quando a finalização estética está em questão. (Guattari, 2012, p. 144-146).

[Pelo dissenso criador, lutemos!]

Com tudo isso, entendemos o lugar como uma singularidade; *o importante, num primeiro momento, não é identificar tais singularidades. É mais urgente falarmos do processo que resulta nela em si*³⁴. Além disso, vale ressaltar que justamente por ser entendido como fruto de uma subjetividade (e que existe o tempo todo um processo de disputa dessas subjetividades), o lugar que falamos aqui não é um objeto perene, que existe e existirá ao longo de todo tempo. Os lugares boêmios podem ser lugares de diversão de apenas uma noite, como também podem ser por mais de um século³⁵. Nós, urbanistas, não podemos nos esquivar dessa disputa entre subjetividades que criam os lugares das nossas cidades: lutar por uma cidade que seja não só do dia, mas também da noite; não apenas de consumidores, mas de todos... esses e tantos outros caminhos que devemos traçar para que as cidades materializem desejos nossos e de tantas outras coletividades.

Por fim, cabe ressaltar que o caminho que percorremos ao longo deste tópico, na tentativa de falar do processo de construção de lugares na boemia, é visto por outras autoras de maneira distinta. Mais especificamente, Almeida e Tracy (2003), ao investigarem as práticas de diversão noturna de jovens cariocas de classe média alta, observaram que tais práticas não se davam mais em torno de lugares específicos, mas sim num circuito que elas denominaram de “nomadismo metropolitano”, melhor explicado no trecho a seguir:

(...) a noite transforma-se em um circuito que passa por distintos lugares, tais como festas, boates, shoppings, cinemas, lojas de conveniência e lanchonetes situadas nos postos de gasolina abertos durante toda a madrugada. Este mapa noturno compreende, também, fragmentos inusitados do espaço urbano como as ‘portas’ dos lugares ou eventos da moda (...). A mobilidade tornou-se, assim, o traço distintivo da ocupação noturna da cidade. (...) a aglutinação em torno de lugares específicos tem sido substituída por modos diversos de circulação. (...) Esse novo regime de espacialização das experiências sociais e subjetivas que se estruturam em torno do deslocamento e não da fixação, levou-nos a investigar a ‘trajetividade’ como componente fundamental das culturas jovens contemporâneas. (Almeida e Tracy, 2003, p. 17 e 18; 34).

³⁴ Não buscar sujeitos ou lugares totalizáveis e definíveis em si, mas sim olhar para os processos de subjetivação, conforme argumentado no Ensaio II: A subjetivação de lugares e de uma pesquisa.

³⁵ Um bom panorama sobre os diferentes momentos boêmios da Lapa pode ser conferido em Vilas Boas (2012).

A seguir elas complementam:

Esse nomadismo traduz-se em um conjunto de práticas espaciais que transformam a night em um 'rizoma multipolar urbano', ou seja, em uma experiência transespacial na qual o circuito é constituído por trajetórias simultâneas, mas não excludentes, entre os eventos e lugares da moda. (Almeida e Tracy, 2003, p. 41).

O olhar das autoras, portanto, descreve um conjunto de práticas que não exclui aquelas das quais falamos aqui. Na verdade, elas se misturam de maneira complexa com práticas que, conforme desenvolvemos até este ponto, criam *referências* e *valorizações* do espaço, transformando-o em lugar através de *memórias* e *afetos*. O fato observado pelas autoras foca-se no movimento que esses praticantes realizam durante essas noites de diversão, mas os lugares boêmios não deixaram de existir nesse mundo de alta mobilidade enfocado por elas. Ao usarem a figura do nômade como peça central em seu trabalho, elas reforçam esse aspecto da mobilidade, mas como nos diz Tuan (1983, p. 200):

O mundo dos nômades consiste em lugares conectados por um caminho. Os nômades, que estão frequentemente se deslocando, têm um sentido intenso de lugar? É bem possível. Os nômades se deslocam, mas se deslocam dentro de uma área circunscrita, e a distância entre dois pontos extremos de sua peregrinação raramente excede 320 quilômetros. (...) Para os nômades, as exigências cíclicas da vida produzem uma sensação de lugar em duas escalas: os acampamentos e o território muito maior no qual se movimentam.

Com tudo isso, o trabalho das autoras *soma-se* a este ao investigar outras subjetividades que se fazem presente nos espaços relacionados com a boemia. Elas enriquecem o debate ao seguirem também por uma linha de leitura das subjetividades relacionadas às práticas de diversão noturna, evidenciando também outros aspectos nos quais elas aparecem ligadas ao consumo.

Esse pequeno escopo evidenciou algumas reflexões sobre a relação de lugar e boemia. O próximo passo será focar, de maneira mais precisa, no papel importante que a experiência adquire na construção desses lugares boêmios.

6.2. Experiência-vivência que constroem lugares boêmios

Nas linhas a seguir, vamos falar do conceito de experiência, o que é bastante arriscado posto que muitos autores já o definiram em seus estudos e diversos filósofos dedicaram longos tratados pensando sobre ele³⁶. No processo de construção de lugares enfocado aqui, *a experiência é tida como um motor que fabrica subjetividades as quais, por sua vez, resultam nos nossos lugares boêmios*. Ir por esse caminho é nos deparar com algo próximo daquilo que Araújo (2011, p. 70-74) comenta em seu livro do trabalho do arquiteto Nigel Coats:

³⁶ Sobre esse aspecto, o livro do professor de história da Universidade de Berkeley, Martin Jay, chamado "Cantos de experiência: variações modernas sobre un tema universal" (original em inglês e lido numa versão em espanhol), é uma interessante leitura (Jay, 2009).

O arquiteto Nigel Coats, professor da Royal College of Art de Londres, postula uma nova maneira de olhar a arquitetura, na qual arquitetura e cidade são relativas a uma experiência. *Guide to Ecstacity*³⁷ é um livro de arquitetura, sobre uma cidade, que tem como proposta o redimensionamento dos termos ‘arquitetura’ e ‘cidade’. A obra, mais do que apresentar um projeto de cidade, pretende nos fazer experimentá-la – a experiência viria antes da estilística formal ou qualidades funcionais das construções. Nela, a arquitetura – ou sua versão mais ampla – é o veículo para uma estrutura mais solta e aberta que estimula o espaço em cada um de nós.

Neste papel de motor que constrói lugares que lhe damos nesse estudo, o conceito de experiência adquire uma proximidade com o de vivência³⁸. Esse “estar presente” em um determinado espaço, que caracteriza a vivência, pode existir ou não na construção de lugar: essa construção pode também ser indireta, por intermédio de narrativas (em texto ou imagens, de captura ou fragmentos etc.). Com isso, queremos dizer que o sujeito ou coletividade pode tornar um determinado espaço como lugar boêmio mediado por uma história contada, por exemplo, em um livro ou num filme. Foi por semelhante caminho que pudemos entender melhor como era a boemia na Paris do séc. XIX ou da Lapa, no Rio de Janeiro, em mais ou menos período³⁹. Ao visitarmos, hoje, o bairro carioca não vivemos aquela mesma boemia em si; essa vivência é atravessada por fragmentos que sobreviveram desse passado ao longo de todo o tempo de lá para cá. Assim também é aquilo que se vive na boemia contemporânea em partes dos bairros Cidade Baixa e Centro de Porto Alegre.

Por tudo isso, enxergamos que os *lugares boêmios são construídos tanto a partir de experiências que são vividas no espaço em si, quanto por aquelas “virtuais”*. Ao pensar assim, não entendemos experiência e vivência como coisas (*totalmente*) iguais entre si, mas identificamos uma proximidade entre elas a partir da problemática dessa pesquisa: experiência e vivência são vistos como caminhos que fabricam (constroem) referências especiais entre os espaços urbanos; ou, de outro modo, produzem subjetividades que resultam em lugares. Com isso, *não valorizamos nem a experiência, nem a vivência como forma mais legítima no processo de construção de lugares boêmios*. A experiência-vivência torna-se, por fim, uma palavra nobre aqui diretamente ligada a outra que estamos destacando ao longo do texto: “*relação*”(da boemia com a cidade? dos sujeitos e coletividades com os espaços?).

Na segunda parte deste trabalho, apresentaremos narrativas⁴⁰ feitas a partir da montagem de fragmentos colhidos na pesquisa de campo, como também a partir de inúmeros outros

³⁷ A versão comentada pela autora é: COATES, Nigel. *Guide to ECSTACITY*. Nova York: Princeton Architectural Press, 2003.

³⁸ Neste tópico, experiência e vivência são aproximados em seus significados, por conta da nossa questão de pesquisa conforme comentamos. Já em outro tópico a seguir, falaremos de como para outros autores é relevante distinguir experiência e vivência.

³⁹ Ver Ensaio III: Imaginário em exploração.

⁴⁰ Explicaremos tais narrativas, mais detidamente, em tópico a seguir.

momentos em que não se estava necessariamente num papel de pesquisador. Tais narrativas não se pautam por contar nenhuma história linear sobre os fatos acontecidos, mas buscam ser construções de relações as mais diversas possíveis que podem ou não capturar o leitor. Operar por tal modo é entender que a experiência se complexifica e se aproxima daquilo que Jay (2009, p. 457) conclui sobre as definições dadas por autores pós-estruturalistas ao termo:

(...) ler o trabalho de Foucault como uma expressão orgânica de sua busca por experiências de limites não reconhece a impossibilidade que se esconde no coração da experiência tal como ele, seguindo Bataille e encarnado com Barthes, entendeu. Ou seja, a experiência para esses escritores não consiste em uma narrativa dialética de desenvolvimento significativo (Bildung) ou o resultado de uma noção orgânica de sua automodelação estética. Tampouco a consideram uma função derivada de estruturas discursivas ou linguísticas anteriores a interioridade subjetiva ou, o que seria o erro oposto, algo já presente na "vida" pré-reflexiva, capturada fenomenologicamente, antes dessas estruturas. Em vez disso, a experiência acaba por ser um campo de força dinâmico de todos esses elementos, nem totalmente dentro nem totalmente fora do Eu; um Eu que, no entanto, nunca é anterior a experiência e se recusa a ser reduzido tanto aos seus modos transcendentais como a seus modos empíricos. Carregado com a energia do desejo, resiste à domesticação nos discursos convencionais, heteronormativos e procriadores da sexualidade e está em dívida com as narrativas da propagação da espécie. Embora rejeite qualquer modalidade temporal única, em geral adere a uma lógica de repetição e deslocamento ao invés de superação dialética. Isso implica linguagem, embora exceda; está disponível para a observação objetiva, ainda que seja uma ficção produzida após o fato; procura ativamente momentos de êxtase, e talvez até mesmo de intensidade mística, embora reconheça o poder da passividade e abertura para o que é susceptível de ocorrer sem qualquer premeditação⁴¹ (Grifo nosso).

O trecho anterior resume muito bem a complexidade com que se entende a experiência nesse trabalho. Além disso, complexificar experiência-vivência, nessa direção, é o caminho que encontramos para que a “experiência na boemia” não seja reduzida, somente, a uma “experiência de consumo”. Conforme dito no tópico anterior, a ideia de lugar vincula-se, muitas das vezes, com processos de valorização (no caso, de valorização de elementos relacionados ao

⁴¹ Versão traduzida a partir de: (...) leer la obra de Foucault como una expresión orgánica de su búsqueda de experiencias límite no reconocen la imposibilidad que acecha en el corazón de la experiencia tal como él, siguiendo a Bataille y consubstanciado con Barthes, la entendía. Esto es, la experiencia para estos escritores no consiste en una narrativa dialéctica de desarrollo significativo (Bildung) o el resultado de una noción orgánica de automodelación estética. Tampoco la consideran una función derivada de estructuras discursivas o lingüísticas previas a la interioridad subjetiva o, lo que sería el error opuesto, algo ya presente en la ‘vida’ prerreflexiva, captada fenomenológicamente, anterior a esas estructuras. En lugar de ello, la experiencia resulta ser un campo de fuerza dinámico de todos estos elementos, ni totalmente dentro ni totalmente fuera del Yo; un Yo que, de todas formas, nunca es previo a la experiencia y se niega a ser reducido tanto a sus modos transcendentales como a sus modos empíricos. Cargado con la energía del deseo, resiste la domesticación en los discursos convencionales, heteronormativos y procreativos de la sexualidad, y está en deuda con las narrativas de la propagación de la especie. Si bien rechaza toda modalidad temporal única, por lo general se atiene a una lógica de repetición y desplazamiento antes que a la superación dialéctica. Implica el lenguaje, aunque lo excede; está disponible para la observación objetiva, aunque es una ficción producida después del hecho; busca activamente momentos de éxtasis, y quizás incluso de intensidad mística, aunque reconoce el poder de la pasividad y la apertura para aquello susceptible de sobrevenir sin que medie premeditación alguna Jay (2009, p. 457).

espaço) e essa valorização não pode se limitar ao consumo em si. Sobre isso, Guattari (2012, p. 146) acrescenta:

A valorização das atividades humanas não pode mais ser fundada de forma unívoca sobre a quantidade de trabalho incorporado à produção de bens materiais. A produção de subjetividade humana e maquínica é chamada a superar a economia de mercado fundada no lucro, no valor de troca, no sistema dos preços, nos conflitos e lutas de interesses.

Diante disso, o que estamos a falar aqui sobre experiência na boemia busca romper com uma noção dela enquanto uma mercadoria. Busca ampliar essas experiências que, conforme observamos ao longo desta pesquisa para a realidade de Porto Alegre, estão acontecendo cada vez mais em espaços nos quais a alteridade (sobretudo de distintas classes sociais) está sendo excluída. De maneira mais ampla, Jacques (2014, p. 21 e 22) nos fala sobre isso ao dizer que:

(...) quando vamos do estado de choque moderno ao estado de anestesiamento contemporâneo, o que fica evidente é a atual estratégia de apaziguamento programado do que seria um novo choque contemporâneo: uma hábil construção de subjetividades e de desejos hegemônicos e homogêneos, operada pelo capital financeiro e midiático que capturou o capital simbólico e que busca a eliminação dos conflitos, dos dissensos e das disputas entre os diferentes – seja pela indiferenciação, seja pela inclusão excludente – promovendo, assim, a pasteurização, homogeneização e diluição das possibilidades de experiência na cidade contemporânea.

Enfim, a experiência de que falamos não se limita ao consumo posto que:

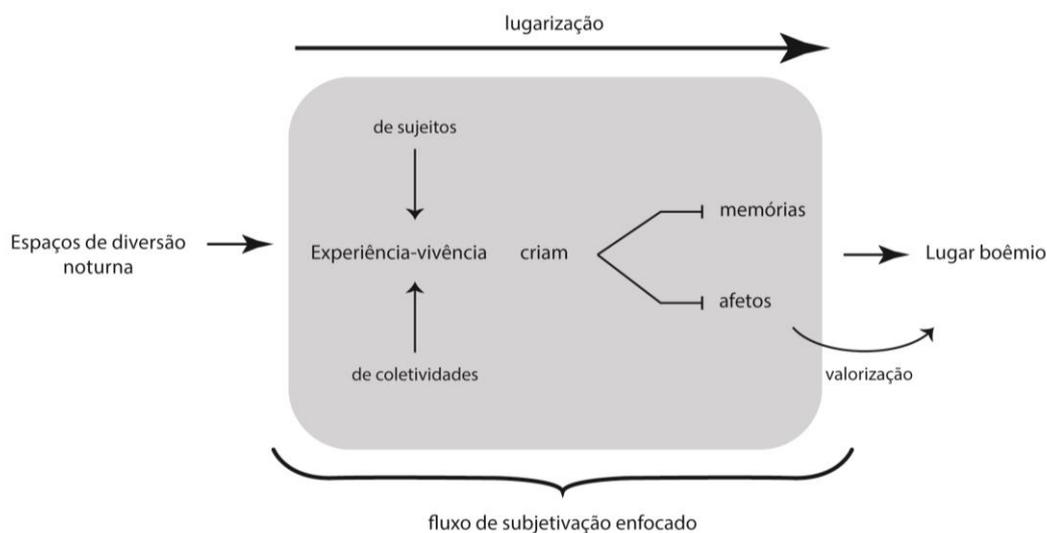
O que pode ser dito, de fato, é que a própria noção de experiência como mercadoria para venda é exatamente o oposto do que muitos dos teóricos de nosso estudo argumentaram deve ser uma experiência: aquilo que nunca pode ser de propriedade total pelo seu proprietário. Por outro lado, uma vez que as experiências envolvem encontros com alteridade e estão abertas a um futuro que não está completamente contido no passado ou no presente, eles se opõem à própria tentativa de reduzir a momentos de intensidade satisfeitos no mercado de sensações. Na verdade, podemos até argumentar que uma das características distintivas que separa a arte do mero entretenimento é que a segunda vende experiências mercantilizadas, enquanto a primeira não⁴².

A escrita de todo esse texto é uma narrativa que está sendo criada no sentido de enxergar os processos de subjetivação como muito importantes no destino que queremos para nossas cidades. Ao invés de reforçar que os lugares boêmios são apenas lugares marginais nas cidades ou, de maneira oposta, antros de um luxuoso consumo, optamos por pensar que eles podem

⁴² Lo que cabría decir, en efecto, es que la noción misma de experiencia como una mercancía para la venta es justamente lo contrario de lo que muchos de los teóricos en nuestro estudio han afirmado que debería ser una experiencia: aquello que nunca puede ser poseído plenamente por su dueño. En cambio, dado que las experiencias entrañan encuentros con la otredad y están abiertas a un futuro que no se halla contenido por completo en el pasado o en el presente, se oponem al intento mismo de ser reducidas a momentos de intensidad satisfechos en el mercado de sensaciones. En efecto, incluso podríamos alegar que una de las características distintivas que separan el arte del mero entretenimiento reside en que este último vende experiencias comodificadas, en tanto que el primero no lo hace. (Jay, 2009, p. 469 e 470).

ser as duas coisas⁴³ e, a partir disso, refletir sobre a subjetividade que se cria a partir de cada um desses casos.

Por tudo que foi dito até esse ponto, podemos resumir, no quadro a seguir, a questão que estamos investigando nesse estudo sobre o processo de construção de lugares boêmios:



Quadro 2 - Esquema que demonstra como enxergamos diferentes partes da discussão até aqui em relação ao fluxo de subjetivação enfocado no processo de construção de lugares boêmios. Elaborado pelo autor.

É importante ressaltar que o processo de subjetivação enfocado não tenciona ser uma explicação que abarca *todos* os diferentes modos pelos quais um lugar boêmio surge; em via oposta, ele é apenas a leitura de *um* dos fluxos de subjetivação que resultam em tais lugares; apenas aquele que se pode ter acesso nesta pesquisa.

Tal fluxo, por sua vez, busca ser uma ampliação do olhar sobre o processo de lugarização (Quadro 01); é como se colocássemos uma espécie de lupa para ver esse processo, ampliando (parte em cinza do esquema anterior) o processo que resulta num lugar boêmio, que resulta numa singularidade espacial para sujeitos e coletividades. Nessa linha, *a experiência-vivência se torna uma espécie de força motriz que cria memórias e afetos nas pessoas e coletividades, permitindo que eles valorem os espaços de diversão noturna e construam seus lugares boêmios.*

Desse modo, no tópico a seguir, enfatizaremos a importância das experiências como produtoras dessas memórias e afetos que nos vinculam com determinados espaços; seguiremos, portanto, na direção de explorar melhor o que seriam essas memórias e afetos na boemia.

⁴³ Não valorizar como “mais boêmio” um ou outro tipo.

6.2.1. Memórias e afetos na boemia

Em alguns momentos até este ponto do texto diferentes trechos o atravessaram, explicitando um pouco as memórias e afetos de que vamos falar nesse tópico; continuaremos a seguir nessa direção.

Caminho numa noite quente de Porto Alegre por ruas movimentadas. Passo na frente de diversos bares, restaurantes e boates, cheios de gente, querendo chegar na pequena praça e comer um xis⁴⁴ vegano. Faço meu pedido no balcão metálico que se abre diretamente pra calçada e sento na mureta do chafariz desativado para esperar. Em meio aos diferentes espaços boêmios abertos, foi ali que encontrei lugar naquela noite (e em tantas outras).

Como em meio a toda a oferta de espaços para se ir e se divertir numa noite, escolho um espaço preciso? Em outras palavras, escolho um lugar; este que é lido como singularidade (individual e/ou coletiva), resultante, portanto, de processos de subjetivação que se iniciam através da *experiência-vivência* desses espaços.

Vamos falar agora de como o processo de lugarização na boemia evidencia um fluxo particular: a subjetividade que se constrói neste caso transforma em lugar aqueles espaços nos quais se criam *memórias e afetos* a partir das *experiências-vivências* deles. A tarefa de colocar em palavras essas memórias e afetos é bastante difícil, conforme aponta Tuan ao falar daquilo que ele chama como “experiências íntimas”:

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo de nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas. Quando, por alguma razão, assomam por um instante à superfície de nossa consciência, evidenciam uma emoção que os atos mais deliberados - as experiências ativamente procuradas - não podem igualar. Um simples sorriso ou contato pode alertar nossa consciência sobre um momento importante. Na medida que estes gestos podem ser observados, eles são públicos. (...) Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. Há ocasiões em que até o adulto saudável anseia pelo aconchego que conheceu na infância. (Tuan, 1983, p. 151 e 152. Grifo nosso).

Ao pesquisarmos na Internet relatos de sujeitos sobre seus lugares boêmios, encontramos alguns textos que são bastante úteis para que vejamos melhor aquilo do que estamos a falar nesse tópico. Encontramos, primeiramente, o texto “Foi uma nuvem que passou em minha vida”⁴⁵, do qual extraímos o trecho a seguir:

⁴⁴ Nome dado a um tipo de sanduíche bastante popular no estado do Rio Grande do Sul.

⁴⁵ O texto foi encontrado no blog da artista, publicitária (e tantas outras coisas, conforme sua própria descrição), Graça Craidy. Publicado no ano de 2012 e acessado por meio do link

Eu tinha 24 anos e era a maior boêmia da madrugada porto-alegrense. Se me batesse um vento norte de sair tarde da noite, mesmo que já estivesse deitada na cama pra dormir, de pijamão e dente escovado, pas de problème, monsieur! Levantava, vestia uma roupa bacana, dava tchau pro meu grande irmão caçula - que não falava um A, acostumado com minhas esquisitices impulsivas - pegava a minha super Brasília azul e lá me ia bem bela *João Pessoa*⁴⁶ afora, rumo aos meus barzinhos favoritos, na Cidade Baixa: ou ao Big Som ou ao Vinha D'Alho. Ambos com música ao vivo, que sem música ao vivo minha alma se desidratava. Daí a urgência.

Sim, sim, sozinha. Principalmente nessas noites assim em que eu resolvia sair a la loca. O ritual de chegar era sempre o mesmo. Oi,oi, uma garrafa de vinho tinto seco e ficava ali, curtindo, cantando junto, dando uma canja no palco ou, muitas e muitas vezes, me dilacerando em poesias inevitavelmente derramadas nos guardanapos, sangrando desamores, pasmos e fugidias epifanias.

Naquela noite, resolvi aportar no Vinha D'Alho. No minúsculo palco meio escuro, o contrabaixista Tenison Ramos arriscava a voz em um Jorge Ben quase inédito: Rita Jeep, Rita você é um barato, tremendamente feminina, por você eu faço um trato, um trato de comunhão de bens. Sentei. Um bom cálice de cabernet. Um gole. E apertei os olhos pra enxergar melhor na meia-luz (...).

A partir daí o texto prossegue, mas basta-nos o trecho anterior para percebermos a presença de espaços urbanos (a avenida, o bairro, os bares) no relato. Esses espaços tornam-se lugares misturados com as memórias e afetos da autora. É na descrição de uma noite dela de boemia (de uma experiência-vivência em si), entre gestos e ações, que se evidencia a subjetividade que resulta no lugar boêmio que estamos discutindo. Outro exemplo, na mesma linha, aparece nos trechos apresentados a seguir extraídos do texto “Fidelidade boêmia”⁴⁷:

Todo boêmio tem um bar onde o sabor da cerveja é melhor. Contexto é tudo, e a fidelidade boêmia é tão difícil de ser conquistada e mantida quanto em um casamento. Porém, há muito mais entre o bar e o bêbado do que podem explicar nossas tristes lógicas. O lugar pode ser imundo, e o serviço, o pior, e ainda assim se tornar endereço certo nas madrugadas febris.

(...)

As bases de um bom bar são cerveja gelada (tesão), preços razoáveis (admiração) e uma frequência interessante (tesão/bom papo). Simpatia ou eficiência por parte dos garçons não são exigências – luxo equivalente ao cônjuge também amar sua banda preferida ou torcer pelo seu time. No entanto, os tais três pilares não podem faltar. Boêmios são animais promíscuos e coletivos que, sem que se perceba, migram atrás de desbravadores, rumo a um novo mundo com o mesmo ímpeto com que antes infestavam o boteco da esquina.

Após anos de peregrinação adolescente em busca da terra prometida – entre batidas de limão e doses de xibouinha – a primeira meca boêmia do meu grupo de amigos foi o Baixo Gávea – mais precisamente, o Hipódromo. Ainda que a comida do Braseiro já fosse superior, o Hipódromo, mais tosco, sustentava a aura de bons tempos abstratos que jamais vivemos, enquanto o Braseiro, repleto de globais e picanhas milionárias, nos parecia excessivamente mainstream. Verdade que o

<<http://gracacraidy.blogspot.com.br/2012/08/foi-uma-nuvem-que-passou-em-minha-vida.html>>, em 06/03/2017.

⁴⁶ Avenida João Pessoa, em Porto Alegre.

⁴⁷ Escrito por Vitor Paiva, escritor, músico e colunista do ORNITORRINCO. Disponível em: <<http://ornitorrincozine.blogspot.com.br/2013/09/a-fidelidade-boemia.html>>. Acessado em: 28/06/2017.

Braseiro tem como trunfo o Chico, titular absoluto da seleção carioca de garçons. O Hipódromo, no entanto, responde com Lacerda, outro gênio das quatro linhas da mesa de bar, infalível em qualquer convocação.

(...)

E aqui chegamos à era de ouro de nossa boemia. O bar era o Itahy do Leblon. O chope era dois por um. E dois novos titulares passaram a compor o escrete carioca de nossos corações: Genilson, carinho puro e amigo para todas as horas, e Agenor. O Itahy vivia às moscas, e a sensação de fundação, de descoberta do ouro, unia os poucos frequentadores de então. Só quem esteve sabe. Não haverá outro ano como 2008.

A dinastia Itahy, no entanto, não durou muito – invadida por hordas de adolescentes em fúria, derrubando assim um dos pilares do relacionamento. O fim foi suave e amigável, e vez em quando voltamos lá, com o prazer seguro de ex-namorados que se frequentam. É orgasmo certo, ainda que melancólico.

Hoje o ponto de encontro é o Alfa Bar. Talvez seja um sinal dos tempos, mas os melhores dias no Alfa não são quando a lotação da Comuna, do outro lado da rua, transborda para suas dependências. O ouro está nas noites mais vazias, rodeadas somente por coringas da boemia de Botafogo. Há algo de essencial no Alfa, sem glamour, mal iluminado, com mesas de plástico e serviço rudimentar – como quando se cresce, e a mulher dos sonhos deixa de ser simplesmente a mais bonita ou gostosa – que traz de volta a razão primordial de se amar a boemia: o encontro. No entanto, o dilema da monogamia e do amor romântico prossegue. Sempre haverá o próximo bar

O texto que o autor constrói coloca em evidência, muito claramente, a construção de lugares que este estudo está se dedicando. Diferentes lugares que o autor (com seu grupo de amigos) frequentou em distintos momentos de sua vida são ricamente entremeados com memórias e afetos nesse texto literário⁴⁸. De bares dos tempos da juventude, aptos aos bolsos de uma vida com pouco dinheiro e sedentos por gente, a outros nos quais o encanto está no vazio das mesas; de um bairro no qual a prefeitura chega com seu ordenamento, para outro no qual se descobre uma riqueza ainda pouco explorada... Tudo isso (e tantas outras coisas juntos) nos ajudam a perceber a variedade de memórias e afetos que aparecem no processo de subjetivação que resulta nos lugares boêmios do autor.

Em muitos momentos é bastante difícil delimitar o que seria uma memória e o que seria um afeto em si. Turvam-se fronteiras e torna-se difícil dizer, precisamente, quais elementos constroem a sensação de lugar para cada um dos autores dos textos anteriores. Sobre tudo isso, resume Oliveira (2014, p. 15):

A memória de ‘recordações prenes de saudades, nos traz lugares especiais, de acontecimentos individuais’, mas estreitamente entrelaçados com ruas, praças, bares, Vale do Anhangabaú, avenidas, com o bonde elétrico aberto e o ‘camarão’ fechado, com as esquinas boêmias. Todos esses lugares povoados de pessoas amigas, colegas, alunos e muitos desconhecidos.

⁴⁸ Mais uma evidência de como não podemos deixar de fazer, a todo instante, o movimento de nos encontrarmos com *outras vozes* que também falam sobre esses lugares que habitam sujeitos e coletividades, além dessa científica com que estamos a escrever essa pesquisa.

A pequena diferenciação que fazemos (apesar de bastante difícil de ser observada, como já constatado) entre memórias e afetos é no sentido enfatizar com o termo *memória* o papel ativo de se resgatar experiências passadas como constituidoras de subjetividades; algo bastante próximo do que nos diz Tuan (1983, p. 206 e 207):

As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz. Eu sou mais do que alguém neste momento pela luta para expressar o pensamento em palavras: Eu também sou um escritor, cujo o livro foi publicado, e aqui está o livro, encadernado, a meu lado, renovando minha confiança. (...) Para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível. Existem vários mecanismos para escorar as deterioradas paisagens do passado. Por exemplo, vamos ao bar: aí temos a oportunidade de falar e transmitir nossas pequenas aventuras em epopeias, e desta forma as vidas comuns alcançam reconhecimento e até uma pequena glória nas mentes crédulas dos companheiros ébrios.

Já com o termo afeto, por outro lado, referimo-nos aos variados elementos ligados a desejos e/ou sentimentos subjetivos que se fazem presente na valorização de determinado lugar. De um amigo de “noitadas” que é sempre um prazer reencontrar, a um banco que gostamos de sentar e observar tudo que acontece no lugar; de uma bebida ou comida especial que é servida num local e que nos faz voltar ali, ao garçom que nos chama pelo nome. Poder-se-ia acrescentar, em tais linhas, inúmeros outros exemplos, mas vamos deixar isso para as narrativas das quais falaremos a seguir e que serão apresentadas na segunda parte deste estudo. Neste momento, é mais importante perguntar-nos:

‘quanto tempo demora para se conhecer um lugar?’ O homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação de lugar é superficial. Esta é uma sabedoria convencional. O conhecimento abstrato sobre um lugar pode ser adquirido em pouco tempo se se é diligente. (...) Mas ‘sentir’ um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado por nossos músculos e ossos. (...) A afeição, por uma pessoa ou uma localidade, raramente é adquirida de passagem. (Tuan, 1983, p. 203. Grifo nosso).

Ao falar de experiências íntimas com o lugar, Tuan aproxima-se do nosso olhar sobre um lugar subjetivo, conforme pode ser pensado a partir do trecho a seguir:

Cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação, mas não são guardados como instantâneos no álbum de família nem percebidos como símbolos comuns: lareira, cadeira, cama, sala-de-estar, que permitem explicações detalhadas. Não se podem desenhar nem planejar deliberadamente, com a mínima garantia de êxito, as ocasiões de troca genuína de intimidade. (Tuan, 1983, p. 156).

Em noites povoadas de tantos espaços para se divertir (e consumir), passamos de um ao outro sem sequer nos percebermos daquilo que sentimos em cada um deles. Ocorre uma espécie de atropelamento do qual não criamos nossos lugares uma vez que nem nos perguntamos o porquê tal espaço é (ou não) especial para nós. A importância de refletir sobre esses espaços (mesmo que de consumo) é uma forma de resistência a esse “atropelamento” que experienciamos cotidianamente, o que fica evidente diante do fato de que:

As experiências íntimas, não sendo exaltadas, passam despercebidas. Na hora, não dizemos ‘é este’, como fazemos ao admirar objetos de notória ou reconhecida beleza. É somente quando refletimos que reconhecemos seu valor. Na hora não estamos conscientes de nenhum drama; não sabemos que acabam de ser plantadas as sementes de um sentimento duradouro. Os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar. (Tuan, 1983, p. 158).

Quando contamos a alguém sobre nossos momentos de boemia (como muitos dos meus interlocutores desse trabalho) ou quando escrevemos sobre isso (como nos trechos dos textos apresentados acima), ativamos a memória, explicitamos afetos. Esse processo de narrar essas experiências faz emergir os lugares subjetivos que estamos nos detendo aqui. Não falamos, durante essa tarefa, apenas de nossas experiências íntimas, é claro. Assim como também não falamos somente de questões coletivas⁴⁹ ; apenas de fatos conscientes ou, tão-somente, de outros inconscientes. As experiências narradas rompem com tudo isso, aproximando-se daquilo apresentado anteriormente sobre a visão de autores pós-estruturalistas sobre a experiência; próximo, também, do que Tuan acrescenta:

As experiências íntimas, quer com pessoas ou coisas, são difíceis de comunicar. As palavras apropriadas são evasivas. As fotografias e os desenhos raramente parecem adequados. A música pode evocar certos sentimentos, porém carece de precisão significativa. Fatos e acontecimentos são facilmente narrados: não temos dificuldades para dizer que fomos domingo ao Crater Lake, com as crianças e dois cachorros, em uma perua, e que o dia estava frio. Sabemos o que admirar: o lago. Podemos olhá-lo de frente e tirar uma fotografia e assim termos um registro permanente e público do que aconteceu. Porém a qualidade do lugar e nossa experiência singular não ficaram registradas na fotografia: isto deve incluir o que vimos com o canto dos olhos e a sensação da luz gelada no sol às nossas costas. (Tuan, 1983, p. 163. Grifo nosso).

Por tudo isso, é importante falarmos do processo de narração dessas experiências e é isso que faremos no tópico a seguir. Logo em seguida, será apresentado um resumo do método utilizado para a investigação em trechos dos bairros Cidade Baixa e Centro Histórico em Porto Alegre.

⁴⁹ Nos fragmentos do texto Fidelidade Boêmia, apresentados acima, é possível encontrar muitos elementos individuais que levaram o autor a procurar outro bar, como também outros que são das coletividades em que ele se inserem (ordem da prefeitura, mudanças no público que frequenta o lugar etc.)

6.3. Narrativas de experiências-vivências e a construção do lugar boêmio

6.3.1. Narrar como forma de abordar processos de subjetivação

Para começarmos a falar da questão da narrativa de experiências vamos nos deter, nas linhas a seguir, em partes do pensamento do filósofo Walter Benjamin por meio de uma das suas mais conhecidas reflexões⁵⁰: o empobrecimento da experiência. É relacionado a ela que o autor irá empreender uma distinção entre a experiência e vivência, conforme nos fala Jacques (2014, p. 26 e 27) a seguir:

Podemos notar nos textos de Walter Benjamin, uma diferenciação clara entre dois tipos de experiência, pois são dois termos diferentes em alemão: *Erlebnis*, a vivência, o acontecimento, uma experiência sensível, momentânea, efêmera, um tipo de experiência vivida, isolada, individual; e *Erfahrung*, a experiência maturada, sedimentada, assimilada, que seria um tipo de experiência transmitida, partilhada, coletiva. A grande questão para Benjamin não estaria tanto no depauperamento da experiência vivida, da vivência, menos ainda na sua destruição (...), mas na incapacidade de transformá-la em experiência acumulada, coletiva (*Erfahrung*), ou seja, de transmiti-la. Benjamin relaciona diretamente a questão do empobrecimento da experiência – que não deve ser confundido com sua destruição – com a perda da capacidade narrativa. Para o autor, mais do que a experiência propriamente dita (em termos de vivência), era a arte de narrar que estaria em extinção. (Grifo nosso).

Nas palavras de Jay: “(...) Benjamin compreendeu a importância de transmitir a sabedoria do passado por meio de provérbios, cuentos y narraciones orales” (Jay, 2009, p. 381). O que se destaca na obra de Benjamin é a sua análise da modernidade como grande produtora de vivências⁵¹; ao mesmo tempo, conforme dito acima, ele observa como existe, no sentido contrário, uma diminuição da capacidade de narrar essas experiências.

Benjamin apresentará a modernidade ela própria como experiência de fragmentação e desorientação (...) porque, entre uma vivência e outra, entre uma história e outra, entre uma geração e outra, há um abismo. Uma incomunicabilidade (...). Se dar conselhos parece hoje, algo antiquado, se não podemos mais falar exemplarmente de nossas preocupações, se não conseguimos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. (Rodrigues, 2009, p. 248, Grifo nosso).

Nesta mesma direção, Lima e Baptista (2013, p. 478 e 479) observam:

No jogo dinâmico entre vivência e experiência, quanto mais choque, mais consciente; quanto mais sucesso do consciente, mais vivência – e menos experiência. É desse

⁵⁰ Conforme o artigo de Lima e Baptista, o conceito de experiência na obra de Walter Benjamin varia ao longo dos cinco ensaios nos quais o autor tentou definir o termo. Entretanto, eles afirmam: “O conceito de experiência em Walter Benjamin é menos uma teoria desenvolvida e postulada do que uma busca incessante de definição e retificação crítica”. (Lima e Baptista, 2013, p. 481).

⁵¹ Benjamin (2012, p. 127) dirá: “Pobreza e experiência: isso não deve ser compreendido como se os homens aspirassem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza, externa e também interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre, tampouco, são ignorantes ou inexperientes. Frequentemente pode-se afirmar o oposto: eles ‘devoraram’ toda a ‘cultura’ e o ‘ser humano’, e ficaram saciados e exaustos”.

modo que Benjamin esclarece a “atrofia da experiência”: através de uma sucessão cada vez maior de choques, a modernidade concede à experiência apenas uma modesta parte – se comparada ao que era antes –, legando à vivência a primazia da existência.

O que fica claro, por meio desse conjunto de análises, é que a separação dos termos vivência e experiência por Benjamin serve para elucidar algo que ele observa que surge com a modernidade, a produção de vivências⁵². Logo, a intenção de Benjamin era ampliar o conceito do termo experiência para além de uma experiência individual, algo muito caro a nós aqui neste trabalho⁵³. Nesta direção, Rodrigues (2009, p. 248) conclui:

(...) o propósito central da atenção que Benjamin dá aos processos de fragmentação e secularização da modernidade, da atenção que dá ao declínio da experiência (Erfahrung) e o advento da vivência individual (Erlebnis). Benjamin não tenciona anunciar uma tendência irreversível, uma decadência, uma perda da experiência – supostamente original, natural mas ampliar o conceito de experiência retirando-o de um campo psicológico, das naturezas, das essências – recusa à clausura, ao cárcere tranquilizante, e até mesmo sufocante que só faz produzir a ilusão de estar seguro em si mesmo, em sua interioridade, no seu tempo, nos seus planos e valores, entre os seus, entre os muros, grades e câmeras. Trata-se de profanar os halos que pairam sobre a subjetividade individualizada.

Toda essa análise nos faz perceber a relevância da discussão proposta por Benjamin e que justifica sua *preocupação com a narração*. Essa é, também, uma das preocupações desse trabalho. Na medida em que entendemos que as subjetividades são muito importantes nas nossas relações com os espaços urbanos e que essas subjetividades estão sempre num processo de captura e disputa com o poder, é fundamental que a gente fale de subjetividades *outras*. Que se fale de outras faces dessa vida pública da noite que não se resume as experiências de consumo. Que se fale, no âmbito dos estudos acadêmicos, dos lugares boêmios sob perspectivas que não sejam focadas, apenas, nos aspectos econômicos. Que se fale daquilo que diferentes sujeitos e coletividades experenciam-vivenciam relacionados a esses espaços, tornando-os especiais, precisos. Enfim, é necessário narrar as *múltiplas* subjetividades que permeiam as experiências-vivências de sujeitos na boemia como uma forma, até mesmo, de nos aproximarmos melhor de outros olhares sobre a cidade em seu âmbito noturno.

A questão da narração, e do que chamamos de narrativas urbanas como forma de transmissão de experiências urbanas e, assim, de disputa entre macro e micronarrativas com relação à produção de subjetividades urbanas, é determinante. As narrativas urbanas, além de narrar, também ‘montam’ cidades, ao produzir outras subjetividades urbanas. (Jacques, 2015, p. 80).

⁵² Portanto, não podemos confundir a motivação dessa atitude do filósofo em distinguir tais termos a fim de elucidar a presença da vivência como apenas uma forma de experiência e, a partir disso, focar na questão da narrativa, com aquilo que fizemos neste trabalho (no item 6.2 Experiência-vivência na boemia), que foi de aproximar esses dois termos como forma de não valorizar nenhuma delas como mais legítima no processo de construção de lugares subjetivos na boemia.

⁵³ E ao que buscamos responder por meio da aproximação entre olhar sobre o processo de construção de subjetividades *individual e coletiva* e o processo de lugarização.

Além disso, narrar essas experiências-vivências com nossos lugares boêmios é uma forma de conhecimento tanto de cada um em si, quanto dos espaços urbanos. Apoiar-se naquilo que fala Tuan (1983, p. 10):

(...) a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experenciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. (...) Para experenciar no sentido ativo é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto.

Quando falamos, ao longo de todo esse texto, sobre o que se vive na escrita desse trabalho, fazemos um gesto tal como descrito por Tuan no trecho acima. É uma tentativa de “aprender a partir da própria vivência” dessa pesquisa em si, assim como também a partir das próprias experiências-vivências boêmias. É reconhecer que *a abordagem da experiência se dá pela construção de uma narrativa sobre ela*, num processo incessante de “atuar sobre o dado e criar a partir dele”.

Tudo isso apoia-se, do mesmo modo, no que Giacoia Jr. (2014, p. 45) diz acerca da criação da memória:

No início era o ato, e o ato originário foi a violência traumática. Repeti-la, para conjura-la por interiorização e costume (Eingewohnung), foi a mais antiga mnemotécnica empregada pela humanidade para realização da tarefa paradoxal de criar para si uma memória da vontade à contracorrente da potência animal do esquecimento. O paradoxo consiste em repetir para lembrar, pois essa lembrança torna possível – ao mesmo tempo – dominar (pela repetição ativa) e esquecer a violência traumática originária. A memória constitui, portanto, a base do poder alcançado pelo animal-humano diante das potências aterradoras da natureza (...).

Narrar, por fim, é o meio possível de focarmos nos processos de subjetivação que resultam em lugares boêmios ao invés de simplesmente mapeá-los em meio aos espaços urbanos. Permite, ao mesmo tempo, que se construa uma memória de sujeitos e coletividades e abra espaço para que a sensibilidade entre no jogo de análise que nós, urbanistas, fazemos dos espaços urbanos. Na medida em que o “dado” analisado se constrói com base nessas experiências-vivências, ele incorpora um universo de sensações, percepções, desejos, reflexões e tantas outras coisas que se ligam as cidades que a maior parte da humanidade habita nos dias de hoje.

6.3.2. De uma lacuna de conhecimento ao conhecimento fragmentário

Além de tudo isso, Tuan (emérito geógrafo e estudioso acerca do conceito de lugar) acrescenta como existe uma espécie de lacuna no estudo sobre “lugar” a partir de abordagens narrativo-descritivas, semelhante ao que estamos defendendo aqui. Segundo ele:

Uma lacuna curiosa na extensa e crescente literatura sobre o lugar é a tentativa de abordar diretamente o papel do discurso humano na criação do lugar: curioso porque, obviamente, sem discurso - sem o uso e o intercâmbio de palavras e as ideias que elas transmitem - lá não pode ser, em primeira instância, qualquer ação ou força humana dirigida a objetivos preconcebidos. Um motivo principal para a negligência do discurso é que os geógrafos e os historiadores da paisagem (e, acredito, as pessoas em geral) tendem a ver o lugar quase que exclusivamente como resultado da transformação material da natureza. (...) os humanos, em geral, conhecem o poder da fala na experiência comum, hoje em dia. Eles sabem que, embora a fala, por si só, não possa transformar materialmente a natureza, pode direcionar a atenção, organizar entidades insignificantes em conjuntos significativos e, ao fazê-lo, tornar as coisas anteriormente ignoradas - e, portanto, invisíveis e inexistentes - visíveis e reais⁵⁴.

A partir disso, o autor acrescenta o ponto central de sua crítica e que é importante também nesta pesquisa em si, pois ajuda-nos a justificar tanto a forma de escrita de todo esse texto até aqui, como também a maneira como abordaremos na parte seguinte os dados de campo obtidos nas experiências-vivências em trechos da cidade de Porto Alegre. Nessa direção, Tuan argumenta:

Em uma abordagem narrativa-descritiva, (...) a formulação explícita da teoria não é tentada, apenas porque uma teoria, por sua clareza e peso, tende a conduzir a interpretações rivais e complementares e a esboços explicativos fora da mente, com o resultado de que o objeto de estudo - uma experiência humana, quase sempre ambígua e complexa - se transforma em algo esquemático e etiolado. De fato, na ciência social, uma teoria pode ser tão altamente estruturada que parece existir por conta própria, ser quase "sólida", e assim capaz de lançar (paradoxalmente) uma sombra sobre os fenômenos que se pretende iluminar. Em contraste, na abordagem narrativa-descritiva, as teorias flutuam apoiadas em segundo plano, enquanto os próprios fenômenos complexos ocupam a frente. Por esta razão, a abordagem é favorecida por geógrafos culturais e históricos, historiadores em geral e antropólogos culturais - estudiosos que estão predispostos a apreciar a variedade e a cor da vida e do mundo. Seus melhores trabalhos tendem a fazer com que um leitor sinta o prazer intelectual de ser exposto a uma ampla e variada gama de fatos relacionados e de compreendê-los um pouco melhor (ainda que mal), em vez de, como em obras teóricas especializadas, a garantia intelectual sendo oferecida por explicação rigorosa de um segmento de realidade necessariamente estreito e altamente abstraído.⁵⁵

⁵⁴ Traduzido aqui a partir de: "A curious gap in the extensive and growing literature on place is the attempt to address directly the role of human speech in the creation of place: curious because, obviously, without speech – without the use and exchange of words and the ideas they convey – there cannot be, in the first instance, any human action or force directed toward preconceived goals. A principal reason for the neglect of speech is that geographers and landscape historians (and, I believe, people in general) tend to see place almost exclusively as the result of material transformation of nature. (...) humans in general know the power of speech in ordinary, day-today experience, They know that although speech alone cannot materially transform nature, it can direct attention, organize insignificant entities into significant composite wholes, and in so doing, make things formerly overlooked – and hence invisible and nonexistent – visible and real" (Tuan, 1991, p. 684 e 685).

⁵⁵ Versão aqui traduzida a partir de: "In a narrative-descriptive approach, (...) the explicit formulation of theory is not attempted, if only because such a theory, by its clarity and weight, tends to drive rival and complementary interpretations and explanatory sketches out of mind, with the result that the object of study – a human experience, which is almost always ambiguous and complex – turns into something schematic and etiolated. Indeed, in social science, a theory can be so highly structured that it seems to exist in its own right, to be almost 'solid', and thus able to cast (paradoxically) a shadow over the phenomena it is intended to illuminate. By contrast, in the narrative-descriptive approach, theories hover supportively in the background while the complex phenomena themselves occupy the front stage. For this reason, the approach is favored by cultural and historical geographers, historians generally, and

Por fim, Tuan fala de como a criatividade aplicada nos trabalhos científicos não é, em geral, abordada neles em si. Falar da criatividade presente na construção desse texto científico é o meio de torna-lo interessante para outras pessoas. O urbanista, tal como o pensamos neste trabalho, é um contador histórias que executa o exercício de olhar para seus lugares, de escrever e refletir sobre eles. A partir desse conhecimento, ele pode tanto aplica-lo nas tarefas de um possível projeto urbano, quanto também nas suas análises. Investigar e narrar lugares pode ser, por fim, uma interessante ferramenta de estudo das cidades em oposição ao tão disseminado método do diagnóstico⁵⁶. Nessa linha, Tuan fala:

(...) as teorias sociais (...) aspiram a ser científicas e analíticas, raramente abordam o fenômeno ainda desconcertante da criatividade - do poder dela como é entendido por artistas. Embora nem todos possam pintar ou compor música, todos nós podemos usar as palavras de forma eficaz. As palavras têm o poder geral de trazer à luz experiências que se encontram na sombra ou recuaram nela, e o poder específico de chamar os lugares a serem. (...) a personalidade de certas cidades (Londres do século XIX, por exemplo) deve muito à influência de uma literatura poderosa. Uma grande cidade pode ser vista como uma construção de palavras, bem como de pedra, de política (novamente, dependente de um alto grau do uso persuasivo de palavras) e economia⁵⁷.

É importante esclarecermos que o que se consegue registrar dessas experiências-vivências nos espaços urbanos (no nosso caso, nos lugares boêmios) são apenas fragmentos: partes, lapsos, insights, reflexões, parágrafos, fotos, áudios, vídeos... resquícius da pesquisa de campo que se misturam com a vida em si. Muitas vezes, fragmentos que dizem respeito mais do processo de vida do pesquisador, do que do objeto em estudo. No entanto, lidar de maneira complexa com tudo isso nos obriga a enxergar que as fronteiras entre esses diferentes papéis (pesquisador, aluno, morador da cidade que se estuda, boêmio etc.) não pode ser precisamente delimitável. Obriga-nos a enxergar a lógica fragmentária, conforme apresentado por Jacques (2015, p. 53 e 54):

O interessante da lógica fragmentária é precisamente a problematização pela dúvida. Não há qualquer possibilidade, nem interesse, de se buscar uma unidade, ou qualquer

cultural anthropologists – scholars who are predisposed to appreciate the range and color of life and world. Their best works tend to make a reader feel the intellectual pleasure of being exposed to a broad and variegated range of related facts and of understanding them a little better (though still hazily), rather than, as in specialized theoretical works, the intellectual assurance of being offered a rigorous explanation of a necessarily narrow and highly abstracted segment of reality” (Tuan, 1991, p. 686).

⁵⁶ Cf. item 3. Ensaio I: Reflexões sobre a noção de urbanismo.

⁵⁷ Versão aqui traduzida a partir de: “(...) social theories (...) aspire to be scientific and analytical, seldom address the still baffling phenomenon of creativity – of power as it is understood by artists. While not everyone can paint or compose music, all of us can use words effectively. Words have the general power to bring to light experiences that lie in the shadow or have receded into it, and the specific power to call places into being. (...) the personality of certain cities (nineteenth-century London, for instance) owes much to the influence of a powerful literature. A great city may be seen as a construction of words as well as stone, of politics (again, dependent to a high degree on the persuasive use of words) and economics” (Tuan, 1991, p. 686)

outro tipo de lógica unitária. A questão também é temporal, diz respeito a uma ordem incompleta e mutável, mas o inacabado, a ausência de um conjunto, de uma totalidade, também incita à exploração, à descoberta, o que os fragmentos têm de incompleto, de inacabado, possibilita também outras associações, em particular a partir do intervalo (do vazio que os separa) entre eles. (...) Outra questão ligada ao fragmento é seu foco micrológico, microbiano, seu caráter de miniatura, como uma pequena parte de algo maior ou um breve instante de uma situação qualquer, trata-se de uma pequena peça de uma construção feita por pedaços, que fazem parte de um jogo maior, fragmentário: o próprio processo de montagem.

Por volta de uma semana, no começo do mês de dezembro de 2016, participei do evento CORPOCIDADE 5 – Gestos urbanos, realizado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Nele, fiz parte do grupo reunido em torno do atravessamento Temporalidades e, ao longo de dois dias, foram realizadas diversas atividades, discussões, montagem-remontagem dos fragmentos e, a partir de tudo isso, extraiu-se um conjunto de frases e palavras que foram, pouco a pouco, sendo costuradas. Nexos incorporados tanto pelas ruas estudadas da cidade de Salvador, quanto de cada uma daquelas pessoas ali⁵⁸. Por meio de tudo isso, pude vislumbrar uma maneira possível de lidar com um conhecimento fragmentário e, a partir dele, construir sentidos que, no princípio, não eram evidentes; pude perceber o quão ricas eram, por fim, as relações que cada um estabeleciam a partir do material (bastante heterogêneo) que se espalhava pelas mesas da sala.

(...) a partir de um pensamento por montagens de tempos heterogêneos ou anacrônicos que tornam a própria noção de tempo bem mais complexa e menos linear, ou ainda, podemos, a partir da ideia de montagem, pensar outras formas de narração da experiência urbana, incluindo as narrativas de experiências de alteridade, de subjetividade e, também de memória, em particular, da rica discussão sobre a memórias involuntária – que também funciona por montagens heterogêneas e complexas, como os sonhos. (Jacques, 2015, p. 75) (Grifo nosso).

A experiência desse congresso (que entra nesse texto mesmo também como um fragmento) possibilitou o entendimento e prática da montagem, um processo que permite “(...) formas mais complexas de ver, apreender a realidade (...)” (Jacques, 2015, p. p. 48). Uma das origens desse processo é resgatada por Jacques a partir dos estudos de Benjamin, sobre o que ela concluiu:

Sem dúvida o processo de montagem para Benjamin era uma outra forma de narrar, de escrever a história, no caso do trabalho das passagens, da história de uma cidade, uma capital, Paris (...). As passagens em seus diferentes significados são sempre esses elementos recortados, sejam as passagens textuais, citações e recortes de textos

⁵⁸ “Um tipo de conhecimento específico e complexo é operado pelo trabalho (ou jogo) de montagem que não busca a unidade e pretende mostrar a própria complexidade ao acentuar diferenças e ao misturar, colocando lado a lado, numa mesma superfície, como no Atlas de Warburg, diferentes tipos de fragmentos, documentos ou detalhes de diferentes tempos e campos do conhecimento e, a partir do choque entre suas diferenças nos fazem compreender outros possíveis, não mais baseados em semelhanças, mas sim na própria diversidade e heterogeneidade que, durante o processo de montagem, faz emergir nexos secretos, escondidos ou invisibilizados por formas de pensar menos complexas ou mais sedimentadas”. (Jacques, 2015, p. 70 e 71).

variados, que vão de uma ideia para outra, sejam as passagens temporais, de um tempo para outro, que vão de uma época para outra, sejam as passagens arquitetônicas, urbanas, que levam de uma rua para outra, de um espaço urbano para outro. O método da montagem surge assim como uma forma de apreender a complexidade da construção da grande cidade, mas também para ‘apreender a construção da história como tal’ (...). Assim, o objetivo final, o resultado ‘formal’ pretendido da montagem literária benjaminiana parecia ser o que ele chamou de ‘arte de citar sem aspas’ ou, talvez, o próprio desaparecimento do autor como uma voz única ou dominante (Jacques, 2015, p. 53 e 54).

Tudo isso nos ajuda a entender as vozes que variam ao longo de todo esse texto, seja na conjugação verbal em si, seja nas referências (escritores, pesquisadores etc.) nos quais nos apoiamos para desenvolver argumentos e ideias em torno da questão central dessa pesquisa⁵⁹. É possível dizer que todo o texto que escrevemos até aqui é também uma narrativa? Na linha do que estamos defendendo, isso se torna possível. Escrevemos esse texto preocupados em evidenciar argumentos que ajudem na compreensão e defesa do que essa pesquisa diz sobre questões principais que ela aborda (construção de um lugar boêmio e a construção de uma pesquisa sobre isso). Para tal, trazemos vozes outras (a maioria delas citação de outros teóricos e pesquisadores) que ajudam na construção de um sentido, uma espécie de direcionamento das reflexões que estamos a fazer. Assim é que trabalhamos nessa primeira parte do texto que pode ser chamada de reflexiva-teórica. Por caminho semelhante é que seguiremos na segunda parte, focando não mais em fragmentos teórico e de método, mas sim naqueles que vieram a partir das experiências de campo e de pesquisa.

A narrativa apresentada a seguir é construída por meio de montagens dos diversos tipos de fragmentos obtidos: áudios, fotos, vídeos, relatos de interlocutores, notas e relatos de campo, diário de escrita etc⁶⁰. A obtenção de todo esse material não se deu de maneira previamente programada: parte desses fragmentos foi obtida ao longo da construção dessa pesquisa em si, imersos no processo de não saber exatamente para onde estávamos indo, e outra se deu a partir de saídas programadas a campo. Sobre essas últimas, tratam-se de experiências-vivências

⁵⁹ Variação essa reforçada no trecho a seguir: “O processo de montagem seria assim uma forma de utilização daquilo que sobrou, que já parece obsoleto, uma forma de usar os restos, farrapos e resíduos da história, através de uma remontagem de antigos fragmentos. Seria, assim, um processo de mistura temporal, mas também de narrativas e narradores, de tempos e narrações heterogêneas, um processo de montagem que formaria também uma série de anacronias e polifonias. Um método crítico a partir da justaposição de fragmentos a partir de suas diferenças”. (Jacques, 2015, p. 57).

⁶⁰ Incluindo fragmentos da nossa imaginação em si, apoiados no que nos diz Didi-Huberman (2013, p. 13 e 14): “(...) a imaginação, por mais desconcertante que seja, nada tem a ver com uma fantasia pessoal ou gratuita. Pelo contrário, concede-nos um conhecimento transversal, graças ao seu poder intrínseco de montagem, que consiste em descobrir – precisamente no sentido em que recusa os vínculos suscitados pela semelhanças óbvias – vínculos que a observação direta é incapaz de discernir (...). A imaginação aceita o múltiplo renova-o sem cessar, a fim de aí detectar novas ‘relações íntimas e secretas’, novas ‘correspondências e analogias’, que serão por seu turno inesgotáveis, como inesgotável é todo o pensamento das relações que uma montagem inédita será sempre suscetível de manifestar”.

em espaços boêmios nos bairros Cidade Baixa e Centro Histórico, em Porto Alegre, nas quais havia a incessante tentativa de registrar diferentes percepções, sensações, reflexões, fatos, entre tantos outros tipos de registros que ajudassem a contar toda *uma* história sobre o processo de construção de lugares nessas noites de diversão.

O material dessas saídas de campo foi narrado, numa primeira montagem, na forma de relatos de campo, totalizando um conjunto de aproximadamente 15 relatos de tamanho variáveis. A partir disso, reuniu-se esse material com outros que não haviam sido contemplados até então, totalizando um extenso conjunto a partir do qual extraímos observações que se mostraram mais pertinentes de serem abordadas em relação ao nosso tema e nossa questão de pesquisa. São elas: (a) a construção/ subjetivação de lugares na boemia e (b) a vida pública da noite. Sob a luz desses nexos, construídos através do contato com o conjunto de material reunido, realizamos mais uma montagem que resulta no texto escrito na parte seguinte desse trabalho. Por meio tudo isso é que:

(...) poderíamos começar por pensar as próprias cidades como montagens complexas, coexistências de tempos e espaços heterogêneos e dissensuais. Poderíamos também tentar apreende-las em sua complexidade praticando montagens heterogêneas – a partir do processo de montagem-desmontagem-remontagem – como uma forma, um exercício (ou ferramenta urbanística), de compreensão da complexidade das cidades. Essa prática busca um tensionamento a partir dos limiares do campo do Urbanismo com outros campos disciplinares. (Jacques, 2015, p. 74).

Por fim, cabe ressaltar aquilo que é expresso na parte a seguir não busca ser nenhuma fórmula para o processo de construção de lugares na boemia. Nem tampouco, opera no sentido de se construir uma narrativa de captura do leitor por meio de uma história com começo, clímax e seu desfecho. Trata-se de um processo exploratório não desejando tornar-se uma narrativa final sobre esse processo em si. É, tal como argumenta Jacques (2015, p. 83):

Ao buscar então um conhecimento da cidade, que também é um conhecimento da história das cidades e do Urbanismo, a partir da ideia de montagem, pelo choque entre suas diferenças, não procuramos uma síntese, ao contrário, buscamos compreender a complexidade a partir da multiplicidade polifônica das narrativas urbanas heterogêneas. (Jacques, 2015, p. 83).

Após toda essa discussão, apresentaremos no tópico a seguir um resumo das etapas adotadas nessa pesquisa.

6.4. Resumo do método de pesquisa empregado

Um primeiro ponto a ser esclarecido é sobre o uso da palavra método ao invés de metodologia. Compartilhamos a visão de Becker (1999) sobre os termos, para quem, esta última é entendida como uma forma de especialização que estuda métodos isolados das suas

respectivas pesquisas em si; em outras palavras, uma especialidade cuja função seja analisar, comparar e encontrar maneiras de tornar “mais precisos” os próprios métodos em si. É algo que o autor argumenta que “fazia parte da crescente industrialização das ciências sociais” (Becker, 1999, p. 11), ao que ele opõe:

(...) prefiro um modelo artesanal de ciência, no qual o trabalhador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo feito. (...) Em vez de tentar colocar suas observações sobre o que mundo numa camisa-de-força de ideias desenvolvidas em outro lugar, há muitos anos atrás, os sociólogos podem desenvolver as ideias mais relevantes para os fenômenos que eles próprios revelaram. (...) eles não precisam interpretar o que interpretam somente em termos do que lhes foi deixado por outros. Eles não precisam ficar sentados tentando decidir, como fazem muitos estudantes, se devem ‘usar’ Marx ou Weber na análise de seus resultados. Qualquer sociólogo é tão livre e tão competente para inventar novas ideias e teorias quanto foram Marx, Weber e Durkheim (Becker, 1999, p. 12).

O caminho trilhado na construção dessa pesquisa buscou se valer dessa reflexão de Becker. Determinados autores usados nesse texto (podem dizer alguns ao lê-lo) não poderiam ser misturados com outros que também se fazem presente aqui. Longe de entrar no mérito de filiações teóricas e afins, nossa preocupação foi trazer contribuições que ajudassem nas reflexões que fomos fazendo ao longo da elaboração desse estudo. É por isso também que, na maior parte das vezes, optamos por citações diretas desses trechos, querendo despertar em nossos leitores algo daquela sensação sentida ao ler esses textos originais⁶¹ e encontrar neles suporte para nosso raciocínio.

A teoria expressa nas linhas anteriores se compõe daquilo que foi estudado durante as aulas que acompanharam essa pesquisa e tudo mais que acabamos descobrindo *com e através* dela (algo que não é nada homogêneo, nem uniforme em si). Não partimos de uma seleção prévia e em profundidade de textos e autores. Ao invés disso, optamos por sair em busca de descobertas acreditando que o momento de um mestrado é para vaguear (tal como um boêmio?) por diferentes ideias, abrir a cabeça em diferentes frentes.

Por tudo isso, o pensamento teórico e de método dessa pesquisa é a primeira manifestação de fragmentos com os quais trabalhamos. Cabe, por fim, explicitar que é intencional o processo de constituir esse texto apoiado no pensamento de filósofos, psicólogos, geógrafos, sociólogos, antropólogos, arquitetos e urbanistas e outros dos quais podemos não nos lembrar neste instante. São todos eles que se fazem presente no corpo (e mente, algo visto como inseparável, portanto) do escritor desse texto. São influências diretas daquilo que resulta essa pesquisa e que, por isso, devem ser explicitados de acordo com o que acrescenta Becker (1999, p. 20):

⁶¹ Textos, muitas vezes, escritos numa clareza e com poética que jamais conseguiríamos reproduzir em paráfrases.

(...) a atividade da ciência como máquina tem (...) eliminado todo tipo de tendências incontroladas. Mas, como se sabe muito bem, é difícil reduzir a ciência a tais procedimentos estritos e a algoritmos plenamente detalhados. (...) Ao invés de insistir em procedimentos mecânicos que minimizam o julgamento humano, podemos tentar tornar as bases destes julgamentos tão explícitas quanto possível, de modo que outros possam chegar às suas próprias conclusões.

O que faremos no último tópico dessa primeira parte é complementar a explicitação dos passos de pesquisa que seguimos, constituindo esse momento de foco sobre o método resultante (ainda que com o apoio de algumas reflexões teóricas). Dessa forma, cabe dizer ainda que ao falarmos em “método resultante” estamos querendo evidenciar que o método também não foi construído previamente e depois seguido. Ele foi sendo construído juntamente com as descobertas teóricas e empíricas que nos davam as direções para onde seguir, num caminho mais ou menos semelhante ao que nos diz Portela (2015, p. 63 e 64):

Esse é o problema com os métodos, a gente conjura um e depois tem que dar conta de fazer ele ser coerente e de fazer ele ‘dar certo’, mas eu não trabalho dentro de laboratório que mantém a vida em condições normais de temperatura e pressão para fazer experimentos e muito menos transformo esses métodos em modelos para serem decalcados. O que faço é seguir as pistas que as experiências da vida praticada deixam pela cidade para refletir (...), sempre deixo os métodos meio frouxos que é para a vida poder entrar e modificá-los. Diriam os doutos do racionalismo funcionalista: faço uma ciência ruim que não pode ser transformada em modelo – ou norma, ou padrão – que possa ser repetido do mesmo modo, igual em qualquer lugar, ao infinito.

Conforme já resgatado anteriormente, essa pesquisa iniciou-se com uma seleção de projeto de pesquisa no qual, pela primeira vez, tentamos escrever algumas palavras sobre como ela seria. Ao iniciarmos as disciplinas exigidas por esse programa de pós-graduação, buscamos explorar diferentes abordagens existentes e, a partir disso, costurá-las com o tema de pesquisa, resultando nos primeiros escritos, agora já inserido no programa. A partir disso, clarearam-se caminhos que poderiam ser seguidos e outros que não nos permitiriam falar das questões que nos moviam⁶². Ao mesmo tempo, buscamos conversar com diferentes pessoas sobre o que elas entendiam por boemia, quais seriam os espaços boêmios de Porto Alegre e tantas outras coisas, mais ou menos nessa linha. Dessas conversas, surgiram muitas das inquietações (algumas delas incorporadas nesse texto), mas, sobretudo, fomos percebendo como era bastante diverso aquilo que cada um entendia que era boemia e quais eram os espaços dela na cidade.

Paralelo a isso, houve também descobertas a partir da experiência-vivência de se mudar para uma cidade nova e ter que construir seu conjunto de referências espaciais (lugares?!). Essa experiência-vivência em si tornou-se fundamental no olhar resultante nessa pesquisa, pois percebemos como também na boemia esses lugares tinham que ser construídos.

⁶² Questões que “sentíamos” que eram aquilo que queríamos falar, apesar de não termos consciência delas em si até esse momento.

Da enorme diversidade sobre o que seria boemia e quais seriam suas características, optamos por defini-la de maneira mais aberta, como uma vida pública da noite relacionada à diversão. Esse foi um passo fundamental, pois deixamos de gastar energia com o conceito em si (em seus estereótipos) e passamos a nos interessar pela sua expressão no cotidiano urbano de sujeitos e coletividades.

Após mais ou menos um ano de iniciada essa pesquisa, fomos para a banca de qualificação e, depois disso, clareou-se a aproximação da pesquisa com o conceito de lugar, que se tornou peça-chave para articular nossas reflexões teóricas e de campo. A partir desse momento, um movimento menos tateante e mais certo começou a ser construído.

Das inúmeras conversas que tivemos com moradores da cidade, desde o início da pesquisa, o bairro Cidade Baixa destacava-se como um grande referencial boêmio para essas pessoas⁶³. O trabalho de Fonseca (2006) ajudou-nos a ver como essa relação é antiga no bairro. A autora delineou três períodos da ocupação da área por estabelecimentos voltados para vida noturna: o surgimento dos primeiros bares entre as décadas de 1940-1980; a agregação de outros na década de 1990 e, por fim, entre os anos de 2000 e 2005 (ano anterior à defesa da pesquisa) ela observa o surgimento de outros estabelecimentos juntamente aos já existentes.

Além disso, o mesmo trabalho mostrou-se bastante rico por resgatar uma história da ocupação boêmia em outros bairros da cidade, como os bairros Centro Histórico e Bom fim e por identificar, enquanto hipótese central de seu estudo, uma migração de frequentadores do bairro Moinhos de Vento (de público mais elitizado, conforme ela nos diz) para o bairro Cidade Baixa e vice-versa.

Além desse trabalho em si, outros que investigaram questões relacionadas à vida noturna da cidade foram essenciais para que pudéssemos construir nossa própria abordagem. Além do trabalho de Fonseca (2006), existe ainda a investigação de Reckziegel (2009) que fala de aspectos configuracionais e formais de estabelecimentos de lazer noturno e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários, bem como o trabalho de Silva (2014) cujo foco foi o conflito entre moradores com usuários e comerciantes noturnos, além das mediações feitas pelo poder público para melhorar a convivência entre eles. Tais questões trabalhadas previamente respondiam essas indagações mais imediatas do senso comum e acadêmico, permitindo-nos pensar, por fim, na subjetivação que resulta em lugares boêmios dentro do Planejamento Urbano.

⁶³ Apareceu, também, inúmeras memórias sobre a boemia de outros tempos e lugares da cidade como, por exemplo, no bairro Bom Fim por volta da década de 1980.

Acompanhando tudo isso, nossas experiências-vivências boêmias na cidade nos mostravam quais eram os bairros que preferíamos frequentar. Foi através de tudo isso que selecionamos os bairros Cidade Baixa e Centro Histórico como locus principal sobre o qual nos interessaríamos explorar mais profundamente. Essa abordagem em mais de um bairro foi pensada para nos permitir observar, mesmo que minimamente, uma diversidade mais ampla na relação da boemia com os espaços urbanos.

Mas apesar de toda essa construção com base muito mais na sensibilidade nossa em si, do que na resolução pragmática da pesquisa, restava-nos ainda um grande imbróglio entre o que acreditávamos que seria ciência e o que, em virtude desse entendimento anterior, seria algo esperado dessa pesquisa em si: como seguir explorando esses nossos lugares e trazer isso para um texto científico no qual (acreditava-se) devesse prevalecer um discurso com pretensão de não ser individual?

A resposta para isso veio com a aproximação com o conceito de subjetividade. Ler e estudar sobre ela permitiu-nos entender outro modo de enxergar a ciência, outro modo de enxergar a nós e os nossos lugares, outro modo, portanto, de enxergar até mesmo o que é urbanismo e cidade em si⁶⁴. Subjetividade como algo que é construído entre o sujeito e a coletividade e que, por isso, fizemos questão de repetir tantas vezes, ao longo desse texto, esses dois polos.

Mais ou menos no momento dessa descoberta foi que preparamos uma investigação de campo. Apesar de pouca proximidade que tivemos com abordagens etnográficas, isso nos permitiu entender a importância da ida a campo, como também meios possíveis de se trabalhar os dados obtidos dessas incursões. Valemo-nos de duas estratégias para tais:

- (I) Frequentar diferentes espaços boêmios existentes nos bairros selecionados, sozinhos ou acompanhados de amigos, conhecidos e/ou recém-conhecidos. Na verdade, continuávamos frequentando tais espaços tal como fizemos desde que nos mudamos para a cidade em si, mas a diferença estava no fato de que nessas noites em especial valíamos-nos de um olhar e escuta sempre atentos tentando registrar (em notas, áudio, vídeos e na memória) tudo aquilo que percebíamos que era importante e que nos ajudaria a contar a história desses lugares subjetivos.

⁶⁴ Como nos diz Tuan (2012 p. 16), uma vez mais: “O cientista e o teórico, por seu lado, tendem a descuidar da diversidade e a subjetividade humanas porque a tarefa de estabelecer ligações do mundo não humano já é enormemente complexa. Entretanto, numa visão mais ampla sabemos que atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental; elas não podem ser excluídas da abordagem teórica porque o homem (...) deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado”.

- (II) Já a segunda estratégia foi a de realizar espécies errâncias por ruas dos bairros Cidade Baixa e Centro Histórico. Chamamos de errâncias tanto aqueles momentos em que andávamos mais ao prazer do acaso, esperando pela descoberta a cada esquina, do que movidos pelo desejo consciente de chegar a algum ponto; em outros momentos também, tais errâncias eram caminhadas por essas ruas com as quais já tínhamos construído certa familiaridade (que nos permitia saber, por exemplo, qual horário era seguro passar por elas), e que saímos com um trajeto pré-programado. Em muitas dessas errâncias fomos acompanhados de outras pessoas, em geral frequentadores a mais tempo dos bairros, que nos contavam muitas histórias sobre lugares existentes ou que tinham existido nesse caminho; histórias ricamente detalhadas que nos mostraram, muito além dos textos que tínhamos lido, sobre como todos que frequentam espaços boêmios possuem histórias para contar.

Após essas idas a campo, que duraram aproximadamente dois meses, a tarefa foi a de organizar o material obtido. Iniciou-se, nesse momento, a escrita sistemática de um diário, ao mesmo tempo em que foram escritos também os relatos dessas experiências-vivências de campo, buscando reunir o material obtido em notas, áudios e vídeos e dar espaço para a memória e imaginação. Essa foi uma primeira montagem feita com esses fragmentos.

Com os relatos prontos, reunimos tudo aquilo que tínhamos enquanto dados (fragmentos) e fizemos uma segunda montagem, a partir da leitura desse material e reunião de pontos semelhantes dispersos por todo ele. Produziu-se, então, um novo conjunto montado o qual, ao ser lido pela terceira vez e remontado, resultou na narrativa apresentada na parte seguinte.

O que apresentaremos a seguir é uma narrativa subjetiva querendo evidenciar o processo de construção de lugares através da boemia, elementos diversos dessa vida pública da noite e, por fim, refletir sobre todo esse processo de pesquisa. Tais narrativas são abertas, sem trama ou enredo, fragmentárias e/ou instantâneos⁶⁵.

O conjunto formado por essa Parte I do trabalho consiste no conjunto de reflexões teóricas e de método. Somado a essas reflexões, apresentaremos subsídios na forma de narrativas na parte seguinte, com nossos fragmentos de campo. É a partir dessa soma (reflexões teóricas e de método + subsídios em forma de narrativas) que estaremos aptos para chegar às conclusões desse estudo.

⁶⁵ Se quisermos usar o mesmo nome dado em um dos textos que muito nos inspiraram na escrita da parte seguinte, chamado “Instantâneos de certa Copacabana”, de Mizoguchi (2009).

Segunda parte: Entre diários, pesquisas e histórias

Na segunda parte dessa dissertação queremos retratar a discussão teórica e de método realizada anteriormente valendo-nos, agora, dos fragmentos coletados na pesquisa de campo em trechos dos bairros Cidade Baixa e Centro Histórico, em Porto Alegre, que nos ajudam a compreender melhor as discussões anteriores.

Além disso, os textos seguintes também se apoiam em notas tomadas de reflexões diversas que permeiam o tema dessa pesquisa (a relação da boemia com os espaços urbanos), bem como traz ainda partes do diário que acompanhou a escrita desse texto. A partir desse conjunto de material, falar-se-á a seguir sobre (1) a construção/subjetivação de lugares na boemia, (2) boemia como uma vida pública da noite e (3) a experiência de pesquisa que resultou nesse trabalho.

7. A construção de lugares na boemia

A primeira questão que vamos focar a partir do conjunto de material obtido durante os dois anos dessa pesquisa é sobre o processo de construção (subjetivação) de lugares na boemia. O olhar que construímos enxerga esse processo a partir da experiência-vivência que foi tanto a desse pesquisador em si, mas também a de vários outros com quem conversamos e pudemos, em alguns casos, ir junto a campo, seja apenas frequentando um espaço de diversão noturna localizado em algum dos bairros enfocados, seja através de errâncias por ruas dos mesmos, nas quais esses interlocutores contavam diferentes detalhes relacionados a esses espaços de boemia.

7.1. Sair à noite e não ter lugares

Mudar-se para uma cidade nova é deparar-se, entre tantas outras coisas, com o fato de que não sabemos para onde ir quando queremos sair e nos divertir numa noite qualquer. Não temos referências próprias de onde se reúne uma galera como a nossa, onde se come aquilo que gostamos de comer, onde podemos ouvir o tipo de música que queremos, entre tudo aquilo com que nos munimos para valorizar os espaços noturnos que frequentamos. Neste primeiro momento, fazia o mesmo sentido ir para a Cidade Baixa, para o Centro Histórico ou para qualquer outro bairro de Porto Alegre que abrigasse atividades noturnas.

Tal como um forasteiro desbravando terras novas, usamos diferentes táticas para driblar esse desconhecimento. De uma pesquisa na Internet, a conversas com amigos ou recém-conhecidos;

de caminhadas solitárias e errâncias por ruas que concentram estabelecimentos noturnos, a uma noite acompanhada de alguém especial.

No dia em que pisei pela primeira vez na R. da República, na Cidade Baixa, um amigo, também pesquisador e da mesma área que a minha, contou-me que aquela era uma das principais ruas boêmias do bairro. Uma rua de elegância e encantamento próprios. O que ficou na lembrança do primeiro contato foram aquelas árvores grandes e frondosas cobrindo a rua pavimentada com pedra e ladeada por prédios modernistas. Noutras partes, casas ao estilo art-déco junto a mosteiro, escola, teatro (desde que cheguei ele esteve sempre fechado, infelizmente), bares, lanchonetes, sorveteria tradicional, cafés e, até mesmo, um bar com fama de homofóbico próximo a outros dois nos quais predominam gays e lésbicas.

Sair à noite e não saber exatamente para onde ir por não ter referências próprias que nos ajudem a decidir é uma primeira evidência que nos aproxima dos lugares subjetivos que construímos na boemia. Além disso, essa mesma sensação de não saber para onde ir foi narrada por uma amiga que morou quase toda sua vida na cidade (portanto, não era uma forasteira, como no caso anterior), mas que ficou um tempo de sua vida sem frequentar esses espaços de diversão noturna. Com isso, quando saímos numa noite sem rumo certo pelas ruas da Cidade Baixa, tomei nota do seguinte trecho:

Saí de casa acompanhado de H que tinha ido me encontrar para seguirmos juntos para o Mercadinho. No dia anterior eu tinha ido para lá e resolvemos, sem conseguir pensar em muitas opções, ir tomar uma cerveja por lá e depois vermos o que faríamos. No carro, falamos sobre como temos lugares quando saímos à noite; a partir disso, ela me contou sobre como os lugares dela, de quando ela era mais jovem, já não existiam mais e como hoje, um período no qual ela tem saído bem pouco, ela sai e não tem esses lugares de antes; ela sai e não tem mais aqueles lugares específicos onde encontrar sua galera. Além disso, ela se identificou bastante quando eu disse sobre os afetos que criamos nesses lugares e me contou o exemplo dos garçons da lanchonete que são amigos dela desde os tempos das noites de sua juventude por ali.

A experiência de viajarmos para outros lugares também nos ajuda a perceber essa sensação de não saber bem para onde ir se divertir numa noite. Como turistas, munimo-nos de guias, sentimo-nos mais a vontade para interpelar alguém e perguntar o que essa pessoa nos sugere fazer.

Chegamos a Buenos Aires para o congresso. Com o cair da noite, sexta-feira, queremos saber para onde ir. Como acabamos de chegar e não queremos desperdiçar nenhuma noite por aqui, olhamos na Internet recomendações sobre bares e boates. Caçamos fotos (olhamos até mesmo as pessoas que aparecem nelas para saber se curtiríamos), lemos comentários sobre o lugar no Facebook, perguntamos para o taxista que nos trouxe sobre o que ele recomendaria e decidimos, a partir dessa série de julgamentos, comentários e negociações entre nós, sair para comer algo perto de onde estamos e depois seguir para um bairro cheio de barzinhos, noutra ponta da cidade, perto da boate onde queremos acabar a noite.

Tudo isso são, por fim, diferentes situações nas quais sair à noite sem ter nossos lugares cria um mistério que vamos tentando decifrar e decidir para onde ir. Existe também uma tática distinta

para lidar com essa noite sem lugares (ou, simplesmente, com a sensação de mesmo tendo lugares, não saber para onde ir): caminhadas pelas ruas dos bairros boêmios.

7.1.1. Errâncias por noites em busca de lugares

Uma das melhores coisas para fazermos por esses bairros que concentram um grande número de estabelecimentos e opções de diversão noturna é sair a caminhar por eles. São errâncias que nos permitimos fazer nas quais vamos sem muita pretensão de chegar a um lugar específico; estamos mais interessados nas descobertas do caminho, na conversa que vamos tecendo com amigos que nos acompanham, em observar diferentes “movimentos” e, talvez a partir de tudo isso, decidir se ficamos em algum canto em si.

Ouvi dois caras, que passaram por mim na R. Gen. Lima e Silva, dizerem: “Vamos voltar daqui?”. Ao que outro respondeu: “Não! Vamos até a boate ali e de lá a gente volta”. Eles caminhavam pelo bairro boêmio observando o movimento em diferentes lugares para decidirem aonde ir (ou não...).

Essas errâncias, além disso, permitem a descoberta das noites nas ruas desses bairros, o que se intensifica por encontros casuais com amigos ou conhecidos, ou com lugares que somente através desse caminhar conseguimos descobrir; que a experiência de busca pela Internet, por exemplo, dificilmente nos levaria até ali.

Quando caminhávamos pela R. da República, encontramos com G que estava com outra amiga. As duas pararam, ficamos a conversar por um bom tempo. Logo passou por nós outra amiga de G, elas se cumprimentaram e G apresentou-nos a ela. Era uma cantora bastante conhecida daqui de Porto Alegre, segundo nos contou G depois. Ficamos por ali, naquele trecho meio escuro da rua em frente a um prédio residencial, a conversar por um bom tempo. Foi uma espécie daqueles instantes da noite em que nos sentimos quase íntimos dessas pessoas que acabamos de conhecer, falando de tudo muito livremente (sob efeito de uma leve ebbriedade). Uma pausa no assunto, G e sua amiga (a que estava com ela antes) resolvem procurar um banheiro e são acompanhadas pela cantora. Despedimo-nos e seguimos a caminhar em direções contrárias.

Ao longo dessas caminhadas vamos fazendo diferentes julgamentos sobre os espaços que cruzamos, como também das pessoas que encontramos. A intenção é de sempre de saber qual nosso lugar nessas noites, tal como na caminhada a seguir pelas ruas do Centro Histórico.

O bar que existe na esquina estava aberto. Algumas pessoas do lado de fora, mas a maioria do (pouco) público do local se concentrava no interior. Talvez em virtude do friozinho da noite, talvez porque naquele bar as pessoas vão apenas para jantar. Eram por volta de 22h e o movimento na R. do Andradas já estava bem pouco, sobretudo comparado com a efervescência que costuma ser durante o dia ou no início da noite.

Do outro lado da rua, a franquia de fast food estava aberta, mas não me atraiu. O que me chamou mais a atenção foi um bar, um pouco mais a frente e na mesma calçada, no qual havia um pessoal na porta que bebia, ria e conversava alto, criando uma grande algazarra que contrastava com o vazio que se sentia no resto da rua. Além disso, havia entre eles um rapaz tocando violão e cantando, o que ecoava por toda a vizinhança de prédios dali.

Já um pouco mais a frente, a Casa de Cultura Mário Quintana encontrava-se fechada, contribuindo para o vazio. Enquanto passávamos por ali, cruzamos com umas pessoas vestidas com traje típico de gaúcho e prenda indo em direção ao acampamento farrroupilha, no Parque Harmonia. Noutros bares da rua que ainda estavam abertos, parecia haver apenas os garçons na porta. Uma das exceções, que tinha um movimento razoável de pessoas, era um bar que ficava próximo ao grande supermercado da rua (já fechado naquela hora).

[corte]

Enquanto ficávamos na porta do bar de Jazz, observei algumas pessoas passarem por nós em direção a baladinha logo à frente. A maioria das pessoas era negra e estava em casais heterossexuais. Após fumarmos, resolvermos ir até lá. Falamos com o rapaz da porta, que disse que podíamos entrar se quiséssemos conhecer a casa. Entramos (após sermos revistados e passarmos por uma pesada porta que parecia ser para isolar o som) e vimos que estava rolando um show de pagode de uma banda ao vivo. O espaço era comprido, no sentido do lote em si, e na parede lateral direita ficava a banda, sobre um palco não muito alto. Do outro lado, haviam mesas e pessoas em pé, além de um pequeno mezanino. A luz no local se intercalava entre vermelho, verde e azul, de acordo com os refletores. Observamos rapidamente o lugar e, após dois garçons virem até nós perguntando o que queríamos beber, resolvemos sair. Agradecemos a gentileza do rapaz da porta e voltamos a caminhar pela rua.

Esses julgamentos são muito presentes quando não conhecemos um determinado espaço boêmio; tal como presente em parte do fragmento acima e nos seguintes, uma boa tática, muitas das vezes, é se aproximar de alguém e obter informações sobre o local.

Na porta daquela boate, havia muita gente. Ficamos interessados pelo movimento, quem sabe não seria uma boa entrar ali? Fomos para o final da longa fila. Começamos a conversar e interagir com outras pessoas ali e descobrimos que iria tocar música sertaneja naquele dia. Não era o que buscávamos e, por isso, resolvemos procurar outro lugar.

[corte]

O movimento na porta dos pubs da João Alfredo estava bem grande naquela noite. No entanto, um deles em especial chamou nossa atenção. Ninguém entre nós saberia dizer que lugar era aquele ali, o que tocava e como funcionava. Em virtude disso, fomos até a porta e perguntamos a hostess o que rolava ali. Ela nos disse que naquela noite seria música eletrônica, que custava tanto para entrar e outras informações. O pessoal animou e nós todos entramos para conhecer o lugar.

Em outros momentos, essas caminhadas nos brindam com surpresas que nos resgatam memórias das mais diversas, como da adolescência, por exemplo:

Decidimos ir caminhando pela R. Lobo da Costa. Enquanto andávamos, fomos nos aproximando de outro estabelecimento, que não sabíamos se estava aberto a todos ou se era só de uma família, amigos ou algo assim... Na porta, ao redor de uma mesa metálica (daquelas dobráveis "típicas"), umas pessoas se reuniam, em sua maioria negras e mais velhas, e cantavam em coro, acompanhados de um violão, "Será", do Legião Urbana; música-banda que fez parte da minha adolescência e que não pude deixar de notar enquanto passava por ali, meio timidamente para não atrapalhar a energia que vibrava entre eles .

Através do relance dos olhos mirei dentro do estabelecimento: uma bandeira escrita "Orgulho ou Nação Negro/a" na parede, um balcão meio precário, a sensação de que havia ali um grau de intimidade as pessoas (não seria totalmente público aquele lugar). Naquela rua de poucos postes e densas copas das árvores, aquele lugar era um foco de luz na escuridão. Era o único movimento que se via; na calçada do outro lado

dava até medo de caminhar. Foi por ali que nos sentimos mais seguros em passar, mesmo sob risco de atrapalhar a intimidade de toda aquela cantoria.

Um companheiro de muitas das caminhadas desse trabalho, concluiu em uma dessas incursões a campo o seguinte:

Eu acho interessante que alguns estabelecimentos que a gente não frequenta, por exemplo, uma boate que a gente não vai, quando a gente passa na porta não afeta a gente. O máximo que afeta é quando a gente passa na frente e a calçada está cheia.

A fala dele consegue resumir muito bem o que falamos nesse tópico. As errâncias por bairros boêmios se dão em busca de espaços e pessoas que nos afetem, que nos criem o desejo de ficar por ali, de ser ali o lugar de uma noite e, quem sabe a partir daí, criar um dos nossos lugares boêmios. Além disso, essas caminhadas nos levaram a enxergar, numa das idas a campo, a seguinte imagem:

A gente está caminhando a um tempão. Tem sido bastante divertido; em alguns momentos paramos para reabastecer o copo, achar um banheiro e coisas assim. No fundo, fico pensando como a gente está parecendo zumbis, rodando em grupo por todo o bairro, farejando e sedento por locais de maior movimento...

Talvez essas caminhadas nos transformem em zumbis sedentos por uma noite de diversão mesmo. Mas o que elas nos mostraram aqui foram alguns elementos que nos levam a aproximação (ou não) com um espaço boêmio, evidenciando (mesmo que sem pretensão de querer esgotar o assunto) julgamentos presentes nessa parte inicial do processo de construção de lugares boêmios.

7.2. Memórias que nos cravam lugares

Neste tópico (incluindo seus subitens) vamos falar um pouco de memórias sobre lugares boêmios. Iniciaremos explorando um conjunto de fragmentos colhidos na pesquisa de campo, nas quais diferentes sujeitos que nos acompanharam narram sobre alguns de seus lugares boêmios, ainda existentes pela Cidade Baixa e Centro Histórico ou que já deixaram de existir por ali e ficaram apenas na memória. A intenção dessa tarefa inicial é criar paralelos a partir das narrativas desses outros sujeitos para as memórias resultantes dessa pesquisa em si, narradas nos subitens seguintes.

‘Vou falar sobre a quadra da João Alfredo que fica entre a República e a Perimetral. Essa quadrinha que hoje é inabitada, que é vazia, que hoje não tem nada, antes ela bombava muito! Primeiro, que tinha o BarX, onde a cervo era bem mais barata que no resto e então essa esquina era muuuuito lotada!! Era gente invadindo a rua, tem essa grade de proteção hoje por causa disso, porque era bizarro a quantidade de gente. Daí depois, começou meio que esvaziar, morrer aqui, e a padaria, que existe ainda ali, começou a vender uma cervo muito barata e ficar aberta a noite toda. E aí, a multidão migrou para lá e começou a invadir a rua também. Era um grupinho (um grupããã) e, depois, morreu e morreu a quadra toda. Por que daí tinha várias coisas do lado de lá da rua. Tinha um bar, que eu não me lembro do nome..’

‘Ai, ai, era...’ – fala o outro amigo que tentava ajuda-la a lembrar o nome do bar, mas não conseguiu e então, ela prosseguiu.

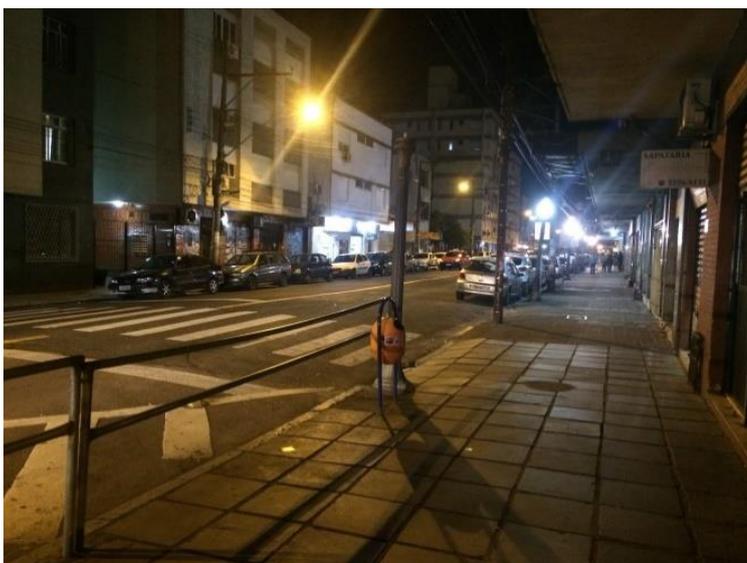


Figura 3 - Trecho da Rua João Alfredo no qual estávamos na primeira parte desse relato. Fonte: Autor.

‘Era um bar que bombava muito, onde é aquela pizzaria. E aqui, (já apontando para outro ponto de lá da rua, mais próximo) existia uma locadora de vídeos que estava sempre cheia, cyber não sei o quê... umas coisas de impressão e ela estava sempre cheia, ela vendia bebida, umas coisas assim. E naquela época, funcionavam esses bares aqui, né?! E tinha o BarX, bá!, o BarX era...’ – frase que é seguida por um resmungo de lamentação. Logo em seguida, acrescenta: ‘E é massa esse bar, ele não fecha, é dos mesmos donos daquele outro bar, o BarY’ (referência a outro bar da cidade que fica no bairro Bom Fim). No meio da gravação,

aviso que baterei uma foto para ajudar a ilustrar todo esse cenário descrito, mesmo que em sua configuração atual (Figura 3).

‘Quando o BarX bombava muito, ninguém queria passar de carro ali... Eu fazia faculdade e quinta e sexta ninguém me dava carona para minha casa, quando eu morava aqui na CB (Cidade Baixa). Era um inferno chegar de carro aqui... Em 2008, 2009, isso aqui era muito cheio!’. ‘E onde esta toda essa gente?’, pergunta o outro amigo ao que ela logo responde: ‘Morreu quando a SMIC (Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio) fechou todos os bares da João Alfredo. E aí, a Cidade Baixa morreu! Toda essa época eu morava aqui e eu amava que eu saia qualquer horário e sempre tinha movimento. Eu chegava tarde da faculdade, muito tranquila. Daí, de repente, morreu’. O outro amigo insiste: ‘Mas então, para onde foi essa galera?’. Ela responde: ‘Não voltou mais aquele mesmo público de antes, acho que agora essa galera esta mais pelo Centro, não sei...’.

Em outra quadra do bairro, seguimos a falar dessas memórias.

Na quadra Rua da República entre a Av. João Pessoa e a Rua General Lima e Silva, falamos: ‘(...) essa é uma quadra que desde que eu frequento a Cidade Baixa ela é sempre igual... o máximo diferente que tem é o bar que tem naquela casa, que bombava muito e hoje morreu... antes ele era bem badalado...’ Logo, outro amigo acrescenta: ‘Lá tinha música ao vivo e tal’. Em seguida, ela volta a contar ‘E tem também o DW⁶⁶ que sempre dá pra tomar uma sopinha no final da noite, que é um clássico até hoje e o movimento é sempre aquele lá, sempre meio vazio. Mas de resto, essa parte (ela se referia à porta do bar na qual estávamos) foi sempre uma zona clássica gay’. ‘Clássica gay?’, perguntei e ao que o outro amigo respondeu. ‘Já foi bem mais forte! Mais de lésbicas e tal... Tinha um lá, onde é a pastelaria, que eles tiveram que fechar por reclamação... Enfim, essa quadrinha era muito de bares gays e lésbicas, mas lá tinha um bar que era muito bom, eu ia lá! Só que ai, por reclamações de vizinhos, de que era promiscuidade e tal, tiveram que fechar. Era bem parecido com esse que estamos, mas era um público mais legal, eu acho... não sei, na época era bem legal!’.

⁶⁶ Nome fictício do mesmo bar do item 7.2.3.

O que é interessante observar nesse conjunto de relatos é como o lugar se entremeia com tantas outras coisas; ele aparece no meio da narrativa como que se estivesse encravado, sendo ao mesmo tempo o elemento que organiza a narrativa, mas que, além disso, traz a tona uma série de outros fatos e memórias. Lugares que emergiram de maneira muito intrínseca com o próprio processo de vida desses sujeitos e das coletividades nas quais eles se inserem. Espaços cravados como lugares tanto através de vivências, como também de experiências que chegam por meio da “fama de determinado lugar”.

T fala como antes essa galeria era considerada como um ponto de encontro gay. Ele acredita que tenha a ver com o fato de haver ali um cinema no qual passam filmes ‘alternativos’, além de uma livraria e café que atraem esse público. Fala ainda como o apelido do lugar antes era ‘boiolaria’. Conta, ainda, que: ‘Tinha também um pessoal que ficava aqui na frente, aquele pessoal que fica na frente do supermercado hoje, aquele pessoal que fica bebendo vinho na rua. Eles ficavam aqui na frente, normalmente aos domingos, e eram muito mal quistos, vomitavam e faziam outras coisas na porta... Direto tinha notícias no jornal!’.

Na transcrição dessas falas coletada no campo, hesitamos, num primeiro momento, em publicá-la devido um possível questionamento quanto à veracidade dessas informações. No entanto, para o que estamos querendo evidenciar sobre o processo de memória que resulta nos lugares boêmios é justamente importante mostrar como ela se constrói com base em elementos diversos advindos de um conceito mais amplo sobre a noção de experiência, conforme defendido na parte anterior deste trabalho. Elementos que partem tanto de dentro do sujeito (uma narrativa que ele constrói de sua vida em si) quanto de instâncias fora dele (narrativas que vem de outras pessoas, da vida social etc.) e que, em virtude de tudo isso, não são elementos da mais “pura veracidade”.

Diante de tudo isso, o que faremos nos subitens a seguir é continuar na exploração de memórias coletadas em campo usando sempre o “lugar” como organizador das narrativas. Passaremos por diferentes questões, tentando lançar sempre um olhar por diferentes discussões.

7.2.1. Uma noite especial no bar de jazz do Centro

Sáímos. Neste princípio, éramos dois e mais a noite com a lua em seu ponto alto. Caminhamos pela Rua Demétrio Ribeiro e, pouco depois, estávamos na Fernando Machado. Nessas ruas tínhamos cruzado por poucas pessoas. Na porta do supermercado que fica por ali, havia um grupo em pé, conversando e brincando. Entretanto, mesmo com este pequeno movimento, certa tensão nos acompanhou neste trecho inicial: o medo de assalto era presente. Não era medo da rua, sabíamos, mas um receio devido às tantas histórias ouvidas sobre pessoas que foram roubadas por ali.

Pouco depois do supermercado, entramos na Avenida Borges de Medeiros. Achemos mais seguro subir o viaduto pela escadaria próxima ao Teatro de Arena. O Viaduto Otávio Rocha possui quatro escadarias, cada uma com o nome de uma estação, e aquela pelo qual passamos é chamada “Passeio Inverno”.

Nesta subida, cruzamos primeiro por um porteiro de um dos edifícios dali. Pouco depois, um conhecido do amigo que me acompanhava veio descendo em sentido oposto, junto com outro rapaz e uma moça. Os três voltavam da sessão do filme “Aquarius”, o qual estava sendo bastante comentado por aqueles dias. Eles o tinham assistido no Cine Bancários, que fica pelo Centro também, e caminhavam em direção a Cidade Baixa em busca de uma cerveja que os ajudasse a refrescar a cabeça. Dissemos, então, que estávamos indo para um bar no outro lado da escadaria encontrar com uns amigos. Após deliberarem entre si, resolveram se juntar a nós, já que “nosso” bar estava bem mais próximo.

A partir de então, passamos a ser cinco. Caminhamos mais um pouco, cruzamos o alto do viaduto na Rua Duque de Caxias e descemos pelo chamado “Passeio Outono”. O bar situava-se num dos patamares desta escadaria, abrindo-se para ele e espalhando por ali algumas de suas mesas. Ao chegarmos, fomos mirados por aqueles que já estavam sentados no bar: neste momento, a sensação era de que descer aquelas escadas atraía toda a atenção das pessoas dali.

Prontamente nesta descida, procuramos por nossas amigas que já estavam por ali. Alguns movimentos depois, encontramos a primeira e, logo depois, outra. Elas estavam em pé e saíam de dentro do bar após pagarem suas contas. Disseram-nos que não queriam ficar ali e estavam indo para o bar de jazz, numa rua próxima. Sem muito discutir, decidimos segui-las.

Antes disso, no entanto, esperamos pelo restante do pessoal que estava pagando suas contas ou tinha ido ao banheiro. Nesse ínterim, observei um pouco mais o lugar: mesas de fora na calçada, um espaço interno pequeno e que, para os dias frios, pareceu bastante aconchegante. Era possível ver moradores de rua deitados em seus colchões e seus pertences pela calçada, embaixo do viaduto do outro lado da avenida. As imagens a seguir ajudam na descrição deste lugar.



Figura 4 – Tentativas de registro do ambiente do bar no patamar do Passeio Outono e os moradores de rua, na parte debaixo do viaduto. Fonte: autor.

Todos prontos, seguimos. O grupo era por volta de umas dez pessoas. Saíamos a marchar, formando grupos menores que se misturavam ao bel prazer de conversas que se atropelavam. Já era por volta de 23h, na rua não passavam muitos carros, apenas os últimos ônibus em alta velocidade. Muitas lanchonetes ainda estavam abertas e o movimento de pessoas era maior nas paradas de ônibus. Um ponto de luz se destacava: era uma banca de frutas e verduras, com

suas luzes e fios expostos, lona e estrutura metálica, que seguia funcionando normalmente por ali.

Após atravessarmos para o outro lado da avenida, fomos para uma daquelas calçadas que, durante o dia costumam estar cheias de gente, com um forte esbarra-esbarra. Estar ali à noite, no entanto, era o oposto: muito espaço e amplidão. Logo em seguida, entramos na Rua General Andrade Neves, na qual se situava o bar que iríamos. Antes de chegar a ele, porém, passamos na frente de outro que fica num canto da rua, embaixo de uma parede pintada com um enorme graffiti em branco e preto. Algumas pessoas sentadas nas mesas da calçada, mas o movimento parecia estar no seu final.

Alguns e metros a frente, chegamos finalmente ao bar de jazz. Fachada antiga em um prédio de arquitetura eclética. Em frente à porta, algumas pessoas fumavam. Ao entrar no bar, ele não estava muito cheio, mas as poucas mesas dali já estavam ocupadas. Havia pessoas em pé próximas ao balcão e um lugar vazio mais ao fundo que aproveitamos para ficar.

O piano, situado logo na entrada, ainda não irradiava o pequeno ambiente com sua música. Pouco depois, um funcionário do local veio nos atender. Na verdade, é preciso que se diga, ele não parecia ser apenas um funcionário (Seria ele dono do lugar?). Ao chegar perto de nós, foi logo cumprimentado aqueles da roda que ele já conhecia, arrematando com exclamações sobre o tempo que não os via. Foi uma receptividade positiva, seguida de esclarecimentos sobre o tipo de cerveja que era o chope daquela noite. Hoje em dia, tomar cerveja é um gesto bastante refinado, possuindo inúmeros tipos e variações que lembram aquilo que antes era exclusivo dos amantes de vinho. Após todas as informações fornecidas, ele partiu para buscar nossas canecas.

Por detrás do balcão, outra funcionária do lugar, de aparência bem menos receptiva e com grandes óculos que lhe caíam no nariz, dividia-se entre o atendimento dos pedidos e o caixa. Ao olhar ao redor, observei também algumas mesas que tinham sido juntadas para grupos de quatro a seis pessoas, enquanto outras eram ocupadas por casais ou por grupos de três. De senhoras bem vestidas a jovens, de lésbicas e gays a casais heterossexuais; o público parecia ser bem variável por ali.

Pouco a pouco, todos foram sendo abastecidos com suas bebidas. Copos na mão, a conversa prosseguiu entre as pessoas dos diferentes grupos reunidos ali. Conhecidos, amigos, desconhecidos: todos juntos entabulavam as mais diferentes conversas.

Nas paredes do lugar, azulejos brancos lembravam aqueles usados em banheiro. Havia também resquícios de outra organização daquele ambiente: misturas de azulejos diferentes, desníveis e

marcas no chão que denunciavam que ali haviam paredes que foram extintas. Uma das nossas amigas, frequentadora mais antiga, deu-nos uma ajuda e contou como eram as coisas por ali antes e o que havia mudado.



Figura 5 – Parede no fundo do bar. Fonte: autor.

Além disso, nas paredes daquele pequeno lugar havia também marcas do passado: imagens de cervejas antigas, amareladas pelo tempo, retrato do cantor Miles Davis (condizente com a fama de um lugar de jazz) e, já em outra parede entre duas portas, a foto de um ator das antigas que demoramos um pouco para lembrar o nome... Era Humphrey Bogart com seu olhar de galã, cigarro na

boca e jaqueta de couro. Ao lado dele, um espelho comprido marcava o caminho para os banheiros; do outro lado, o acesso para cozinha. (Ver Figura 5)

Decidimos ir lá fora para fumar. Alguns optaram por ficar, mas a maioria partiu para a calçada em frente ao bar. Ficamos por ali em pé bebendo, conversando e fumando, até mais ou menos quando o relógio marcava 23h50min. Nessa hora, decidimos voltar lá para dentro, tomar mais um chope e ouvir a música que vinha do piano e saxofone que já eram tocados a todo vapor.

A porta leve, feita de madeira e vidro e que estava sempre aberta quando chegamos, agora batia no entra e sai de pessoas.

Assim que a música terminava, seguiam-se palmas. Em um desses intervalos, algumas pessoas decidiram ir embora e nós conseguimos um lugar pra sentar. Sentados podíamos ouvir melhor a música. Dessa vez, o sax começou mais forte, mansamente acompanhado pelo piano.

Às 23h52min tomo nota de um senhor que estava sentado sozinho, numa das mesas a nossa frente e que aparentava estar completamente absorto pela música, realizando, até mesmo, pequenos movimentos de dança em alguns momentos. Seria ele uma espécie de habitué do lugar? Sua presença ali reforçava o clima de exaltação da música que era tocada.

[O piano entra em destaque se mistura ao burburinho do ambiente].

Exaltação essa que faz valer o couvert de 10 pilas. Atrás de mim, as elegantes senhoras reconhecem a música e começam a cantar a letra dela junto com os instrumentos que não deixam de nos preencher com suas notas. Uma delas, observo, distrai-se mexendo no celular.



Figura 6 – Atrás de garrafas encontro a sobrevivência de Lupicínio Rodrigues por ali. Fonte: autor.

Levo alguns esbarrões no braço que lanço para fora da cadeira e percebo o quão estreito é aquele lugar. Além disso, o balcão se estendia em paralelo a linha formada pela disposição das mesas, tornando tudo ainda mais apertado. Encostado a ele, um grupo de meninas conversavam e brincavam entre si, sem se voltarem, como as demais pessoas dali, para os músicos que performavam com seus instrumentos.

Nossos amigos que tinham ficado lá fora pagaram suas contas e decidiram ir embora.

Atrás da moça de óculos grandes, que agora ficava quase todo tempo no caixa fazendo contas no celular para cada uma das

comandas, havia duas prateleiras. Observo que numa delas, atrás de garrafas de espumantes e cerveja, havia um livro cuja capa apresenta em letras bem grandes escrito: LUPI⁶⁷. Nessa mesma parede ao fundo do balcão, fotos de outro ícone do jazz: Elza Fitzgerald.

[Nesse momento, o sax rompe numa potência muito forte e linda de se ouvir].

Presto atenção em como os corpos ali pareciam um pouco anestesiados, acomodados nas cadeiras feitas no bom e velho estilo Thonet. Existe uma organização particular em cada mesa que faz com que todos consigam ver os músicos tocarem.

Piano e sax seguem seu duelo (ou revezamento). Juntos eles sustentam, naquela noite, a ambiência e fama de boa música do lugar. Neste ritmo a noite avança até que, músico e público se cansam. Chega a hora de irmos embora com a certeza de que saímos dali com a alma abastecida. E viva o Jazz!

[01h20min da madrugada].

7.2.2. Entre amigos

O mote dessa história que vamos falar agora veio quando eu caminhava com uma amiga, grande boêmia sempre disposta a uma cerveja, e passamos pela frente de um pequeno estabelecimento ali na R. José do Patrocínio. Nessa caminhada meio despreziosa, na busca por de onde iríamos tomar mais uma, passamos por ali e sem muito pensar lhe disse: “Ah, esse é um boteco que gosto de vir, quem sabe a gente não fica por aqui?!”. Mal terminei de pronunciar essa frase e, num momento quase epifânico, dei-me conta de que ele era um exemplo dos lugares boêmios de que tenho falado nessa pesquisa.

A partir disso, comecei a pensar em como isso tinha acontecido. Na verdade, já frequentava há algum tempo a pizzaria ao lado e sempre lançava uns olhares curiosos para saber o que funcionava por ali, mas nunca tinha de fato chegado a ir até lá. Isso só foi acontecer através de amigos e é o resgate dessas memórias que tentarei fazer ao longo desse texto.

Numa certa noite, estávamos comemorando o aniversário de uma amiga num bar na R. da República e, cansados de ficar ali, começamos a pensar para onde poderíamos ir. Lembro, daí, que o namorado dessa amiga-aniversariante falou de um botequinho que ficava perto e no qual

⁶⁷ Tempos depois, ao conhecermos o autor do livro, descobrimos que se tratava do seguinte trabalho: Campos, Marcello. **Almanaque do Lupi**: Vida, obra e curiosidades sobre o maior compositor popular gaúcho. Porto Alegre: Letra & Vida, 2014.

a cerveja era barata (importantes argumentos para muitos de nós reunidos naquela noite). A sugestão, portanto, pareceu ser a melhor. Pagamos nossa conta e fomos andando para lá.

Assim que chegamos à porta, dividimo-nos entre aqueles que queriam aproveitar a pizzaria ao lado, que ainda estava aberta, para comer algo e aqueles que entraram no bar e foram comprar suas bebidas. Era um pequeno estabelecimento (seria antes alguma loja por ali?), com uma única porta de enrolar que se abria para rua.

Lá dentro, um pequeno cômodo que era dividido por um balcão, situado mais ao fundo. O clima era dava a sensação de ser um local improvisado. Havia três (ou quatro) torneiras de chope instaladas num biombo de madeira que parecia esconder, por detrás dele, um cômodo reservado.

Na parte anterior ao balcão, luzes de led azul coladas com fitas na parede iluminavam parcamente o ambiente que, a depender da hora e da noite, se transformava numa pista de dança. Aliás, é preciso que se diga que naquela noite a música que ouvíamos variou do rock ao funk, de acordo com o gosto do moço do balcão.

Dessa primeira noite, ficaram apenas esses poucos registros. A bebedeira resultante da promoção de dois chopes pelo preço de um não permitiu registrar muitas coisas além disso. Mas seguimos frequentando ali...

Dessas noites seguintes, houve outra na qual, tal como no momento quase epifânico anterior, surgiu-me a evidência de como ali já havia se tornado um lugar desse nosso grupo de amigos.

Numa dessas, havíamos combinado de nos encontrarmos ali pelo bar... Por volta da hora marcada, chegamos e ficamos a atualizar uns aos outros de como tinha sido a semana de cada um, sentados no banco ficado numa das paredes que ladeiam a calçada. Enquanto fumávamos, aqueles que queriam comer davam um pulo na pizzaria e aqueles que queriam beber iam lá dentro do bar. Naquela noite, não ficamos apenas no chope... Nosso amigo que tinha nos apresentado ali já era conhecido do rapaz do balcão e descolou uns shots pra gente. Outra amiga chegou com sua bike e seu estilo hipster-gótica-suave, aumentando ainda mais nossa animação.

Falamos sobre muitas coisas e fomos interrompidos algumas vezes por pedintes de dinheiro, comida e/ou goles das nossas bebidas. Um deles interpelou-nos por um bom momento, contando-nos sobre suas doenças, do pouco dinheiro que tinha conseguido até aquele

momento e de como muitas das pessoas simplesmente o ignoravam. Uma de nossas amigas ajudou-o com algumas moedas e ele se foi.

Falamos também sobre as frases de empoderamento feminino e defesa do uso da bicicleta que estavam pinchadas na parede atrás do banco no qual estávamos sentados. Discutimos outras coisas sobre aquele lugar que nós já estávamos frequentando a algum tempo. Em meio a isso, e sob o efeito de toda aquela ebriedade, pomo-nos a discutir também que o nome do bar não deveria ser em inglês, como ele se chamava na verdade... Que éramos brasileiros e deveríamos falar o nome dele em português. Com o acordo de todos, decidimos que daquele momento em diante nos referiríamos a ele como *Caverna*, na tradução literal do nome original. Daí pra frente, ficamos a pensar como de fato aquele ambiente interno do bar nos lembrava uma caverna, com aquela meia luz de led azul e fumaça (que não sabíamos bem de onde vinha), com aquela música e com aquelas pessoas que frequentavam ali. Desse papo, logo já puxamos outro e outros, mas basta-nos aqui falar até esse ponto.

Desse dia em diante, aquele bar deixou de ser “o bar ao lado da pizzaria” para nós. Tornou-se a nossa caverna onde marcamos de nos ver; a nossa caverna onde entramos e saímos reabastecidos após o comando de alguém da roda que diz: “Quem vai lá na caverna pegar mais ceva?”. Por meio desse gesto-metáfora, transformamos aquele espaço num lugar especial desse nosso grupo de amigos.

7.2.3. Lugares reais de imaginários

Essa é uma dessas noites que começam com uma reunião em casa de amigos, nas quais bebemos e nos divertimos, mas que chega uma hora que todos sentem aquela necessidade de sair, de ir pra rua. Foi exatamente assim que fizemos: certa hora, pessoal ficou com fome e não queria parar de beber. Alguém sugeriu, diante disso, que fôssemos pro bom e velho DW, bar antigo situado numa das esquinas da R. da República. Ideia aceita, organizamos o pessoal e chamamos um carro.

Na vez anterior que eu tinha estado ali, havia sentado do lado de fora na calçada defronte e entrado no bar apenas para ir ao banheiro. Naquela noite, entretanto, devido ao frio, (e também por conta da hora), nos acomodamos no interior do lugar.

Paredes sujas, com papel na metade inferior já bastante desgastado. Mesas retangulares de madeira, cobertas por forros de plástico com uma espessa camada de gordura, e preenchidas por pesadas cadeiras desconfortáveis. O salão não era dos menores. Uma das mesas acolá era ocupada por um sujeito solitário, de olhos fundos e perdidos, face com profundas marcas do

tempo, cabelo ralo, roupas de frio pesadas e puídas. Tinha como companheira apenas a garrafa sobre a mesa e um cinzeiro, cheio de bitucas.

Noutro canto, três amigos falavam e gritavam com uma euforia tamanha. Um deles segurava, de maneira discreta entre os dedos, um cigarro aceso. Nos dias de hoje, fumar em locais fechado é proibido, mas o que eu sentia estando ali é de que não estava num lugar qualquer. Nesse momento percebi que esse era um desses bares em que temos a sensação de que deixamos o mundo da moral, de normas e da boa conduta em suspenso, do lado de fora de suas portas.

Aliás, sobre essas portas, elas eram bem antigas, de acordo com a arquitetura do restante do prédio. Por conta do frio, a maioria se encontrava fechada. Na única aberta, alguns homens em pé bebiam. Um pouco mais ao fundo, entre engradados e outras coisas, escondia-se um balcão que parecia dar acesso à cozinha.

Sentamos numa mesa perto de uma das portas fechadas; juntamos algumas para que coubessem todos. Logo depois, o garçom veio nos atender. Ele vestia uma camisa branca que de tão antiga (e amarelada) já era transparente e permitia ver, por debaixo dela, a camiseta com escritos de propaganda política. Sua calça preta era daquelas de estilo social atada na cintura, logo abaixo da barriga que avançava, com um cinto de couro velho desgastado. Ele caminhava com passos alegres e era o único garçom naquela noite.

Enquanto registrava tudo isso em minha cabeça (e em notas do celular), era atravessado pela experiência intensa de achar que estava num lugar imaginário. Um lugar que havia encontrado, dias antes, nas preciosas descrições que Érico Veríssimo nos brinda no livro “Noite”⁶⁸, sobre bares mais ou menos assim:

Não saberia explicar nem a si mesmo como tinha ido parar dentro daquele café-restaurant. O certo era que ali estava sentado a uma mesa, um tanto surpreendido da própria audácia, olhando em torno com cautelosa curiosidade, e de quando em quando apalpando a ferida da orelha, sobre a qual o sangue se coagulava.

A luz fluorescente que iluminava a sala quadrada e razoavelmente ampla dava às caras dos presentes uma certa lividez arroxeadada. Sentado a uma mesa de canto, um homem magro e triste, com barba de dois dias, bebia e fumava, de perna trançada, fitando o copo de cerveja com olho afetuoso. Uma mulata ainda moça, de fartos seios e ancas, duas largas rosas de ruge nas faces, os beijos cobertos duma espessa camada de batom – dum vermelho a que a luz ambiente dava uma tonalidade violácea, vagamente sugestiva de putrefação, - brincava com o seu copo, enquanto do outro lado da mesa seu companheiro, um homem branco, gordo e de cabeça raspada, lhe dizia em voz baixa qualquer coisa em que ela achava muita graça, pois não cessava de rir, mostrando o canino de ouro. Entre ambos fumegava uma travessa de bifés, batatas fritas e ovos.

⁶⁸ Veríssimo, Érico. **Noite**. Rio de Janeiro: Ed. Rio Gráfica Ltda. 1987. P. 23 e 24.

Noutra mesa três homens, dois pardos e um negro, tomavam sopa em silêncio. A fumaça que subia dos pratos envolvia aquelas máscaras rudes, como que talhadas em pedra. O Desconhecido ficou a olhar interessado a cara do negro, que, ao contrário das outras, reluzentes de suor, se conservava enxuta, dum preto parelho e profundo.

Seu olhar dirigiu-se depois par ao balcão, por trás do qual, montando guarda à máquina registradora, um homem de pele bronzeada, cabeçorra melenuda e triangular, dominava a sala como olhar fiscalizador e um tanto hostil. Seus braços musculosos, de veias muito salientes, dum azul que, visto através da pele amarela, se fazia um esverdeado, repousavam sobre o mármore do balcão, em cima do qual se viam dois boiões de vidro com pepinos em conserva. Os olhos do Desconhecido andavam do caboclo para os boiões e ele agora imaginava como ficaria aquela cabeça separada do corpo e posta em conserva dentro de um boião – o rosto dessagrado, os olhos vidrados, a pele já com verdor de pepino.

Sentiu que havia mais gente na parte do salão que ficava às suas costas. Não voltou a cabeça para trás mas ouvia as vozes que vinham daquele setor, ouvia e odiava principalmente uma risada de mulher, viciada, rouca, obscena.

O bebedor solitário tomou um lento gole de cerveja, depois lambeu a espuma que lhe ficara no bigode. O gordo comia e transpirava, com uma larga mancha de suor na camisa. Os beijos da mulata estavam lambuzados de gordura.

Num misto de repugnância e apetite, o Desconhecido aspirava o ar denso daquele ambiente abafado, que recendia a batatas fritas, bifés encebolados, fartum de corpos suados – tudo isso temperado de quando em quando por um bafio rançoso, que vinha do fundo da casa, das latas de lixo onde verduras fermentavam e restos de carne começavam a apodrecer. Mas o que havia de dominante naquela atmosfera era a presença do sebo – o sebo quente que se erguia no vapor dos pratos e panelas e vinha da cozinha na fumaça das frituras; e o sebo frio de outros dias e noites que se entranhara na cara e nas roupas do proprietário e dos garçons, encardindo as paredes, os móveis, o soalho e o teto, onde as moscas passeavam.

Impossível reproduzir tamanha habilidade com que Érico Veríssimo apresenta, no trecho anterior, lugares lúgubres como DW. De fato (ou numa imagem de pensamento?), conseguia me sentir de maneira semelhante ao Desconhecido, nome dado ao personagem da história, enquanto ele observava aquele “café-restaurante” em que fora parar.

Será mesmo que eu vivi aquele lugar ou será que eu vivi o lugar que tinha lido na história do Érico?

Essa é uma sensação que temos em alguns lugares da noite. Eles parecem que saíram de histórias, principalmente dessas histórias que narram o lado mais “barra pesada” dessas noites. Sobre essa “fama de barra pesada” associada ao DW é interessante acompanhar o trecho a seguir:

Passamos na esquina da Venâncio com a Lima e ouvimos o som que vinha de uma dessas casas antigas que foram reformadas para abrigar atividades noturnas. Num gazebo de plástico instalado na porta do lugar havia muitas pessoas: mistura daqueles que vão entrar e os indecisos quanto a isso com outros que não vão ou trabalham ali. Descobrimos que se tratava de uma balada sertaneja.

H comenta como antes ali era um clube de coroas e que, certa vez, ela foi com um tio que tinha dito que quando eles saíssem dali, ele iria levá-las para tomar sopa no DW. Ele dizia isso como quem diz que vai apresentar algo novo a outra pessoa. No entanto, ela conta, quando eles chegaram no DW, o garçom veio logo e a cumprimentou pelo nome. O tio dela, meio sem entender, percebeu que não era a primeira vez dela ali.

Seu espanto se explica no fato de que a fama de 'melhor lugar para tomar sopa na madrugada' contrastava com a de que ali era 'um lugar meio barra pesada e muito fim de noite'.

A fama daquele lugar aparece também numa das falas de Z, quando caminhávamos pelo bairro e ele comenta o seguinte: "lá é um clássico até hoje para se tomar uma sopinha no final da noite e o movimento é sempre aquele lá, sempre meio vazio". Na maior parte das vezes é justamente nesse "ambiente de final de noite" que encontramos muito dos sujeitos presentes nas descrições de Érico Veríssimo; bêbados e tantos outros tipos que povoam nosso imaginário como exemplares de boêmios pândegos.

Nessa mesma linha, só que numa esquina mais nobre da R. da República, existe também um outro bar-padaria-lanchonete, o ZS, no qual esse ambiente de final de noite também se forma. Como um dos últimos lugares a fechar pela redondeza, ele costuma reunir o pessoal que vai sendo expulso dos bares próximos, na medida em que eles encerram suas atividades (principalmente, durante a semana em que o horário de fechar estabelecido pela lei é ainda mais cedo). Com freezers de fácil acesso e garantia de bebidas geladas, uma diversidade de sujeitos vai se reunindo ali. Numa dessas noite, tomei nota:

Tem uma mulher aqui (meia-idade, cabelo loiro tingido e vestindo um moletom) que está muito bêbada. Ela chega em diferentes grupos presente no lugar e, de maneira muito intrometida, tenta puxar papo. O primeiro olhar que as pessoas lançam para ela é de estranhamento ('quem é essa mulher?'), mas, pouco a pouco, eles vão percebendo-a melhor e o sentimento de estranhamento transforma-se em outro de pena. Ela mal consegue parar em pé e aparenta estar muito carente. Numa roda de rapazes que lhe deu um pouco mais de atenção, por exemplo, pôs-se a chorar em certo instante. Em outros casos, ao perceber que as pessoas não estavam a fim da presença dela, (e claro, somente depois de muito tentar) ela segue para outro grupo. Numa dessas, ela se aproximou da nossa mesa pedindo um cigarro. Arrumamos-lhe um, mas evitamos dar muito papo, pois já a tínhamos observado anteriormente. Ela pega o cigarro e vendo nossa pouca abertura, senta-se numa mesa atrás de nós e começa a resmungar alto coisas que, muito claramente, era para que pudéssemos ouvir. Seguimos conversando entre nós, ela se cansou, tentou se aproximar de mais algum grupo por ali até que desistiu e saiu caminhando pela Lima e Silva, em direção ao Centro.

Quando o ZS dá seus primeiros sinais de que vai fechar, as mesas do lado externo são recolhidas e o garçom avisa que lá dentro eles servirão bebidas por mais algum tempo, mas que é a saideira. Pouco depois, fecham-se as portas metálicas pintadas e todo aquele pessoal que tinha se aglutinado ali fica sem saber para onde ir, enquanto outros entram nos carros chamados pelo aplicativo e partem rumo as suas casas.

No outro dia, com o edredon atravessado em cima, você acorda e pergunta: 'E aquela mulher? Que loucura que ela estava! O será que foi feita dela? Pra onde ela foi quando saiu caminhando?' Atravessou meio trôpega a rua. Quase foi atropelada pelo carro que fazia a curva. Parou perto do cachorro quente que estava arrumando as coisas para fechar. Tentou, uma vez mais, encontrar alguém para conversar. No entanto, não conseguia nem mesmo pronunciar frases com algum sentido, quanto mais manter um diálogo. Contentou-se em pedir um cigarro, muito mais pelo gesto

do que pela fala. Curvou-se para frente (e quase caiu) para que o rapaz acendesse. Virou-se, um dos pés por pouco não era arrastado. Caminhou pela esquina e desapareceu da vista.

7.2.4. Lugares de uma noite só

Da mesma forma como é bastante difícil registrar tudo aquilo que acontece numa noite de boemia, existem alguns lugares que também o são. São lugares dessa vida pública que, em geral, nós não vamos repetidamente. Lugares de uma noite só (ou de poucas), mas que não deixam de se entranhar dentro de nós.

Falo de lugares que são ocupados por práticas boêmias de noite singulares; não possuem aquela religiosidade que os comércios noturnos nos dão e que nos permitem saber de que tal hora até tal hora eles abrem e fecham, em tais dias e tais dias da semana. São lugares que nascem de noites como essa:

Vimos parar debaixo da ‘marquise do aeromóvel’ (como mais popularmente é conhecida a obra interrompida do monotrilha que ligaria a Usina do Gasômetro com a Cidade Baixa). Encontramos o evento no Facebook e resolvemos que ali seria um lugar para onde iríamos naquela noite. Festa na rua na qual não pagaríamos pra entrar: oportunidade de beber, ficar com os amigos e ouvir um som legal.



Figura 7 – “Foto-única” que ficou da noite. Fonte: Autor.

Chegamos um pouco cedo, por volta da hora que marcava o evento, às 22h. Mal sabíamos que esses eventos na rua costumam atrasar: o pessoal ainda não tinha terminado de organizar o som e havia também um grupo bastante empenhado em montar uma instalação artística, num conjunto de árvores próximas. Como já estávamos ali e não havia outras opções perto que pudéssemos ir, ficamos conversando e bebendo entre nós.

Por volta de uma hora depois, o som começou a tocar. Nesse momento, a sensação era de que as pessoas haviam brotado por ali: de onde tinha saído tanta gente que eu não tinha visto? Com o som e luzes rolando, além de projeções sendo feitas num paredão, o ambiente havia se transformado numa festa. O pessoal da instalação artística também tinha acabado de montar o trabalho e estava agora se divertindo juntamente com todos os demais.

A gente se movimentava entre o bar que havia sido montado logo

depois do DJ, a 'pista de dança' e os banheiros químicos, um pouco mais distantes. Ao redor do movimento de pessoas, haviam vendedores ambulantes (com caixas de isopor cobertas, guarda sol e, em alguns casos, uma luz instalada de maneira improvisada) que se destacavam em meio ao movimento de pessoas. Aproveitamos muito. Era tudo que precisávamos, na medida e bolso certos.

O trecho acima ilustra um pouco dessas noites que compõem também esta pesquisa. Noites de ocupação da rua, de espaços públicos que, de outro modo, não seriam ocupados por práticas boêmias. Através da rede social (principalmente, via Facebook) organizam-se encontros (mais conhecidos como eventos) em diferentes partes da cidade: no Largo Zumbi dos Palmares, próximo ao Monumento dos Açorianos, perto da Usina, no Parque Redenção, no Cais do Porto, e em tantos outros locais.

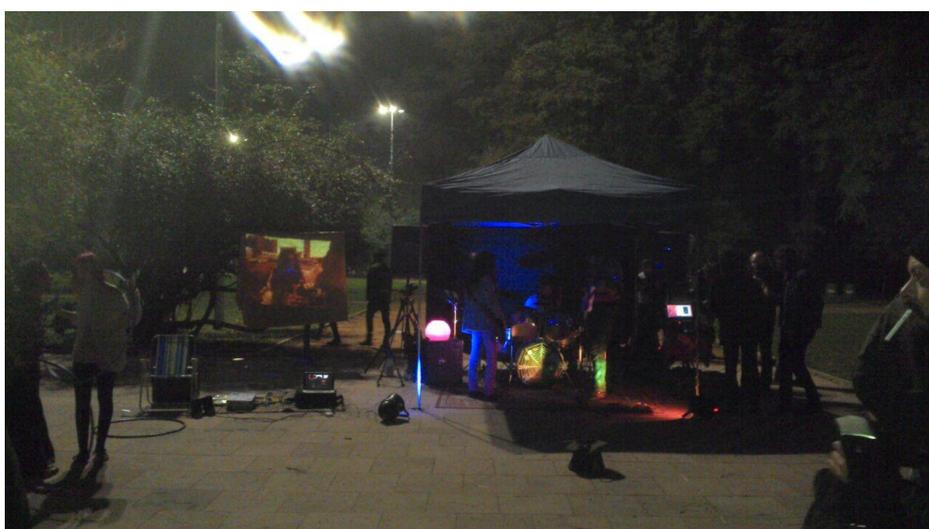


Figura 8 – Registros de eventos noturnos no Largo Zumbi dos Palmares (foto acima) e no Parque Redenção (foto abaixo). Fonte: Autor.

O que surge dessas noites não são, propriamente, lugares boêmios construídos “na pedra”. Por via oposta, criam-se memórias que nos permitem lançar outros olhares sobre esses espaços da cidade que víamos antes, por exemplo, apenas como a ruína de uma obra inacabada. São noites que criam, dentro de nós, lugares subjetivos que nos permitem enxergar *outra* cidade.

Toda vez que passo pelo Aeromóvel, ali perto da Usina, lembro daquela noite e da gente muito bêbado no canteiro central daquela avenida. Olho para as árvores ali e lembro daquela instalação ‘mucho lôca’ que a gente ficou brisando no final, igual criança. Lembro também de como estavam massa aquelas projeções, iluminando aquele paredão de concreto.

Mas o carro passa tão rápido que vejo menos com os olhos e mais com a memória. Nem mesmo a escadaria, que tinha me chamado a atenção porque eu nunca a tinha visto antes, nem mesmo ela eu consigo achar na rapidez que cruzamos... Contraste aquela experiência do dia, na qual ali é um espaço apenas de passagem rápida, com a experiência da noite que me faz olhar diferente para aquele pedacinho da cidade toda vez que passo por ali.

Além desses eventos gratuitos nos espaços públicos, organizados por coletivos⁶⁹ ou grupo de amigos que querem ocupar esses espaços urbanos, existem também festas pagas que acontecem em diferentes partes da cidade, desbravando espaços que não são considerados como boêmios até então.

Estamos numa área quase abandonada da cidade (abandonada por quem?), parte do passado industrial de Porto Alegre. Aliás, só descobrimos hoje que a festa seria aqui, nesse galpão na Av. Voluntários da Pátria; é de praxe os organizadores dessa festa divulgarem o local só no dia.

Creio que a escolha tenha a ver com a possibilidade de um amplo espaço aliado a possibilidade de menor incômodo de moradores pelo som alto. Ali funciona, durante o dia, um estacionamento, conforme nos disse o segurança da porta.

Dentro do galpão pré-moldado foi montada a pista de dança e, no lado de fora, ficaram os banheiros e um espaço de estar. Luzes e projeções lançadas nas enormes paredes internas criam o ambiente ideal para uma experiência lisérgica. A música, majoritariamente eletrônica, contribui ainda mais para isso. Do lado de fora, é possível ver, atrás do terreno, casas humildes e, mais além, a rodovia próxima na qual os carros passam em alta velocidade.

Naquela noite, lembro-me de passar mal e não conseguir aproveitar muito. Fui embora cedo e, se não fossem as notas tomadas no celular, não teria restado muito na memória... Passando por ali outras vezes, não consegui identificar o local específico onde foi a festa. Ficou na memória muito mais a região da cidade e a

⁶⁹ É preciso esclarecer que ao falarmos em coletivos, nesse ponto do texto, estamos falando de uma coisa distinta do termo coletividade, usado anteriormente. Entendemos por coletivos aqueles agenciamentos de pessoas em torno de uma questão em comum, de empreendedorismos a militâncias. No caso dessas festas, mais especificamente, muitos desses coletivos se formam em torno da discussão sobre os espaços públicos das cidades e o uso noturno dos mesmos.

Avenida Voluntários da Pátria como referência (Seria esse o lugar subjetivo resultante dessa noite?).⁷⁰

A ocupação desses espaços que não são comumente usados para atividades noturnas é uma prática dessas festas privadas itinerantes. É tanto uma atitude vendida, algumas vezes, como “descolada”⁷¹, quanto também de fuga dos conflitos e das normatizações que incidem nos espaços boêmios mais tradicionais. No caso festa narrada anteriormente, se acontecesse no bairro Cidade Baixa, por exemplo, ela seria apenas mais uma festa em meio às várias outras que acontecem por ali, como também estaria sujeita as limitações de barulho e outras normas que são mais duramente fiscalizadas nesse bairro boêmio⁷².

Apesar disso, tanto a migração dessas festas privadas, quanto à ocupação noturna de espaços públicos através de eventos são formas de trazer as pessoas para a cidade da noite. São formas de criar experiências-vivências com espaços da cidade no âmbito noturno e não apenas diurno, como é mais comum na maioria deles. Essas práticas boêmias permitem construções de memórias em sujeitos e coletividades, resultando em lugares boêmios de uma noite só (ou de algumas poucas, talvez), mas mesmo assim muito importantes nas subjetividades dos/com nossos espaços urbanos.

Ao conversar com um amigo, estudante de jornalismo, ele me falou de uma notícia que tratava do conflito na Cidade Baixa entre moradores e um grupo de pessoas que saiu tocando uma bateria pelas ruas do bairro às 2h da manhã. Ao final, ele perguntou: “Por quê esse pessoal não faz isso ali pela Ponte de Pedra, pelo Largo dos Açorianos e tal, que não tem ninguém?” Achei muito interessante essa sua fala que, obviamente, não é uma fala de uma pessoa qualquer. Ele é uma pessoa que frequenta esses eventos noturnos nessas áreas que ele cita. Apesar de não ser arquiteto, nem ter muito conhecimento sobre arquitetura, ele é bastante preciso por

⁷⁰ Este fragmento cita um trecho da cidade de Porto Alegre que não está inserido nos bairros Cidade Baixa ou Centro Histórico, os quais essa pesquisa se dedicou a olhar mais detidamente. No entanto, optamos por trazê-lo por sua relevância enquanto um exemplo da discussão que estamos apresentando.

⁷¹ A descrição do evento no Facebook ajuda-nos a perceber isso: “Os conceitos são nossas armas! Precisamos deles tão inovadores de tal modo que ponham em perigo todas as outras formas de se pensar o mundo. Uma fábrica na superfície dos encontros, na superfície dos poros, que são atravessados pelos mais variados fluxos. É preciso largar as velhas tradições e se deixar contagiar por um pensamento que se faz nas conexões, que se produz nos devires e nas intensidades. O inKonsciente maKíniKo, profanado como tal, assume a posição de inKonsciente produtivo-real. Somos máKinas desejanter!” (Extraído de: <https://www.facebook.com/events/1292121050874126/?active_tab=discussion>. Acessado em 08/08/2017).

⁷² Apenas para que vejamos como essa questão da fiscalização no bairro Cidade Baixa está sempre em debate, recentemente a discussão sobre os direitos de moradores, boêmios e proprietários de estabelecimentos noturnos voltou aos jornais em virtude da cobrança feita pelo Ministério Público de que sejam feitas fiscalizações no bairro em relação ao horário de funcionamento dos estabelecimentos noturnos, além de cobrar também a implantação de pontos específicos da legislação como a criação do Programa de Implantação da área de Animação previsto no Plano Diretor da cidade. Um exemplo das notícias veiculadas sobre o caso pode ser vista na reportagem “MP recomenda intervenção na Cidade Baixa e fechamento de bares até a meia-noite, disponível em <<https://www.sul21.com.br/jornal/mp-recomenda-intervencao-na-cidade-baixa-e-fechamento-de-bares-ate-meia-noite/>> e consultada em 20-09-2017.

apontar trechos da cidade próximos ao Centro Histórico e Cidade Baixa que são de traçado modernista e, em virtude disso, apresentam muitas áreas verdes “vazias”; é bastante preciso em identificar, ao final, a potencialidade dessas áreas como uma possível forma de resolução de conflitos tal como o da notícia que ele havia comentado.

As reflexões desse amigo, expressas no fragmento acima, ilustram a importância desses lugares de uma noite só na construção de outros caminhos para nossas cidades; mostram como a cidade da noite é discutida (mesmo que por uma parcela restrita da população) e, por fim, evidencia também um olhar sobre a cidade que parte da experiência-vivência dela.

Um último exemplo, quanto a isso, vem do caso da Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ), situada no Centro Histórico, mais especificamente na R. dos Andradas. Por muitas vezes fui ali, com amigos daqui ou de outras cidades, mas quase sempre durante o dia. No entanto, a realização de um evento que se propunha a oferecer uma programação para o local durante 36h, permitiu-me conhecer melhor aquele prédio (e as ruas próximas) durante a noite.

Chegamos e fomos direto para uma atração que estava começando numa sala pequena e com carpete. No pouco espaço, as pessoas lotavam as cadeiras e nós resolvemos sentar no chão mesmo. Semi-acomodado, fui tomando notas, mas era impossível registrar o prazer das músicas que escutava. Eram clássicos do rock executados somente por

bateria, piano e contra-baixo. A música contagiava tão intensamente a todos ali que na segunda fileira de cadeiras havia um senhor que dançava batendo as mãos e os pés discretamente, ao ritmo da música que parecia lhe invadir.

[Essa abertura da CCMQ me fez pensar também como é importante ter opções de lugares para sair à noite, consumir arte (sobretudo local) e sem restrição quanto ao pagamento ou não. Apesar disso, o público ali é, em sua grande maioria, de classe média que conseguiria ter acesso a “cultura paga”. Além disso, fico pensando como é bom ter opção de lugares que não se restringem a apenas festa, fritação e afins].

Saímos do concerto e tentamos entrar numa das atrações seguintes, um sarau de poesias. Ele já estava com ingressos esgotados, mas por força do destino, um rapaz desistiu de entrar e nos deu os seus ingressos. Antes das poesias, um trio de músicos da cidade



Figura 9 – Foto da travessa no térreo da CCMQ. Fonte: autor.

tocou algo próximo a um jazz para abrir as apresentações.

[Enquanto isso, fico pensando sobre este lugar: um antigo hotel (antes de ser tornado patrimônio da cidade de Porto Alegre, ali era o Hotel Majestic) no centro da cidade e que não é apenas um patrimônio através de uma folha de papel que diz isso. É também um lugar de apropriações das pessoas, ela os tem dentro delas como um patrimônio que surge pela oportunidades de cultura que podem ser experienciadas ali, inclusive essas boêmias de que falo aqui. É, diante disso, que ali é mais além de patrimônio: é um lugar boêmio de uma noite só].

Ao sairmos, em busca de uma água, admiramos a travessa toda iluminada nessa noite de começo da primavera (Figura 9). O bares da R. dos Andradas estavam todos fechados e encontramos apenas um vendedor ambulante na porta.

Tal como no caso do aeromóvel, existe aqui uma apropriação de um espaço urbano usualmente diurno da cidade através de práticas boêmias. Transformar esse espaço num lugar boêmio é ir muito além de institucionalizações de preservação patrimonial. É manter aquele espaço presente nas subjetividades urbanas, aliando memória coletiva e memória individual. Demonstra, por tudo isso, a potência de se preservar não apenas um prédio em si, mas preservar também práticas (no nosso caso, práticas noturnas) que permitam experiências as mais diversas e construam memórias e afetos em sujeitos e coletividades.

7.2.5.A fama do xis vegano⁷³

Aquela praça era encantadora. Parecia haver nela certo mofo de outro tempo, na pedra puída de seus prédios antigos, alguns mais acabados que outros, junto com o chafariz art-déco desativado que se transformou num banco disputado para brisa. Muita vida pulsa ali, apesar do cenário, nada está morto. Mais à frente, aquela avenida de pouco mais de dois quarteirões, mas que não era menos charmosa por causa disso. Miolo do Centro Histórico com a Cidade Baixa, encravado na urbanidade que pulsa, era ali o point do famoso xis.

A Praça Marquesa de Sevigne, na esquina das Ruas Des. André da Rocha⁷⁴ com a General Lima e Silva, é mais conhecida como pracinha do MM's, nome este que vem de uma lanchonete numa das casas que se abrem para a praça. Ali, a fama fica por conta do xis gaúcho feito em versões vegetarianas e veganas, atraindo, com isso, um público adepto ou simpatizante a esse tipo de comida.

Foi através da fama desse xis que eu conheci este lugar em pouco tempo morando na cidade. Além disso, certa vez uns amigos vieram para a cidade e eu não estava aqui para recebê-los. Indiquei-lhes a Cidade Baixa como um lugar para eles irem a noite e, no dia seguinte ao falar com um deles, ele me contou que tinha ido parar ali porquê todo mundo com quem ele falou disse como era bom o xis e que a praça reunia um pessoal mais “alternativo”.

⁷³ Neste relato, optou-se por manter o nome original do estabelecimento comercial por se dar, a partir dele, parte da fama do lugar sobre o qual o texto fala.

⁷⁴ Lembra do antigo Beco do Oitavo? (Cf. item 5.1.3)

Para entender melhor esse “alternativo” é importante que se acrescente que o público ali é formado também pela galera que curte andar de bike (havia um monte delas juntas e estacionadas na noite do registro da Figura 10), pelos apreciadores do produto que dá cheiro característico a praça (e denuncia que ali é um lugar “legalize”), pelos jovens universitários que moram pelas imediações (tanto no Centro quanto na Cidade Baixa), entre outros que são atraídos pela reunião de pessoas que, não raras vezes, toma conta da praça. Há, ainda, moradores de rua que durante esse agito noturno pedem uma vez na roda para fumar, um gole de bebida, uma comida, uns trocados, um cigarro...



Figura 10 – Registro de uma noite na praça. Fonte: Autor.

Em algumas noites por ali é possível apreciar também alguma forma de música, seja através de sons de djs de algum evento ou feira que faz dali um ponto estratégico, seja pelo violão de algum camarada que resolve tocar para amigos ou para qualquer um que quiser ouvir.

O fato de ser uma praça com um parquinho infantil no meio torna o local ainda mais diverso. As crianças costumam ficar por ali nas horas mais cedo da noite; depois, os mesmos brinquedos transformam-se em bancos para toda a gente que se aglomera, sobretudo, próximo a lanchonete. Nela, a lógica de atendimento é a seguinte: você chega, entra numa fila, caso haja, faz seu pedido, paga e, depois, fica por ali, na praça mesmo, esperando ouvir seu nome ser gritado por um dos rapazes (cada dia menos simpáticos) que trabalham ali.

Dentre os militantes que encontramos por ali, naquela noite, nos deparamos com artistas unidos pelo direito de arte na rua e que divulgavam um festival (Figura 11).



Figura 11 – Flyer distribuído na noite desse registro na Praça do MM’s. Fonte: Autor.

Enquanto vou tomando diversas notas sobre o lugar, não posso deixar de ouvir o papo de umas meninas e meninos, por volta de 18 20 anos, conversando abertamente sobre sexo. Logo depois, sou interrompido por uma guria do teatro, conhecida, que estava por ali e com quem segui a conversar.

7.2.6. Um lugar para nunca ir

Existem lugares que se constroem como referências precisas para nós um pouco na contramão dos demais exemplares que trago neste estudo. Ao invés de se tornarem espaços precisos nos quais construímos memórias e afetos que nos fazem querer frequentá-lo e tê-lo como um lugar boêmio quando saímos à noite, eles se tornam o oposto: lugares em que sabemos que não somos bem-vindos.

Já na minha primeira visita a Porto Alegre, ao caminhar com o amigo que me recebia naquela ocasião pela Cidade Baixa, fui apresentado àquele bar como um lugar no qual homossexual não é bem-vindo; como um lugar cuja fama é de ter havido ali diversos casos de homofobia.

Quando comecei a frequentar o bairro, agora já morando na cidade e iniciada esta pesquisa, já o tinha como um lugar no qual não ir. No entanto, não foi apenas através dessa “fama” compartilhada por esse amigo que ali se tornou um lugar no qual nunca vou. Ao longo dessa pesquisa, deparei-me com outras evidências que confirmam semelhante fama. Sem entrar no mérito da discussão a seguir, entre agressores e agredidos, trago o relato extraído da página no

Facebook do grupo político “Barricadas abrem caminhos”⁷⁵ como mais exemplo que faz parte da subjetividade que construí acerca de tal espaço.

'MAIS UM ATAQUE FASCISTA NO BAR DO PINGUIM

Por volta das 19h30 deste domingo (11/09), quando dois militantes da causa LGBT, que carregavam junto suas bandeiras, passaram pela frente do bar do Pinguim, quatro homens de meia idade, que estavam no bar, começaram a gritar: ‘COMUNISTA TEM QUE MORRER’, ‘COMUNISTA TEM QUE SER FUZILADO’, ‘TEM QUE IR PARA O PAREDÃO’.

Algumas pessoas que ali estavam reagiram gritando "FORA FASCISTAS!".

Nós, do Barricadas, estávamos sentados entre quatro pessoas (três mulheres e um homossexual). Acreditamos que uma reação coerente de nossa parte era, no mínimo, chama-los de fascistas e pedir para respeitar a pluralidade e a diversidade, e foi o que fizemos.

Então, os mesmos quatro homens começaram a nos atacar gritando "COMUNISTAS DE MERDA!", "VÃO BATER UMA SIRIRICA!", "VOU METER MINHA BENGALA EM TI", "CALA A BOCA VAGABUNDA", "BATO NESSA TUA CARA", entre outras barbaridades típicas do fascismo. Nisso vieram fisicamente para cima de nós. A reação que tivemos foi chamar um garçom e solicitar a presença do gerente do estabelecimento, que apareceu em seguida. Mas, para nosso espanto, o gerente de pronto foi em defesa dos quatro fascistas.

Nesse momento, como pode ser visto no vídeo em anexo, os homens partiram para a primeira agressão física ao jogarem cerveja na gente, em seguida quebraram um copo e ameaçaram nos "furar" (sic).

Então, algumas pessoas ao redor tentaram nos proteger e os quatro fascistas começaram a agredir uma dessas pessoas, o derrubaram no chão e o pior aconteceu: os SETE garçons do bar começam a chutar e soquear o homem que estava caído por nos defender. A agressão dos FASCISTAS chegou ao ponto de fazerem um linchamento a um senhor que estava passando pela rua e não foi conivente com a agressão sofrida. Como se não bastasse, os garçons distribuíram socos e chutes às pessoas que estavam tentando pedir para que os agressores se retirassem do bar, nos agrediram fisicamente e pegaram o celular que estávamos filmando. Um dos que tentou nos ajudar conseguiu recuperar o celular e nos devolveu. Feito o relato, queremos agradecer a solidariedade dos camaradas que ao verem o ato FASCISTA não se calaram. É fundamental somarmos forças e não nos calarmos frente o avanço do conservadorismo, que já deu um golpe de Estado, que ataca a classe trabalhadora, retira direitos e avança com seus ataques homofóbicos e machistas”.

No mundo das redes sociais contemporâneas, esse relato chegou-me através da minha bolha algorítmica. Pouco dias depois, num bar defronte dali, cedo da noite:

Enquanto caminhávamos, passou um carro de som com volume bem alto anunciando o caso recente de homofobia que ocorreu no bar que fica do outro lado da esquina. Falava, em claro tom, o nome do bar, relatava o caso de homofobia que li e assisti ao vídeo na Internet. Ao final, emendava a frase da militância de muitos de nós nestes tempos: “Fora Temer”! Resistência LGBT na ativa.

A ideia de lugar, nesse caso, era de que ali não era pra mim.

⁷⁵ O relato foi extraído do seguinte link:

(<https://www.facebook.com/barricadasabremcaminhos/videos/1244992738865974/>), acessado no dia 14/09/2016, às 16h05min. Segundo informações presentes na própria página, trata-se de uma organização política fundada em 28 de fevereiro de 2007.

7.2.1. Um lugar que nasce, um lugar que morre, um lugar que não deixa de existir⁷⁶.

A tentativa desse tópico é em falarmos de como existe uma relação muito interessante do sentimento de lugar com espaços de consumo (estabelecimentos comerciais, por exemplo). Tentaremos evidenciar na história a seguir como esse sentimento nasce e, ao mesmo tempo, como ele pode continuar a existir mesmo que o lugar (físico) morra. Dessa forma, transitaremos por esses dois conceitos de lugar: do material ao imaterial.

Um lugar que nasce

Ela, de beleza dessas do Sul, cabelo loiro, entre ondulado e cacheado, pele clara, mais baixa que Ele. Ele, pele da gente mais ao norte, cabelo crespo, óculos, barba sempre mal feita. Viviam juntos há dois anos, naquele edifício com nome da famosa arquiteta... Lina. Moravam no mesmo bairro que havia morado CFA⁷⁷, coisa que Ele adorava saber: um dos seus mais admirados escritores havia morado a algumas ruas da sua casa! De fato, aquele bairro tinha um valor inestimável para Ele. Era um dos mais antigos da cidade e, como lhe contaram, foi em sua homenagem que Caetano escreveu aquela música chamada *Menino Deus*.

A noite daquela quinta-feira era para celebrar a união de Ele e Ela (Elx?). O relógio marcava 22h07min quando estacionaram na R. José do Patrocínio e caminharam para encontrar AmigadElx num lugar que Ele não conhecia. Numa das esquinas da Lima, pouco antes da Venâncio, chegaram ao mercadinho, nome pelo qual o lugar foi prontamente apresentado a Ele; somente depois é que descobriu o nome real (quando conseguiu ler o letreiro que ficava no alto da fachada daquela casa familiar de outrora).

AmigadElx: Esse lugar começou a bombar já faz um tempo... – explicou para Ele, sabendo que o interessaria.

Ela: Olha gente, é uma cerveja “marca-tal” e tem para você também – entregou para Ele um copo de plástico e despejou a cerveja artesanal, que estava barata aquela noite.

AmigadElx: Que dia bomba mais o mercadinho?

Ela: Quinta, só que mais cedo...

AmigadElx: Qual é o dia da bike das gurias?

Ela: Quinta!

AmigadElx: As gurias andam de bike juntas e depois vem pra cá .

Mal termina de falar e foi interrompida por Ela, que lançava um olhar à procura de algo.

Ela: Vamos sentar ali na calçada! – seguiu para o outro lado da rua e sentou na calçada da esquina. Em seguida finalizou com ironia: Gente, fiquem a vontade, puxem uma cadeira aí!

Todos se sentaram no chão, numa quase-roda. Alguns minutos depois Ela interrompeu o papo chato que se seguiu sobre sapatos (tipos, loja e afins...).

⁷⁶ A presente história mistura-se com ficção; em virtude disso, evita-se o uso de nomes reais para as personagens a fim de borrar as fronteiras entre o campo e o escrito.

⁷⁷ Referência a Caio Fernando Abreu.

Ela suspira sobre um rapaz que cruzava a rua: Vejam aquele menino de dread, ui! 'Olá, prazer, eu me chamo Ela'.

Todos: Aham!!!

Encontramos por ali o Brasil, do teatro também como Ela e que se juntou a nossa roda. Além dele, estava também T, amigo dEle e, agora contando essa história, percebo que T e Ele poderiam ser mais do que só amigos. Eles trocavam muitos olhares de desejo um pelo outro, mas ninguém sabia de nada.

À medida que o papo foi acontecendo, essas pessoas se misturaram em conversas dois a dois, três a três, todos com todos, uma loucura. No meio de tudo isso, alguém gritou: "Olha o pedal das gurias que acabou de chegar".

Estávamos num desses lugares da cidade onde você é mais criticado por chegar de carro do que por chegar de bike. O carro deixou de ser o símbolo de status de como era antigamente, quando você saía à noite. Nesses lugares de hoje você é *descolado* (por mais que, atualmente, quase ninguém mais use essa palavra) se chega de bike, sobretudo aquelas tubiradas, estílicas, speed... mas vale aquela da infância também.

As gurias do pedal estacionaram suas bikes (parecia um mar delas, todas juntas) e ficaram por ali. AmigadElx iniciou uma conversa com Ele sobre o emprego que ela estava fazendo como freelancer, enquanto Ela e Brasil começaram a conversar sobre a "galera da bike", "São Paulo", "estão fazendo uma ciclovia ali perto de casa, na José de Alencar..." e outras coisas das quais não ficou nem fragmento.

Uns minutos depois, T chegou com mais uma cerveja. Brasil se animou todo com esse gesto e, em comemoração, começou a puxar o grito de "Não vai ter golpe, vai ter trans. Não vai ter golpe, vai ter treta!"... Já na segunda repetição, todos da roda o acompanharam, num clima de muito riso e gritos que, pouco a pouco, foi diminuindo.

Brasil, então, acrescenta: Ali no muro da Igreja São Carmo, na Perimetral, tá escrito: 'Cada bomba custa 800 reais e o seu salário você recebe parcelado'... Adorei, adorei aquilo!

Mal terminou de falar e, sem querer, ele esbarrou no copo de cerveja que estava no meio da roda, ao que todos, num só grito: "AAAAAAAAAIIIIIIIIII!!".

Brasil, artista-habilidoso que é, correu e pegou o copo e, como bom malandro, saiu dançando e cantando "Tê tê tê rê tê! Tê tê tê rê tê! Tê tê tê rê tê!...", querendo disfarçar toda aquela confusão.

Ela: Puta!!!

Brasil: Caguei, caguei! Olha, foi oxum aí que pediu e eu vou dar o resto. Ai, foi mãe oxum que pediu e eu vou ter que dar o resto!... Ai, tomou todo o meu drink. A gente tá numa encruzilhada!

Nesse momento, todos se dão conta de que estão, de fato, numa esquina. À medida que Brasil vai falando, todos riem do tom de deboche com ele mesmo, transformando o pequeno desastre, num momento de show próprio.

Brasil: Foi oxum que pediu... Já tá virando pra sexta feira, é isso! Faz uma rápida pausa e acrescenta, noutro tom de voz: A louca que tudo bota culpa no astral!!!!

Ela, interrompe: Eu li uma coisa maravilhosa naquele perfil 'Ajuda o povo de humanas a fazer miçangas'... eu li uma que era assim: 'Imagina se não tivesse isso de signo e gente tivesse que assumir como a gente é sem botar culpa no dia que nasceu!'... Uma coisa assim... Enfim, eu contando é ruim, mas o meme é bom... na hora foi bem engraçado!

Ele: Sim, é legal! A gente põe muita culpa no signo...

Brasil: ... e no santo...

Ele: ... e na encruzilhada!

Ela, mudando de assunto, diz: E o amor, hein? Tu avisou o amor que está aqui?

Brasil: Não, mas tudo bem...

Ela, então conclui: O amor pode esperar!

Brasil, a partir disso, se safava do papo de por onde andava o namorado aquela noite improvisando uma letra de música: "O amor... [*palavras indecifráveis ditas baixinhas justamente para não serem muito bem compreendidas, já que era o pedaço da música que ele não lembrava*]... blá blá blá pode esperar! Futuros amantes, quiçá, se amarão sem saber..." [*força o ritmo de uma música*].

Ela: E o meu amor? Fiquei de avisar quando a gente viesse pra cá!

Brasil, pouco espantado, fala: E o teu amor? Como assim? É aquele grande-malhado-trepa-nas-alturas?

Ela, rindo, responde: Não, não... Esse é o que eu tava há um tempo. O meu amor agora é outro, é uma garota, daqui...

Brasil: Uma garota? Tu tá com uma garota?

Ela e Brasil emendam uma longa conversa de amigos, na qual rola uma atualização da vida recente de cada um. Brasil continuava apaixonado pelo namorado, segundo o que ele contava. Já Ela era apenas experimentação.

Ela: (...) e no dia seguinte que a gente se conheceu, fizemos uma performance juntas. Daí, a gente se conheceu mais e acabamos ficando.

Brasil: Só falta me dizer agora que tá fazendo novela!

Ela: Eu fiz uma publicidade bem no estilo de novela essa semana, confesso!

Brasil, agitado, vira para Ele e diz: Ela sempre vai pra um bafo, né! Tá sempre dando um texto! **Retorna de frente para Ela e continua:** ... gravando novela! **Aumenta a ironia e finaliza:** ela tem uma namorada, ela faz novela, ela trepa, ela faz jazz, ela faz quiropraxia...

Ela: Eu faço carnaval!

Brasil: ... Ela faz Carnaval! Ela é Joazinho Trinta!

[Risos de todos].

E assim a conversa segue; desse ponto em diante ela não parou mais. Sempre alguém estava disposto a falar sobre alguma coisa. Era uma mistura de ebriedade com a sensação de estar entre amigos.

Noutro momento, Ele questiona: Gente, podemos chamar aqui de Baixa CB, então?

Ela: Baixa CB!!

Brasil: Baixa CB? Aqui é o Quinto Distrito!

Ela: Podemos chamar Baixa CB como é o Baixo-chiado em Lisboa, ou o Baixo Gávea no Rio.

AmigadElx: Ou a Baixa Augusta!

Ela: A gente é baixa né?

Brasil, numa voz de ironia-curiosidade, pergunta a Ele: E nesse bairro que era refúgio dos negros, me diz, agora, o que o tal do Garibaldi que tem estátua na praça ali tem a ver com essa porra toda?

Ele: É verdade...

Brasil: Ele só veio parir o filho aqui nessa praça e daí deram o nome da praça pra ele... Sabe aquele espetáculo Afro-Me?

Ele: Sim!

Brasil: Ele fala disso! Ele fala exatamente disso! Que as pessoas foram levadas para Restinga..

Ele: Sim! Eu vi esse espetáculo esses dias!

Brasil: Conta também que o Parque da Redenção virou o Parque Farroupilha, tirando a referência aos negros. Foram eles que adotaram como Redenção porque para eles era redenção mesmo e não Parque Farroupilha. E daí, o tal do recanto africano virou o recanto não sei das quantas japonês-budista...

Ele: Budista-europeu, né? Tem o recanto europeu também lá...

Brasil: Pois é, fizeram uma arquitetura 'grega' ali...

Seguem a conversar até que Brasil resolve ir ao banheiro. T se aproxima e senta ao lado dEle e ficam a conversar entre si. Enquanto isso, numa roda de pessoas próximas, um morador de rua se aproxima com um carrinho de supermercado, cheio de revistas antigas.



Figura 12 – Fragmento daquela noite. Fonte: Autor.

Negro, com um paletó branco sujo e amassado, ele logo começou a dar um texto a fim de vender as revistas que ele espalhou pelo chão, próximo ao grupo, ao mesmo tempo em que comentava sobre a preciosidade de cada uma delas. Eram as mais variadas revistas antigas, desde a extinta revista “Manchete” a outra chamada “Sexo e Poder”.

Com sua voz de senhor de idade e poucos dentes na boca, ele diz: O patrão enlouqueceu: cada uma dessas por apenas um real!

O pessoal da roda então ficou olhando com bastante curiosidade aquelas revistas antigas. Alguns sacaram uma moeda do bolso, deram-lhe e pegaram alguma daquelas “preciosidades”. O senhor esperou por uns instantes,

recolheu o dinheiro da venda e finalizou contando para o grupo que na Etiópia, de onde ele teria vindo, o apelido dele era “Gordo”; uma fina ironia que só podia ser entendida ao olhar para ele e ver o quão magro ele era. Depois, virou-se para uma das meninas da roda, que tinha permanecido calada por todo o tempo, presenteou-a com uma revista “Bons fluidos” e lhe disse: “Vou te dar esse presente porque você entrou na loja muda e saiu calada”. A garota permaneceu atônita com aquilo, enquanto ele recolheu as revistas do chão e saiu em busca de outro grupo para apresentar seu material e dar o seu texto.



Figura 13 – Registro de como as pessoas ocupavam o espaço em frente ao estabelecimento comercial. Fonte: Autor.

De volta à roda de Ele e Ela, era o momento da foto para postar na Internet. Várias tentativas até uma que agradasse a maioria. Após isso, Ele dirigiu-se para o banheiro. Na porta, uma pequena fila na qual encontrou uma conhecida, “amiga de um amigo”, e eles ficaram conversando durante todo o tempo de espera. Era um banheiro pequeno, para homens e mulheres, com o chão sujo pelo pisar misturado com água.

Na curta caminhada entre o banheiro o grupo de amigos, Ele observou um pouco mais o lugar naquela noite. Notou que haviam pessoas sentadas no asfalto, no caramanchão de madeira em frente ao mercadinho e na calçada do outro lado da rua. Foi interrompido pelo mendigo que passou pedindo moedinhas.

Quando se aproximava dos seus amigos, percebeu que Brasil e Ela estavam dando um texto. Seria algo que eles já apresentaram juntos? – perguntou-se. Os dois se revezavam

nos diálogos afiados sob a entonação de personagens velhos, infantis, entre outros. A cena se arrasta por alguns minutos, passam por um longo trecho da peça (descubro que é por meio delas que se tornaram amigos), e a vozes denunciam a embriaguez. Logo começaram a chamar atenção de pessoas de outros grupos que estavam ali e, por causa disso, improvisam um final e terminam o pequeno show.

Um pouco mais calmos, Ela diz, enquanto mexia no celular: Gente, não param de curtir nossa foto. Vocês tem que ver quanto é que tá agora!

O fluxo entre conversas trocadas vai ficando mais intenso e as pessoas vão se revezando em conversas menores e outras que envolvem mais pessoas. Em meio a tudo isso, vez ou outra alguém gritava atrás do isqueiro sempre perdido.

Ele olhou no relógio e viu que já era 23h30min, ao que disse: “Se quisermos ir pro funk e não pagar pra entrar temos que ir agora”.

Entretanto, ninguém pareceu ouvi-lo e ele entendeu como um desânimo das pessoas em sair dali. Ela e Brasil continuavam a falar alto um com o outro. No meio disso, Ela, bastante empolgada, tenta puxar (mais uma vez naquela noite) uma música. No entanto, dessa vez, ninguém a acompanha, ao que ele resmunga ao cansar de cantar sozinha: “Cadê, galera???? Vamos seguir o bonde, vocês tão muito desanimados... Ahh tá, sou a louca agora? [Muitos risos] Agora sou a bêbada que fica cantando por ai sozinha? [Risos, risos] Tomar banho vocês”!

Brasil responde: Então canta outra mais assim, mais *arriba!*

Ela então começa a puxar um rap, mas não lembra da letra muito bem. É salva com a chegada de outros amigos ao local. Os ânimos se reavivaram com o pessoal novo e a noite seguiu seu rumo a partir daí.

A ideia de ir pro funk já tinha sido esquecida, pois ninguém queria sair dali. Mas o mercadinho fechou (já era mais de meia noite) e a fome bateu em muitos que estavam ali, sobretudo aqueles que tinham chegado mais cedo. A maioria do pessoal se junta para achar algum lugar onde comer.

T e Ele resolvem ir embora ao mesmo tempo. Coincidência ou iriam embora juntos?

E foi assim que aquele mercadinho se transformou no lugar dEle e dEla.

Um lugar que vive e depois morre

Numa outra noite, eles resolveram ir para Cidade Baixa sem carro; uns de skate, outros de bicicleta. Saíram de casa por volta de 22h e seguiram em grupo por ruas de menor movimento nas quais poderiam andar mais tranquilamente. No percurso de mais ou menos quinze minutos, passaram por trechos escuros (mistura de postes ausentes com grandes copas de árvores) e outros em que a calçada de tão irregular expulsava os skates para o asfalto.

Quando chegaram ao mercadinho, comemoraram o fato de que ninguém tinha sofrido nenhum tombo. Uma intensa sede se misturava a essa comemoração e pedia logo um gole de bebida. Enquanto alguns foram lá dentro comprar, os demais se acomodaram juntos as bikes e skates. Os corpos queriam apenas um descanso e uma brisa.

O pessoal das bebidas trouxe junto umas comidinhas: salada de fruta, salgadinhos da infância... “era barato daí a gente resolveu trazer pra larica”, disseram. Um grande brinde e, pouco depois, estavam todos já bem à vontade por ali.

Num certo momento, um artesão passa e nos oferece seus trabalhos... brincos de pena, colares, pulseiras presos a um tecido armado numa estrutura de cano de pvc. Explicamos que estávamos duros de grana, que tínhamos saído sem muito dinheiro de casa e que não compraríamos nada naquela noite. Ele então nos pediu um gole da cerveja e, ao receber, saiu caminhando em direção a outros grupos.

O assunto que tinha sido interrompido girava em torno de signos e astrologia. Era a mistura daqueles que acreditam mas não sabem muito, com aqueles que acreditam e sabem um pouco e aqueles que não acreditam e nem fazem muita questão de saber. Todos sempre têm algo a dizer (acreditando ou desacreditando) e é por isso que esse é sempre um assunto nessas rodas de conversa e bebidas.

Um pouco depois, o mesmo andarilho das revistas velhas que havia nos abordado numa das noites anteriores por ali, reaparece. Com a voz de quem parece estar bêbado, ele começa uma conversa e vai se perdendo no que diz. Muitos apenas balançam a cabeça, outros pegam o celular. No fim, o andarilho diz: “Como explicar esse fato: na páscoa tem ovo nas lojas sendo que o coelho é um mamífero?”. Após dizer isso, todos riem e ele segue seu caminho.

[Corte]

23:40 – O mercadinho vai fechar e as meninas foram comprar a última rodada. Ao retornarem, comentam de um dos boys que estava na fila e da paquera que havia rolado. Um assunto vai emendando ao outro...

Mas aquela noite não podia acabar tarde. Muitos tinham que acordar cedo no dia seguinte. Chega, portanto, a hora de pegar nossos skates e bikes e fazermos o trajeto de volta.

O barulho de carros e das rodas do skate no asfalto é somado com aquilo que vamos falando uns com os outros. “Cuidado com o buraco”, “Olha a esquina”, “Olha o carro, vamos fazer uma fila”, “Cuidado que estou logo atrás de você” são apenas alguns exemplos do que vamos falando ao longo desse rolê. À medida que vamos andando, alternamos a dianteira naturalmente, muito de acordo com quem vai conseguindo andar mais rápido e tal.

Ao chegarmos em casa, a sensação de todos se resumia na seguinte frase: “como é bom fazer exercício assim!”. A noite tinha sido um sucesso.

Noutra vez, queríamos repetir o programa. Lá fomos nós novamente, agora sabendo muito melhor por onde passar (ou não). Mas ao chegarmos, ao invés de comemoração por estarmos intactos, uma decepção geral: ele estava fechado e não

era ainda nem 22h. A placa que ficava fixada no alto da fachada tinha sido removida, junto com o caramanchão de madeira que ficava na porta. O lugar tinha fechado!

Um tanto quanto desolados, achamos outro lugar para ir naquela noite. A vida é uma coisa interessante... De um instante para outro tanta coisa pode mudar. Esses lugares boêmios nascem e morrem... Vão ao sabor dos negócios, do proprietário e dessas coisas da vida... Mas o lugar boêmio daquele grupo de amigos não deixa de existir. Ele resiste na memória de cada um que teve ali noites de muita diversão e companhia. Aquele espaço (do bairro, do mercado ou o espaço que nossos corpos ocuparam por aquelas esquinas) há de viver enquanto sobreviver alguém para narrar aquelas noites.

7.3. A experiência de estudar a noite, estando “na noite”

Em certo momento, perguntamo-nos: como é isso de estudar o que se vive? Um sujeito que toma notas na boemia vivida e que se transforma num estranho nesse ambiente em que a maioria está apenas para se divertir... De tudo isso, surge uma mescla de relato, práticas, descrição espacial, tal como o fragmento a seguir:

Estou no WK, em pé, na apertada pista-de-dança/galeria-de-arte que fica logo na entrada (como se fosse a antessala de uma casa antiga). Por ali, uma primeira parada. Os olhos buscavam um canto no qual eu pudesse ficar parado, em pé, e tomar notas no celular. Escrever num lugar desses é uma experiência muito interessante. É, no mínimo, exótico alguém “na balada” que fica anotando coisas sobre “a balada”. O celular funciona como um álibi, já que hoje é comum estarmos o tempo todo mexendo nele.

[Enquanto escrevia, um casal na minha frente dançava bem animado].

Nas paredes da *galeria-de-dança*, estavam expostos trabalhos de artistas que tinham participado de um evento de arte de rua. Uma série de painéis e outras intervenções artísticas foram feitas pela cidade e, naquela noite, estava rolando uma mistura de festa desse evento/abertura da exposição/funcionamento normal do pub. Assim que cheguei, detive-me a olhar os trabalhos.

Logo depois, minha atenção se concentrou num jovem casal que estava com uma criança de colo ali. A música era alta, a criança estava claramente não gostando de estar ali e começou a chorar. Os pais, por causa disso, despedem-se de umas pessoas e vão embora.

Ao entrar mais ao fundo no lugar, me deparei com muitas mesas espalhadas pelos outros cômodos da casa, todas ocupadas. Ela estava praticamente lotada. Resolvi, então, comprar uma cerveja e me dirigir para calçada em frente à entrada; era lá que ficava a área de fumantes (um dos cantos mais legais de uma balada). Na saída, o segurança me disse que para que eu pudesse sair, deveria acertar a conta antes. Volto, pago e consigo sair.

Um banco de madeira paralelo ao meio fio fechava a composição retangular formada pela entrada do lugar e cachepots nas laterais. Eles eram como elementos de um mobiliário urbano do lugar privado que habitavam a calçada, estabelecendo uma ligação do espaço de acesso restrito e o espaço de acesso público.

Espero uns instantes até que surge espaço livre para sentar. Acendo um cigarro, como tantos outros por ali. Fico a contemplar os sujeitos, entremeando tragadas e pensamentos que não param de alçar voos. Uma menina ao meu lado puxa papo. Falamos por uma meia hora e nos tornamos sinceros amigos em instantes. Falei um pouco sobre a minha pesquisa e, a partir daí, nos perdemos conversando coisas sobre cidades, sobre o TCC dela, sobre filosofia e tantas coisas. Os minutos pareciam ir num outro ritmo tamanha a quantidade de coisas que conseguíamos falar. Ela me contou que trabalhava no escritório do pai, que era formada em direito; eu lhe disse como

ser profissional liberal e manter um escritório não é fácil e o quão era bom ela ter essa oportunidade de trabalhar com o próprio pai.

Depois ela me disse que tinha feito faxina antes de sair, que morava sozinha e que fazia dias que não arrumava a casa. Que um pedreiro tinha ido fazer uma obra na casa dela e que não deu... ela teve que trocar a academia pela necessidade (e prazer) de arrumar tudo aquilo. Mal ela termina de contar, eu pergunto se ela tinha alguma em virgem no mapa astral dela. Ela então me confirma que aquele era o seu signo. Pimba!!

Enquanto seguíamos a conversa, o som lá dentro da casa parecia ter ficado mais alto; conseguíamos ouvir perfeitamente ali na rua e acho que os vizinhos também. Aquela era uma rua da CB na qual quase não tinha estabelecimentos noturnos; exceto ali e um ou outro ponto, o resto era tudo residências. O pub era como um ponto de luz no meio da penumbra formada pelas copas das árvores e os poucos postes presentes.

A amiga da garota ao meu lado disse que ia entrar, ela então foi acompanhá-la e nós nos despedimos. Antes de ir, acendo mais um cigarro e fico apreciando a música muito boa que estava tocando lá dentro.

A experiência a de escrever na noite torna-se consciente a partir do encontro com:

Um cara que estava sentado no balcão de costas para o salão, escrevia num caderno daqueles com espiral metálica. Ao chegar ao seu lado, para pedir uma bebida para o atendente, vi que ele escrevia frases longas... não eram palavras soltas apenas. Ele vestia uma jaqueta e calça jeans, tinha cabelo e barba grandes, olhos claros contornados com lápis preto. Ele não parou de escrever suas longas frases em nenhum momento que estive por ali.

Fiquei pensando que o estranhamento que senti de ver alguém no meio do movimento daquele lugar escrevendo coisas num caderno era semelhante a alguns momentos em que eu, no meio da balada, fico tomando notas no celular. Em ambos existe o desejo de captar elementos dessas experiências boêmias antes que elas sejam esquecidas pela memória. Não é atoa a boemia aparece tão ligada com o universo de escritores e artistas em geral.

O que acontece na descrição desses espaços se mistura com outros fatos que vão acontecendo durante essa observação. Em um dos casos anteriores, as conversas tidas com a garota sentada ao lado se fazem presente com a descrição de elementos espaciais. Isso é semelhante ao que ocorre no fragmento a seguir:

Agora estamos no CC. Naquela noite, o público era pequeno. Logo que chegamos, pedimos algo para beber e fomos jogar um pouco no fliperama. Pouco depois, o dono do lugar, que conhecia T, disse que ele estava ampliando o negócio e que já contava com seis bocas de chopp.

Nas paredes, havia trabalhos sendo expostos (inclusive para venda). Num canto, tinha um sofá com puff; sentamos ali e enquanto tocava uma música latina em todo o bar, na tela da TV a nossa frente passavam desenhos animados.

Na linha dessas observações acerca do espaço desses lugares boêmios, uma interessante questão decorre do fato de que, nos dias atuais, fumar em ambientes cobertos é proibido. Em virtude disso, existe nesses lugares boêmios uma clara segregação, conforme o trecho a seguir:

Fui acompanhar uma amiga que estava a fim de beber naquele dia. Final de mês..., duros de grana..., resolvemos ir no boteco onde a cerveja era barata. Não quisemos entrar e sentar já que não havia mesas disponíveis na área externa. Minha amiga era daquelas pessoas que fumam apenas quando bebem e, por isso, não queria sentar

nas únicas mesas disponíveis na área interna do bar. Interessante essa questão do fumo hoje, pós-lei anti-tabaco, e como isso influencia na ocupação espacial desses lugares boêmios. Ficamos, por fim, em pé na calçada em frente a entrada do bar, escorados no carro estacionado ou na árvore que existia ali (não existe mais, foi cortada). H comprou um litrão, serviu nossos copos plásticos, depositou a garrafa na calçada mesmo. Brindamos.

Noutra noite, nesse mesmo local, uma interessante prática espacial foi observada:

Observo três amigos que ficam próximo a entrada, do lado de fora, perto de uma árvore que havia por ali. Chama a atenção o fato de que eles trouxeram uma caixa de isopor (colocada no chão, entre eles), da qual eles tiram a bebida que consomem. Em alguns momentos, eles entram no bar para ir ao banheiro ou comprar cigarro e pequenas coisas, mas apenas nesses momentos. No restante, eles ficam por ali mesmo, conversando entre si e com algumas pessoas que eles encontram passando por ali ou chegando ao bar e, até mesmo, com outras que estão sentadas nas mesas externas do bar já que a separação dessa área com a calçada da rua é feita somente por uma grade metálica que permite muito bem que as pessoas de dentro vejam (e sejam vistas) pelas pessoas que estão (ou passam) pela rua.

Observar as práticas dos sujeitos e, a partir delas, entender questões espaciais é um dos principais recursos que nos valem, conforme no fragmento a seguir:

Estava caminhando pelas ruas da CB e em um determinado trecho acompanhei um cadeirante que estava um pouco à frente. Ele era muito perseverante para vencer todas as dificuldades de locomoção por ali: calçadas estreitas e cheias de gente, carros que não paravam para ele atravessar, ausência de rampas no meio fio...

Por fim, houve ainda caso em que falamos sobre a localização de estabelecimentos próximos e um dos efeitos disso:

As pessoas bebem na calçada do lado de fora da rua. Ao passarmos por ali noto como há uma mistura de públicos dos estabelecimentos vizinhos: não sabemos se aquelas pessoas estão na porta por conta da boate ou por conta do bar... Existe uma espécie de relação de "mutualismo" em decorrência dessa localização contígua.

Em virtude de todo esse material heterogêneo, podemos dizer que escrever sobre a noite estando "na noite" é uma interessante experiência de conhecimento em que tudo se mistura: experiência de si, práticas de outros, descrições e narrativas...

8. A boemia como uma vida pública da noite

Falar em vida pública nos obriga a pensar, antes de tudo, que aquilo que queremos dar nome, por meio dessa expressão é a porção de nossas vidas que acontece do/no contato com pessoas, espaços e coisas fora do âmbito privado de nossas casas. Ela não se limita ao âmbito noturno; muito pelo contrário, grande parte da nossa vida pública nas cidades acontece no âmbito diurno. De maneira mais específica, queremos focar parcela dessa vida pública que se liga às práticas de diversão noturna. Práticas essas que são as mais diversas, desde aquelas que se limitam ao consumo, quantas outras tidas como desviantes de um padrão ou norma social.

O que vamos discutir, ao longo desse tópico, são diferentes elementos que nos ajudam nessa visão da boemia como uma forma de vida pública da noite ligada a diversão. Antes de tudo, resgatemos que a construção dessa definição se deu por dois motivos: (a) retirar a ideia de boemia atrelada aos reducionismos de estereótipos de outros tempos e lugares, mostrando como existe um processo constante de renovação desse imaginário (construção e disputa de subjetividades que se atrelam com os espaços urbanos); e (b) falar das diferentes coisas (sentimentos, materialidades, práticas) existentes nesses lugares.

Ademais, buscaremos enfatizar, nas linhas a seguir, elementos que ilustrem alguns aspectos dessa vida pública, bem como também nos ajudem a reforçar a importância dessa vida além do privado como um importante elemento de construção da noção e prática de alteridade.

Sem mais delongas, a boemia estudada em Porto Alegre mostrou-nos que, por aqui, tudo começa ao sabor da estação vigente. No inverno rigoroso, os lugares dessa vida pública praticamente se esvaziam, principalmente aqueles nas ruas e espaços públicos. Não é, necessariamente, que as pessoas se divirtam menos nessas noites. Na verdade, programas em casa, sob o conforto de um bom aquecimento de preferência, tornam-se muito mais atraentes.

Ali, pela rua, as pessoas cobriam-se com pesados casacos e nós fumávamos um cigarro, numa boa companhia. O burburinho da conversa lá de dentro misturava-se com as motos e buzinas da rua. O vento bateu, o cigarro acabou, senti frio (a roupa não era a ideal para o clima daquele dia). O engradado de garrafas vazias ao nosso lado criava um vai e vem de pessoas perto. Decidimos sair dali e entrar, já que lá dentro estava mais quente, apesar das cadeiras desconfortáveis.

Já no verão, sob um calor escaldante que não vai embora com o apagar do sol, torna-se ainda mais urgente sair para ruas em busca de uma brisa. São nessas noites que o ânimo para chegar de outras formas ao bairro boêmio torna-se maior.

Sai e logo estava na R. Múcio Teixeira, indo em direção a CB. O pisca-pisca da bike se destacava naquelas ruas parcamente iluminadas. Pedalava ao ritmo da música no fone de ouvido e levava uma mochila nas costas.

Cheguei à CB pela R. João Alfredo e, algumas ruas depois, estava na José do Patrocínio. Numa esquina que tinha bastante movimento de carros, fiz uma parada e, depois, segui pela ciclovia rumo ao mercadinho. Passei por algumas ruas na qual era difícil saber se era melhor ir pela via ou pela calçada, já que em ambas opções a pavimentação era ruim e causava muita trepidação, sobretudo nessas bikes de pneus mais finos... Ao finalmente chegar no mercadinho, putz: ele estava fechado! Achei estranho, pois àquela hora e naquele dia da semana era para ele estar aberto...

Fiquei por ali um tempo recuperando o fôlego e tomando o resto de água que tinha sobrado na garrafa. A música no fone não parava e não deixava o cansaço do corpo tomar conta. Pouco tempo depois, voltei a pedalar pelas ruas do bairro. Não tinha mais um destino; seguia por onde me desse vontade...

Passei pela General Lima e Silva, uma rua estreita e que, além disso, estava com muito carros aquela hora. Fui achando brechas entre eles até que cheguei na frente de uma boate que tem ali. Na calçada em frente a ela, muitas pessoas se aglomeravam no que

parecia ser uma fila. Do outro lado da rua, em frente a outro mercadinho que existe no bairro, mais uma porção de pessoas. Passei por ali procurando algum amigo ou conhecido. Não encontrei e decidi seguir.

Ao chegar na R. da República, optei por seguir em cima da calçada e evitar o pavimento de paralelepípedos. No entanto, em cima da calçada não era bom também para andar, já que tinha que desviar das muitas pessoas que andavam por ali e das mesas dos bares colocadas do lado de fora. Encontro um amigo que estava com outros amigos e acompanho-os em direção a João Alfredo para tomarmos uma cerveja.

O movimento por ali era um dos maiores de todos os diferentes pontos do bairro que eu havia passado. Achei um canto para prender a magrela e, livre dela, fiquei curtindo a noite ali com o pessoal. Meu corpo sentia uma mistura de cansaço misturado com a endorfina liberada depois que fazemos um exercício. Além disso, o pessoal que eu tinha encontrado era muito agradável, bom papo, muitas piadas inteligentes... quando vi, já eram quase duas da manhã.

Despedi-me de todos e fui até a bike. Encontrei-a intocada, amém! acendi novamente o pisca-pisca, coloquei os fones e saí. O movimento da João Alfredo já era bem menor. Ao passar na frente de um dos últimos pubs dali, pensei em entrar. Mas decidi que era melhor ir pra casa e segui.

Enquanto voltava, sentia o vento batendo na cara enquanto andava pelas ruas praticamente desertas. A sensação de liberdade é enorme: sair andando pelas ruas, tarde da noite, em cima da bike, com todo aquele espaço livre e sem o trânsito que há durante o dia (e que torna tudo mais lento e perigoso).

O que dizer dessa experiência? É ótimo poder sair à noite de bicicleta, passar por diferentes pontos do bairro e ver o movimento em cada canto. Em alguns momentos, você passa rápido pelos lugares, em outros você fica até perder noção do tempo. Além disso, o andar de bike faz você sentir vento batendo, faz você sentir o seu corpo se exercitando, ao mesmo tempo em que você está num lugar cheio de gente, vendo e sendo visto. É possível ser um boêmio fitness?

Além disso, a chegada aos locais de diversão dessa vida pública é marcada por gestos de procura e reconhecimentos de amigos ou conhecidos; em outros casos, esse gesto de procura é por uma mesa livre e lugar para sentar.

A maioria das pessoas chegava em grupos. Geralmente dois ou três assumiam a frente e procuravam uma mesa que coubesse todos, enquanto os demais ficavam parados perto da entrada. Havia vezes de pessoas chegarem sozinhas. Nesse caso, o sujeito entrava no lugar e já lançava olhos de procura em direção as mesas. Parava por alguns instantes e ao encontrar seu pessoal, abria um sorriso e caminhava em direção a eles.

O uso do celular tem influência direta na dinâmica nos encontros nessas noites de diversão.

Naquela noite, eu estava sem celular, pois o havia esquecido no trabalho. Sentia-me como a alguns anos atrás, quando você marcava com a pessoa de se encontrar num determinado lugar e, ao chegar lá, não sabia se ela já tinha chegado e estava numa mesa que você não conseguisse ver ou se você teria sido o primeiro a chegar...

Não deixando de existir encontros casuais, há, hoje, uma série de contatos feitos principalmente via mensagem no celular que vão até o momento em que se chega ao local. São situações tal qual:

Perto da hora marcada, uma mensagem chega no celular; num instante ela pára, olha e pensa que ainda falta arrumar o cabelo e o escolher o calçado; levará mais uns minutos.

Na tela do celular, ela digita: *Tô atrasadaaa... Onde vocês estão?*

Uma das meninas do grupo de conversa responde: *Já chegueeeeei! [um emoticon qualquer que demonstre frustração]*

Ela complementa: *Falta terminar o cabelo e já saio gurias!!!*

Logo em seguida, outra menina do grupo manda: *Estou descendo do ônibus, venha logo!!!*

O celular é também muito importante na hora de chegar e ir embora. É através dele que grande parte das pessoas, hoje em dia, prefere chamar carros que prestam serviços de transporte particular através de aplicativos especializados. Ademais, deixar o carro próprio em casa é também resultado de fiscalizações mais duras quanto à mistura de consumo de álcool e direção.

Nossa, nessa noite eu fiquei sem bateria no celular. Não consegui achar ninguém que tivesse um carregador compatível com meu aparelho e que pudesse me emprestar. Além disso, eu estava sem dinheiro em espécie na carteira, o que dificultava que eu pegasse um táxi... estava esperando conseguir pagar com cartão de crédito... Fiquei um tempo sem saber o que fazer até que encontrei com uma amiga, pela CB mesmo, que chamou do celular dela um carro para mim... Ufa!

Além do conjunto de características apontado acima sobre aspectos dessas noites de diversão pelas ruas da Cidade Baixa e Centro Histórico de Porto Alegre nos dias de hoje (e, quem sabe, de muitos outros contextos), interessa-nos falar sobre afetos ligados aos lugares boêmios. O conceito que entendemos por afeto nesse trabalho liga-se tanto à noção de desejo (aquilo que nasce dentro das pessoas e as leva para essa vida pública), quanto à noção de sentimento (diferentes sensibilidades que as pessoas criam nesses locais de diversão). Nessa direção, vamos falar nas linhas a seguir de fragmentos que nos ajudem a entender melhor cada uma dessas noções.

Inicialmente, destacamos o desejo de “ver-e-ser-visto” como um elemento de grande influência que leva os mais diferentes sujeitos para essa vida pública boêmia.

Todos os dias ele ia naquele mesmo bar para poder olhar mais um pouco o rosto daquela moça que trabalhava ali. Ficava se perguntando se ela o notava, se ela percebia seus olhares quase indiscretos. Sentia que ela nunca se interessaria por ele, que jovem moça deveria querer coisa melhor. Contentava-se em apenas poder mirá-la; isso renovava sua energia, saía feliz de lá. Repetiu esse rito, sempre depois do trabalho, até o dia em que, como de habitual, pediu sua cerveja e sentou-se numa das mesas disponíveis. Após certo tempo, estranhou que ainda não a tinha visto. Perguntou ao garçom e descobriu que ela não estava trabalhando mais ali. Aquela foi a última vez que ele voltou naquele lugar.

Em outros casos, esse “ver-e-ser-visto” não é em relação a alguém específico. É muito mais abrir-se ao acaso de encontrar alguém já conhecido ou, até mesmo, conhecer pessoas novas.

Encontro com A na calçada em frente ao bar. Assim que o vejo, vou logo dizendo: Nossa, se a gente marcasse não nos encontraríamos fácil assim...

A: Aqui não precisamos nem marcar, né? Após beijos e abraços, ele continua a falar: Eu vim aqui na verdade para um aniversário.

Ao que eu emendo a pergunta: do W?

A: Sim, do W.

Eu: Ah, ele está ali! Aponto para a calçada do outro lado da rua onde, pouco antes, tinha encontrado com esse outro amigo.

O “ver-e-ser-visto” é também uma atitude de distração para algumas pessoas.

Sentado no DD, um bar aqui na Andradas, observo um sujeito na mesa ao lado. Ele está sozinho, de frente para a rua, tomando uma cerveja e mexendo no celular. Chama a minha atenção o fato de que muitas das pessoas que passam por ali o cumprimentam. Na maioria das vezes, os transeuntes fazem isso e seguem normal nos seus trajetos. Em outros, eles param e conversam por um tempo maior com o sujeito, tal como um cara que levava uma sacolas do supermercado perto dali e que falou com ele por uns dez minutos. Ouve alguns fragmentos dessa conversa e descobri que o sujeito sentado na mesa mora num dos prédios próximos dali.

Para esse desejo de “ver-e –ser-visto” é importante que haja uma conexão (no mínimo visual) entre as pessoas sentadas nesses lugares de diversão noturna e aquelas outras que passam pela rua. Em virtude disso, a interface que separa esses espaços privado e público adquire um papel importante.

Passo na frente do bar e vejo lá dentro uma conhecida de um grupo de pesquisa. Vejo-a da rua mesmo, através das grades que separam o espaço do bar e a calçada da rua. A permeabilidade das grades desse bar amplia a visibilidade tanto das pessoas que estão lá dentro sentado (e que podem ficar olhando o movimento da rua), quanto também das pessoas que estão na rua, como eu estava naquele caso. Ela então me acena lá de dentro e gesticula me chamando para sentar com ela e o restante do pessoal que a acompanhava.

Todas essas formas apontadas anteriormente são elementos importantes que aparecem ligados a esse desejo de “ver-e-ser-visto”; ela é uma primeira manifestação da noção de alteridade. No entanto, esta se torna mais evidente quando há o contato (mesmo que só visual) entre sujeitos bastante distintos.

Enquanto esperávamos nosso pedido, dois moradores de rua começaram a brigar entre si por motivos que não pudemos saber apenas observando o acontecido. Ficamos inertes sem saber se devíamos intervir ou não e, por sorte, eles logo se afastaram e ficaram apenas a gritar coisas um para o outro, caminhando em direções opostas.

Esse tipo de experiência, é importante frisar, não acontece na maior parte dos espaços de consumo nos quais o convívio se dá entre consumidores e potenciais consumidores. De maneira mais precisa, a importância dessas experiências de alteridade “entre incluídos e excluídos” possibilita reflexões mais amplas sobre a desigualdade em nossa sociedade, conforme registrada na fala a seguir:

Eu: X, como você se sentiu quando o mendigo veio lhe pedir dinheiro? Primeiro ele pediu dois reais, depois disse que podia ser qualquer moeda...

X: Como eu me senti?

Eu: Sim.

X: Eu me sinto uma merda toda vez que isso acontece, fico muito mal. Mas aí é uma questão social, né? Fico chateada, ele não tem culpa de estar pedindo dinheiro... Eu não consigo ter aquela coisa que as pessoas dizem de “é vagabundo, vai trabalhar”... Isso me fere, sabe? E eu fico mal pra caramba, tanto que eu fico dando dinheiro... Eu dou muito dinheiro... No supermercado, sempre que eu vou, tem uns caras na frente e eu fico morrendo de pena...

Eu: Eu também me comovo muito, principalmente quando tem criança junto...

X: Eu me comovo com qualquer apelo... até com drogado eu me comovo... Até com ladrão!

Eu: Ah é? Fala mais...

X: Ah meu, é que as vezes ele não tem opção, eles não tem senso... É uma merda quando acontece esses assaltos com a gente, eu sei. Mas olha a merda na qual essa criatura cresceu toda a vida dela... Você acha que o senso dela de certo e errado, de que roubar é errado, de que não devo roubar... Porra! A criatura passou fome desde que nasceu, eles não tem esse senso! E é isso que acontece com esse povo que vem pedir dinheiro. E o foda da Cidade Baixa é isso: tem muito pedinte e eu fico muito mal, fico chateada...

Teve uma vez, ali no super da Lima, eu fui fazer um ranchinho e aí o cara me pediu se sobrasse alguma coisa... Daí eu peguei e comprei várias coisinhas para ele (pão, refresco, bolacha) e daí eu tava esperando meu irmão para me pegar, porque eu estava com as compras... Eu fiquei esperando na porta e o guri começou a conversar comigo. Ele estava todo machucado, tinha recém-apanhado, muito inchado, com braço enfaixado e tal. Daí eu perguntei o que aconteceu e ele disse que estava lá na Getúlio e que ele estava na frente de um bar que ele sempre fica. Os caras de dentro do bar começaram a tirar uma com ele, ele respondeu e os caras eram PM.

Eu: Putz!!!

X: E aí ele se fudeu... os caras deram nele. Ele me contou isso, mas estava todo resignado dizendo: “Pois é, né... Aconteceu, é a vida”. E eu já estava toda chateada. Daí ele me perguntou: “Mas e tu, que tu faz da sua vida?” Ele me perguntou! Aí eu que fiquei com vergonha, sabe? Eu disse: eu faço faculdade, trabalho... E ele: “Ahhh que legal!”, com uma felicidade genuína... “E o quê que tu faz?”... E eu me sentindo uma merda, né?

Eu fiquei sem jeito, menti que fazia faculdade... eu já fazia mestrado, mas resolvi falar assim porque estava com vergonha. E disse: sou engenheira de produção e ele: “Nossa que legal!”, com um amplo sorriso, mas sem nenhum dente na boca.

Mas bá! Daí o meu irmão chegou e eu comecei a chorar. Eu fiquei com vergonha, sabe? Ele estava genuinamente feliz e eu com vergonha das oportunidades que eu tive e ele não... difícil isso!

Podemos pensar diversas outras formas de convívio entre “diferentes” nesses lugares boêmios. No registro do fragmento abaixo, evidencia-se tanto o convívio entre pessoas de diferentes idades (que existe tanto no bairro Cidade Baixa, quanto em partes do Centro Histórico) como também evidencia a presença de práticas desviantes.

Enquanto conversávamos na porta de um prédio na Lima, observei uma moradora idosa sair de um táxi e esperar na porta de um edifício ao lado alguém descer e abrir a porta para ela. Ela esperou por uns bons minutos e durante esse tempo passou um cara próximo a ela que fumava e falava ao telefone. Ele dizia: “Tinha ido no carro pegar um beck. Se o cara não fuma um, o cara enlouquece”. A senhora ficou olhando para o rapaz, fez uma espécie de careta quando ele soltou uma baforada perto dela, tão pronto alguém lhe abriu a porta, foi logo comentando e apontando para o cara que tinha passado.

Num outro caso, o registro desse convívio se deu a partir da experiência de trabalho num cinema existente na Cidade Baixa no qual tomei a seguinte nota:

A experiência de trabalhar no cinema está me fazendo pensar que aqui é um lugar de boemia para muitos dos idosos do bairro. Além de eles serem a maioria do público que frequenta aqui, nos dias de hoje, eu conversei com alguns deles durante esse trabalho e entrei em contato com ricas experiências, ao mesmo tempo em que percebi como muitos deles são carentes de ouvidos dispostos a ouvi-los. E como são intensos os aprendizados dessas conversas... Esses dias, uma cliente do cinema me falou de asilos na Holanda em que jovens e velhos convivem numa mistura de asilos-abrigos universitários. Eu achei genial essa ideia e fiquei pensando como esse convívio já ocorre ali no cinema ou em outros lugares nesse bairro boêmio.

Para além dessa questão do convívio entre jovens e idosos, há em alguns desses lugares boêmios uma mistura mais franca de sujeitos, como a captada no trecho a seguir:

Ao chegarmos à esquina da R. Lima e Silva com a República, observo uma mulher que tenta abordar a todos com um “Moço! Moça!...”, querendo um mínimo de atenção para lhes pedir algum dinheiro. A maioria passa por ali se esquivando dela. Nessa mesma calçada, registro ainda como há um lugar quase cativo ocupado por hippies: eles estendem no chão suas toalhas, expõem os artesanatos e ficam por ali, vendendo-os e conversando. Já a calçada do outro lado da rua, há uma grande concentração de pessoas bebendo, sentadas e em pé.

E é em meio a toda essa diversidade que a boemia nos permite conviver com pessoas que parece que a gente só encontra nessa vida pública:

Somos interrompidos em nossa conversa por um cara que chega dizendo, muito rapidamente, o seguinte texto: “Sarau selvagem, entrada franca, participação livre, apresentação de poesia socialista, de graça, no próximo domingo”. Em seguida, ele nos entrega um panfleto e segue para outro grupo de pessoas e dá o mesmo texto. Sua abordagem chama atenção por ser uma coisa bastante mecânica. Reconheço-o, já o tinha visto outras vezes pelo bairro. Sua aparência é um pouco velha, com cabelos ralos e longos, barba e roupas velhas e gastas. Não é morador de rua, mas muitas vezes vejo-o o andar por aí, aparentando estar sempre um pouco bêbado ou, talvez, esse seja seu jeito de ser habitual.

Além de todas essas questões, é interessante como essa mistura de pessoas vai se alterando durante uma única noite de boemia, começando com reservas e timidez que vão se reconfigurando à medida que também aumenta a ebriedade do grupo.

Quando chegamos aqui na festa eram alguns grupos de amigos separados e que tinham o aniversariante como amigo em comum. Na medida em que fomos tomando conta de todo o bar, já que as outras pessoas foram indo embora, fomos também levantando da mesa e ficando todos em pé, perto dela ou na pista de dança. No começo, todo mundo estava conversando só entre seus grupinhos, sóbrios e um pouco envergonhados. Já agora, era uma mistura dos grupos, seja através da dança

que une corpos, seja através de conversas acaloradas que unem ideias. O resultado era um grande frenesi de vozes, risos e gestos... E isso não é uniforme ao longo do resto da noite, é claro. Umas horas o buchicho da conversa de todos é bem alto, em outros todos parecem se contagiar com a música. Uma coisa interessante também é o fato de que nessas rodas mistas chega um ponto da noite em que não precisamos mais nem comprar cerveja; latas ou garrafas parecem brotar e percorrem toda a roda, num compartilhamento coletivo em busca da ebbriedade geral.

Tudo isso é um grande afeto que vai se formando numa única noite de boemia. Em outros casos, numa roda de amigos, as conversas parecem ser “terapias-de-bar”.

Assim que ele se despede, voltamos a conversar entre nós, sobre os nossos colegas, sobre nossos trabalhos, sobre nossas vidas... Falas que resumem e nos atualizam sobre coisas que tem se passado com cada um e que vai fluindo por diferentes assuntos. Sinto que fazemos com os amigos nessas saídas boêmias uma espécie de terapia, compartilhando e depurando algumas coisas que sentimos e/ou de como nos relacionamos com as coisas do mundo. O interessante é poder ouvir o que esse outro amigo tem a nos dizer; são pessoas que sentimos liberdade de dizer coisas mais profundas, das quais esperamos ter outro ponto de vista.

De “terapias-de-bar” com amigos, misturam-se também afetos com o próprio bar em si ou alguém que trabalha por ali ou alguma coisa que existe nesses locais.

Ao passar na porta de um dos bares da R. da República, recolhi o seguinte fragmento de uma conversa. Um garçom cumprimentava o cliente de uma mesa com muita alegria, ao que ele lhe respondeu: “Estive aqui a semana passada e não te vi... por onde tu tava?”. Trata-se de um registro desse afeto entre uma espécie de habitués do lugar construído com aquele garçom que trabalhava ali.

Em via oposta, esse mesmo afeto entre as pessoas que trabalham num local e seus frequentadores pode ser responsável para que o sujeito nunca mais volte a frequentar um lugar:

Ao chegarmos a uma das últimas quadras da Rua da República, optamos por entrar num dos bares gays dali. Enquanto comprava uma cerveja para bebermos em pé na porta, presenciei uma discussão de uma das donas do local com o pessoal de uma das mesas. Pelo que pude entender, olhando de maneira furtiva tudo que acontecia, os clientes da mesa estariam cantando no videokê do lugar sem consumirem nada, o que fez a proprietária ir falar com eles de que ou eles consumiam algo ou não poderiam mais cantar. Ao ânimos se exaltaram entre ela e um dos clientes da mesa. Não consegui acompanhar o desfecho, ou não quis porque a cerveja já tinha sido comprada, e fui encontrar com o resto do pessoal que estava do lado de fora esperando.

Além de todos esses fragmentos microscópicos de afetos nessa vida pública, apareceram (diversas vezes) nas notas dessas experiências e vivências pelas ruas e espaços do Centro Histórico e Cidade Baixa outro afeto muito importante na subjetividade construída em torno da relação da boemia com esses bairros. Em diferentes situações, as pessoas relatavam o medo que sentiam de andar pelas ruas e demais espaços públicos desses bairros nos últimos tempos.

Enquanto estava na fila em frente a casa de shows na Cidade Baixa, ouvi duas meninas e um menino discutirem sobre violência nas ruas do bairro. Contavam que no caminho do local onde tinham estacionado até ali, viram dois caras brigando na rua. Depois, uma das meninas contou sobre uma situação na qual ela sentiu bastante

medo. Ela tinha estacionado o carro na R. da República e quando ela voltou para o carro, o guardador de carro veio lhe cobrar, visivelmente bêbado, gritando que ela deveria pagar cinco reais já que ela não tinha dado o dinheiro havia estacionado. Ela se sentiu com muito medo, pagou sem pestanejar e disse que nunca mais estacionou nas ruas do bairro, preferindo deixar sempre num dos estacionamentos pagos que existem por ali.

O medo opera uma sensação de evitamento um tanto quanto irracional em nós.

Andando pelas ruas do Centro Histórico, percebo que fico com medo de passar em alguns lugares que as pessoas me disseram que foram assaltadas. Parece ser uma mistura da escuridão e do vazio de algumas ruas que fica potencializado pelo cenário catastrófico narrado por essas pessoas... No fim, vamos deixando de sair e caminhar à noite para não ter que enfrentar esse afeto primitivo.

Em outra errância, agora pela Cidade Baixa, registramos uma sensação semelhante:

No quarteirão seguinte, anterior à praça propriamente, a sensação de vazio se tornou maior: não vimos nenhum estabelecimento aberto naquela hora. Ao mirarmos a praça, conseguimos ver um carro da guarda municipal fazendo a ronda. Apenas com este aval é que nos permitimos arriscar a cruzá-la. O medo estava maior diante do vazio.



Figura 14 – Placa de uma das ruas do bairro Cidade Baixa. Destaque para o adesivo colado sobre ela. Fonte: Autor.

Todos os fragmentos elencados até esse ponto buscaram ilustrar como é essa vida pública nos dias de hoje nos trechos enfocados neste estudo. Foram elementos com os quais tentamos mostrar um pouco, e de maneira fragmentária, a cara dessa boemia contemporânea. No entanto, falta-nos falar sobre uma característica dessa boemia de hoje que mantém forte ligação com a boemia de outros tempos e lugares: é a relação dessa vida pública com a política.

8.1. Boemia e política

No começo de seu texto “Paris do Segundo Império em Baudelaire”, Walter Benjamin (1991, p. 44 e 45) resgata o seguinte trecho escrito por Marx ao falar da boemia:

Com o processo de formação das conspirações proletárias, surgiu aí a necessidade da divisão do trabalho: seus participantes se dividiam em conspiradores ocasionais, *conspirateurs d’occasion*, ou seja, trabalhadores que só praticavam a conjura ao lado de suas demais atividades, só assistiam os encontros e se mantinham de prontidão para comparecerem, ao comando do chefe, no local de reunião; e em conspiradores profissionais, que dedicavam toda sua atividade à insurreição e que viviam dela. (...) As circunstâncias da vida dessa classe condicionam já de antemão o seu caráter. (...) A sua incerta existência, individualmente dependendo mais do acaso do que de sua atividade, a sua vida irregular, cujas únicas estações fixas são as tabernas dos vendedores de vinho – os *rendez-vous* dos insurrectos –, seus inevitáveis relacionamentos com tudo quanto é gente equívoca, classificam esses homens naquele círculo de vida que em Paris se chama *la bohème*.⁷⁸

Com o fragmento acima, somos capazes de perceber que a relação da boemia com a política não é algo recente. Nos trechos urbanos estudados em Porto Alegre isso não é diferente. Essa relação adquire contornos específicos que tentaremos mostrar a seguir, evidenciando também elementos que nos ajudem na construção da boemia como uma vida pública.

A manifestação havia começado na Esquina Democrática, como é mais conhecida a o cruzamento das Avenidas Borges de Medeiros e Rua dos Andradas, no Centro da cidade. Dali, saímos em caminhada por algumas ruas até chegarmos ao Largo Zumbi dos Palmares, ponto geralmente usado para paradas estratégicas durante essas manifestações. Começo a tomar nota a partir daí.

Em cima de um trio elétrico, diferentes figuras de partidos de esquerda – que se unem na manifestação contra o governo atual de Michel Temer – sobem e discursam. Quando uma das líderes dos partidos falava, o pessoal da bateria próxima a mim começou a batucar, parecendo que eles queriam encobrir a voz dela. Ao perceberem que muita gente não estava dando a mínima (ou, pelo contrário, alguns estavam nitidamente incomodados), eles pararam de tocar e, pouco depois, o grito de “Greve geral já” que veio lá de cima foi fortemente ecoado.

Com o encerramento dessa primeira fala, subiu no palco uma segunda líder de partido. Noto como em muitas dessas falas (tanto nessa, na anterior e nas seguintes), apareceram referências a notícias de escândalos envolvendo políticos que tinham aparecido na imprensa, por volta daqueles dias. Após cada um desses comentários, os manifestantes presentes demonstram concordar e aplaudem.

Em diferentes lados do caminhão de som há muitas pessoas que prestam atenção lá em cima. Nesse momento, a fala era de um cara que gritava as seguintes frases: “Contra o capitalismo!!”, “Temos que tirar dos bancos o poder da economia, esses parasitas...”; “Uma sociedade socialista para nosso país!”. Sua fala é curta e após ele, uma mulher faz apresentação da próxima fala, mas antes ela acrescenta: “É na rua que se faz política e greve”.

⁷⁸ Versão citada por Benjamin: MARX, K. e ENGELS, F. Resenha de Adolphe Chenu, *Les conspirateurs*, Paris, 1850, e Lucien de la Hodde, *La naissance de la République em février 1848*, Paris, 1850.



Figura 15 – Registro de uma das falas ali em cima do trio elétrico. Fonte: Autor.

A seguir, fala a moça de outro dos partidos reunidos, resgatando diferentes fatos envolvendo a luta por um poder popular no país e preservando sempre a citação aos demais colegas como “camaradas”. Ela fala da luta pela reforma urbana, reforma agrária, pela moradia popular (citando o caso dos Lanceiros Negros - uma ocupação popular que existia, naquele momento, no Centro e que foi, recentemente, desocupada com o uso da polícia). Ao fim, conclama novamente a todos a uma greve no dia 28 seguinte. Assim que ela encerrou sua fala, alguém que não consegui enxergar (mas que parecia ser uma menina mais jovem) gritou frases feministas.

Observo que as pessoas mais distantes do trio prestavam menos atenção nos discursos; preferiam conversar entre elas (devido também ao próprio som que ficava mais baixo quanto mais distante do caminhão). Além disso, noto que em meio aos manifestantes, existem vendedores ambulantes de água e cerveja. Eles haviam nos acompanhado durante toda a

marcha e, durante aquela parada por ali, tinham se espalhado em diferentes pontos Oda borda do movimento de pessoas.

Encerrando a sequência de falas, é a vez de um senhor mais velho (conhecido político da cidade, tamanha quantidade de aplausos que recebe ao ser apresentado). Ele fala por um tempo mais longo e, ao final, puxa uma vez mais o grito de Fora Temer! Após isso, ele desce e vem ao encontro de alguns dos manifestantes por ali.

Muita gente começou a ir embora. Um pessoal subiu no trio elétrico e começou com um funk de batida pesada, com uma letra da qual registrei apenas o seguinte trecho: "moro num país que é proibido pensar". Em paralelo à dispersão dos manifestantes (havia um medo presente no ar de que a polícia partisse para agressão ou que manifestantes mais radicais tornassem a manifestação “não pacífica”), jovens gritavam “Vem! Vem pra rua vem! Contra a reforma!” e que foi logo seguido por “Continua! Continua! Continua!”.

Outro grupo de jovens começou a pichar no asfalto algumas frases de protesto, conforme registrado nas imagens a seguir; na maioria desses casos, eles eram acompanhados pelos flashes de fotógrafos que cobriam a manifestação.



Figura 16 – Registros de algumas das pichações feitas naquela noite. Fonte: Autor.

A dispersão não parou e os jovens da bateria (a mesma que antes tocava enquanto uma das mulheres discursava) gritaram: “Ato não é ciranda, ato não é ciranda!” Ao mesmo tempo, outro grupo se organizou e, querendo continuar a marcha, saíram a caminhar por uma das ruas da Cidade Baixa. Tentei acompanhá-los, mas logo percebi que se tratava mais de um grupo de amigos do que da continuação da manifestação em si. No fim, a noite esfriou e deixou claro que era hora de partir.

A noite dessas manifestações é bastante interessante. Ao mesmo tempo em que se manifesta, encontram-se muitos conhecidos e amigos; mistura-se claramente com o “ver-e-ser-visto” de que já falamos. O bairro boêmio não é escolhido ingenuamente.

Em outros casos, é o bar vira o palco de uma peça de teatro.

Num lugar boteco, próximo ao Gasômetro, fomos assistir à peça Afro-Me⁷⁹ que fazia parte de um dos festivais de teatro da cidade. O público, naquela noite, era formado por uma diversidade de negros, brancos, pessoas solteiras, casais, héteros e gays, jovem-adulto.

Enquanto esperávamos a peça começar, conversamos do lado de fora do bar. Encontrei alguns outros amigos, o que me deu logo a sensação de estar num lugar que era “dos meus”.

Nos distraímos e quando vimos havia se formado um grupo de pessoas na própria rua. Rapidamente nos dirigimos para lá. Completo silêncio que foi apenas quebrado pelo caminhão de lixo que passou pouco tempo depois dos atores terem começado. Eles realizavam uma espécie de ritual de macumba na esquina em frente ao bar. Depois, entraram no bar levando garrafas com velas. Espalharam-se entre as pessoas em pé, que praticamente lotavam o ambiente. Na peça, os atores realizavam

⁷⁹ Peça do Grupo Pretagô, dirigida por Thiago Pirajira.

pequenos esquetes em diferentes pontos do bar, atraindo a atenção de todos para cada um desses locais e mudando toda a distribuição dos corpos ali reunidos.

Em cordões que atravessavam todo o ambiente, haviam textos impressos em folhas A4 penduradas. Neles, falava-se a história dos negros em Porto Alegre e de seus lugares. Evidenciava-se o ocultamento de muitas dessas histórias, o apagamento dessa memória dos negros. Num dos textos, por exemplo, contava-se a história do Parque Redenção, conforme registro ao lado (Figura 17). Em outros, falava-se de outros bairros da cidade, inclusive da Cidade Baixa.

Após mais ou menos uma hora de peça, ela acabou e um grupo de músicos da própria peça seguiu tocando samba. Os artistas agradeceram ao público, aos proprietários do bar e aproveitaram a fala final para falar sobre a importância da resistência negra.

Entre nós comentamos sobre a quantidade de histórias interessantes que tínhamos ouvido e mal conhecíamos. Os atores encontraram com amigos e familiares que estavam no público e virou tudo uma grande festa.

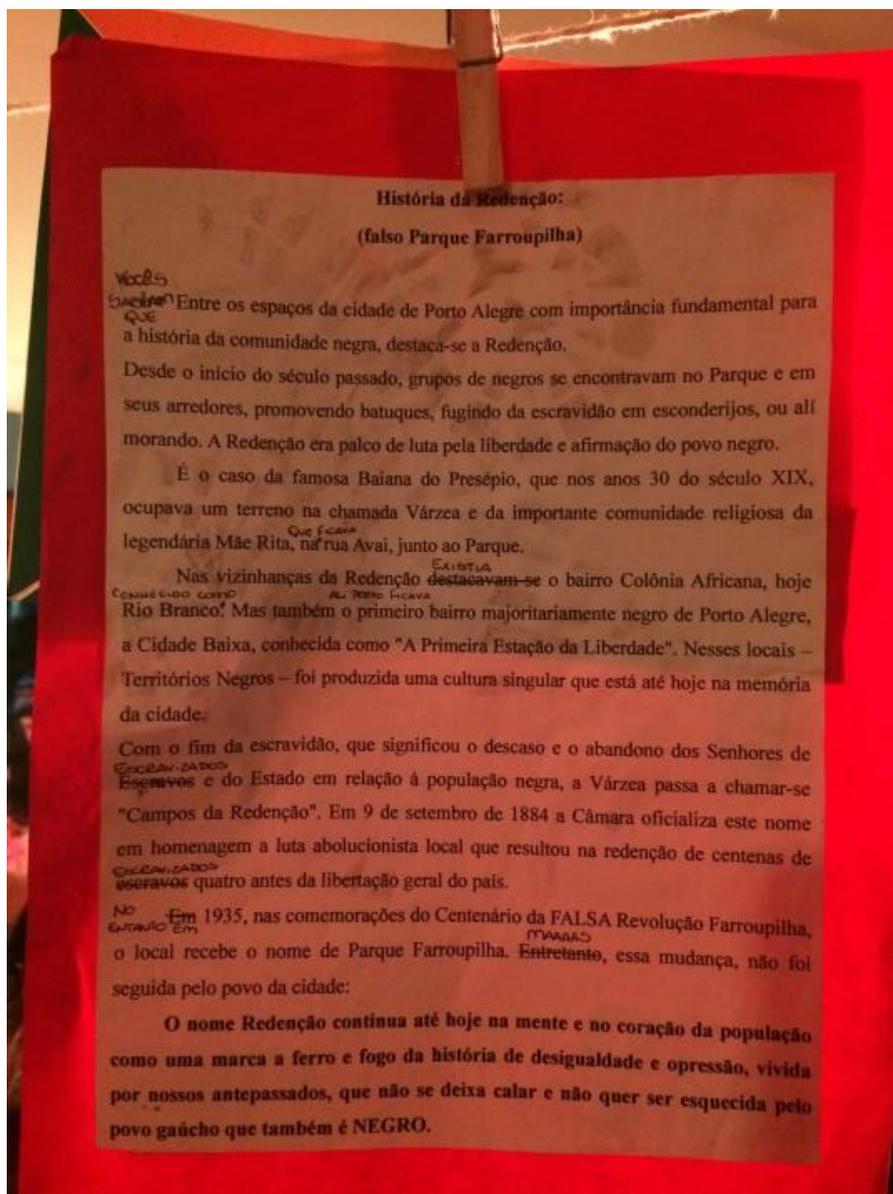


Figura 17 – Foto de uma das folhas de papel penduradas pelo bar, contando a história do Parque Redenção em Porto Alegre. Fonte: Autor.

O que se observa a partir disso é a mistura de um bar com uma peça de teatro, de bebida e histórias, de como tudo isso borra fronteiras, inclusive aquela entre o palco e o bar, entre dentro e fora, entre história real e forjada, entre ontem e hoje, entre diversão e militância.

Nas ruas da Cidade Baixa, sinais dessa mistura da boemia e política também se fazem presentes.

Passamos na frente de uma parada de ônibus e, no muro atrás, estava pichada a seguinte frase: FODA A POLÍCIA. Num outro ponto da CB, a frase era: GOLPE MISÓGINO.

Em outros casos, a mistura no bairro se dá durante outros momentos de convívio por ali.

Enquanto estávamos sentados no bar, ouvimos o barulho de um helicóptero que sobrevoava o bairro. Um tempo depois, uns amigos que estavam na manifestação nos encontraram ali e nos contaram que o helicóptero estava cuidando dos manifestantes. A sensação de tensão com medo de que a polícia partisse para cima dos manifestantes era algo que nos acompanhava, mesmo que não estivéssemos manifestando aquela noite. No entanto, ao que soubemos depois, tudo acabou bem naquela noite. Quando já tínhamos saído do bar e caminhávamos pelas ruas da CB, um carro de som passou gritando: “Fora Temer nas urnas”.

Em época de eleição municipal, a Cidade Baixa transforma-se num ponto estratégico para muitos partidos, candidatos a prefeitos e vereadores.

Passamos em frente à sede do comitê de um candidato a prefeito da cidade, perto da esquina Lima-Perimetral. Além disso, próximo dos bares gays da República, foi montado o comitê de um candidato a vereador que tem como um de seus enfoques o público LGBT. Ao andar pelo bairro, observo outros comitês temporários montados, principalmente de partidos de esquerda; mas não só. Encontro numa das travessas da CB a sede de um partido que, claramente, não segue essa vertente. Todos presentes (e interessados) no mesmo bairro.

Além disso, o bairro é usado para divulgação do material de campanha:

Na fila da boate, enquanto esperávamos, ouvi um grupo de jovens conversando um candidato a vereador que distribuía o seu material de campanha entre as pessoas ali. Ele tem no público LGBT seu principal público, conforme demonstra o panfleto que ele nos entregou em seguida e que reproduzia um armário e convocava a algo mais ou menos assim: “E o seu voto, você já tirou do armário?”.

Por tudo isso, no dia da eleição, o lugar escolhido para acompanhar a apuração dos votos não poderia ser outro que não a Cidade Baixa.

Domingo, 02/10/2016.

É dia de eleições e isso acarreta restrições a venda de bebidas até o final da votação. Em virtude disso, a noite após o fechamento das urnas costuma ser bastante movimentada pelos bares; não foi diferente naquela noite ali pela CB.

Saí no começo da noite e encontrei com uns amigos para irmos juntos até o comitê de uma das candidatas a prefeitura da cidade, acompanhar a apuração dos votos. Saímos caminhando pelo bairro e antes de chegarmos ao comitê, que ficava na Av. Av. João Pessoa (no limite do bairro Cidade Baixa), passamos pelo comitê de uma vereadora do mesmo partido querendo ver se haviam pessoas por lá também. Encontramos o lugar fechado e seguimos em direção ao comitê da prefeita, suspeitando que todo o partido estaria reunido lá.

Chegamos. Havia muitas pessoas dentro do local e resolvemos nos misturar as tantas outras que ficavam na calçada do lado de fora. Pouco tempo por ali e ouvimos lá de dentro um coro de vozes gritando o nome da candidata a prefeita pelo partido. Ao lado do comitê, uma lanchonete estava aberta e as pessoas iam lá para comprar bebidas e comidas. Do outro lado da avenida, o Parque Redenção aparentava estar completamente vazio. Observávamos da calçada mesmo a tela da TV lá dentro, na qual apareciam os resultados da apuração.

Quando se confirmou o resultado e a que candidata do partido não tinha ganhado, o grito de vozes recomeçou. Ela então apareceu entre as pessoas ali, acompanhada dos candidatos a vereadores, e todos abriram espaço para que ela se pronunciasse. Nesse momento, tínhamos entrado para ouvi-la. Após ela, seguiram-se os demais candidatos e, assim que finalizaram, as pessoas começaram a ir embora.

Resolvemos então sair também e procurar algum lugar pela CB. Havia trechos na calçada de algumas ruas que estavam tão cheios de pessoas que o desviar de corpos lembrava a sensação de estar numa festa. No meio de um desses burburinhos, sentamos na mesa de um bar. Encontramos com outros amigos por ali e seguimos aproveitando a noite.

Além de todos esses fragmentos que nos ajudam a perceber a relação da boemia com os bairros estudados, encontramos o último fragmento que evidencia uma militância numa das ruas do Centro Histórico.

Após a praça, viramos na Rua General Câmara e, na esquina com a Rua General Andrade Neves, passamos na frente da ocupação Lanceiros Negros. Uma coisa me chamou a atenção ali: na placa existente na esquina havia sido colado um adesivo que substituíra o nome da rua (General Andrade Neves) pelo nome da ocupação (Lanceiros Negros). Por que nomes de generais, não é mesmo? (Figura 18).



Figura 18 – Rua ~~Andrade Neves~~ Lanceiros Negros. Fonte:

Conclusões

Não chegamos a esse ponto do trabalho esperando fazer aqui seu “gran finale”, apresentando somente neste tópico as descobertas que chegamos nesta pesquisa. Por via oposta, procuramos fazer tal tarefa ao longo de todo este texto até aqui. Dessa forma, nesta parte final do estudo retomaremos algumas dessas descobertas, ao mesmo tempo em que tentaremos costurar a primeira parte, de cunho prioritariamente teórico-metodológico, com as narrativas da segunda parte.

Nessa direção, se quisermos expressar o presente trabalho num pequeno conjunto de palavras, podemos resumi-lo da seguinte forma: a CIDADE se relaciona com a BOEMIA por meios de diferentes aspectos, em variados campos de conhecimento, saberes, especialidades; tudo aquilo que se pode pensar de um urbanismo que é experienciado-vivido. Da relação cidade e boemia, fabrica-se uma SUBJETIVIDADE da/na cidade que resulta, também, em LUGARES.

CIDADE + BOEMIA => SUBJETIVIDADE => LUGARES

9. Os lugares construídos

Conforme evidenciado no esquema anterior, optamos por falar dos lugares que surgem da relação da boemia com a cidade, cientes de que esse não seria o único caminho possível para este trabalho. Entretanto, tal escolha (ou recorte) se deu a partir do contato com diferentes interlocutores que nos permitiram perceber em suas falas pontos próprios da cidade que eles associavam a boemia, tanto no nível de um bairro como a Cidade Baixa, como também no nível um bar que foi experienciado-vivido nos tempos de faculdade, por exemplo. Além disso, observamos como dentro de um imaginário construído ao redor da ideia de boemia existiam também espaços precisos das cidades (lugares, portanto) que se faziam presente. Quando o sambista Lupicínio Rodrigues, por exemplo, narra em suas crônicas facetas da boemia de Porto Alegre da sua época (ou de antes), apoia-se claramente em lugares presentes nos bairros Centro Histórico e Cidade Baixa. De tudo isso, deu-se a primeira descoberta desse estudo: na boemia (tanto como imaginário, quanto como uma vida pública da noite) sujeitos e coletividades constroem lugares.

No entanto, ao final desta pesquisa, perguntamo-nos: ontologicamente, o que é o lugar de que falamos ao longo de todo este texto? Uma materialidade? Um sentimento? Um valor? Uma subjetividade?

Para que possamos responder essa pergunta, é necessário, antes de tudo, dizer que ela nos causou grande desconforto num primeiro momento. Ela nos pareceu ser daquele tipo de questão que denuncia o fracasso de uma pesquisa: como se chega ao fim de um trabalho sem saber o que é, de fato, uma das suas principais questões de análise? Contudo, após refletir e reler todo o texto até aqui, entendemos a potência de respondermos a ela como forma de apontar as conclusões a que chegamos.

Percebemos que essa “confusão” não foi fruto de uma ingenuidade. Por um lado, desde o início deste texto esquivamo-nos conscientemente de dizer, objetivamente, o que é o lugar, optando por mostrar diferentes facetas de um conceito que é bastante elástico. Em virtude disso, definimos a categoria a partir de uma órbita de características que a distingue do conceito correlato de espaço⁸⁰. Por outro lado, buscamos olhar o lugar a partir de um conjunto de significados que encontramos na própria bibliografia estudada, que demonstra como o conceito é usado de maneiras tão diferentes em diversas áreas de estudo (Cf. Augè, 1994; Castello, 2007; Certeau, 2014; Tuan 1983 e 2012).

Além de tudo isso, recusamo-nos a acreditar que o lugar se reduzisse a uma materialidade do mundo “real” ao qual caberia a nós apenas a tarefa de identificar e mapear. Por via oposta, defendemos a importância de se falar do *processo* de lugarização em si e é a partir disso que construímos, mesmo que sem nos darmos conta naquele momento, definições ontológicas para o lugar nesse estudo. Argumentamos também como que em paralelo ao processo de lugarização ocorrem outros dois: um processo de subjetivação e um processo de valorização.

A partir desses processos empreendemos nossa investigação. Não se tratam de processos separáveis entre si (lugarização-subjetivação-valorização). Eles se mesclam de maneira complexa e se tornam evidentes apenas quando narramos esses lugares e percebemos, a partir disso, a presença de cada um deles. Neste momento final da pesquisa, vamos resgatar esses processos buscando identificar que tipo de lugar resulta de cada um deles.

9.1.1.A construção de um sentimento⁸¹

⁸⁰ Cf. Quadro 1, p. 55.

⁸¹ Quero reforçar nesse ponto que a ideia de lugar que procurei abordar nesse estudo encaminhou-se, ao longo dele, para uma desconstrução dos conceitos iniciais com que me deparei para o termo e o entendimento de lugar como algo que nasce tanto dentro das pessoas em si, um sentimento, como uma subjetividade construída e que, em virtude disso, cruza elementos macro e micro. Nessa direção, esse tópico e o seguinte são tentativas de registrar essa mudança na abordagem que fomos dando para a ideia de lugar nesse estudo. Entendemos como pensar lugar como estável, tal como fizemos no começo desse trabalho, está diretamente ligado à visão identitária; por via oposta, defendemos lugares como singularidades de sujeitos e coletividades (o que explica também tanta ênfase dada no texto a uma

Como já dito, mostrou-se mais interessante para nós falarmos do processo de lugarização que consiste na passagem, para sujeitos e coletividades, de um espaço que é percebido como genérico/abstrato/mutável para outra percepção dele enquanto algo próprio/estável/preciso; em outras palavras, a lugarização é o processo de construção de um *sentimento de lugar* (de se ter lugar numa noite de diversão, de que existe um lugar da boemia na cidade etc.).

Enxergar o lugar enquanto um sentimento construído é uma das conclusões que a presente investigação nos possibilitou. Se voltarmos ao Ensaio I – Reflexões sobre a noção de Urbanismo, no qual resgatamos um pouco do nosso pensamento ao começarmos esta pesquisa, perceberemos como nosso interesse inicial estava em olhar aspectos da materialidade que nos ajudassem a planejar e controlar áreas boêmias. Acreditávamos que poderíamos explicar como um bairro torna-se boêmio valendo-nos, sobretudo, de um olhar sobre a sua forma material que nos permitiria, num segundo momento, definir num projeto urbano onde essas áreas ocorreriam. E o que descobrimos é que uma área boêmia é um lugar que surge não apenas pelas manipulações da materialidade pelo arquiteto, mas principalmente pelas experiências e vivências que diferentes sujeitos e coletividades realizam com determinado pedaço da cidade.

Além disso, vimos que não só o bairro desperta esse sentimento de lugar boêmio; também a rua, a praça, o bar, o banco são capazes disso. Logo, trata-se de um sentimento nada fácil de prever, de dizer onde ele irá acontecer. Só conseguimos descobri-lo quando olhamos para as práticas de sujeitos, ao mesmo tempo em que também lançamos outro olhar (um olhar de estrangeiro?) sobre aquilo que se passa no mais fundo de nós. As análises urbanísticas em geral (como os disseminados diagnósticos), excluem aquilo que sentimos num determinado espaço, excluem essa sensibilidade que mesmo inconsciente nos diz que ali é ou não um lugar. Falar de lugar enquanto um sentimento é, portanto, uma maneira de resgatar a importância dessa sensibilidade no jogo de análise espacial.

Disso, aventamos a seguinte questão: e se ao invés de fazermos um diagnóstico de um determinado espaço, nos propuséssemos a contar uma história? Uma história ou narrativa dos nossos lugares, misturados com os lugares criados ou estudados. Estudar a boemia nos permitiu ver que isso não é nenhuma novidade, que muito já fez isso ao associar partes da cidade com essa vida pública. Não estamos, portanto, querendo inventar nada de novo, mas apenas reconhecer a importância de tudo isso dentro dos estudos urbanos.

experiência que pode parecer pessoal, mas que não podemos esquecer se tece dentro de coletividades), buscando falar de “lugares da boemia” tanto como algo de uma vivência individual de sujeitos em suas noites de diversão, mas também como algo que vai se constituindo nas subjetividades e no imaginário de uma cidade.

O que fizemos nesse texto foi também contar uma história. Uma história fragmentária tal como nossa memória em si que não opera como uma narrativa linear, mas com fragmentos que se montam num jogo complexo. Uma história na qual buscamos mostrar, sobretudo, situações e momentos que nos levaram a percepção desse sentimento de lugar dentro de nós. Em alguns momentos, ela se deu a partir da música que nos agradou e que era tocada em um bar no Centro; em outros foi ao passar em frente a um bar e comentarmos com uma amiga de que ali era um lugar que gostávamos de ir com outro grupo de amigos que nos fez perceber esse sentimento de lugar presente dentro de nós.

O que a escrita dessas memórias nos mostrou é como a descoberta desse sentimento de lugar ocorre, muitas vezes, quase como uma epifania, como uma revelação de algo presente em nós num momento no qual se quer esperávamos. Perceber esse sentimento e registrá-lo só foi possível a partir do momento em que nos propusemos “ir a campo”. Não é que não tenhamos frequentado espaços boêmios da cidade antes disso. No entanto, foi somente a partir dessa postura de sair para esses espaços como um pesquisador que vai a campo, que nos levou a tomar notas das mais variadas coisas experienciadas-vividas, tornando-nos atento para aquilo que se passava também dentro de nós. Tudo isso é o que diferencia dois momentos nesse trabalho: um primeiro momento em que éramos apenas frequentadores, de outro no qual fomos a campo como um pesquisador.

Esse segundo momento, por fim, advém de uma aproximação com o saber antropológico, mais especificamente com etnografias feitas em contextos urbanos no qual o pesquisador é ao mesmo tempo morador da cidade e um estudioso sobre ela. A experiência de campo tem que ser uma experiência na qual você reconhece a sua transformação nesse campo. Deixa de ser de apenas o “estar num processo” (de frequentar a boemia) e passa a ser uma pergunta constante: qual o aprendizado estando nele? Esse aprendizado tem que ser partilhado, deve haver uma partilha do sensível como estamos tentando fazer ao longo desse estudo em relação aos lugares boêmios. O momento de ida a campo foi fundamental para nos depararmos com esse sentimento de lugar.

Ademais, para observar todas essas questões foi fundamental a presença de um olhar de estrangeiro⁸², que pratica o incessante movimento lá x aqui; um estrangeiro que à medida que

⁸² Ao falarmos em estrangeiro neste texto pensamos essa ideia a partir do fato de um sujeito que não possui seus lugares boêmios numa cidade e que, à medida que os adquire, deixa de ter esse papel. Não nos remetemos a toda à problemática do estrangeiro, neste trabalho, que já foi desenvolvida melhor em áreas como a Antropologia. Usamos o termo apenas com uma espécie de personagem nas narrativas apresentadas.

vai perdendo esse papel, vai construindo seus novos lugares, suas memórias com um espaço, até então, genérico. Logo, é um olhar transitório que fica registrado em notas tomadas a partir do momento consciente que entendemos a importância de anotar as mais variadas coisas. Muitos dos fragmentos apresentados são vozes de outros misturados a insights e momentos nos quais sentimos a necessidade de uma voz que corroborasse aquilo que percebíamos a partir da experiência; algo que claramente escapa de qualquer tentativa de racionalização total.

O interessante, nesse ponto, é percebermos o cruzamento de olhares, vendo que as próprias descrições espaciais feitas não deixaram de se misturar com as práticas dos sujeitos presentes em cada um desses espaços em si. Essa inseparabilidade, que o texto escrito nos mostrou, entre sentimentos, práticas e formas espaciais, foi como um grande aprendizado possibilitado por esse estudo.

Entretanto, é preciso também notar que a consciência disso tudo é intrínseco ao “texto escrito”. O que queremos chamar atenção com isso é sobre a importância de narrar, de construir uma história das experiências-vivências como meio de consolidarmos um conhecimento sobre algo, no caso sobre lugares boêmios. Todos esses elementos que discutimos ao longo da segunda parte desse estudo, por exemplo, foram colhidos em meio a um conjunto muito maior de fragmentos. A construção de uma narrativa implica em processos de montagem desses fragmentos; processos, no quais, vamos selecionando aquilo que é mais potente de ser dito (tanto para nós, quanto para o conhecimento científico em si) através de construções das mais variadas relações entre eles, muitas das quais se quer podíamos imaginar no momento de coleta em si. A experiência de campo, portanto, é inseparável da experiência de narrativa. Ambas foram fundamentais na nossa construção sobre os lugares boêmios estudados em Porto Alegre.

Por tudo isso, o que este trabalho traz é um entendimento em profundidade de como uma história de si é inseparável de uma história sobre a cidade que se habita. Histórias que vão se formando na medida em que nos relacionamos com o espaço; histórias que amalgamam memórias e afetos, constituindo os nossos lugares. Lugares e histórias, duas coisas que tem nos perseguido, que nos tem possuído a cabeça... É toda uma sensibilidade que resulta desse olhar sobre a nossa relação subjetiva com o espaço. Um dos grandes trunfos desse trabalho, portanto, foi perceber como a relação das pessoas com espaços boêmios (o que podemos pensar de maneira mais ampla com espaços urbanos) se transformam em histórias, histórias que chegam até nós ou que criamos. Histórias que nos preenchem a cada dia.

9.1.1.A construção de subjetividades e valores

O processo de lugarização, conforme o vimos no item anterior, produz um sentimento de lugar. Esse sentimento não ocorre apenas em sujeitos que encontram lugar para ir numa noite de diversão ou que o encontram dentro de si (em suas memórias e afetos); ele é também um sentimento de uma coletividade que, por diferentes experiências-vivências, associa uma determinada parte da cidade (uma rua, uma praça, um bairro etc.) com a boemia. O que isso mostra é como esse sentimento não é apenas uma associação do sensível de cada um de nós com os espaços urbanos; ele é também a construção de uma subjetividade.

Focar em processos de subjetivação em relação aos lugares boêmios é considerar as diversas maneiras pelas quais eles se constituem. É aliar todo o entendimento acerca da construção de um sentimento de lugar, conforme apresentado acima, com as inúmeras outras coisas além do que se passa dentro do sujeito em si. É a tentativa de fazer uma démarche semelhante ao que parte da Psicanálise encaminhou para pensar o indivíduo ou o eu, conforme discutido anteriormente⁸³. Um lugar boêmio só pode ser explicado pelo cruzamento de saberes sobre nós, sobre nossas coletividades, sobre a cidade.

Quando Guattari nos convocou a restaurar uma cidade subjetiva ele nos fez pensar de como a sensibilidade que nos torna humanos tem que ser colocada nos nossos estudos urbanos. Uma sensibilidade ligada ao sentimento de lugar, conforme apresentado anteriormente, ao mesmo tempo em que é também uma construção coletiva que associa os bairros estudados com a boemia. Por meio das narrativas da segunda parte é possível perceber que ao mesmo tempo em que olhamos lugares que só existem por meio de memórias e afetos de um sujeito, vemos também que os bairros estudados se cruzam e se fazem presente. Há, ainda nessas narrativas, casos em que percebemos como um lugar narrado faz parte de um imaginário e que, em virtude disso, não é algo apenas de um sujeito, mas de uma coletividade. De tudo isso, entendemos que os lugares boêmios narrados foram tantos lugares singulares para sujeitos (um simples bar de um grupo de amigos), como também lugares que se associam a uma coletividade (um bairro de uma cidade).

Além disso, percebam que ao longo de todas as narrativas anteriores, a materialidade em si não deixou de existir. Ela se fez presente, ora como protagonista, ora como cenário. O lugar de que falamos, portanto, não é algo descolado dessa materialidade. É algo que se liga a ela, mas a leva para além, como para o nível do sentimento, por exemplo. Nesse sentido, uma vez mais, seguimos o pensamento de Guattari que nos diz sobre como essas materialidades são

⁸³ Cf. discussão feita no Ensaio II: A subjetivação de lugares e de uma pesquisa.

“máquinas portadoras de universos incorporais”⁸⁴. A nossa maneira de enxergar os lugares boêmios buscou ser uma forma de falar também desses universos incorporais.

Ao final deste estudo, estamos cientes de que uma das nossas principais contribuições reside na defesa de que olhemos esses lugares boêmios como fruto de uma intrincada dinâmica, que cruza não apenas aspectos estratégicos (visões econômica, política, científica), mas também apropriações (memórias e afetos) que cidadãos realizam individual e coletivamente com certos espaços da cidade. Diante disso, podemos dizer que todo esse olhar que cruza saberes objetivos (sobre a materialidade) e subjetivos (sobre práticas e sentimentos de sujeitos e coletividades) resulta na construção de uma subjetividade que insistimos ao longo dessa pesquisa. Esse olhar, por fim, nos mostra uma potência de enxergamos os espaços urbanos dentro de postura de planejamento não enquanto “urbanistas isolados do urbano”, mas sim enquanto parte de algo que é também presente em nós.

Estamos cientes também de que não somos os primeiros a reconhecer a importância da vida subjetiva e a ligação dela com nossas cidades. O emérito antropólogo Georg Simmel, em seu texto “As grandes cidades e a vida do espírito”, de 1903, já falava sobre como o processo de constituição de um sujeito é ligado à cidade que ele habita. O autor, apesar de enxergar uma perspectiva sobre o processo de subjetivação diferente da nossa nesse trabalho, evidencia que a importância de pensar em vida subjetiva nas cidades é uma tarefa de longa data. No entanto, isso não faz com que ela seja menos urgente nos dias atuais.

Ao identificarmos entre os estudos urbanos uma prevalência de abordagens sobre a diversão noturna por meio de questões econômicas, legislativas e/ou funcionais⁸⁵ (e que fique claro, não deixamos de acreditar que esses elementos são importantes para relação da boemia com a cidade), torna-se clara a urgência de continuarmos estudando essas subjetividades urbanas como meio de aliar esse saber que vem de fora com aquele que vem dentro de sujeitos e coletividades. Nesse sentido, apoiarmo-nos no conceito de experiência nos ajudou a explorar diferentes discussões, romper essas fronteiras e mostrar como todas elas resultam na instância do corpo que experimenta e vive a cidade.

Além disso, em diversos momentos falamos de lugares que são ao mesmo tempo fruto de uma estratégia globalizada de consumo, misturados com fama locais (como a de um xis vegano que faz sucesso num círculo de convívio em Porto Alegre ou de um bar não quisto por pessoas LGBT). Por conta disso, evitamos ao máximo identificar os lugares dos quais falamos na segunda

⁸⁴ Ver citação do autor na página 60.

⁸⁵ (Cf item 4.2.1).

parte desse estudo. Foram lugares vividos, misturados com lugares imaginados ou criados. Não nos interessou mapeá-los, mas trazer momentos nos quais identificamos entre nossas memórias e afetos que o lugar boêmio se fazia presente. Ao mesmo tempo em que esse sentimento pode mudar tanto para cada um dos sujeitos em si, quanto para coletividades, mostramos também como em escalas espaciais mais amplas (um bairro, por exemplo) existe uma convergência desse sentimento entre nossos interlocutores ao apontarem sobre qual seria o lugar da boemia na cidade.

Quando falamos em subjetividade é importante não esquecermos que elas estão o tempo todo numa disputa, inclusive com o poder. O que resulta disso é que um bairro que é visto como boêmio em uma determinada época pode deixar de ser em outra. Nesse ponto, a perspectiva histórica torna-se bastante relevante para nós. Ao estudarmos um pouco melhor a história da ocupação boêmia de Porto Alegre⁸⁶ percebemos que diferentes partes da cidade já foram tomadas como boêmias. O fato de algumas delas não serem mais nos dias atuais exemplifica a disputa dessas subjetividades vinculadas com os espaços urbanos.

Em consequência disso, o que enxergamos nesse estudo é que o processo de subjetivação é atrelado com uma (des)valorização dos espaços urbanos, no nosso caso para práticas de diversão noturna. Nesse ponto, tanto a observação em campo e as diversas conversas que tivemos durante essa pesquisa, como também estudos anteriores mostraram-nos como a boemia associada à Cidade Baixa, por exemplo, tem sido constantemente desvalorizada por conta de questões como o medo da violência e/ou conflito entre moradores, boêmios e donos de estabelecimentos.

Associar os processos de lugarização e subjetivação ao processo de valorização é o recurso que encontramos para não reduzirmos nossa discussão nem à ingenuidade de acreditar que os espaços urbanos não estão em constante disputa, nem tampouco de transformar o olhar sobre o valor associado a eles numa leitura dos potenciais econômicos advindos dessa ligação.

Nessa direção, ao invés de falarmos num valor que constrói uma marca boêmia para um bairro e inserir nossa discussão dentro de uma linha de construção com o poder da qual somos críticos nesse trabalho, buscamos enxergar como esses valores não se reduzem a uma marca em si. O valor de um bairro boêmio numa cidade, por exemplo, está presente quando encontramos nele a possibilidade de sair em errâncias por suas ruas sem saber ao certo para onde ir, movidos pelo

⁸⁶ Cf. Ensaio III: Imaginário em exploração.

intenso desejo de ver-e-ser-visto, de paquerar, de se libertar dos confins do lar numa noite quente de Porto Alegre.

É também um valor de alteridade (entre pessoas de diferentes idades e situações sociais), sobretudo quando essa boemia não se limita a espaços de consumo, mas ocorre também nas ruas e espaços públicos e nos permite estar diante dos grandes extremos de desigualdade em nossa sociedade. Tudo isso é uma mistura singular daquilo que levamos dentro de nós com essa cidade da noite, com sujeitos que você só encontra nessa vida pública boêmia e que criam paralelos eu-outro.

Olhar tudo isso pela subjetividade é não deixar que a complexidade do singular se reduza a uma marca associada ao bairro. A grande importância disso é não deixar que os espaços urbanos padeçam sobre discursos que os digam que eles estão “mortos”, de que a boemia não é mais daqui, mas de acolá, ao bel prazer do mercado que manipula marcas. É manter o olhar sempre atento aos desejos que permeiam cada espaço urbano para que eles possam ser vistos sempre no processo de disputa que resulta nas subjetividades.

Além de tudo isso, o que observamos para o caso da Cidade Baixa é que existe uma relação da boemia com o bairro tanto enquanto um imaginário construído (cruzamento do bairro com a história do samba, dos negros, do cantor Lupicínio Rodrigues, entre outros), quanto também através de práticas experienciadas-vividas nos dias de hoje.

Já no caso do Centro Histórico, vimos que a subjetividade construída com a boemia no bairro apoia-se menos na presença de práticas contemporâneas de diversão noturna (encontradas em alguns pontos específicos, como num dos bares ou em algumas de suas ruas narrados na segunda parte desse estudo); o que parece ser mais forte, nesse caso, é a relação do bairro com uma boemia de outros tempos da cidade, como uma referência ao passado.

De tudo isso, torna-se evidente de que ao falarmos em boemia nesse estudo oscilamos entre dois conceitos: um no qual ela aparece enquanto um imaginário construído e outro no qual ela é um conjunto de práticas experienciadas-vividas ainda nos dias de hoje. Falaremos um pouco melhor dessa distinção no tópico a seguir.

10.A importância da boemia como vida pública da noite

A Cidade Baixa ou o Centro Histórico não são os únicos bairros de Porto Alegre que concentram atividades de diversão noturna na cidade. O que, então, fez com que desde o começo dessa pesquisa nossos interlocutores os apontassem como um dos principais lugares da boemia na

cidade? A resposta que defendemos para isso é que existe todo um imaginário que é construído em torno da ideia de boemia (a partir da cidade, mas também de influências além dela) e que se associa tanto aos bairros em si, como também aos lugares e práticas que são mais facilmente encontrados neles nos dias atuais.

Se resgatarmos aquilo que falamos no Ensaio II (item 5)⁸⁷, veremos como a boemia não se resume a práticas de diversão noturna (as quais, por sua vez, estão cada vez mais inseridas nas estratégias de consumo). Nos bairros estudados encontramos uma clara ligação dela com áreas de militância política-social na cidade: por mais ruas Lanceiros Negros; por mais peças de teatro que nos contem a história conscientemente ocultada dessa cidade⁸⁸. O gesto higienista que ocultou a cidade “maldita” (Pesavento, 1999) é substituído pelo gesto de tomada desses espaços urbanos pelas mais diferentes subjetividades. Uma cidade maldita que foi apagada, inclusive na sua relação com a boemia, não apenas por uma questão moral, mas também ligado a um processo de valorização de áreas urbanas centrais na medida em que a cidade se expandia.

Para além disso, a boemia é também um imaginário e é por essa dupla ligação (imaginário-práticas sócio-culturais) que defendemos o uso do termo em relação a outros como lazer/entretenimento noturno. Optamos por falar em boemia querendo evocar tanto as práticas de diversões noturnas contemporâneas, como também as sobrevivências desse termo/imaginário que nasceu profundamente ligado à modernidade, quando ela tomava seus ritmos mais intensos a partir de meados do século XIX.

De lá para cá, boemia já significou tantas coisas, em tantos tempos e lugares. Como então pensar essa boemia em 2017, numa cidade como Porto Alegre? Ao invés de investigarmos sobre como ela era, optamos por narrar-descrever a partir de fragmentos do que ela é hoje, nos permitindo ser atravessados por suas sobrevivências.

Além disso, existe em todo nosso trabalho certa militância na direção de mostrar como boemia não é algo anacrônico aos dias de hoje. É um termo, um imaginário, uma ideia que se movimenta dentro do processo histórico, que adquire diferentes significados de acordo com

⁸⁷ 5. Ensaio III: Imaginário em exploração, p. 31.

⁸⁸ Repito as palavras de Guattari, citadas na p. 63: “É para essa direção que deveriam se voltar os arquitetos de hoje. Eles devem assumir uma posição, se engajar (...) quanto ao gênero de subjetividade que ajudam a engendrar. Irão no sentido de uma produção reforçada de uma subjetividade do ‘equivaler generalizado’, de uma subjetividade padronizada que tira o seu valor de sua cotação no mercado dos mass media, ou colocar-se-ão na contracorrente, contribuindo para uma reapropriação da subjetividade pelos grupos-sujeitos, preocupados com a ressigularização e a heterogêense?” (Guattari, 2012, p. 144-146).

cada tempo e lugar. Perceber isso nos ajudou a encontrar uma definição para ela enquanto parte da vida pública das cidades que não precisa ser negada, ocultada, higienizada, reduzida a um estereótipo de marginalidade, de consumo, de machismo. Tudo isso nos levaria, por exemplo, a continuar enxergando a boemia como algo para homens e “mulheres presas fáceis”, o que não faz qualquer sentido defender no mundo contemporâneo em que as mulheres lutam, dia após dia, para terem os mesmos direitos que os homens.

Procuramos pensar também como subjetividades que constroem a ideia de “a boemia está morta, já não existe mais boêmios como antigamente” é um claro movimento de valorização do passado e não do presente. Foi justamente na postura contrária, voltada para o que se experiencia-vive nos dias de hoje pelas ruas da Cidade Baixa e Centro Histórico, que seguimos por nossa militância. Não tivemos a intenção de levar o presente para o passado, de achar lá significado para o que é vivido cá e nos deparamos, após isso, com a sensação de que a boemia morreu.

E não poucas vezes ouvimos as pessoas dizerem que a boemia da Cidade Baixa de hoje, por exemplo, já não é mais como antigamente. Se não pararmos para olhar esse fato, pouco a pouco essa visão vai se cristalizando numa coletividade, abrindo espaço para uma desvalorização que, na maior parte das vezes, é capturada por estratégias do poder. A intenção de todo esse trabalho, por via oposta, foi pensar a boemia como uma singularidade que cruza sobrevivências de uma geração e de um momento histórico com outros que surgem num processo constante de renovação, sem cristalizar, com isso, um valor que se limita a enxergar o passado e não encontrar sua renovação no presente.

Nossa intenção foi inserir as práticas e lugares de diversão noturna dos dias de hoje nesse “movimento de imaginários” ao redor do termo boemia. Ao longo desta pesquisa, tornou-se evidente de como a cidade é também um processo em constante transformação. Olhar as subjetividades ligadas aos espaços urbanos é tentar acompanhar esse movimento, registrar instantes dele (num tempo e lugar).. O que fizemos foi mostrar através de um olhar microscópico, por meio de fragmentos, como os bairros Cidade Baixa e Centro Histórico se ligam a boemia nos dias de hoje, querendo “atualizar” essa relação para que ela não deixe de existir. Se o leitor que nos leu até aqui não achar nenhum outro sentido em tudo que falamos, o presente trabalho terá cumprido pelo menos a tarefa de ser de ser o registro de algumas das práticas contemporâneas de boemia (além de alguns lugares dela hoje, de que falamos acima).

Para tudo isso, a nossa estratégia foi também encontrar afetos dos dias de hoje que nos levam para boemia, sobretudo para aquela que acontece na rua e espaços públicos. Em outros

termos, tentamos evidenciar elementos dessa vida pública que só podem existir numa cidade de afetos.

Ao apresentarmos os “afetos” na boemia, oscilamos em entender o termo tanto enquanto sentimentos em um lugar boêmio (uma música agradável, uma cerveja barata que agrada nossos bolsos etc.) como também enquanto desejo (aquilo que nos leva para a boemia). Desejo não apenas de diversão em si, mas também desejo de vida pública, desejo de cidade, desejo de protesto. Estudar a boemia nos permitiu falar um pouco mais sobre isso e observar, ao mesmo tempo, aquilo que opera no sentido contrário, tal como o medo de violência que se dissemina e apareceu diversas vezes como justificativa para o evitamento de andar nas ruas dos bairros estudados.

Com tudo isso, esperamos ter conseguido mostrar a importância do cruzamento de boemia enquanto um imaginário e, sobretudo para o presente, a importância dela enquanto uma vida pública da noite que é experienciada e vivida. A boemia e seus lugares foi uma forma de entrarmos em contato com diversas questões dentro do Planejamento Urbano: consumo, conflitos, subjetividades, imaginários, vida pública etc. Obviamente, algumas delas foram priorizadas em detrimento de outras aqui por conta, até mesmo, das razões pragmáticas que envolvem a elaboração de uma pesquisa. No entanto, não podemos deixar de registrar esse leque de questões e reflexões surgidas da relação da boemia com a cidade. O urbanista não pode se esconder atrás de métodos que justifiquem seu olhar parcial; em visão contrária defendemos que ele tente sempre ter um olhar sinóptico para diferentes faces de um mesmo fenômeno urbano.

11. Experiência de pesquisa

Seguindo pelas últimas reflexões feitas no tópico anterior, tentaremos achar espaço nas linhas a seguir para falarmos de outra questão que nos tomou na escrita final desse trabalho. Em poucas palavras, poderíamos resumi-la da seguinte forma: Qual a força de um conhecimento fragmentário num mundo de especialistas? Buscaremos enveredar por respostas para essa questão a partir da experiência de pesquisa que empreendemos aqui.

Um primeiro ponto importante de ser esclarecido é o pressuposto que nos apoiamos para elaborar a pergunta anterior. Tal pressuposto enxerga o conhecimento como um processo de constante disputa tanto entre saberes (científicos, artísticos, filosóficos), como também de disputa com o poder, com o social, com a moral e tantas outras instâncias que se fazem

presente naquilo que somos capazes e, mais do que isso, naquilo que podemos dizer sobre um fenômeno num determinado momento.

Diante disso, muitas vezes constituímos pesquisas que “só podem dizer aquilo que os dados permitem”, trazendo para o campo das ciências humanas uma epistemologia fortemente arraigada em outros tipos de ciências. Esforçamo-nos para construir sentidos estritos para nossas teses e nos deparamos com a impossibilidade de tal tarefa (mesmo que nos valhamos dos recursos forjados na Modernidade que ajudam nessa empreitada como a citações de vezes ou a crença na prática escriturística, analisadas por De Certeau (2014) na quarta parte de seu estudo). Em outras palavras, movimentamo-nos nesse processo de disputa do conhecimento querendo nos tornar especialistas.

No entanto, ao longo desse trabalho entendemos que a cidade não tem um especialista nela em si. Há conhecimento sobre a cidade que partem de antropólogos, historiadores, artistas, arquitetos, cidadãos... todos aqueles que estudam e experienciam o cotidiano urbano. Como então poderíamos pensar o urbanista como um especialista?

O que descobrimos é que a prática de pesquisa de um urbanista, portanto, não deve ser “a busca de sentido único para sua tese”. Nossa experiência aqui nos mostrou que enquanto agimos assim com tudo aquilo que surgia diante (ou dentro) de nós da relação da boemia com a cidade, chegávamos sempre a um ponto infrutífero, diminuía-se a nossa potência e a desse trabalho⁸⁹. A ênfase nessa busca pelo sentido único é o ponto chave do que estamos tentando compartilhar nas presentes linhas desse relato final, pois foi somente ao deixar de persegui-lo que tivemos um dos principais aprendizados nessa pesquisa. Aprendemos que ao estudar algum fenômeno urbano o urbanista deve ser de alguém que se abre para os mais diferentes campos de saber, para os mais variados fragmentos relacionados ao seu objeto de estudo.

⁸⁹ Nossa intenção, portanto, não foi criar um modelo sobre o estudo de lugares ou, mais especificamente, de lugares boêmios. Buscamos construir ao longo desse trabalho uma abordagem condizente com o que acreditamos, na linha da reflexão feita a seguir por Guattari: “Embarcamos nesse processo de divisão social geral da produção de subjetividade e não há mais volta. Mas, por isso mesmo, devemos interpelar todos aqueles que ocupam uma posição de ensino nas ciências sociais e psicológicas, ou no campo do trabalho social, todos (...) aqueles cuja profissão consiste em se interessar pelo discurso do outro. Eles se encontram numa encruzilhada política e micropolítica fundamental. Ou vão fazer o jogo dessa reprodução de modelos que não nos permitem criar saídas para os processos de singularização ou, ao contrário, vão estar trabalhando para o funcionamento desses processos na medida de suas possibilidades e dos agenciamentos que consigam pôr para funcionar. Isso quer dizer que não há objetividade científica alguma nesse campo, nem uma suposta neutralidade na relação, como a suposta neutralidade analítica. (...) As pessoas que, nos sistemas terapêuticos ou na universidade, se consideram simples depositárias ou canais de transmissão de uma saber científico, só por isso já fizeram uma opção reacionária. Seja qual for sua inocência ou boa vontade, elas ocupam efetivamente uma posição de reforço dos sistemas de produção da subjetividade dominante. E não se trata de um destino de sua profissão”. (Guattari e Rolnik, 2017, p. 38).

Entretanto, alguns podem estar se perguntado se por trás de toda essa discussão não estamos mascarando o fato de que não conseguimos encontrar neste trabalho um sentido para a relação da boemia com a cidade. E a nossa resposta é a de que encontramos não apenas um sentido, mas vários. O leitor que nos acompanhou até este ponto deve ter visto momentos em que esses sentidos eram mais explícitos, outros nos quais ele era mais difícil de explicitar. Deve ter havido ainda, com toda certeza, sentidos outros encontrados por cada um dos leitores que não foram nossas intenções. Assim é um conhecimento fragmentário, que se liberta da busca por um sentido preciso que só torna as ciências humanas nada humana no fim.

O que enxergamos dessa empreitada de pesquisa é que elaboramos um conhecimento fragmentário que articula diferentes debates, alguns com mais sucesso do que outros (como há de ser se não quisermos transformar esse fragmentário num outro paradigma paralisante como a busca do sentido único). Um conhecimento que é tanto do objeto de pesquisa, mas também de nós, daquilo que entendemos que é ciência, daquilo que entendemos que é ser humano e das tantas outras questões que se mesclam nos processos de pesquisa e de vida.

Por tudo isso, nossa intenção foi de experimentar diferentes formas de pensar um mesmo fenômeno, sem muito se preocupar em construir um sentido preciso de quem desde o começo sabe muito bem onde quer chegar; percebemos como fomos um pouco errantes na própria escrita desse texto. Por outro lado, é possível também perceber que há sentidos que atravessam os diferentes tópicos que nos trouxeram até aqui.

De tudo isso, ao trabalharmos com narrativas fragmentárias conscientizamos-nos do seguinte: tudo que começou como fragmento desconexo foi sendo costurado num processo de montagem-remontagem que resultou num todo do qual, ao final, não temos aquele controle de um “texto científico tradicional”⁹⁰. Falar de subjetividade, de lugares, de experiência e de narrativa é falar de um universo epistemológico que desconstrói nossas certezas científicas para aproximar a ciência de outras formas de saberes, como a arte ou a filosofia. Foi tudo isso que buscamos fazer nesse texto. Trabalhar com o fragmentário é entender que sentidos podem ser construídos sem que fiquemos perseguindo apenas um sentido em si. Após inúmeras montagens e remontagens um sentido emerge, evidenciando como o trabalho científico é também um trabalho criativo, do qual não temos todo o controle que, usualmente, pensamos. No fim, nos vemos como urbanistas-escritores que executam aquilo que Certeau (2014, p. 204 e 205) diz que é escrever:

⁹⁰ Texto científico tradicional como aquele que se limita em dizer apenas “o que os dados” ou “o método” permitem.

Primeiro, a página em branco: um espaço 'próprio' circunscreve um lugar de produção para o sujeito. Trata-se de um lugar desenfeitado das ambiguidades do mundo. (...) Efetua-se um corte no cosmos tradicional, onde sujeito era possuído por vozes do mundo, coloca-se uma superfície autônoma sob o olhar do sujeito que assim dá a si mesmo o campo de um fazer próprio. (...) Diante de sua página em branco cada criança já se acha posta na posição do industrial ou do urbanista, ou do filósofo cartesiano – aquela de ter que gerir o espaço, próprio e distinto, onde executar um querer próprio.

Em segundo lugar, aí se constrói um texto. Fragmentos ou materiais linguísticos são tratados (usinados, poder-se-ia dizer) neste espaço, segundo métodos explicitáveis e de modo a produzir uma ordem. Uma série de operações articuladas (gestuais e mentais) – literalmente é isto, escrever – vai traçando na página as trajetórias que desenham palavras, frases e, enfim, um sistema. Noutras palavras, na página em branco, uma prática itinerante, progressiva e regulamentada – uma caminhada – compõe o artefato de um outro 'mundo', agora não recebido, mas fabricado.

Referências bibliográficas

Livros, capítulos e artigos.

- ALEXANDER, C. et al. **Uma linguagem de padrões: A pattern Language**. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de, TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ARAÚJO, Rosane Azevedo de. **A cidade sou eu**. Rio de Janeiro: Novamente, 2001.
- AUGÊ, M. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BARTOLY, Flavio Sampaio. **Da Lapa boêmia à Lapa reificada como lugar do espetáculo: uma análise de dois períodos da história da produção do lugar na cidade do Rio de Janeiro**. In: **Revista Geográfica de América Central**. Costa Rica, Número Especial EGAL, pp. 1-13, 2011.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____ . **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. A Paris do Segundo Império em Baudelaire: II. O flâneur. In: KOTHE, Flávio (org); FERNANDES, Florestan (coord.). **Walter Benjamin: Sociologia**. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- BIDOU-ZACHARIASEN, C. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006.
- BOURDIEU, P. et al. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRABAZON, Tara. When Bohemia Becomes a Business: City Lights, Columbus Avenue and a Future for San Francisco. In: BRABAZON, Tara; MALLINDER, Stephen. **City Imaging: Regeneration, Renewal and Decay**. **GeoJournal Library**. Netherlands, 2014. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/978-94-007-7235-9>>. Acessado em 17-08-2016.
- CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____ . **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: a história de arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- FLORIDA, Richard L. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- FONTANARI, Ivan Paolo de Paris. Nu, em público: o diário de campo fora do lugar. In: SCHUCH, P., VIEIRA, M. S. e PETERS, R. (org.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 3 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade /UFRGS, 1992.
- FURQUIM, Késsio Guerreiro. Lugares boêmios de Brasília. In: CASTELLO, Lineu. **Lugares de urbanidade**. Curitiba: CRV, 2017.
- GIACÓIA JR., Oswaldo. **Nietzsche: o humano como memória e com promessa**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HADFIELD, Phil. The night-time city: Four modes of exclusion : Reflections on the Urban Studies special collection. **Urban Studies**, v. 52, n. 3, p. 606–616, 2015.
- HOLANDA, Frederico de. **Brasília: cidade moderna, cidade eterna**. Brasília: FAU UnB, 2010.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador, EDUFBA, 2014.
- _____ . Montagem urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. In: JACQUES, P. B. et al. (org.). **Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- JAY, Martin. **Cantos de experiencia: variaciones modernas sobre un tema universal**. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

- LIMA, João Gabriel e BAPTISTA, Luis Antonio. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. **Princípios**: Revista de Filosofia. Natal (RN), v. 20, n. 33, p. 449-484, 2013.
- LLOYD, Richard. Neo-bohemia: art and neighborhood redevelopment in Chicago. **Journal of urban affairs**, v. 24, n. 5, p. 517-532, 2002.
- LUSTOSA, Isabel (org.). **Lapa do desterro e desvario** – Uma antologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- MAGALHÃES, Felipe N. C. A dimensão simbólica na cidade neoliberal: Notas sobre a construção de subjetividades na produção social do espaço do neoliberalismo. In: **Revista Brasileira de estudos Urbanos e Regionais**. V. 17, N. 1, p. 11-22, 2015.
- MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Subjetividade, corpo, arte, cidade. In: JACQUES, P. B. et al. (org.). **Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- MIZOGUCHI, Danichi Hausen. Instantâneos de Copacabana. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 21, n. 2, p. 253-262, 2009.
- NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. “Deus me deu essa vida por prêmio, serei o boêmio enquanto ele quiser”: música e boemia nas primeiras décadas do século XX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2015.
- OLIVEIRA, Lívia de. Sentidos de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo, HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Lívia de. **Qual espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- PELBART. Peter Pál. **A vertigem por um fio**: políticas de subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- _____ . **Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. 2012. Disponível em: < www.iea.usp.br/textos>. Acessado em 17/09/2017.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol.19 n.37, 1999.
- _____ . A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz de, PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- PORTELA, Thais de Bhanthumchinda. No corpo e na cidade: o que enfim há de se propor sem cair na armadilha do pensamento único? In: JACQUES, P. B. et al. (org.).

Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2015.

- RODRIGUES, Ana Cabral. Cisões, silêncios e alguns ruídos: considerações acerca da subjetividade, cidade e modernidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 237-252, 2009.
- RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia.** Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1971.
- SHAW, Robert. Beyond night-time economy: Affective atmospheres of the urban night. **Geoforum**, v. 51, p. 87–95, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.geoforum.2013.10.00>>.
- SEIGEL, J. **Paris boemia:** Cultura, política e os limites da vida burguesa 1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público.** Rio de Janeiro: Record, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. Language and the making of place: a narrative-descriptive approach. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 81, n. 4. p. 684-696, 1991.
- _____. Escapism. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009.
- _____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.
- VILAS BOAS, Violeta Pires. As memórias e suas permanências na cidade: a Lapa como estudo de caso. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL URBICENTROS, 3, 2012, Salvador. **Anais...** Salvador, [s.n.], 2012.
- WAN-DALL JUNIOR, Osnildo Adão. Experiência da noite: narração, historiografia e produção de cidade In: Encontro nacional da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional, 15, 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2015.

Dissertações e teses

- FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre:** Dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – PPG em Planejamento Urbano e Regional, UFRGS. Porto Alegre, 2006.
- FRYDBERG, M. **Lupi, se caso você chegasse:** um estudo antropológico das narrativas sobre Lupicínio Rodrigues. Dissertação – PPG em Antropologia Social, UFRGS. Porto Alegre, 2007.

- GERMANO, Iris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia:** os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40. Dissertação (Mestrado em História) – PPG em História, UFRGS. Porto Alegre, 1999.
- KOEHLER, Ana Luiza Goulart. **Retraçando os becos de Porto Alegre:** visualizando a cidade invisível. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – PPG em Planejamento Urbano e Regional, UFRGS. Porto Alegre, 2015.
- MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Espaços de sociabilidade e memória:** a vida pública porto-alegrense (1890 a 1930). Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – PPG em História, PUCRS. Porto Alegre, 1994.
- RECKZIEGEL, Daniela. **Lazer noturno:** aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – PPG em Planejamento Urbano e Regional, UFRGS. Porto Alegre, 2009.
- SILVA, Michelle nascimento da. **Percepção de valor dos usuários sobre o território:** estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre – RS. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – PPG em Planejamento Urbano e Regional, UFRGS. Porto Alegre, 2014.
- SOUZA, Anita Silva de. **Projeto Renascença:** um plano de intervenção urbana em Porto Alegre na década de 1970. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – PPG em Planejamento Urbano e Regional, UFRGS. Porto Alegre, 2008.
- TENORIO, Gabriela de Souza. **Ao desocupado em cima da ponte:** Brasília, arquitetura e vida pública. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UnB. Brasília, 2012.
- ZAMBONI, Vanessa. **Construção social do espaço, identidades e territórios em processo de remoção:** o caso do bairro Restinga – Porto Alegre/RS. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – PPG em Planejamento Urbano e Regional, UFRGS. Porto Alegre, 2009.